



DR. DAVID JEREMIAH

**DO QUE
VOCE
TEM
MEDO?**

DERROTANDO SEUS MEDOS PELA FÉ



DO QUE
VOCÊ
TEM
MEDO?

DR. DAVID JEREMIAH

**DO QUE
VOCÊ
TEM
MEDO?**

Traduzido por Luís Aron de Macedo

1ª edição



CPAD

Rio de Janeiro

2016

VENÇA SEUS MEDOS COM A FÉ

Todos os direitos reservados. Copyright © 2016 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Título do original em inglês: *What Are You Afraid of? – Facing down your fears with faith*

Tyndale House Publishers, Inc., Carol Stream, Illinois, EUA

Primeira edição em inglês: 2013

Tradução: Luís Aron de Macedo

Preparação dos originais: Miquéias Nascimento

Adaptação de Capa: Jonas Lemos

Editoração: Leonardo Engel

Produção de ePub: Cumbuca Studio

CDD: 248 - Vida Cristã

ISBN digital: 978-85-263-1418-4

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site:

<http://www.cpad.com.br>

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus

Av. Brasil, 34.401, Bangu, Rio de Janeiro – RJ

CEP 21.852-002

1ª edição: 2016

Tiragem: 3.000

O Dr. Ken Nichols é conselheiro e comunicador bíblico, cuja amizade e parceria ministerial remontam-se há mais de 35 anos. Nos lugares por onde ele passa, você encontra pessoas cujas vidas foram curadas por causa do seu ministério. Ao longo dos últimos anos, temos conversado muitas vezes sobre a questão do medo, e foi ele quem sugeriu que eu escrevesse um livro sobre o tema. Aqui está, Ken. E é dedicado a você. Obrigado pelo incentivo!

Agradecimentos

Escrever este livro foi como escrever dez livros. Cada capítulo foi um projeto por si só. Exigiu tudo o que eu tinha para dar, e sem o apoio de minha esposa Donna, o meu “tudo” não teria bastado. David Michael, meu filho mais velho, tornou-se forte parceiro no ramo editorial de nosso ministério, e eu gostaria de lhe agradecer por sua ajuda. Paul Joiner e sua equipe criativa continuam a ser os melhores em seu ramo de atividade. Obrigado pelas incontáveis horas que vocês gastaram sonhando e planejando o lançamento deste livro. Diane Sutherland está à porta de minha vida e, graciosamente, protege os recursos do meu tempo e energia. Ela e Barbara Boucher merecem mais agradecimentos do que já receberam por lidar com as crescentes exigências para manter nossos escritórios.

Juntamente com o lado pessoal da publicação, há também um lado mais público. Sou muito grato a Sealy Yates, meu agente e confidente. Estou muito contente por estar trabalhando com Ron Beers e a Editora Tyndale. Estou em dívida com William Kruidenier, Rob Morgan, Rob Suggs e Tom Williams, que investiram seus talentos neste projeto.

Por fim, meu obrigado a Beau Sager, que trabalhou tantas horas verificando e procurando as citações, trabalhando com os editores e fazendo muitas sugestões valiosas sobre o conteúdo e sequenciamento do material.

Fazer o que fazemos todos os anos seria impossível sem vocês, e eu sou grato a cada um!

Sumário

Agradecimentos

Introdução

CAPÍTULO 1 – Tragédias: O Medo dos Desastres da Natureza

CAPÍTULO 2 – Enfermidades: O Medo de Doenças Graves

CAPÍTULO 3 – Dívidas: O Medo do Colapso Financeiro

CAPÍTULO 4 – Derrotas: O Medo do Fracasso

CAPÍTULO 5 – Solidão: O Medo de Ficar Sozinho

CAPÍTULO 6 – Desaprovação: O Medo da Rejeição

CAPÍTULO 7 – Perigos: O Medo de Problemas Súbitos

CAPÍTULO 8 – Depressão: O Medo do Colapso Nervoso

CAPÍTULO 9 – Morte: O Medo de Morrer

CAPÍTULO 10 – Divindade: O Temor a Deus

Epílogo

Notas

Introdução

Você está dormindo na cama quando o alarme do rádio-relógio toca em alto volume, acordando você para o início do dia com notícias de engarrafamentos, tempestades que se aproximam, assassinatos durante a noite, incêndios, quedas no mercado de ações, escândalos nos altos escalões do governo e acidentes de carro. Em vez de pular da cama, você puxa as cobertas e cobre a cabeça. Você sabe como é terrível o mundo em que vivemos e teme enfrentar todos os desafios do dia.

Mas talvez seus medos matinais não estejam nos noticiários. Eles podem estar relacionados ao trabalho. Você vive em constante medo de ser pego na tendência de redução do número de funcionários. Ou então está apreensivo com um negócio que coloca sua carreira profissional em risco.

Talvez seus medos mais profundos encontrem-se em casa. Você pode pagar a prestação da casa deste mês? Seu casamento parece instável? Seus filhos estão preocupando você? Depois de um culto na igreja que pastoreio no sul da Califórnia, um jovem soldado que tinha acabado de voltar do Afeganistão chorou quando pediu para eu orar por ele. Seu medo era que poderia estar perdendo a família.

Poderia. Essa é a palavra que o assombrava. Nosso maior medo é o condicional *poderia* – a ameaça do que *poderia* acontecer. O medo comercializa no mercado da possibilidade, ou até da impossibilidade, visto que o medo é o tirano da imaginação. Ele impõe-se sobre nós vindo das sombras, do seu espelho nebuloso do talvez.

Meu amigo Don Wyrzten já viveu esse momento:

O monstro ilusório do medo esconde-se nas sombras, esperando para despedaçar minha alma. Como alguém propenso à melancolia, vejo sua cara feia muitas vezes: quando estou lutando com o estresse emocional de um relacionamento difícil, quando estou com medo de estar a ponto de fracassar, quando o sucesso é muito difícil de lidar e em dias em que a ansiedade sem propósito está me vencendo.¹

Essa última frase me prendeu a atenção: “ansiedade sem propósito”. É o pior de tudo. O medo agourento de que algo está errado, mas você não sabe o que é. Isso o envolve como se fosse uma nuvem.

Se você tem lutado com o medo, você não está sozinho. O medo não faz acepção de pessoas ou de idades. Ele atinge os mais fracos e os mais fortes, assombra os jovens e os velhos, os ricos e os pobres. Mesmo as pessoas que parecem ter tudo, incluindo as celebridades, heróis e líderes “destemidos” confessam ampla variedade de fobias.

Jennifer Aniston, Cher e Whoopi Goldberg são aerodromofóbicas – elas têm medo de voar. Barbra Streisand é xenófoba – sente-se desconfortável com estranhos. Michael Jackson era assombrado pelo medo da contaminação, infecções e doenças – era misóforo. Mas a celebridade com o maior número de fobias é Woody Allen. Ele tem medo de insetos, luz do sol, cães, cervos, cores brilhantes, crianças, alturas, quartos pequenos, multidões e câncer.

Pessoas famosas do passado não eram diferentes. George Washington morria de medo de ser enterrado vivo. Richard Nixon tinha pavor de hospitais, e Napoleão Bonaparte, o gênio político e militar, temia gatos.

Fobias: a parada circense da escravidão mental.

Há medos que nos atacam apenas momentaneamente, mas outros podem ficar com a gente por toda a vida. A pessoa com medo de alturas sente o pulso acelerar quando entra em um elevador com paredes de vidro e sobe 20 andares sobre o *lobby* do hotel. Mas seu medo é com relação ao momento em que ela sai do elevador no corredor do hotel.

Por outro lado, nosso medo de fracasso, solidão, rejeição, desastre iminente ou contração de uma doença grave parece que nunca acaba. São os medos crônicos que ficam cozinhando em banho-maria por trás da mente. São os medos que se alimentam da própria vida. São os medos que trato neste livro.

Esses medos são descritos com o que os linguistas chamam de “amplitude semântica” de palavras: *medo, preocupação, ansiedade, intimidação, insegurança, pavor, mal-estar, temor, angústia, apreensão* e outros. É difícil sabermos exatamente qual dessas palavras melhor descreve o que estamos sentindo, mas, na verdade, não importa. Seja qual for o termo que usamos, os sentimentos desencadeiam respostas tóxicas: imobilização, paralisia, afastamento, passividade, depressão e distúrbios psicossomáticos – doenças físicas com nenhuma causa física discernível.

Quando pergunto: “Do que você tem medo?”, estou perguntando: “O que é que paralisa você? O que é que rouba sua alegria e destrói sua esperança? O que é que priva você do sono noite após noite? O que o impede de viver pela fé e ser uma pessoa audaz? O que o impede de dar sua vida inteiramente a um Deus amoroso que não quer nada mais do que o melhor para você?”.

Penso que sei as respostas a essas perguntas, pelo menos em parte, porque tenho vivido ombro a ombro com muitos cristãos maduros minha vida inteira. Sou pastor de milhares de pessoas por quase cinco décadas. Descobri que todos, inclusive eu, têm medo de alguma coisa. O desafio é descobrir e analisar nossos medos e encontrar uma resposta piedosa (bíblica) para eles.

Quando o apóstolo Paulo estava dando conselhos a Timóteo, seu jovem protegido, sabia que Timóteo estava com medo de alguma coisa – provavelmente da missão de dirigir a grande Igreja em Éfeso. Timóteo foi criado numa cidade pequena da Ásia Menor, e Éfeso era a cidade grande. O próprio Paulo havia passado três anos em Éfeso, edificando a igreja. Era dirigida por forte grupo de anciãos, ainda que falsos mestres estivessem causando problemas. Timóteo tinha de entrar e ser o líder da coisa toda. Que jovem pastor não teria sentido medo com a perspectiva?

Então, o que é que Paulo diz a Timóteo? “O seu medo não vem de Deus. O que vem de Deus são poder, amor e uma atitude mental firme” (2 Tm 1.7, paráfrase minha).

Paulo sabia que, quando temos a perspectiva de Deus sobre a origem do medo, podemos rejeitar o que não é dEle e aceitar o que é. Em todos os anos em que sigo Jesus Cristo, estudo a Bíblia e pastoreio cristãos bem-intencionados, ainda tenho de encontrar um medo ao qual Deus não tenha uma resposta. E a razão é simples: o próprio Deus é a resposta para todos os nossos medos.

Pense comigo: o medo quase sempre diz respeito ao futuro. Temos medo

porque sabemos o que acontecerá no futuro. Porém, mais comumente, temos medo do que *não* sabemos sobre o futuro. Temos medo do que *pode* acontecer. Por exemplo, a organização Gallup perguntou a adolescentes entre 13 e 17 anos de idade do que eles tinham mais medo. Em ordem decrescente, os dez maiores medos desses adolescentes eram: ataque terrorista, aranha, morte/ser mortos, não ter sucesso na vida/ser um fracasso, guerra, altura, crime/violência, estar só, o futuro e guerra nuclear.²

Observe que todos esses medos estão focados no futuro, e todos são apenas “talvez”. Esses medos podem não ser realizados na vida desses adolescentes. Se o futuro é apenas um minuto a partir de agora (você está à espera de um diagnóstico médico) ou cinco anos a partir de agora (você fica preocupado se terá dinheiro para a aposentadoria), a matriz do medo é o futuro.

Mas o que é o futuro para Deus? Para Ele, o futuro é o agora! Vivemos dentro do tempo, ao passo que Deus, que o fez, vive fora dele. Sabemos relativamente pouco sobre o futuro, ao passo que Deus sabe tudo a respeito. Todos os acontecimentos em nossa vida ocorrem em dois intervalos de tempo: o passado e o futuro (O presente é um momento infinitesimal e fugitivo, que se torna passado antes mesmo de podermos defini-lo). Deus, por outro lado, tem apenas um quadro de referência: o eterno agora em que Ele vê e sabe de tudo, inclusive o futuro.

É por isso que Deus é a resposta para todos os nossos medos. Se Deus é bom e amoroso (e Ele é), se Deus é Todo-poderoso (e Ele é), se Deus tem um propósito e um plano que incluem seus filhos (e Ele tem) e se somos seus filhos (como eu espero que você seja), então não há razão para termos medo de nada, porque Deus está no controle de tudo.

Eu sei. Isso é boa teologia, e você provavelmente crê. Mas você ainda tem medo, apreensão e um buraco na boca do estômago, seja às vezes ou o tempo todo. A grande escritora Edith Wharton declarou que não acreditava em fantasmas, mas tinha medo deles. Uma coisa é saber algo com a mente, outra é crer com o coração.

Como você ajuda uma criança a enfrentar o medo do escuro? Primeiro, você apela para a mente. Você liga a luz e mostra a ela que não há nada de assustador no quarto. Depois, você a ajuda a sintonizar o coração com o que a mente aceitou. Esse é o processo da fé para todos nós. Aceitamos que Deus está no controle e, com base nisso, colocamos nosso fardo em seus ombros

perfeitos.

Mas o que dizer quanto ao nosso futuro duvidoso? O pessimismo não funciona porque é outra forma de escravidão mental. O otimismo pode não ter base na realidade. A única maneira de andarmos com ousadia e confiança para um futuro desconhecido é arriscarmos tudo no poder, na bondade e na fidelidade de Deus.

Para entendermos por que Deus é a resposta para todos os nossos medos, precisamos entender o que a Bíblia diz sobre o medo. E ela diz muito. Diz mais de 300 vezes para não termos medo. “Não temas” é a ordem mais frequentemente repetida. A palavra *medo* e as demais relacionadas ocorrem mais de 600 vezes na Bíblia. E para que você não pense que nossos heróis bíblicos eram destemidos, a Bíblia cita mais de 200 indivíduos que tiveram medo. E nem todos eram “pessoas más”. Muitos eram os principais personagens: Davi, Paulo, Timóteo e outros.

Os heróis bíblicos eram pessoas normais que tiveram de aprender as mesmas coisas que você e eu temos de aprender: expulsar o medo, aumentando o que sabiam de Deus; mudar o foco do medo presente para o Deus eterno; e substituir o que não sabiam sobre o futuro pelo que sabiam. Tiveram de pôr de lado as coisas de criança (ter medo de tudo) e crescer na fé e no conhecimento.

Escrevi este livro porque vejo o medo como um perigo real e presente no corpo de Cristo. Muitos cristãos não estão vivendo uma vida livre do medo, podendo haver consequências graves quando o medo não é removido. O escritor e educador Neil T. Anderson escreve:

O medo é ladrão. Corrói a fé, saqueia a esperança, rouba a liberdade e tira a alegria de viver a vida abundante em Cristo. Fobias são como o enroscar de uma cobra — quanto mais cedemos, mais ela espreme. Cansados de lutar, sucumbimos à tentação e nos rendemos ao medo. Mas o que parecia muito fácil torna-se, na realidade, a prisão da incredulidade, a fortaleza do medo que nos mantém cativos.³

Jesus veio para “apregoar liberdade aos cativos”, e acredito que isso inclui os que estão mantidos em cativeiro pelo medo (Lc 4.19). Diz também que a verdade é a chave para a liberdade (Jo 8.32). Aqui está a verdade: Deus é

bom (Sl 119.68), Deus é amor (1 Jo 4.8,16), e Deus tem um futuro cheio de esperança para seus filhos (Jr 29.11; Rm 8.28,29). Deus é refúgio e fortaleza, escudo e broquel para aqueles que nEle confiam (Sl 91.2-4). Por essas e muitas outras razões...

Não temerás espanto noturno, nem seta que voe de dia, nem peste que ande na escuridão, nem mortandade que assole ao meio-dia. Mil cairão ao teu lado, e dez mil, à tua direita, mas tu não serás atingido.

– Salmos 91.5-7

Enquanto lê este livro, minhas orações são para que haja um aumento em sua convicção de que Deus é a resposta para todos os seus medos, para que, quando olhar para o futuro, você veja nada mais do que o poder e amor divinos guardando todos os seus passos, e para que você encontre a verdade que o liberta a fim de viver a vida sem medo que Deus criou para você desfrutar.

Dr. David Jeremiah

Junho de 2013

CAPÍTULO 1

TRAGÉDIAS:

O Medo dos Desastres da Natureza

Pelo que não temeremos, ainda que a terra se mude, e ainda que os montes se transportem para o meio dos mares.

SALMOS 46.2

Pelo menos os Trowbridges tinham um lugar para se esconder: a adega do vizinho. Kelcy, seu marido, e seus três filhos entraram em fila indiana na escuridão fria, encolheram-se debaixo de um cobertor e ficaram ouvindo as sirenes de alerta que uivavam pela tarde de segunda-feira de maio de 2013. Os Trowbridges moravam nos subúrbios de Oklahoma City, e um furacão mortal estava a caminho.

A família só podia sentar-se, dar-se as mãos e ouvir quando as sirenes foram abafadas por sons que eram mais altos e muito mais terríveis. Ventos chiando agudamente convergiam em direção a casa, e houve um baque violento na porta da adega. As crianças começaram a chorar.

— Não chorem; são apenas escombros — disse Kelcy. — São coisas soltas voando em círculo e batendo nas paredes.

Então, após cerca de 40 minutos, um estranho silêncio se abateu. Os Trowbridges saíram para a luz de um mundo que não reconheciam. O bairro estava em ruínas. Onde estava a casa? Jazia achatada até ao chão, como as fileiras de outras casas da rua. Onde estava o carro da família? Procuraram

até que descobriram que tinha sido levantado no ar, levado rua abaixo e jogado de cabeça para baixo.

Um por um, os vizinhos surgiram, todos emudecidos. Onde deveria haver pássaros cantando, só havia o som de soluços abafados. Aqui estavam os restos de suas vidas e a perda de ilusões de conforto, ilusões de estabilidade e segurança em um mundo racional.

O Sr. Trowbridge não era um dos que ficavam a esmo. Foi trabalhar no salvamento, na triagem. Porém, depois de um momento, afastou-se abruptamente.

— Chamem a polícia — disse ele num tom monótono.

Lá, em meio aos tijolos, encanamentos e escombros, havia uma criança. Era uma menina de não mais que dois ou três anos de idade. Ela estava morta. O Sr. Trowbridge permaneceu impassível até que a polícia chegou, quando, então, desatou a chorar pela menina, por sua família, pela violência da terra.

Enquanto isso, perto da Escola Fundamental Plaza Towers, Stuart Earnest Jr. viu e ouviu coisas que ele sabia que o assombrariam pelo resto da vida. A escola foi diretamente atingida pelo tornado. Sete crianças perderam a vida, e Earnest não podia ignorar os sons da tragédia. Ele ouviu as vozes das crianças gritando por socorro e os gritos igualmente lancinantes das crianças que procuravam atender aos pedidos de ajuda.

Damian Britton, aluno da quarta série, estava entre os sobreviventes da Plaza Towers, graças a um professor corajoso que lhe salvara a vida. Pareceu a Damian que todos os horrores ocorreram em um período de cinco minutos entre a entrada e a saída dos alunos dos esconderijos. A sensação foi a mesma em todos os lugares. Foram cinco curtos minutos para as crianças e outras pessoas aprenderem profundas lições de vida e perda.

Tenho de dizer que me é difícil contar essas histórias. Seria muito mais fácil manter o tom agradável e confortável, mesmo em um livro sobre o medo. O problema, claro, é que as histórias são verdadeiras, e nós sabemos disso. Podem voltar a acontecer em mais cinco minutos hoje ou amanhã ou no dia seguinte. Todos os anos, as notícias nos trazem mais um lembrete de que as forças da natureza que governam o planeta estão conturbadas e instáveis.

Vivemos numa espécie de negação necessária. Vivemos a vida diária como se tivéssemos garantias de segurança que não são possíveis nesta vida. Congratulamo-nos pelos impressionantes avanços na tecnologia e fingimos que já conquistamos todos os desafios no âmbito da vida e da saúde. Só que

não é bem por aí. A natureza é linda e inspiradora sim, mas também é monstruosa e desumana.

Em 2004, a grande tragédia foi o *tsunami* no oceano Índico, que matou 230 mil pessoas. Não posso passar desses números. Em 2005, ocorreu o furacão Katrina. E quem pode esquecer os anos de 2010 e 2011? O terremoto no Haiti custou a vida de mais 220 mil pessoas; o *tsunami* no Japão, pelo menos 15 mil.

Mas essas são meras manchetes de acontecimentos climáticos. Há também muitos terremotos, incêndios, inundações, furacões, tornados, fomes, tempestades, *tsunamis*, e a contagem continua aumentando. Os desastres da natureza alastram-se pelo mundo, custando incontáveis bilhões de dólares e, mais significativamente, centenas de milhares de vidas.

Os desastres da natureza levantam muitas questões sobre a característica de nossa segurança, sobre o medo do incontável e, principalmente, sobre o caráter de Deus. São perguntas que precisam de respostas. Todavia, eu gostaria de começar o estudo falando sobre um personagem bíblico que sofreu duas catástrofes naturais no espaço de 24 horas. Seu nome, claro, é Jó.

OS DESASTRES DA NATUREZA NA VIDA DE JÓ

Jó tornou-se o modelo por excelência da tragédia duradoura, e se houve alguém que pensamos que não o merecia, esse alguém era Jó. Os primeiros versículos de seu livro dão testemunho a respeito de Jó em quatro áreas. Ficamos sabendo que tudo girava em torno de sua *fé*, que ele era homem “sincero, reto e temente a Deus; e desviava-se do mal” (Jó 1.1). Não é que Jó não fosse pecador, mas ele era maduro de caráter e homem de justiça.

Jó também se distingue por causa de sua *fortuna*: “Era o seu gado sete mil ovelhas, e três mil camelos, e quinhentas juntas de bois, e quinhentas jumentas; era também muitíssima a gente ao seu serviço, de maneira que este homem era maior do que todos os do Oriente” (Jó 1.3).

Nos dias de Jó, a riqueza era calculada em termos de terra, animais e servos, e nesses três quesitos, Jó tinha em abundância. Ele era o homem mais rico do seu tempo.

Jó não era apenas próspero, mas também homem de *família*. O primeiro capítulo fala que ele criou filhos e filhas que eram muito unidos. Davam grandes festas de aniversário uns para os outros, depois das quais seu pai

fazia holocaustos a Deus em favor deles. Ele dizia: “Porventura, pecaram meus filhos e blasfemaram de Deus no seu coração” (Jó 1.5). Para ele, fé e família estavam interligados.

Por fim, Jó tinha muitos *amigos*. Alguns são famosos pelo papel que desempenharam em seu livro homônimo; mas, sem dúvida, havia muitos outros que não foram mencionados. Jó 2.11 relata que um grupo de amigos mais próximos chegaram para chorar com ele depois das grandes perdas que ele sofreu. Se você conhece algo sobre a narrativa de Jó, então você sabe que esses amigos o decepcionaram. Mas, ainda assim, eram seus amigos, e eles vieram de lugares distantes para servi-lo nesse momento de necessidade.

Sentaram-se com ele imediatamente para ajudá-lo a suportar a carga do luto. Onde erraram foi quando tentaram dar explicações e soluções pouco convincentes para uma situação que não era nada simples. No final, extraíram o pior, e não o melhor de Jó. Ele, no entanto, perdoou-os e houve reconciliação (Jó 42.9-11).

O que esses amigos não sabiam e o próprio Jó desconhecia era que as forças espirituais estavam em ação muito acima do que podiam estimar. Os detalhes estão narrados em Jó 1.8-12:

E disse o SENHOR a Satanás: Observaste tu a meu servo Jó? Porque ninguém há na terra semelhante a ele, homem sincero, e reto, e temente a Deus, e desviando-se do mal. Então, respondeu Satanás ao SENHOR e disse: Porventura, teme Jó a Deus debalde? Porventura, não o cercaste tu de bens a ele, e a sua casa, e a tudo quanto tem? A obra de suas mãos abençoaste, e o seu gado está aumentado na terra. Mas estende a tua mão, e toca-lhe em tudo quanto tem, e verás se não blasfema de ti na tua face! E disse o SENHOR a Satanás: Eis que tudo quanto tem está na tua mão; somente contra ele não estendas a tua mão. E Satanás saiu da presença do SENHOR.

Armado com a permissão de Deus, Satanás passou a agir, e a ruína de Jó veio rapidamente com quatro calamidades ocorrendo em um dia. Estas eram as condições: Satanás poderia ir buscar as posses de Jó, mas não sua pessoa. O grande experimento começou. Mas o que vemos de cara é quem está no controle deste mundo. O Diabo testou a Jó, porém não sem a permissão de Deus. Nosso Deus reina, e não podemos nos dar ao luxo de esquecer essa verdade durante o estudo que estamos fazendo sobre tragédias ou qualquer

outro tema.

O que se dá ao homem que tem tudo? Tragédias. Era algo que Jó ainda tinha de experimentar. Tudo começou durante uma dessas festas com todos os filhos e filhas reunidos, rindo e curtindo a companhia uns dos outros.

Um mensageiro se aproxima de Jó com notícias perturbadoras. Invasores sabeus atacaram a propriedade de Jó, sequestraram o gado e mataram os servos. Só esse mensageiro sobreviveu para contar a história (Jó 1.13-15).

Antes mesmo que o servo tivesse acabado de falar, antes mesmo que Jó tivesse digerido a notícia, a porta se abre, e outro mensageiro entra. Ele está pálido, seus olhos estão esbugalhados, quando anuncia aos sussurros: “Fogo de Deus caiu do céu, e queimou as ovelhas e os moços, e os consumiu” (Jó 1.16).

Neste momento, parece que o dia de Jó não podia ficar pior. Mas podia. O terceiro mensageiro chega logo atrás. A frase “estando este ainda falando” é usada três vezes nesta passagem. Pelo menos para Jó, o velho ditado é verdadeiro: notícia ruim nunca vem sozinha.

O terceiro mensageiro traz a notícia de que houve uma incursão dos caldeus. Eles roubaram os camelos, mataram os servos e, é isso mesmo, só restou um mensageiro (Jó 1.17).

Muita coisa deu errado para Jó. Calamidade amontoava-se em cima de calamidade. Mas antes que pudesse compreender o que aconteceu, sem falar em fazer um tipo de plano de recuperação, o golpe de misericórdia se abateu:

Estando ainda este falando veio outro e disse: Estando teus filhos e tuas filhas comendo e bebendo vinho, em casa de seu irmão primogênito, eis que um grande vento sobreveio dalém do deserto, e deu nos quatro cantos da casa, a qual caiu sobre os jovens, e morreram; e só eu escapei, para te trazer a nova.

– Jó 1.18,19

Junto com tudo o que recebeu, Jó deve ter sido abençoado com um coração forte. Consegue imaginar receber todas essas notícias? Ele era dedicado aos filhos, levando-os constantemente à presença de Deus. Apesar das intercessões que fez por eles, todos morreram de uma tacada só. Ele enfrenta dez sepulturas novas e um silêncio doloroso do céu. *Por quê, Deus, por quê?*

O livro de Jó sempre foi o livro-base para ajudar as pessoas a lidar com a

existência e efeitos do mal. No início, o livro mostra três fontes principais do mal. Primeiramente, há pessoas más, como os sabeus e os caldeus que mataram os servos de Jó e lhe roubaram os bois, jumentos e camelos. Em seguida, mostra o mal destrutivo dos desastres da natureza no incêndio que matou as ovelhas e pastores de Jó e também no vendaval que matou os filhos de Jó. E, por trás de tudo, vemos o mal em nível cósmico nas mãos de Satanás que, com a permissão de Deus, orquestrou toda a tragédia.

Tendo em vista que os estudiosos consideram Jó o livro mais antigo da Bíblia, sabemos que o problema das catástrofes naturais está conosco por tanto tempo quanto os seres humanos andam sobre a terra. A Bíblia não encobre as perguntas mais difíceis da vida; não nos faz desviar o olhar. Somos convidados a ficar com Jó no cemitério, olhando para as cinzas dos seus sonhos, perguntando a Deus *por quê?* A primeira pergunta levantada por essa história em particular e pelos desastres da natureza em geral é a seguinte: O que essas tragédias recorrentes dizem sobre Deus?

OS DESASTRES DA NATUREZA E A REALIDADE DE DEUS

Deus não Pode Ser Dissociado das Tragédias

Há comentaristas que dizem que Deus não deveria sequer ser incluído na discussão das tragédias, já que Ele não teria nada a ver com o mal. A explicação é algo do tipo: “Deus criou o mundo, mas Ele não está envolvido na operação do mesmo”. Essa filosofia chama-se deísmo. Ela aceita a existência e a bondade de Deus, porém afasta-se de tudo o que acontece no mundo que Ele criou.

Penso que muitos cristãos adotam uma espécie de deísmo na tentativa de livrar Deus da enrascada. Eles permitem que afirmemos a bondade de Deus em face de males terríveis dizendo que não é culpa dEle. Ele criou um mundo bom, mas não deve ser responsabilizado se algo der errado. Mas a Bíblia é clara ao dizer que Deus está ativamente em ação no universo (Jó 37).

Outra maneira de livrar Deus da responsabilidade pelas tragédias é colocar a culpa em Satanás. Porém sabemos, pelo nosso estudo de Jó, que Satanás não pode fazer nada sem a permissão de Deus (Jó 1.8-12). Se Satanás tem de obter a permissão de Deus para fazer o que faz, então Deus ainda está no

controle e governa os assuntos humanos. As pessoas percebem o controle divino sobre todas as coisas quando chamam os desastres da natureza de “atos de Deus”.

Sendo assim, dizer que Deus não está envolvido nos acontecimentos cataclísmicos é ser demasiado simplista em explicar todos os fatos. Quer nos sintamos à vontade ou não, temos de discutir a questão com integridade teológica. A Bíblia ensina que Deus é soberano. Governa nos momentos bons e nos momentos não tão bons assim. Examinemos algumas razões pelas quais as tragédias existem em um mundo que Deus controla.

DEUS EMPREGA OS ELEMENTOS DA NATUREZA NA OPERAÇÃO DO MUNDO

A Bíblia contém muitas passagens que refutam a ideia de que Deus colocou a natureza em operação e depois a deixou que operasse como quisesse. Essas passagens bíblicas apresentam um Deus com participação ativa e que está estreitamente envolvido em controlar e sustentar todos os acontecimentos no mundo da natureza. Esta é uma pequena amostra:

Tudo o que o SENHOR quis, ele o fez, nos céus e na terra, nos mares e em todos os abismos. Faz subir os vapores das extremidades da terra; faz os relâmpagos para a chuva; tira os ventos dos seus tesouros.

– Salmos 135.6,7

[O SENHOR] faz que o seu sol se levante sobre maus e bons e a chuva desça sobre justos e injustos.

– Mateus 5.45

À neve [o SENHOR] diz: Cai na terra; como também ao aguaceiro e à sua forte chuva. Pelo assopro de Deus, se dá a geada, e as largas águas se endurecem. Também com a umidade carrega as grossas nuvens e esparge a nuvem da sua luz. Então, ela, segundo o seu prudente conselho, se espalha em roda, para que faça tudo quanto lhe ordena sobre a superfície do mundo habitável.

– Jó 37.6, 10-12

DEUS EMPREGA OS ELEMENTOS DA NATUREZA EM SUA OPOSIÇÃO AO MAL

Deus não só usa os elementos da natureza para manter o mundo girando,

mas também os usa como punição ou para conduzir seu povo em direção à justiça.

No início da Bíblia, encontramos Deus enviando o Dilúvio para destruir um mundo enegrecido pelo pecado, poupando apenas o justo Noé e sua família (Gn 6–8). Mais tarde, quando os israelitas estavam peregrinando pelo deserto, Deus executou o julgamento que fizera em Corá, Datã e Abirão, que o haviam rejeitado: “A terra abriu a sua boca e os tragou com as suas casas” (Nm 16.32).

Deus enviou fogo para destruir Sodoma e Gomorra devido à iniquidade dessas cidades (Gn 19.24); enviou pragas para punir o Egito (Êx 7–12); produziu uma praga que matou 70 mil homens por causa do pecado de Davi ao enumerar o povo (2 Sm 24.15); enviou uma tempestade violenta para chamar a atenção de Jonas e levá-lo ao arrependimento (Jn 1.4-17).

Em Amós 4, há uma passagem extensa que descreve o modo de Deus tratar a desobediência de seu povo. Se já sentimos o desejo de separar Deus dos desastres da natureza, esta passagem deve nos fazer parar de pensar assim. Aqui está a vívida paráfrase de Eugene Peterson:

“Vocês devem saber que fui eu que esvaziei suas despensas e limpei seus armários. Eu os fiz passar fome e esperar na fila do pão. Mas vocês nunca tiveram fome de mim. Continuaram a me ignorar.”

É o decreto do Eterno.

“Sim, eu fiz parar de chover três meses antes da colheita. Eu fazia chover sobre uma vila, mas não sobre outra. Eu fazia chover sobre um campo, mas não sobre outro — e este, então, secava. As pessoas se arrastavam de vila em vila, loucas por um pouco de água, e nunca matavam a sede. Mas vocês nunca tiveram sede de mim. Vocês me ignoraram.”

É o decreto do Eterno.

“Eu feri suas colheitas com pragas e fiz murchar seus pomares e jardins. Os gafanhotos devoraram suas oliveiras e figueiras, mas vocês continuaram me ignorando.”

É o decreto do Eterno.

“Castiguei vocês com as velhas pragas egípcias. Matei seus melhores jovens e seus mais valorosos cavalos. O mau cheiro era tão forte nos seus

acampamentos que vocês tinham de tapar o nariz — mas vocês nem me notaram. Continuaram me ignorando.”

É o decreto do Eterno.

“Eu feri vocês com terremotos e incêndios, devastei vocês como fiz com Sodoma e Gomorra. Vocês eram como um tição aceso resgatado do fogo. Mas nunca olharam na minha direção. Continuaram me ignorando.”

É o decreto do Eterno.

– Amós 4.6-11 (MSG)

Quando livramos Deus da responsabilidade pelas calamidades do mundo, estamos afirmando mais do que sabemos. Se Deus não está no controle das tragédias do mundo, então como podemos confiar que Ele está no controle de nossa vida e futuro? Ou Deus está envolvido em todas as operações do mundo, ou não está envolvido com nenhuma.

Antes de prosseguir, é fundamental fazermos uma distinção entre o julgamento geral de Deus sobre o pecado da humanidade e seu suposto julgamento sobre o pecado de determinados homens e mulheres. É verdade dizer que todos os julgamentos de Deus são por causa do pecado e que Ele usa as tragédias na execução dos julgamentos. Mas não é verdade dizer que todas as tragédias em particular são o seu julgamento de certo pecado cometido por determinada pessoa ou nação.

Após o 11 de Setembro, as pessoas não perderam tempo em destacar que a tragédia foi o julgamento de Deus sobre a nação americana por causa da rebelião contra Ele. Embora possa ser verdade, como saber ao certo?

Quase todos os desastres e tragédias que se abateram sobre a nação americana nos últimos anos fizeram os entendidos declarar que a tragédia era um julgamento em particular por um pecado em particular, que fora cometido no contexto imediato da tragédia. A verdade é que não conhecemos os mistérios do coração e da vontade de Deus. No Evangelho de Lucas, Jesus adverte contra “bancar o profeta de poltrona”. Pilatos tinha assassinado alguns galileus, e outros haviam sido mortos quando uma torre desabou em Siloé. Quando perguntado sobre isso, Jesus disse:

Cuidais vós que esses galileus foram mais pecadores do que todos os galileus, por terem padecido tais coisas? Não, vos digo; antes, se vos não

arrependerdes, todos de igual modo perecereis. E aqueles dezoito sobre os quais caiu a torre de Siloé e os matou, cuidais que foram mais culpados do que todos quantos homens habitam em Jerusalém? Não, vos digo; antes, se vos não arrependerdes, todos de igual modo perecereis.

– Lucas 13.2-5

Jesus estava nos lembrando de que, em nosso mundo caído, as tragédias acontecem, e acontecem para pessoas injustas e justas sem distinção ou explicação. Não cabe a nós definir que esta tragédia é desgraça e aquela é julgamento de Deus, e sim, como Jesus ressaltou, refletir sobre o pecado em nosso próprio coração.

Deus não Pode Ser Desacreditado pelas Tragédias

Há pessoas que tiram Deus da equação. Ele não existe, argumentam, e as tragédias são a prova de que precisamos. O apologeta Dinesh D’Souza resume essa linha de raciocínio no livro *What’s So Great about Christianity* (O que Há de tão Maravilhoso no Cristianismo):

Se Deus existe, Ele é Todo-poderoso. Se for Todo-poderoso, está em posição de deter o mal e o sofrimento. Mas sabemos por experiência que o mal e o sofrimento continuam escandalosamente, sem piedade e sequer com sugestão de proporção ou justiça. Portanto, não pode haver um ser onipotente capaz de impedir que tudo isso aconteça, porque se houvesse, certamente o impediria. Logo, Deus não existe.¹

O ateu George Smith fala para os que procuram defender com lógica ordeira: “O problema do mal é este. [...] Se Deus sabe que o mal existe, mas não pode impedi-lo, ele não é onipotente. Se Deus sabe que o mal existe e pode impedi-lo, mas não deseja, ele não é onibenevolente”.²

Em vez de ser raciocínio claro que leve a uma conclusão, é pura emoção. Após o *tsunami* de 2010, certo comentarista no jornal escocês *The Herald* escreveu:

Deus, se é que existe um Deus, deveria ter vergonha de si mesmo. A enormidade do desastre do *tsunami* asiático, a morte, destruição e

devastação que acarretou e a escala de miséria que causou testam a fé do mais firme crente. [...] Espero estar certo [...] de que Deus não existe. Porque, se existisse, então Ele teria de arcar com a culpa. Em meu livro, Ele seria tão culpado quanto o pecado, e eu não quereria ter nada a ver com Ele.³

Um instante, não tão rápido! C. S. Lewis, outrora ele próprio ateu, via as catástrofes não como prova contra a existência de Deus, mas, ponderando como fez quando chegou à fé em Cristo, como prova real da existência de Deus:

Meu argumento contra Deus era de que o universo parecia injusto e cruel. No entanto, de onde eu tirara essa ideia de *justo* e *injusto*? Um homem não diz que uma linha é torta se não souber o que é uma linha reta. Com o que eu comparava o universo quando o chamava de injusto? Se o espetáculo inteiro era ruim do começo ao fim, como é que eu, fazendo parte dele, podia ter uma reação assim tão violenta? [...] Assim, no próprio ato de tentar provar que Deus não existe — em outras palavras, que a realidade como um todo não tem sentido —, vi-me forçado a admitir que uma parte da realidade, a saber, minha ideia de justiça, tem sentido, sim. Por conseguinte, o ateísmo é uma solução simplista. Se o universo inteiro não tivesse sentido, nunca perceberíamos que ele não tem sentido, do mesmo modo que, se não existisse luz no universo e as criaturas não tivessem olhos, nunca saberíamos que estamos imersos na escuridão. A própria palavra *escuridão* não teria significado.⁴

O fato de termos uma forte ideia de justiça e perfeição em um mundo contaminado com injustiça e imperfeição é prova convincente de que um Deus bom existe.

Uma verdade que muitas vezes ignoramos é que as mortes em massa causadas por tragédias não podem desacreditar Deus mais do que uma única morte. Sabemos quem trouxe a morte para o mundo, e não foi Deus. Temos de lembrar que cada uma das pessoas que morreram no terremoto do Haiti acabaria morrendo de qualquer maneira. O fato de terem morrido ao mesmo tempo não é mais trágico do que se as mortes tivessem ocorrido

espalhadamente ao longo das próximas décadas. É que mortes simultâneas súbitas e inesperadas nos chocam mais.

Deus não Pode Ser Definido pelas Tragédias

No rescaldo de todas as tragédias, ouvimos algo assim: “Eu nunca acreditaria num Deus que permitisse que essas coisas terríveis acontecessem com os seres que Ele criou”.

O Deus em quem essas pessoas querem acreditar é o Deus “pai helicóptero”, que paira sobre nós em todos os momentos, isolando-nos de tudo o que é desagradável como um pai super-protetor. Eles querem um Deus que garanta a proteção, a segurança e a felicidade e nos poupe de toda tragédia e dor, até mesmo da dor disciplinar. Deus é melhor que isso. Ele não atende a cada um de nossos desejos; antes administra a disciplina para ajudar-nos a ser o tipo de criatura que pode habitar na eternidade bendita.

Os que definem Deus unicamente pelo mal que Ele permite ignoram o outro lado do que reclamam. Sim, existe o mal no mundo, mas também existe uma enorme quantidade de bem. Se Deus não é bom, como eles alegam, como é que eles explicam todo o bem que experimentamos? É justo julgá-lo pelo mal e não lhe atribuir o bem?

No livro *Where Was God?* (Onde Estava Deus?), Erwin Lutzer escreve:

As mesmas pessoas que perguntam onde estava Deus depois da ocorrência de uma tragédia, ingratamente recusam-se a adorá-lo e honrá-lo pelos anos de paz e calma. Desconsideram Deus nos tempos bons; contudo, pensam que Ele é obrigado a fornecer ajuda nos tempos ruins. Creem que o Deus que eles desonram quando estão bem deve curá-los quando estão doentes. O Deus que eles ignoram quando estão ricos deve resgatá-los da pobreza iminente. O Deus que eles se recusam a adorar quando a terra está firme deve resgatá-los quando ela começa a tremer.

Temos de admitir que Deus não nos deve nada. Antes de acusar Deus de indiferença, temos de agradecer-lhe pelos tempos em que seu cuidado é muito evidente. Estamos sempre rodeados de bênçãos imerecidas. Mesmo no silêncio de Deus, Ele nos abençoa.⁵

Em um mundo que contém tragédias, temos de perceber que estão em

número bem menor do que as bênçãos. Um pequeno pensamento claro ressalta o ponto de que não podemos permitir que os outros definam Deus para nós. A Bíblia e o bom senso apagam um monte de confusão.

Não há como negar que vivemos num mundo onde muitas coisas ruins acontecem, e muitas das quais são imerecidas. “Por que coisas ruins acontecem a pessoas boas?”, pergunta Dinesh D’Souza. “A resposta cristã é que não existem pessoas boas. Nenhum de nós merece a vida que temos, que é um dom gratuito de Deus.”⁶

Deus é amoroso, e seus dons são abundantes no mundo. Portanto, Ele disciplina. É por isso que temos de nos recusar a permitir que apenas um lado da equação defina Deus para nós.

Deus não pode ser derrotado pelas tragédias

Quando as tragédias acontecem, somos tentados a pensar que os propósitos de Deus foram frustrados. Deixemos que Deus fale por si mesmo sobre o assunto:

Eu sou Deus, e não há outro Deus,
não há outro semelhante a mim;
que anuncio o fim desde o princípio e,
desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam;
que digo: o meu conselho será firme,
e farei toda a minha vontade;
que chamo a ave de rapina desde o Oriente
e o homem do meu conselho, desde terras remotas;
porque assim o disse, e assim acontecerá;
eu o determinei e também o farei.
– Isaías 46.9-11

Uma das razões pelas quais temos medo de tragédias é que as ocorrências nos dão a impressão de que Deus não está no controle, que, de alguma forma, as coisas escapuliram de suas mãos. Nesses momentos, temos de lembrar que um único fio na grande tapeçaria não mostra o padrão do todo. Nossa visão é muito limitada para percebermos o sentido último em uma calamidade, para entender como o sofrimento atual se encaixa com o propósito último de Deus.

No entanto, como Paulo diz: “Sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto” (Rm 8.28).

Como todo elemento desse assunto pouco claro, é fácil confundir o significado desse versículo. Como James Montgomery Boice diz, Paulo não está dizendo que as coisas más são boas:

O texto não ensina que a doença, o sofrimento, a perseguição, a dor ou qualquer outra coisa são boas em si mesmas. Pelo contrário, essas coisas são más. O ódio não é o amor. A morte não é a vida. O sofrimento não é a alegria. O mundo está cheio de maldade. Mas o que o texto ensina [...] é que Deus usa essas coisas para efetuar seus propósitos bons para as pessoas. Deus tira o bem do mal.⁷

Deus tirou o bem da obra que Satanás pretendia destruir a fé de Jó. Usou a terrível realidade da crucificação de um Cristo perfeito para cumprir propósitos maravilhosos. Nas mãos sábias e poderosas de Deus, os acontecimentos maus são usados como ferramentas para trabalhar em direção a propósitos bons.

O segredo está na ordem das palavras na língua original. “Sabemos que para aqueles que amam a Deus”, diz o texto grego, “Ele está trabalhando”. Em outras palavras, Deus está incessante, vigorosa e propositadamente ativo para o nosso bem. Ele está envolvido. Está ocupado em criar um destino glorioso para aqueles que o amam.

A frase que Paulo usa para descrever como Deus trabalha para o nosso bem é interessante. Ele diz que “todas as coisas contribuem”. Essa expressão é tradução da palavra grega *sunergeo*, da qual temos a palavra *sinergismo*. O *sinergismo* é o trabalho conjunto de vários elementos para produzir um efeito maior, e muitas vezes completamente diferente do que a soma de cada elemento atuando separadamente.

As coisas não contribuem de alguma forma se deixarmos a natureza seguir seu curso. É Deus que faz com que o *sinergismo* aconteça. Ele é o único que agita a mistura! É por isso que as tragédias não podem derrotar Deus ou atrapalhar seus planos e propósitos. Toda a natureza está sob o controle divino: *todas as coisas contribuem*. AquEle que controla a natureza nos

mantém em suas mãos.

Donald Grey Barnhouse explica que a parte “sabemos” de Romanos 8.28 é um excelente antídoto para o medo de tragédias:

É possível, aqui e agora, sabermos que todas as coisas contribuem juntamente para o nosso bem. Agarrar esse fato é acalmar a turbulência da vida e trazer calma e confiança para toda a vida. Nada pode me tocar, a menos que passe pela vontade de Deus. Deus tem um plano para a minha vida. Deus está trabalhando de acordo com um propósito fixo e eterno.⁸

No poema a seguir, Annie Johnson Flint usa o intrincado funcionamento da fábrica de máquinas para nos dar uma imagem criativa do controle completo de Deus sobre “todas as coisas”:

*Em uma fábrica, existem rodas e engrenagens,
Existem manivelas, polias, correias apertadas ou frouxas.
Algumas giram velozmente, outras giram lentamente,
Algumas empurram para frente, outras para trás.
Algumas são suaves e silenciosas, outras são ásperas e barulhentas,
Batendo, sacudindo, retinindo, movendo-se aos solavancos.
Em confusão frenética no aparente caos,
Levantam, empurram, acionam, mas fazem o trabalho.
Desde a alavanca mais forte até o menor dente de engrenagem ou roda dentada,
Todas as coisas movem-se juntamente para o propósito previsto.
Por trás do trabalho há uma mente controlando,
Uma força dirigindo e uma mão guiando.
Assim todas as coisas trabalham para o amado do Senhor.
Algumas coisas são dolorosas se estivessem só elas.
Algumas trazem impedimentos; outras nos fazem retroceder.
Mas trabalham juntamente e trabalham para o bem,
Todos os anseios frustrados, todas as negações severas,
Todas as contradições difíceis de entender.
A força que sustenta, acelera e retarda-as,
Para, começa e orienta-as, é a mão do nosso Pai.⁹*

Anos atrás, minha esposa e eu fomos lembrados de um exemplo inspirador de um casal que confiou no controle de Deus sobre todas as coisas. Quando visitávamos Jerusalém, alguns amigos nos levaram para almoçar no Hotel American Colony. Quando nos sentamos para comer, recebemos um folheto que contava a história do hotel e seu restaurante.

Fiquei boquiaberto ao descobrir que o hotel pertencia à família de Horatio Spafford, o homem que escreveu as palavras do meu hino evangélico favorito “Sou Feliz”. Muitas vezes, contei as circunstâncias trágicas que cercavam a escrita da canção, mas o folheto continha fatos que eu desconhecia. Aqui está a história:

Em 1871, Horatio Spafford morava no subúrbio Lake View de Chicago. Ele era um jovem advogado com a esposa Anna e as quatro filhas. Em outubro do mesmo ano, todo o centro da cidade foi destruído pelo grande incêndio de Chicago. Ninguém sabe ao certo como o incêndio começou, mas ele matou centenas de pessoas e destruiu bairros inteiros da cidade.

As pessoas vagavam sem abrigo e com fome por toda a cidade. Os Spafford ficaram extremamente envolvidos em fazer o que pudessem para ajudar as famílias em dificuldades. Mas não era um ministério de curto prazo. Dois anos depois, exaustos do trabalho, eles planejaram uma viagem à Europa para descansar. Só que no último minuto, os negócios de Horatio o prenderam na cidade. Anna e as quatro filhas embarcaram num navio e deixaram o porto.

Tarde da noite, durante a viagem, outro navio abalroou o navio a vapor, que afundou em 20 minutos. Anna, uma das 47 pessoas que sobreviveram, foi retirada da água, inconsciente e flutuando em restos do naufrágio. Entretanto, as quatro filhas Spafford pereceram. Anna enviou um telegrama de Paris para o marido, dizendo: “Salva sozinha. O que devo fazer?”. Ela comentou com outro passageiro que Deus lhe dera quatro filhas e as levava e que, talvez, um dia, ela entenderia o porquê.

Horatio embarcou num navio para encontrar a esposa e trazê-la para casa. Quando o curso do navio atingiu o ponto exato em que as filhas tinham desaparecido, o capitão o chamou à cabine e informou-o a respeito. Horatio, profundamente comovido, achou um pedaço de papel do hotel em que se hospedara antes da viagem. Ele anotou as palavras de “Sou Feliz”, hoje um dos hinos preferidos no mundo todo.

De volta a Chicago, o casal começou tudo de novo. Um filho nasceu e,

depois, outra filha. Talvez o pior houvesse passado. Mas ocorreu outra tragédia: o menino morreu de escarlatina aos quatro anos de idade.

Inexplicavelmente, a igreja da família adotou a opinião de que essas tragédias eram o castigo de um Deus irado por algum pecado não especificado por parte dos Spafford. Já ancião na igreja que ajudara a construir, Horatio Spafford foi convidado a sair, em vez de ser acolhido e consolado por uma comunidade de cura.

Em 1881, a pequena família deixou os Estados Unidos para começar uma nova vida em Jerusalém. Eles alugaram uma casa na parte antiga da cidade, com o objetivo de imitar, tanto quanto possível, a vida dos cristãos do século I. Logo a família ficou muito conhecida por seu amor e serviço aos necessitados, bem como por sua devoção às Escrituras. Ainda hoje, o Centro Infantil de Spafford funciona em Jerusalém e na Cisjordânia, oferecendo cuidados de saúde e apoio educacional para 30 mil crianças anualmente sob a liderança dos descendentes dos Spafford.¹⁰

Anna e Horatio Spafford sofreram severas provações por sua fé, mas não culparam a Deus pelo sofrimento. Eles sabiam que o Senhor estava no controle de todas as coisas e, já que Ele não pode ser derrotado, nem tampouco eles. A fé permitiu que eles aprendessem através das provações e usassem a dor para abençoar os outros e promover o Evangelho.

Espero que esta seção tenha ajudado a levantar o nevoeiro que obscurece o que entendemos sobre a ligação que há entre Deus e as tragédias. Quando a dor nos leva a ver Deus como alguém que não está envolvido nas tragédias, que é impotente para controlá-las ou é derrotado por elas, minamos a base que nos sustenta e mergulhamos no medo. Isso nos deixa sem esperança, pois um Deus Todo-poderoso é nosso único consolo em tempos trágicos.

Agora, examinaremos as formas como a experiência das tragédias pode nos abençoar.

AS CATÁSTROFES DA NATUREZA E AS RESPONSABILIDADES DO HOMEM

Em meio à dor e ao sofrimento, é difícil perceber que as tragédias podem trazer benefícios vitais. Assim como os destrutivos incêndios florestais limpam o mato que acabaria por sufocar as árvores, as tragédias em nossa vida podem nos fazer ver nossos pontos cegos e tratá-los com uma visão mais

clara.

As Tragédias nos Ensinam a nos Arrependermos de nossos Pecados

No início deste capítulo, discutimos uma ocasião de Lucas 13, em que Jesus menciona duas tragédias contemporâneas. Será que as vítimas morreram porque eram mais pecadoras do que os sobreviventes? Não, responde Ele. Todos nós pereceremos se não nos arrependermos. Em outras palavras, a maior tragédia da natureza de todos os tempos aconteceu no jardim do Éden. O resto é dano colateral. A queda torna a todos vítimas, a menos que permitamos que Jesus Cristo trate do problema do nosso pecado.

Quando você lê sobre pessoas perdendo a vida em incêndios, inundações, furacões, tornados e *tsunamis*, você já se perguntou quantos estavam preparados para encontrar-se com Deus? A pergunta faz você examinar sua própria preparação (2 Co 13.5)? Nossa preparação para encontrar-nos com Deus reduz nosso medo de tragédias.

Muitos fatores estão em ação no âmbito das tragédias, mas um deles é a obra de Deus chamando nossa atenção para Ele mesmo. Na verdade, estamos rodeados por catástrofes e desastres não reconhecidos: uma cultura obscura, violenta e obcecada por sexo; o rápido declínio da moralidade; a deterioração da influência cristã no mundo. Quantas pessoas mais são vítimas desses venenos feitos pelo homem do que das forças do vento e do clima? Às vezes, é necessária a força impressionante de um furacão ou outra força da natureza para chamar nossa atenção e voltar nossa mente para as questões da eternidade.

Deus usa as tragédias e desastres para realizar sua perfeita vontade em nós e através de nós e, por vezes, para levar-nos a Ele mesmo em primeiro lugar. Na igreja que pastoreio, quase todos os que dão testemunho da fé ao serem batizados têm uma coisa em comum: foram levados a Cristo através de uma experiência difícil. Muitas vezes, é a perda de um ente querido, ou um divórcio, ou a perda do emprego. Deus usa as dificuldades e as tragédias para obter a atenção das pessoas que Ele está buscando.

Como é que isso funciona? Erwin Lutzer conta:

As tragédias afastam as pessoas de Deus, mas para outras causam o efeito contrário, levando-as para os braços de Jesus. A destruição da natureza ajuda-as a distinguir a diferença entre o temporário e o permanente. As tragédias lembram aos vivos que o amanhã é incerto, de modo que temos de nos preparar para a eternidade hoje. Hoje é o tempo aceitável; hoje é o dia da salvação.

Quando as tragédias ocorrem, Deus não está julgando, *nós estamos*.¹¹

As Tragédias nos Ensinam a Refletir sobre a Bondade de Deus

Quando assisto a reportagens de desastres da natureza à medida que chegam instantaneamente pela mídia, meus primeiros pensamentos são para as vidas perdidas e as famílias separadas. Também experimento um sentimento de gratidão, porque esses acontecimentos não atingiram minha família nem pessoas que conheço.

Eu costumava me sentir culpado por isso da mesma maneira que me sentia culpado por pessoas que tiveram câncer na mesma época que eu, mas que não sobreviveram. Porém, vim a entender que é apropriado ser grato por ter sido salvo, mesmo quando lamento pelas pessoas que estão perdidas.

Mark Mittelberg escreve:

É comum, no meio de uma seca [...], esquecer que a chuva é a norma. Ou no meio de uma inundação, esquecer que as torrentes acontecem. Ou quando o médico nos dá más notícias, esquecer que, para a maioria de nós, ocorrem depois de muitos anos de saúde relativamente boa.¹²

As bênçãos de Deus são abundantes. Elas são a norma, e é adequado sermos gratos por elas em todos os momentos, independentemente das circunstâncias envolvidas.

As Tragédias nos Ensinam a Responder à Dor

Os incêndios florestais do sul da Califórnia de 2003 e 2007 destruíram casas de várias famílias de nossa igreja e dizimaram uma comunidade nas montanhas, acima de nosso local de reunião. Nunca tinha experimentado

nada que atingisse nossa igreja de forma tão direta.

Até hoje, as pessoas ainda falam sobre como mudaram para melhor depois de um acontecimento que não poderia ser pior. Quando o Diabo envia um incêndio incontrollável, Deus envia o fogo santo dos seguidores de Cristo cheios do Espírito. Quando o Diabo envia uma inundação, Deus envia o frescor da água viva.

Durante esses trágicos acontecimentos, muitos de nossa congregação fizeram exatamente o que os amigos de Jó fizeram a princípio: sentaram-se com as pessoas que sofrem. A presença silenciosa é o ministério mais poderoso. Por exemplo, quando as pessoas estão sofrendo, racionalizações espirituais e citações maciças de versículos bíblicos podem não ter o efeito desejado. As pessoas não precisam de nossas respostas. Elas precisam de nossos ombros para chorar, de nossa companhia na escuridão. Esses são os momentos em que a Igreja de Jesus Cristo está em seu apogeu. E quando alguém se vira para nós e pergunta por quê, podemos dizer: “Gostaria muito de me sentar com você para tomarmos um café e tratarmos dessas questões juntos. Mas agora, estou aqui para servi-lo. O que posso fazer?”.

Em 1940, C. S. Lewis publicou seu primeiro livro popular sobre a doutrina cristã: *O Problema do Sofrimento*. Foi um ataque intelectual contra a opinião de que o sofrimento e o mal excluem a existência de Deus. Foi um livro para a mente — e uma mente boa. Mas não tocava o coração. Isso veio 21 anos depois, quando Lewis escreveu um tipo muito diferente de livro.

Em *A Anatomia de uma Dor* (1961), a tristeza dolorida e até a raiva de Lewis irradiavam de cada página. Ele havia perdido sua amada esposa para o câncer no osso e estava profundamente triste. Já não lhe interessava debater pontos de argumentação. Agora, seu coração estava despedaçado. Esse novo livro levantou mais perguntas do que respostas. Lia-se como uma jornada de luto que, de alguma forma, chegou a um porto seguro para a fé.

Quando terminou de escrever, Lewis entendeu que o mundo jamais o vira assim, franco e emotivo. Decidiu publicar *A Anatomia de uma Dor* sob o pseudônimo de N. W. Clerk. Logo um exército de amigos queridos estava lhe trazendo o livro de “Clerk”, dizendo: “Veja, talvez este pequeno livro ajude você”. Lewis teve de revelar seu pseudônimo e admitir que era ele o autor do livro e o proprietário da dor que relatava. Foi o livro que nasceu da dor, muito mais ainda do que o livro com as respostas intelectuais, que ministrou às

pessoas que sofriam.¹³

As tragédias realizam uma cirurgia dolorosa no mais profundo do nosso ser, mas a mão do médico é suave e segura. Ele quer fazer com que melhoremos, sejamos mais fortes, mais hábeis para ministrar em um mundo de corações partidos. Quando ministramos nossa dor e a dor dos outros, assumimos uma semelhança crescente com o Salvador que curou a dor em todos os lugares em que Ele se encontrava.

As Tragédias nos Ensinam a nos Lembrarmos da Promessa de Deus

Deus nos deu uma promessa espetacular e abrangente que fornece a cura definitiva para o nosso medo de tragédias. Apocalipse 21.3,4 diz: “E ouvi uma grande voz do céu, que dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles e será o seu Deus. E Deus limpará de seus olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas”.

As tragédias nos lembram de que Deus não tem a intenção de fazer desta terra caída, onde há morte, desastres e corrupção, o nosso lar permanente. Como diz o antigo hino espiritual: “Este mundo não é a minha casa; estou apenas de passagem”. As calamidades que experimentamos são apenas fenômenos temporários. Cada tragédia nos remete a uma eternidade livre de tragédias que nos espera e nos enche o coração de desejo por ela.

Paulo confirma esse desejo: “A ardente expectativa da criatura espera a manifestação dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora” (Rm 8.19,22).

Dinesh D’Souza resume como essa promessa de Deus assegura nossa vitória final sobre as tragédias:

A única maneira de triunfar sobre o mal e o sofrimento é viver para sempre em um lugar onde essas coisas não existem. O cristianismo afirma que esse lugar existe e que está disponível a todos que o procuram. Ninguém pode negar que, se essa afirmação for verdadeira, então o mal e o sofrimento serão expostos como dificuldades e injustiças temporárias. São tão

transitórias quanto nossa breve vida mortal. Nesse caso, Deus nos mostrou uma maneira de prevalecer sobre o mal e o sofrimento, que são vencidos na vida porvir.¹⁴

As Tragédias nos Ensinam a Confiar na Presença e no Poder de Deus

Começamos o capítulo examinando a experiência terrível de um homem chamado Jó. É adequado voltarmos a examinar sua experiência para descobrir como os acontecimentos trágicos de sua vida se desenrolaram.

Jó experimenta severa depressão enquanto se empenha em lidar com as perdas. Mas logo descobre dentro de si um forte e confiante compromisso com Deus. “Ainda que ele me mate”, resolve Jó, “nele esperarei” (Jó 13.15).

Pela graça de Deus, Jó consegue manter firmes a fé e a confiança em Deus, certo de que algo melhor lhe espera:

Eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra. E depois de consumida a minha pele, ainda em minha carne verei a Deus. Vê-lo-ei por mim mesmo, e os meus olhos, e não outros, o verão; e, por isso, o meu coração se consome dentro de mim.

– Jó 19.25-27

Deus fala com Jó e seus amigos. Mas em vez de explicar os seus caminhos, Ele proclama sua onipotência e envergonha as tentativas espalhafatosas e orgulhosas de explicar o sofrimento. Ao ouvir a voz de Deus, Jó humilha-se e arrepende-se de ter questionado seu Deus:

Com o ouvir dos meus ouvidos ouvi, mas agora te veem os meus olhos. Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza.

– Jó 42.5,6

Porém, não foi o fim da história para Jó. No último capítulo do livro, somos informados de que “abençoou o SENHOR o último estado de Jó, mais do que o primeiro”, dando-lhe uma superabundância de animais de criação e mais dez filhos (Jó 42.12-15). Jó foi amplamente recompensado pela paciência, fé e

confiança completa no poder de Deus.

Não devemos entender que isso significa que todos os que sofrem tragédias terão todas as coisas restauradas nesta vida. A promessa é que não importa o que aqueles que amam a Deus sofram, a hora está chegando, quando as bênçãos de Deus nos farão esquecer toda a dor que já tenhamos suportado.

A famosa escritora devocional Hannah Whitall Smith foi atormentada com dores terríveis e perguntas sem resposta. Parecia a ela, assim como parece a você e a mim, que ninguém entendia o que ela estava passando. Hannah não sabia para onde se voltar para receber ajuda até que foi informada de uma cristã profundamente espiritual que morava nas proximidades:

Reuni coragem certa tarde e fui vê-la. Derramei meus problemas, esperando que, é claro, ela tivesse profundo interesse em mim e se esforçasse em fazer tudo o que pudesse para me ajudar. [...] Quando terminei minha história e fiz uma pausa, esperando simpatia e consideração, ela disse:

— Sim, tudo o que você disse é bem verdade, mas, a despeito de tudo, há um Deus.

Esperei alguns minutos para ouvir algo mais, porém nada mais disse, e minha amiga e professora me deu a impressão de ter dito tudo o que era necessário.

— No entanto — continuei — você não entendeu como são gravíssimas e desconcertantes minhas dificuldades.

— Claro que entendi — respondeu minha amiga. — Mas digo-lhe que há um Deus.

E não consegui induzi-la a dar outra resposta. Pareceu-me muito decepcionante e insatisfatória. Senti que minhas experiências peculiares e realmente angustiantes não poderiam ser satisfeitas por algo tão simples quanto a afirmação: “Sim, mas há Deus”. [...]

Por fim, [...] vim gradualmente a crer que, sendo o meu Criador e Redentor, Ele tem de ser suficiente. Uma convicção irrompeu em mim que Ele era mesmo suficiente, e meus olhos se abriram para o fato da absoluta e total autossuficiência de Deus.¹⁵

Deus é suficiente. Será que essas palavras de orientação soam para você

como soaram no início para Hannah: uma simplificação banal? Será que podem ser vistas dessa forma até que, assim como Hannah, pensemos um pouco mais a fundo. O fato é que Deus *tem* de ser suficiente, pois, se não for, onde estará o plano B? Se o Deus do céu e da terra, que é mais poderoso do que todos os exércitos do mundo, que pode fazer com que a terra se derreta no mar não for o Senhor das adversidades que você enfrenta, então você estará em apuros. E eu também.

Deus é suficiente. Ele está no controle. Ele tem o destino das galáxias nas mãos, ao mesmo tempo em que sabe o número exato de cabelos que você tem na cabeça. Acima de tudo, Ele ama você e escolheu derramar esse amor, não em palavras, mas em sangue.

Então, que soprem os ventos. Que a terra se abra abaixo de nós. Encontramos nossa fortaleza em Deus somente... e Ele é suficiente.

Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem-presente na angústia. Pelo que não temeremos, ainda que a terra se mude, e ainda que os montes se transportem para o meio dos mares. Ainda que as águas rujam e se perturbem, ainda que os montes se abalem pela sua braveza.

– Salmos 46.1-3

CAPÍTULO 2

.....

ENFERMIDADES: *O Medo de Doenças Graves*

.....

Eu, o Senhor, teu Deus, te tomo pela tua mão direita e te digo: não temas, que eu te ajudo.

ISAÍAS 41.13

Enquanto escrevo este capítulo, acabo de fazer minha tomografia computadorizada semestral. Por quase 20 anos, tenho feito a viagem de ida e volta à Clínica Scripps em La Jolla, Califórnia. Tudo começou em 1994, quando fui diagnosticado com linfoma não-Hodgkin na Clínica Mayo em Rochester, Minnesota. Marquei para fazer quimioterapia na Clínica Scripps por ser mais perto de casa. A cada ano que passa, essa equipe tem subido cada vez mais na minha lista de heróis.

Foi no primeiro dia na Clínica Scripps que conheci o Dr. Alan Saven, o oncologista. Depois de duas décadas, ele ainda me examina duas vezes por ano. Ele e o Dr. Charles Mason, que fez meu transplante de células-tronco, salvaram minha vida.

Não se engane, a *Deus* seja a glória. Ele e somente Ele tem minha vida em suas mãos. Mas também sei que Ele prepara pessoas compassivas e dotadas para aplicar as habilidades pessoais como agentes de Deus em conceder o dom divino da saúde. Sou muito grato por esses especialistas talentosos, e faço com que saibam minha gratidão de todas as formas que posso.

Não contarei todos os detalhes de minha luta contra o câncer. Você encontra a história no livro *Uma Curva na Estrada*. Mas aqui, neste livro sobre o medo, não posso deixar de reviver essas memórias. As pessoas sabem que sou pastor e também sabem o que penso sobre as questões espirituais. Por isso, elas querem saber se tive medo enquanto lutava contra o câncer. Fico mais do que feliz em responder a pergunta, mas devo avisá-lo de que pode ser difícil para você entender o que estou dizendo.

O câncer é um assunto que não pode ser compreendido de segunda mão. É exageradamente descomunal. Tem implicações tão poderosas que muda a pessoa para sempre. Toda vez que abro a porta da Clínica Scripps, os sentimentos voltam à tona, mesmo tendo repetidamente bons resultados durante duas décadas. As boas notícias nunca enfraquecem as recordações e emoções daqueles dias incertos.

Se eu estava com medo? É o medo que agora volta sigilosamente neste instante? Aqui está o que escrevi no livro anterior:

Sim, com certeza! Senti um medo *apavorante*. Não há o que discutir. Eu tinha medo de morrer? Não. Não tenho medo de deixar esta vida, embora também não esteja ansioso em morrer. Boa parte do medo se concentrava em perder anos preciosos com as pessoas que amo. Parte pequena do medo dizia respeito à dor. Outra parte pequena do medo estava relacionada com o desconhecido. Como você reagiria ao saber que está sofrendo de uma doença possivelmente fatal? Imagine os pensamentos e sentimentos que inundariam seu coração em tal momento, e você saberá as mesmas coisas que experimentei.¹

A missionária Isobel Kuhn escreveu um livro intitulado *In the Arena* (Na Arena), no qual explica uma verdade maravilhosa: a vida cheia de problemas e revezes pode tornar-se uma vida cheia de ferramentas exclusivas para falar do Evangelho. Cada problema que ela enfrentou lhe deu mais oportunidades para glorificar a Deus através da sabedoria que ela aprendeu.

No último capítulo, Isobel contou como lidou com o câncer de mama. A saúde tornou-se sua grande preocupação e, sabendo como o câncer pode se espalhar, o impulso natural foi entrar em pânico, prevendo o pior. Se ela tossisse, devia ser câncer de pulmão. Uma dor de dente significava câncer de

boca. Até a menor dor ou pontada era prenúncio de consequências terríveis para a saúde. Ela aprendeu que a doença é o hospedeiro do medo.²

Entretanto, Isobel aprendeu que Jesus vence todos os medos. Essa mensagem pode mudar o mundo e pode mudar a vida.

A PREDOMINÂNCIA DAS DOENÇAS

É difícil imaginar alguém vivendo com saúde perfeita, mas Adão e Eva viveram. Seus corpos eram absolutamente impecáveis. O próprio conceito de doença lhes era estranho. O pecado, claro, quebrou essa realidade. Custou-lhes o dom da perfeição de Deus e corrompeu toda a ordem criada. Como Paulo escreve, a criação de Deus, agora infligida com a doença e a corrupção, geme em agonia (Rm 8.20-22). Por causa da rebelião de Adão e Eva, a doença é fator predominante de nossa existência. Cada um de nós gastará certa porção da vida doente, ferido ou moribundo.

Vemos as doenças com repulsa e medo, e em nosso espírito, sentimos que as coisas não foram feitas para ser assim. Deus colocou a eternidade em nosso coração e, portanto, as ameaças à vida nos são intrusões odiosas. Desejamos ardentemente o dia em que a maldição do pecado será suprimida: “[...] gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo” (Rm 8.23). Até lá, temos de lidar com a inevitabilidade da corrupção corporal.

Quando perdemos a sensação ingênua da invulnerabilidade da juventude, passamos a nos preocupar com dores e com o que prognosticam. Ficamos ansiosos com o telefonema do médico para nos dizer o resultado dos exames ou com o semblante do seu rosto quando ele entra no consultório. Entramos em pânico com a sensação estranha que sentimos no peito ou com o carço onde não devia ter nada. São medos primitivos e básicos. A morte trabalha por incrementos: o desgaste dos dentes, a crescente rigidez dos membros, o embotamento dos sentidos. Há muitas maneiras de fazer a manutenção do corpo humano. Andamos, corremos, exercitamo-nos, comemos uma dieta balanceada e, como diz o comediante Redd Foxx, um dia ficaremos deitados num hospital “morrendo de nada”.

A diversidade do corpo humano permite muitos pontos de entrada para o anjo da morte. De acordo com os Centros Federais de Controle de Doenças, as principais causas de morte por doença nos Estados Unidos (em ordem

decrecente) são as doenças cardíacas, o câncer, as doenças respiratórias, o acidente vascular cerebral, a doença de Alzheimer, o diabetes, as doenças renais e a pneumonia.³

As doenças causam não só estragos físicos e emocionais, mas também prejuízos financeiros. Os Estados Unidos são a nação mais cara no que diz respeito ao tratamento de doenças.⁴ Em 2010, o custo total relacionado aos cuidados com a saúde somou mais de dois trilhões e meio de dólares.⁵ Por causa desses custos astronômicos, um grave incidente médico pode acabar com a vida familiar no quesito financeiro. Quando a saúde física declina, o mesmo acontece com a saúde financeira.

As doenças são algo difícil de lidar, algo que nos tira o descanso e o conforto. As experiências confirmam a precisão dessa definição. As doenças perturbam o padrão de vida, roubam-nos o controle e levantam barreiras com outras pessoas. Enviam-nos a instalações médicas caras, onde colocamos nosso destino nas mãos de estranhos. Formam nossa dependência em remédios misteriosos e desconcertantes. Os comerciais americanos desses remédios mostram pessoas felizes e saudáveis, que parecem não ter sequer uma preocupação no mundo. Mas no final do anúncio, o locutor apresenta os efeitos colaterais sinistros em voz baixa e com a velocidade de um leiloeiro de esteroides.

Hospitais não são lugares divertidos. São um conglomerado de agulhas, tubos, monitores, comprimidos, termômetros, botões de alarme e comadres — para não mencionar a total ausência de pudor e privacidade. Durante uma de minhas estadias hospitalares, um amigo enviou-me o poema perfeito que descreve tudo.

*Estava eu aqui sentado cuidando de minha vida,
Deixando minha mente correr solta,
Quando entra uma enfermeira com um sorriso alegre e radiante
Trazendo uma camisola hospitalar com uma abertura atrás.
— Tome banho — disse ela.
— E prepare-se. Depois coloque isso.
O que ela queira dizer com isso
Era uma camisola com uma abertura atrás.
— Eles virão levá-lo para fazer alguns exames — disse ela.*

*Irão me fazer deitar em uma maca
Com nada entre mim e o mundo frio e cruel,
Exceto uma camisola com uma abertura atrás!
Chega apenas até os joelhos na frente.
Nos lados não faltam nada.
Mas, de longe, o maior defeito
É aquela maldita abertura atrás.
Quem desenhou essa peça de roupa
Para o humor tinha grande talento,
Mas não vejo nada de engraçado
Em uma camisola que é aberta atrás.
Ouço-os chegando para me pegar,
As rodas fazendo tique-tique.
Passarei pelos corredores em uma maca
Com uma camisola que tem uma abertura atrás.
Quando eu chegar ao céu, não haverá erro,
Seja meu manto branco, vermelho ou preto,
A única coisa que peço é, por favor!
Deem-me um manto sem abertura atrás.*

Todos nós tememos as doenças, só que uma ou mais acabarão nos apanhando. Talvez você esteja lutando agora contra uma doença. Talvez seja alguém que mora bem perto de você, ou então alguém que lhe é querido esteja lutando desesperadamente para ter saúde. Doenças são predominantes e inevitáveis, mas a maneira como as entendemos faz muita diferença. Não é surpresa que a Bíblia tenha muito a dizer sobre doenças e como as pessoas lidaram com elas.

PROEMINENTES EXEMPLOS BÍBLICOS DE DOENÇAS

Nunca preguei uma série de sermões sobre “personagens bíblicos doentes”, nem soube de pastor conhecido que tenha pregado. Mas seria um material rico para explorar. Por exemplo:

- Paulo e o “espinho na carne”, que pode ter sido uma doença física (2 Co 12.7).

- Jó sentado num monte de cinzas, coberto de chagas (Jó 2.7,8).
- Lázaro, um jovem com uma doença terminal (Jo 11.1-4).
- A mulher com o fluxo de sangue (Mc 5.25-29).
- Naamã e a hanseníase (2 Rs 5.1).
- O rei Davi e a “doença má” que se lhe pegou (Sl 41.8).
- O rei Asa e a doença dos pés (1 Rs 15.23).
- O rei Jeorão e a doença nos intestinos (2 Cr 21.15).
- Os amigos galileus de Jesus com “todas as enfermidades e moléstias” (Mt 4.23).
- Epafrodito, que estava “doente e quase à morte” (Fp 2.25-27).
- Dorcas, que ficou doente, morreu e foi ressuscitada pelo ministério de Pedro (At 9.36-41).

Quando lemos na Bíblia sobre pessoas que sofriam de doenças, reconhecemos as mesmas emoções que sentimos hoje. Um exemplo interessante é Ezequias, rei de Judá. Vejamos, primeiro, sua vida e, depois, exploraremos a maneira como enfrentou a doença. Sua batalha com a doença é contada três vezes: em 2 Reis 20, 2 Crônicas 32 e Isaías 38.

Ezequias foi um dos maiores reis de Judá: “No SENHOR, Deus de Israel, confiou, de maneira que, depois dele, não houve seu semelhante entre todos os reis de Judá, nem entre os que foram antes dele” (2 Rs 18.5).

Ezequias subiu ao trono com a idade de 25 anos e inspirou um período de avivamento religioso que foi incentivado por Isaías, talvez o mais nobre e o mais eloquente dos profetas hebreus. Ezequias abriu as portas do Templo de Jerusalém que há muito estavam fechadas e começou a restaurá-lo. Para o trabalho, encarregou os sacerdotes e levitas: “Ouvi-me, ó levitas! Santificai-vos, agora, e santificai a Casa do SENHOR, Deus de vossos pais, e tirai do santuário a imundícia” (2 Cr 29.5).

Os versículos finais desse grande capítulo descrevem os luxuosos cultos de consagração do templo e a alegria do rei e do povo, que sentiam que Deus estava fazendo grandes coisas entre eles (Ler essa narrativa nos faz desejar um avivamento semelhante hoje). No capítulo 30, ficamos sabendo que a mão de Deus estava sobre a nação, levando o povo à união e à obediência sob o Reino de Deus. Encontramos um resumo brilhante do reinado de Ezequias em 2 Crônicas 31.20,21:

Fez Ezequias [...] o que era bom, e reto, e verdadeiro perante o SENHOR, seu Deus. E em toda obra que começou no serviço da Casa de Deus, e na lei, e nos mandamentos, para buscar a seu Deus, com todo o seu coração o fez e prosperou.

Foi uma época de ouro quanto à fé e prosperidade em Judá, e todas as coisas foram bem por dez a quinze anos. Quando completou 39 anos, Ezequias ficou doente. O profeta Isaías foi a ele e disse: “Assim diz o SENHOR: Põe em ordem a tua casa, porque morrerás e não viverás” (Is 38.1b).

SENTIMENTOS DOLOROSOS POR CAUSA DA DOENÇA

Como você reagiria se ficasse sabendo que sua morte era iminente? Se um homem piedoso como Ezequias “chorou muitíssimo” (Is 38.3), então podemos entender que não é pecado expressar a dor quando formos atingidos por um terrível diagnóstico médico. Ezequias não era apenas um rei piedoso. Ele também era um rei piedoso *humano*. Seres humanos choram diante de más notícias. Conforme formos seguindo o progresso da doença de Ezequias, reuniremos constatações proveitosas sobre a arte de lidar com a saúde debilitada.

A Oração

Então, virou Ezequias o rosto para a parede e orou ao SENHOR. E disse: Ah! SENHOR, lembra-te, peço-te, de que andei diante de ti em verdade e com coração perfeito e fiz o que era reto aos teus olhos. E chorou Ezequias muitíssimo.

– Isaías 38.2,3

Ezequias, horrorizado e profundamente triste, ensopou o leito de enfermidade com suor e lágrimas. Mais tarde, escreveu um livro de memórias da doença, que encontramos em Isaías 38.10-20. Os primeiros versículos da passagem oferecem uma imagem nítida e dolorosa do coração perturbado de Ezequias. Aqui, na paráfrase memorável de Eugene Peterson, estão as reflexões deste rei sobre a notícia de sua morte iminente:

Na aurora da vida, já tenho de partir.
O tempo que me restou, passo na sala de espera da morte.
Já não há vislumbres do Eterno na terra dos vivos,
Não há mais encontros com os vizinhos, não há mais contato com meus amigos.
Este corpo em que vivo foi desarmado, dobrado e guardado como uma tenda.
Como um tecelão, enrolei o tapete de minha vida, visto que Deus me cortou do tear
E, ao final do dia, varreu as sobras e os pedaços.
Grito por ajuda até o amanhecer.
Como um leão, Deus me agride e me fere, sem dó nem piedade.
Grito como um pássaro condenado, passo o dia gemendo como uma pomba.
Meus olhos doem de tanto olhar esperando ajuda: “Senhor, como está difícil! Tira-me desta situação!”.
Mas de que adianta? Foi o próprio Deus que me deu a notícia. Foi ele quem fez isso comigo.
Não consigo dormir, de tão perturbado, de tão agitado.
– Isaías 38.10-15 (MSG)

Em meu livro de memórias da doença, relatei que levei três dias para contar à minha esposa as notícias médicas. No dia seguinte ao meu diagnóstico, estava marcada a visita dela à sua mãe em outra cidade, e decidi não sobrecarregá-la. Claro que eu sabia que ela imediatamente cancelaria a viagem, e para quê? Não havia razão para perturbá-la até que mais exames fossem feitos.

Mantive-me em silêncio. Levei-a de carro ao aeroporto no dia seguinte, vi o avião desaparecer nas nuvens e, de repente, senti as dores da solidão. Era a hora de enfrentar a selva escura de meus pensamentos. Eu ansiava pelo consolo de minha esposa, mas seria uma espera de apenas três dias. Encontramo-nos em outra cidade onde eu estava agendado para pregar, e foi ali que calmamente contei-lhe o que os médicos tinham dito.

Choramos, mas não amargamente. Mesmo em momentos tão difíceis, sabíamos que tínhamos a fé cristã e tínhamos um ao outro. Ficamos abraçados por horas, enquanto o crepúsculo cinza de uma nova manhã

formava-se lá fora.

Durante os meus três dias de meditação solitária, coloquei-me na situação de Ezequias. *Mestre, estou com problemas. Tira-me disso!* Orei como Jesus orou para que o cálice lhe fosse tirado. Mas assim como Ele estabeleceu que seus desejos seriam fazer a vontade do Pai (Lc 22.42), eu sabia o que todos os cristãos sérios sabem: minhas orações entrariam num processo cíclico que terminaria no mesmo destino: *A tua vontade, Senhor, não a minha.*

Não estou comparando minha situação com a do Filho de Deus, claro. Apenas segui seu exemplo para a resolução que eu sabia ser inevitável. A sua vontade, eu sabia, é infinitamente mais sábia do que minha compreensão débil. O ciclo de toda oração angustiada deve passar de nossos desejos humanos frenéticos para a obediência amorosa e confiante.

Lágrimas e orações são reações compreensíveis à doença, quer sejamos os afligidos ou estejamos chorando por uma pessoa amada. Embora não possamos prever a resposta que o Senhor dará, sabemos que as lágrimas e orações de seu povo sofredor sempre o comovem (Sl 56.8).

A Promessa

Então, veio a palavra do SENHOR a Isaías, dizendo: Vai e dize a Ezequias: Assim diz o SENHOR, o Deus de Davi, teu pai: Ouvi a tua oração e vi as tuas lágrimas; eis que acrescentarei aos teus dias quinze anos.

– Isaías 38.4,5

Ezequias recebeu a alegre notícia que ansiava ouvir: Deus o curaria. Mas por que o curaria? Por que curaria o rei e lhe daria mais 15 anos de vida? Em parte, foi porque ele viu as lágrimas de Ezequias e foi movido por compaixão.

Não se esqueça da base da oração de Ezequias na busca de cura: “Ah! SENHOR, lembra-te, peço-te, de que andei diante de ti em verdade e com coração perfeito e fiz o que era reto aos teus olhos” (Is 38.3). Ezequias apresentou seu caso perante Deus: “Tenho sido fiel a ti. Já limpei a terra dos ídolos e restabeleci o culto no Templo. Então, em troca, sê gracioso e cura-me”.

Temos de manter em mente, porém, que não importa quão grande foi o rei Ezequias, Deus não tinha a obrigação de curá-lo. Não podemos ganhar o

favor divino com nossas obras. A cura de Deus diz respeito à sua fidelidade, não à nossa. A cura vem da mesma maneira que a salvação, ou seja, pela graça: “Pelas [...] pisaduras [do Messias], fomos sarados” (Is 53.5). A cura faz parte da natureza divina e, por sua graça, Deus a oferece para aqueles que o temem: “Mas para vós que temeis o meu nome nascerá o sol da justiça e salvação trará debaixo das suas asas” (Ml 4.2).

Encontramos outra razão para a cura de Ezequias em Isaías 38.5. Deus disse ao rei: “Assim diz o SENHOR, o Deus de Davi, teu pai”. Deus fez uma aliança com Davi, dizendo que o trono de Judá sempre iria para um dos descendentes de Davi. A referência a Davi nessa passagem é lembrete de Deus de que Ele é fiel ao que promete. Essa fidelidade foi demonstrada quando, três anos após a cura de Ezequias, seu filho Manassés, que seria o próximo rei, nasceu (2 Cr 33.1).

Depois de Ezequias ser curado, Deus o lembrou mais uma vez da fidelidade divina ao que prometera a Davi. Ele disse que defenderia Jerusalém contra a invasão dos assírios “por amor de mim e por amor do meu servo Davi” (2 Rs 19.34).

As ações de Deus com Ezequias e sua nação eram parte de uma história muito maior do que Ezequias poderia ver. Também dizia respeito à glória de Deus, como sempre ocorre, e à promessa feita há muito tempo para Davi. Deus é sempre bom, gracioso e compassivo.

Por que Deus nos cura? Essencialmente, pelas mesmas razões que curou Ezequias. Primeiro, por causa de sua graça e compaixão e, segundo, por causa de Jesus Cristo, Filho de Davi. Assim como a história de Ezequias, a nossa também faz parte de uma história muito maior que ainda não podemos ver.

A Prescrição

E dissera Isaías: Tomem uma pasta de figos e a ponham como emplasto sobre a chaga; e sarará.

– Isaías 38.21

A doença fatal de Ezequias era resultante de uma chaga que havia em algum lugar do corpo. Presumimos que se infeccionara e eliminara veneno no sistema geral do corpo. Deus deu instruções a Isaías para a cura, as quais

tinham de ser repassadas para os médicos da corte que tratavam do rei.

A prescrição era um cataplasma (ou emplastro) feito de figos esmagados para ser aplicado na chaga. Não é provável que os médicos de hoje pensassem em usar figos farmacêuticos, que seriam considerados como medicina alternativa ou fitoterapia. É mais provável que lancetassem e drenassem a chaga, e então administrassem o antibiótico.

Talvez você tenha ficado matutando por que Deus se preocupou em usar os médicos da corte. Por que não curou Ezequias mediante um simples milagre? Mas Deus tem o costume de usar as pessoas, através dos talentos e recursos que tenham, para realizar seus planos. Fomos criados para ser representantes de Deus, fazendo sua obra na terra (Gn 1.28). Como C. S. Lewis disse: “Parece que Deus não faz nada por Ele mesmo que Ele possa delegar às suas criaturas”.⁶ Deus, claramente, usou os médicos e prescrições no tempo de Ezequias assim como faz hoje.

Em 1994, os médicos trataram meu linfoma com quimioterapia. Quando o linfoma retornou em 1998, recebi um transplante de células-tronco. Essa é a parte científica da história. Porém, nos bastidores, muitas pessoas estavam orando por minha recuperação. Essa é a parte da fé da história.

Isso levanta uma pergunta. Quanto da minha cura deve ser creditada à medicina e quanto à oração? Não podemos saber, mas, na verdade, faz pouca diferença: seja como for, a cura vem de cima. Somos nós que fazemos distinção entre o natural e o sobrenatural. Mas tudo é o Reino de Deus. Sinto-me abençoado em ter ambos disponíveis para mim: amigos orando de joelhos, bem como médicos com mãos hábeis.

Um aspecto positivo das soluções médicas é que elas nos fazem ficar envolvidos. Tornarmo-nos agentes ativos de Deus em nosso processo de cura fortalece a fé, dando-nos esperança. Seguir as recomendações de meus médicos gentis e comprometidos foi um poderoso incentivo para mim. Tenho plena fé de que Deus me levou a esses médicos específicos, e eu agradeço a Deus por eles todos os dias.

Quando enfrentarmos uma doença grave, a primeira coisa que devemos fazer é falar com Deus. Peça orientação a Ele. Depois, sirva-se da melhor assistência médica, como Ezequias fez. Em última análise, nosso Deus é Jeová-Rafá, que é “o SENHOR, que te sara” (Êx 15.26), quer nos cure com um milagre, com remédios ou no mundo vindouro.

O Louvor

O livro de memórias de Ezequias referente à sua experiência com a doença continua em Isaías 38.17-20, onde ele registra um testemunho de louvor ao Deus que o curou:

Eis que, para minha paz, eu estive em grande amargura; tu, porém, tão amorosamente abraçaste a minha alma, que não caiu na cova da corrupção, porque lançaste para trás das tuas costas todos os meus pecados. O SENHOR veio salvar-me; pelo que, tangendo eu meus instrumentos, nós o louvaremos todos os dias de nossa vida na Casa do SENHOR.

– Isaías 38.17,20

Ezequias deu todo o crédito a Deus pelo milagre da cura. Não posso ler seu livro de memórias, sem me lembrar deste salmo:

Bendize, ó minha alma, ao SENHOR, e tudo o que há em mim bendiga o seu santo nome. Bendize, ó minha alma, ao SENHOR, e não te esqueças de nenhum de seus benefícios. É ele que perdoa todas as tuas iniquidades e sara todas as tuas enfermidades.

– Salmos 103.1-3

Essas passagens nos lembram de que após a recuperação de uma doença, nossa primeira ordem do dia deve ser louvar a Deus. Há pessoas que nunca pensam assim. Oram no tempo do perigo e logo se esquecem de Deus quando são curadas. Está percebendo a falta de consistência, ou pior, a falta de gratidão? Se nós oramos pela cura, então por que não damos graças a Deus quando a cura vem?

Será que há doenças que são tão pequenas e insignificantes que não devemos incomodar Deus com isso? Claro que não! É comum as pessoas agradecerem a Deus quando têm uma experiência face a face com a morte, como em uma colisão de trânsito quase fatal, mas pouquíssimos de nós o louvamos depois de sarar de uma gripe ou depois de a dor de cabeça passar. Se nós podemos orar para sermos curados de doenças graves, por que não devemos orar para sermos curados de *todas* as doenças? Nada que nos fere é pequeno demais para a preocupação divina.

De fato, a Bíblia nos ensina a orar não apenas pela saúde, mas também por *tudo* (1 Ts 5.17; Fp 4.6,7). Se orarmos por tudo, não deveríamos também louvar a Deus em tudo (1 Ts 5.18)? É simples assim. Quando podemos orar? O tempo todo. Quando devemos louvar a Deus? Sempre que oramos.

O Problema

Mas não correspondeu Ezequias ao benefício que se lhe fez, porque o seu coração se exaltou; pelo que veio grande indignação sobre ele e sobre Judá e Jerusalém.

– 2 Crônicas 32.25

Infelizmente, a aventura médica de Ezequias tem um epílogo trágico. Depois de tudo o que Deus fez por ele, depois do presente de 15 anos preciosos adicionados ao seu tempo de vida, Ezequias perdeu o favor com Deus. Como isso aconteceu? Sua recuperação milagrosa fez com que ele perdesse a humildade quase-morte. Conforme a intensidade dos problemas abrandava, assim sua paixão por Deus. Ao invés de viver humildemente diante do Senhor, seu coração inchou-se de orgulho. Tornou-se obcecado com as riquezas, olhando não para Deus, mas para os bens.

O orgulho de Ezequias em suas riquezas o levou a cometer o erro político de mostrar seu tesouro e arsenal aos emissários da Babilônia, o império que derrotaria a nação israelita (Is 39). O rei da Babilônia enviou representantes a Ezequias supostamente para fazer uma visita de cortesia por conta de sua convalescença. O motivo verdadeiro, no entanto, era bajular Ezequias para fazerem uma aliança mútua contra um inimigo comum: a Assíria. Não era o que constava nos planos de Deus.

No ímpeto orgulhoso e super confiante de Ezequias, ele não consultou o Senhor a respeito desses desdobramentos, além de confidenciar segredos de Estado aos visitantes: “Coisa nenhuma houve, nem em sua casa, nem em todo o seu domínio, que Ezequias lhes não mostrasse” (Is 39.2). Seus novos “aliados” tomaram nota devidamente.

O coração de Isaías entristeceu-se quando ficou sabendo das ações imprudentes do rei. O profeta predisse o julgamento de Deus sobre a nação (Is 39.3-7), que, mais tarde, veio a acontecer quando os babilônios destruíram Jerusalém e escoltaram os habitantes de Judá para 70 anos de cativo na

Babilônia. Saquearam facilmente o tesouro e o templo, porque sabiam onde todas as riquezas estavam guardadas. Ezequias, que havia abençoado o povo fazendo com que voltassem o coração para Deus, em última análise, falhou com eles tremendamente.

Quando Ezequias morreu, seu filho Manassés tornou-se rei aos 12 anos de idade e inverteu todo o bem que seu pai fizera. Por meio século, Manassés deixou um rastro de sangue, violência, idolatria e até feitiçaria através de seu reinado. Seu pai tinha amorosamente purificado o templo. O filho o profanou com uma imagem esculpida de um deus falso. O resultado da sua má liderança foi invasão militar e o sangue de crianças sacrificadas em altares pagãos. O reino de Judá estava na rampa escorregadia da qual não se recuperaria.

Deus teve suas razões para curar Ezequias, embora soubesse o futuro. Contudo, não podemos deixar de observar que todos ficam em melhor situação quando Deus diz não. A nação pagou um preço exorbitante por esses 15 anos extras da vida de Ezequias. Como o salmista nos lembra, tenha cuidado com o que você pede, pois pode ser que você receba:

Ele satisfaz-lhes o desejo, mas fez definhhar a sua alma.

– Salmos 106.15

O problema é que nossa perspectiva não se estende muito além do nosso nariz, ao passo que a perspectiva de Deus é infinita. Sabemos apenas que está doendo, e queremos que pare. Mas se pudéssemos ver como nossos sofrimentos se encaixam na perspectiva de Deus, perceberíamos que há coisas piores do que nossa atual escuridão. A doença pode ser um dente de engrenagem necessário no plano divino para alcançar um bem. Às vezes, é apenas através da dor que nos tornamos o que Deus quer que sejamos.

Charles H. Spurgeon, em seu estilo irônico, declarou: “Ouso dizer que a maior bênção terrena que Deus pode dar a qualquer um de nós é a saúde, *com exceção da doença*”.⁷

Em vez de prontamente implorar por libertação, podemos mais sabiamente perguntar a Deus o propósito de nossos sofrimentos. *Como posso crescer através desse problema, Senhor?* Nós o agradamos em extremo quando oramos como Jesus: “Todavia, não se faça a minha vontade, mas a tua” (Lc

22.42b).

ENCORAJAMENTOS PRÁTICOS QUANDO ENFRENTAR UMA DOENÇA

Se hoje um Ezequias mais triste, porém mais sábio, pudesse se reunir conosco para uma seção de perguntas e respostas, que conselhos ele daria para lidarmos com as doenças? Deixe-me sugerir cinco possibilidades.

Centralize a Mente

Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação.

– 2 Timóteo 1.7

A imaginação humana é uma força poderosa que cria belas visões de um futuro desejável ou evoca o pior cenário. Esses produtos tenebrosos da imaginação podem colocar-nos sob o domínio do medo, situação em que Deus jamais quis que estivéssemos. Como esse versículo bíblico mostra, o poder que expulsa o medo é uma mente sã — a moderação.

Mantemos uma mente sã “levando cativo todo entendimento à obediência de Cristo” (2 Co 10.5). Paulo escreveu essas palavras quando falsos apóstolos em Corinto estavam espalhando mentiras sobre seu ministério. Quando um entendimento ou pensamento que não é de Deus entra na mente (“estou doente; vou morrer!”), nós o examinamos à luz do “conhecimento de Deus” (10.5). Será que esse pensamento tem base na realidade? Se não, nós o levamos cativo. A mente não pode mais correr solta e afastar nossa imaginação da bondade de Deus e levá-la para o medo doentio.

Quando Isobel Kuhn estava lutando contra o câncer, ela se deu conta de que o verdadeiro inimigo era algo muito profundo para o bisturi do cirurgião tirar. Era algo que estava no mundo invisível da imaginação. Ela escreveu:

Tive de recusar que a imaginação brincasse com meu futuro. Esse futuro, creio, é ordenado por Deus, e ninguém pode adivinhar. Deixar que eu imaginasse como ou quando chegaria o fim era não só inútil como também infinitamente prejudicial. Tive de levar cativos meus pensamentos para que

não desonrassem a Cristo.⁸

O quanto seria diferente a vida se você levasse cativos seus pensamentos a Cristo? Quanto melhor você dormiria à noite? Quanto mais feliz e menos ansioso você seria? Quanto mais alegre os amigos diriam que você está?

Ter uma mente sã e centrada não é tão difícil como você pensa. Se todos os dias lermos a Bíblia de forma profunda, reflexiva e franca, estaremos convidando o Espírito Santo para instilar novas forças em nossos pensamentos. Ele e somente Ele pode domar o poder irresponsável da mente humana. Uma mente centrada na verdade de Deus é a chave para sermos sustentados e não perdermos o ânimo.

Enumere suas Bênçãos

Em tudo dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco.

– 1 Tessalonicenses 5.18

O que você pensaria se abrisse a Bíblia em Efésios 1 e lesse: “Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual, *quando estamos bem e saudáveis*, nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo” (1.3)?

Você provavelmente sabe que as palavras grifadas que inseri no versículo não se encontram em Efésios ou em outro livro da Bíblia. Deus nos tem abençoado com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo. Ponto! Quer nos sintamos fortes ou fracos, tenhamos boa saúde ou dores físicas avassaladoras, somos abençoados. “E todos nós recebemos também da sua plenitude, com graça sobre graça” (Jo 1.16).

Talvez você esteja se perguntando como em meio a doenças debilitantes podemos nos sentir abençoados. Não é tanto questão de apenas nos sentir abençoados, quanto é algo que evocamos da imaginação. É questão de ver as enormes bênçãos que realmente existem. No livro *Gold by Moonlight* (Ouro ao Luar), Amy Carmichael compara viver com dores e doenças a uma caminhada por terreno acidentado. Mesmo em uma paisagem desolada, observa ela, há surpresas jubilantes, como as “flores radiantes das edelvais à espera de serem colhidas entre as pedras ásperas das circunstâncias difíceis”.⁹

Em tempos de doenças, nossas bênçãos tornam-se mais claras, mais ricas e mais significativas. Algo terapêutico acontece no fundo do coração quando enumeramos as bênçãos. Podemos nos alegrar com as orações feitas por amigos, com um bilhete recebido de um ente querido, com o cuidado compassivo prestado por uma enfermeira conscienciosa, com o sorriso dado por um médico, com a estrofe de um hino que nos vem à mente, com um vizinho que corta a grama, com um versículo bíblico que aparece na hora certa, com uma receita médica que diminui a dor, com um feixe de luz solar que entra pela janela do quarto, com o desenho intrincado de uma flor em um vaso ou com a inocência e alegria de um neto que nos visita. Nas doenças, nosso foco se aguça e nossa percepção das coisas verdadeiramente se estreita e exclui os valores periféricos que nos atravancam a vida, quando a boa saúde nos mantém muito ocupados para apreciar as bênçãos simples, que são as melhores.

Treinar-nos para identificar essas “flores no deserto” é o segredo para aprendermos a ter grande alegria (Tg 1.2). Pode não ser fácil, mas é essencial para a saúde espiritual e atitudinal. Liberta-nos da tirania de estarmos limitados a uma constituição física em deterioração. É libertador perceber que as doenças não definem quem somos, pois somos mais do que nossas dores e sofrimentos.

As doenças também nos levam a mudar o foco de outra forma: do terreno para o celeste. Essa é a mudança vital que desempenha papel importante em nossa eventual cura.

O Dr. Ed Dobson era pastor titular da Igreja do Calvário em Grand Rapids, Michigan, quando foi diagnosticado com esclerose lateral amiotrófica (ELA), doença degenerativa e terminal. Durante anos, esforçou-se para manter seu ministério pastoral com o apoio fervoroso da igreja. Quando tornou-se óbvio que não dava mais para continuar, saiu da função pastoral com grande relutância.

Mas nada podia impedir Ed de continuar a bendizer o Senhor em todas as coisas e desenvolver as disciplinas do louvor e adoração pessoal. Ed e seu filho mais velho já tinham feito um curso de judaísmo em uma sinagoga local, onde aprenderam a bênção judaica tradicional que começa assim: “Bendito és tu Deus, nosso Deus, Rei do Universo”. Dobson escreveu:

No meio de minha doença, comecei bendizendo a Deus por todos os dons

da vida. Uso essa fórmula oficial (aprendi a dizê-la em hebraico), e bendigo a Deus por cada dia. Bendigo a Deus pela capacidade de tomar banho e vestir-me. Bendigo a Deus pela capacidade de apertar teclas. Bendigo a Deus pela capacidade de levar os alimentos à boca, embora já não possa fazê-lo com a mão direita. Bendigo a Deus por tudo o que posso fazer e por toda dádiva que dEle vem.¹⁰

Enquanto escrevo, Ed Dobson continua a mostrar aos cristãos como enumerar as bênçãos, citando-as nome por nome. Sempre é boa a matemática espiritual. Se pedirmos a Deus um coração calmo e agradecido, que vê todas as bênçãos dadas por sua graça, Ele pode nos ensinar muitas lições na doença que nunca seriam aprendidas na saúde. Como diz o velho pregador puritano Thomas Watson: “O leito da enfermidade muitas vezes ensina mais do que um sermão”.¹¹

A Bíblia não diz que temos de ser gratos *por* todas coisas, como a dor e o desconforto das doenças. Mas diz que temos de dar graças *em* todas as coisas, inclusive as doenças: “Em tudo dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco” (1 Ts 5.18). Seja grato, pois até a sua doença lhe dá a oportunidade de glorificar a Deus.

Continue a Obra

Somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas.
– Efésios 2.10

Muitos cristãos sabem que Deus os salvou pela graça mediante a fé, mas nem todos sabem *por que* Deus os salvou: “Para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas” (Ef 2.10). E como Jerry West, grande astro da NBA e membro do *Hall* da Fama, disse: “Você não faz muita coisa na vida se você só trabalha nos dias em que se sente bem”.

Enquanto estivermos na terra, há obra a fazer. Mesmo que não possamos andar fisicamente, podemos andar no Espírito. No leito de morte, o profeta Eliseu continuou a aconselhar Jeoás, rei de Israel (2 Rs 13.14-19). A história está cheia de exemplos de santos que serviram a Deus, enquanto o corpo e a respiração permitiam.

Enquanto lutava contra o câncer, Isobel Kuhn descobriu que ficar ocupada era um bom remédio para ela. Embora em grande parte confinada à cama, elaborou uma programação diária que se adequava aos limites de sua força. Ela trabalhava no seu livro, envolvia-se no ministério da oração, lia, estudava e alegrava-se com as cartas e cartões que recebia de todo o mundo.

Quando não tinha forças sequer para essas atividades, ela escreveu: “Saúde boa e vida normal não posso ter enquanto estiver nesta plataforma. Portanto, aceito o fato e não me preocupo com isso”.¹²

Isobel Kuhn faleceu em 20 de março de 1957, cheio de fé e alegria. “Enfrentar o fim da peregrinação terrena não é uma coisa melancólica para o cristão”, escreveu ela. “É como a preparação para a viagem mais emocionante de todas. [...] E assim a plataforma de uma doença terrível torna-se nada mais que um trampolim para o céu.”¹³

O inglês John Pounds (1766-1839) é outro exemplo de alguém que enfrentou a doença com fidelidade. John era um adolescente alto e musculoso, que trabalhava no cais de Portsmouth, quando caiu do topo do mastro de um navio.

Quando os trabalhadores chegaram até ele, ele não passava de uma massa de ossos quebrados. Por dois anos, ficou deitado na cama para que os ossos fossem curados tortuosamente. A dor não cessava nunca. Por tédio, começou a ler a Bíblia.

Por fim, John arrastou-se e saiu da cama, na esperança de achar algo que pudesse fazer com a vida. Um sapateiro o contratou e, dia após dia, John sentava-se à bancada de sapateiro com a Bíblia aberta no colo. Logo nasceu de novo por meio da fé em Cristo. John juntou dinheiro suficiente para comprar uma pequena sapataria, onde desenvolveu botas ortopédicas para seu sobrinho aleijado. Logo estava fazendo sapatos corretivos para outras crianças, e sua loja de calçados tornou-se um hospital infantil em miniatura.

Conforme o encargo de John por crianças aumentava, ele começou a alimentar crianças de rua, ensiná-las a ler e contar-lhes sobre o Senhor Jesus. Sua loja ficou conhecida como “a escola para crianças pobres”. John muitas vezes andava mancando pela zona portuária com comida nos bolsos, à procura de mais crianças para cuidar. John Pounds resgatou 500

crianças do desespero e levou cada uma delas a Cristo. Seu trabalho tornou-se tão famoso que um movimento de escolas para crianças pobres tomou conta da Inglaterra. Em honra de John, o Parlamento aprovou uma série de leis para estabelecer escolas para crianças pobres — lares de meninos, lares de meninas, escolas diurnas e escolas noturnas. Todos esses estabelecimentos tinham aulas sobre a Bíblia, nas quais milhares de crianças ouviram o Evangelho.

John sofreu um colapso e morreu no dia do ano-novo de 1839, enquanto atendia o pé ulcerado de um menino. Foi enterrado no cemitério de uma igreja em High Street. Toda a Inglaterra chorou e, na igreja, foi colocada uma placa que diz: “Tu serás abençoado, pois elas não podem te recompensar”.¹⁴

O que John Pounds teria se tornado se não tivesse se ferido gravemente? Não sabemos. Porém sabemos o que ele se tornou, apesar das sequelas permanentes ou talvez por causa delas. Esse é um lembrete inspirador que mostra que nossas aflições e limitações não significam que Deus não tem mais nada para fazer conosco. Quanto mais fraco nos tornamos, mais a graça de Deus é multiplicada (2 Co 12.9). Passar por uma fase difícil nos prepara para outro serviço. Também contribui para que simpatizemos e ministremos a pessoas que, do contrário, nunca teriam cruzado nosso caminho.

Gostaríamos de descartar o sofrimento como algo vil, mas Deus não desperdiça nada. Em suas mãos, o sofrimento torna-se o meio para os milagres. Ele abrirá novas portas de testemunho, e seu poder brilhará através de nossas fraquezas.

Reivindique as Promessas

[Disse Jesus:] Esta enfermidade não é para morte, mas para glória de Deus, para que o Filho de Deus seja glorificado por ela.

– João 11.4

Afirmar anteriormente que a cura tem um duplo propósito: o nosso bem e a glória de Deus. Jesus deu um passo além quando disse que mesmo a morte pode glorificar a Deus.

Talvez a maior verdade de toda a Bíblia no que se refere às doenças entre

os cristãos venha das palavras de Jesus registradas em João 11.4. Seu amigo Lázaro estava doente e veio a falecer. Quando Jesus chegou, já fazia quatro dias que seu amigo estava no túmulo. Mas Jesus não disse que a doença de Lázaro não *incluiria* a morte. Ele disse que não *terminaria* em morte. Ofereceria oportunidade para que Deus fosse glorificado.

Por causa da ressurreição de Jesus Cristo, temos de reivindicar a promessa de que, apesar de nossas doenças incluírem a morte, não terminarão em morte. Nós ressuscitaremos. Armados com essa verdade, vemos como Deus pode glorificar a si mesmo até através das doenças. Quando somos confrontados com doenças potencialmente mortais, o medo pode ser substituído pela determinação de glorificar a Ele “que faz todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade” (Ef 1.11).

Considere o Futuro

Para mim tenho por certo que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada.

— Romanos 8.18

Suponha que você tenha ganhado uma viagem ao redor do mundo para você e um ente querido. A viagem inclui acomodações de primeira classe em hotéis cinco estrelas, aviões particulares, presentes caros e passeios pessoais (está vendo como a imaginação é forte?). Mas suponha que, quando você abriu o envelope com as passagens, o papel fez um corte na ponta do seu dedo. Você diz para a pessoa que lhe acompanhará na viagem:

— Ai! Cortei o dedo!

Você faz uma careta por meio segundo antes de sorrir de orelha a orelha e dizer:

— Mas e daí? Estamos prestes a fazer uma viagem única na vida!

Eu não diria nada para trivializar as doenças. Conheço em primeira mão os tormentos que elas causam. Mas de acordo com Paulo e da perspectiva do nosso Deus eterno, os sofrimentos do mundo presente são menos do que um corte superficial na ponta do dedo em relação à glória ainda a ser revelada em nós.

Embora Cristo tenha vencido o pecado e a morte, os efeitos de ambos permanecem. Mas apenas temporariamente. As doenças têm de ser aceitas,

mas apenas por agora — e sempre com o conhecimento de que sua mestra, a morte, não tem poder sobre nós. Se esta vida fosse tudo o que tivéssemos, então o câncer e todas as doenças mortais seriam realmente trágicas. Mas tendo em vista que as portas da prisão da morte foram destruídas, a morte já não pode nos manter em cativeiro. É por isso que Paulo diz: “Para mim o viver é Cristo, e o morrer é ganho” (Fp 1.21). Aguardamos ansiosamente o nosso novo corpo ressuscitado, perfeito e livre de todos os defeitos. Como Paulo explica, Jesus Cristo “transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso, segundo o seu eficaz poder de sujeitar também a si todas as coisas” (Fp 3.21).

Seria bom ser curado aqui e agora, como Lázaro e Ezequias foram. Mas se não formos, seremos curados mais tarde. Cada um de nós que pertence a Jesus Cristo tem um cupom Lázaro. O que Jesus fez por ele, Deus fará por nós. A grande diferença é que nossa vida restaurada estará eternamente livre de doenças: “Deus limpará de [nossos] olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas” (Ap 21.4, inserção minha).

O Dr. Jonathan Thigpen, ex-presidente da Associação Evangélica de Treinamento, tinha 45 anos de idade quando começou a sentir alguns transtornos musculares. O diagnóstico foi o mesmo de Ed Dobson: esclerose lateral amiotrófica (ELA). Esta doença é debilitante e terminal. Não tem causa ou cura conhecida.

Thigpen descreve o medo arrepiante que sentiu depois de saber do diagnóstico: “Lembro-me de sair andando do consultório médico em Carol Stream, Illinois, e no fundo da boca do estômago, havia um sentimento de medo avassalador. [...] Parecia que eu estava sendo abraçado por algo tão escuro e tão horrível que não consigo descrever”.¹⁵

Então, uma voz antiga e familiar ecoou em sua memória. Era a voz de seu pai, Charles Thigpen, lendo as palavras do Salmo 46:

Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente na angústia. Pelo que não temeremos, ainda que a terra se mude, e ainda que os montes se transportem para o meio dos mares. Ainda que as águas rujam e se perturbem, ainda que os montes se abalem pela sua braveza.

— Salmos 46.1-3

Muitas vezes, Jonathan acompanhou seu pai quando visitava pacientes no hospital e lia essas palavras calmantes e poderosas. Agora sua alma é que foi acalmada. Quando chegou ao carro, as nuvens escuras que lhe ofuscavam o espírito começaram a dissipar-se. Deus ainda estava no controle, e Jonathan sabia disso com certeza. Mesmo não tendo respostas, ele sabia que o “medo não permanece diante de uma fé em um Deus que não muda. Meu medo tinha ido embora”.¹⁶

Jonathan tomou posse do Salmo 46 assim como muitos de nós fazemos com certas passagens bíblicas que possuem notável poder exatamente quando precisamos. Nos meses que se seguiram, o espírito de Jonathan permaneceu animado, porém seu corpo estava cada vez mais fraco enquanto viajava pelos Estados Unidos para compartilhar essas palavras sobre seu refúgio e fortaleza, a ajuda que encontrara muito presente em seu tempo de angústia. Mais uma vez, Cristo reivindicou a vitória em face do que parecia um infortúnio sem sentido.

Certo pregador puritano escreveu: “A doença, quando santificada, ensina-nos quatro coisas: a vaidade do mundo, a vileza do pecado, a impotência do homem e a preciosidade de Cristo”.¹⁷ Eu diria que a última dessas quatro coisas domina a vacuidade das outras. Se o céu é o que nos espera, do que estamos nos queixando?

Pensemos no melhor: temos um grande Médico que ressuscitou seu Filho, deixando para trás um túmulo vazio. Temos uma casa celestial com portas abertas amplamente acolhedoras. Temos um Salvador simpatizante que nunca concede o espírito de medo, mas, sim, o espírito de fortaleza, amor e moderação. Entender isso é desfrutar de saúde espiritual que vence os dias mais sombrios que a doença possa causar.

CAPÍTULO 3

DÍVIDAS:

O Medo do Colapso Financeiro

Temei ao Senhor, vós os seus santos, pois não têm falta alguma aqueles que o temem.

SALMOS 34.9

Ethelda Lopez estava pronta para sair e aproveitar os dias maravilhosos de sua vida na terra. Ela trabalhara desde jovem e planejara bem a aposentadoria. Agora, quando o cheque da pensão chegava todo mês, ela sentia a agradável sensação de segurança.

Então, um mês, o cheque não veio.

Tinha de ser um engano. Depois de Ethelda ter feito alguns telefonemas, o desconforto aumentou. Uma firma de contabilidade de Sacramento administrara seus investimentos, mas ela não conseguia entrar em contato com a empresa. Toda vez que telefonava, ela ouvia a gravação repetida: “Este número mudou. Consulte a lista telefônica”.

Ethelda trabalhara por três décadas para a companhia de telecomunicações AT&T. Seus investimentos tinham sido de sólida confiabilidade. Ela pagara o plano de aposentadoria todos os anos, e agora estava sem recebimentos e lançada à deriva como um barco longe das amarras. Seu pior cenário era iminente: ela não podia fazer o pagamento da hipoteca.

Ethelda fez mais telefonemas para empresas de hipoteca, para seus

representantes políticos, para os gerentes de banco, enfim, para qualquer pessoa que aclarasse essa loucura. Mas foi tudo em vão. O seu dinheiro se fora. Fora perdido, desviado, roubado. Que diferença fazia saber como havia acontecido tudo? De um momento para o outro e inesperadamente, ela estava pobre. Ethelda chorou todas as noites até dormir.

Seus piores temores se concretizaram no dia em que ela estava no gramado do tribunal do condado e viu quando a casa dos seus sonhos foi leiloada para estranhos. Alguém quis saber por que ela estava chorando. Será que ela precisava de ajuda? Ah, precisava, sim. Mas quando tentou explicar que era a casa dela que acabara de ser leiloada, nada saiu senão gemidos ininteligíveis.

A história de Ethelda é trágica, mas dificilmente a única. Em 2006, leilões semelhantes estavam ocorrendo em todos os Estados Unidos enquanto os bancos retomavam casas a um ritmo alarmante. Em todos os lugares, as famílias estavam embalando seus bens em estado de choque.

No condado de Ethelda, uma em cada sete casas era objeto de execução hipotecária. E o pesadelo continua. Hoje, cerca de um milhão e meio de casas nos Estados Unidos está em execução hipotecária, e outros 10,9 milhões estão “na miséria”.¹ Muitos proprietários de casas, na tentativa desesperada de evitar o desastre, estão esgotando rapidamente suas reservas de caixa.

Nossas casas são nossos santuários, os lugares onde nos retiramos, descansamos e refazemos as forças. Se até esse espaço estiver à disposição de qualquer um, que certezas restarão no mundo? A ideia de perder uma casa nos atinge, como dizem, bem onde vivemos.

A perda é parte inevitável da vida. Nada que é visível é duradouro, e uma das primeiras realidades cruéis que enfrentamos na vida é o momento em que nos conscientizamos dessa verdade. Perdemos um amigo, ou perdemos o emprego, ou perdemos nossos bens, porém a vida continua.

Quanto maior a perda, mais profunda a dor. O colapso financeiro é a grande perda que tem causado incomensurável tristeza e sofrimento em inúmeras e inconsoláveis famílias nos últimos anos. Mesmo que o atual colapso econômico tenha poupado você, você sabe que pode acontecer. Você sabe que este mundo não contém habitações permanentes.

Em certo sentido muito real, somos todos nômades, peregrinos com destino a um mundo eterno que estão apenas de passagem por este mundo físico. Este mundo não é nossa casa, e quando o deixarmos, as posses que houver serão

propriedades de outros. A impermanência do mundo e de tudo o que nele há são boas notícias para nós que temos fé em Deus. Significa que mudaremos para coisas melhores.

Mas há pessoas que vivem apenas para o aqui e o agora, como exemplificado na história narrada por Jesus acerca do proprietário próspero, porém ignorante. Esse homem colocou a fé nas posses e, então, certa noite, ouviu a voz de Deus: “Louco, esta noite te pedirão a tua alma, e o que tens preparado para quem será?” (Lc 12.20).

O erro está em pensar que casas, propriedades e posses são tudo o que temos. Na realidade, são as coisas menos importantes e mais superficiais que temos. As coisas materiais nos deslumbram por causa de sua única vantagem: são tangíveis. Podem ser vistas, tocadas e seguras. Por outro lado, a fé, a esperança e o fruto do Espírito não podem ser escolhidos, examinados, comprados, vendidos, fotografados, filmados. Quando permitimos que as coisas tangíveis, porém transitórias bloqueiem nossa percepção das coisas invisíveis, porém imperecíveis, perdemos a perspectiva sobre o valor verdadeiro.

Henry David Thoreau, o filósofo iluminista, entendeu esse princípio. Em *Walden ou A Vida nos Bosques*, ele observou que as pessoas em seu vilarejo passavam a vida acumulando objetos que precisavam de espanadas constantes. Elas gostavam muito dessas coisas e até construía a vida em torno delas. Quando morriam, os homens reuniam todas as coisas do falecido, levavam-nas de carroça até a praça da cidade e leiloavam-nas para outras pessoas que passariam a vida espanando-as.²

Não estou negando o valor das coisas tangíveis. Tudo o que Deus criou é bom, inclusive o mundo material (Gn 1.31). Minha esposa e eu temos uma casa cheia de bens, os quais valorizamos em diferentes níveis. Fotos e relíquias de família, por exemplo, significam mais do que mobílias ou automóveis. Gostamos de nossas coisas, mas nunca esquecemos que são coisas. Mesmo assim, não tenho vontade de ver tudo ser levado de carroça até a praça da cidade. Eu também ficaria extremamente triste se perdesse minha casa. Porém, sei que coisas assim podem acontecer e acontecem.

A pergunta que surge é: Quando perdemos nossas casas, nossos bens, nossas contas bancárias, nossos investimentos, e o conceito de segurança financeira acaba, para onde nos voltamos? Será que Deus tem algo a dizer

que nos console?

Não há perguntas mais retóricas do que essas, não é mesmo? *É claro* que a Bíblia tem palavras de consolo. O livro de Salmos, nosso livro-base para o consolo, oferece um destino exclusivo para todas as questões emocionais e significativas da vida.

Um de meus favoritos, o Salmo 37, fala-nos ao coração quando o medo das calamidades está nos perseguindo. Davi escreveu esse salmo quando, já idoso, refletia sobre as grandes questões da vida. Aqui, ele divide a humanidade em dois grupos gerais: os justos e os ímpios. Como muitos de nós que vimos tantas pessoas boas perderem os bens nas recentes recessões econômicas, Davi também viu coisas ruins acontecerem a pessoas boas e também viu coisas boas acontecerem a pessoas ruins. Ele quer saber o porquê. Não está Deus em ação, recompensando as pessoas boas e punindo as pessoas más? Davi pensa, considera todas as evidências e chega a esta conclusão:

Fui moço e agora sou velho; mas nunca vi desamparado o justo, nem a sua descendência a mendigar o pão.
– Salmos 37.25

Quando Davi escreveu essas palavras, ele estava bem ciente de que pessoas ruins estavam fazendo negócios sujos e oprimindo pessoas boas e tementes a Deus. No início do salmo, ele trata desse abuso, usando a palavra *ímpio* 13 vezes. Aqui está um exemplo:

Os ímpios puxaram da espada e entesaram o arco, para derribarem o pobre e necessitado e para matarem os de reto caminho.
– Salmos 37.14

O termo *ímpio* refere-se às condições morais negativas de culpa, impiedade e mal. É uma das palavras de pouco uso atualmente. É usada em textos antigos, poéticos e infantis, apesar de sabermos que a verdadeira impiedade abunda em tudo o que nos rodeia.

Como devemos reagir quando os justos perdem os bens para os que prosperam por meios ilícitos? Precisamos de respostas, e a Bíblia diz que, em última análise, é uma questão de confiança. Não confiamos em Deus para

resolver as injustiças gritantes? Não confiamos nele mais do que em nossas finanças e bens?

Vamos examinar o Salmo 37 e descobrir sete princípios sólidos que aumentarão nossa confiança em Deus e que nos deixarão firmes nesses dias de instabilidade.

DECIDA CONFIAR NO SENHOR

Confia no SENHOR.

– Salmos 37.3

Um dos temas desse salmo é o princípio da confiança. Davi usa o verbo *confiar* três vezes: no versículo 3, citado acima, e nas duas seguintes referências:

Entrega o teu caminho ao SENHOR; confia nele, e ele tudo fará.

– Salmos 37.5

E o SENHOR os ajudará e os livrará; ele os livrará dos ímpios e os salvará, porquanto confiam nele.

– Salmos 37.40

Encontramos a verdadeira estabilidade neste mundo instável somente quando confiamos em Deus. Confiar é estar confiante; é possuir a forte sensação de segurança. Quando confiamos, colocamos a confiança em alguém ou algo. Confiar não é uma emoção que surge no coração como a raiva, o ciúme ou a tristeza. Sempre tem uma escolha baseada na razão. Usamos evidências e discernimento para concluir que *esse homem* ou *aquele banco* ou *esse investimento* são “confiáveis”. Deus nos dá a fé para agir, mas primeiro nos dá uma escolha a fazer.

Para ilustrar o processo, demos uma olhada no mercado de ações, que se baseia em escolhas de confiança de alto nível. Se você não confiar em uma empresa, não comprará suas ações. O preço das ações representa o índice de confiança geral que as pessoas têm em determinada empresa. As pessoas sábias investigam para determinar se há base para a confiança e, depois, dependem de Deus para guiá-las nas decisões. Tendo colocado a confiança

em Deus, elas não precisam viver com medo da perda. Mesmo que a perda material ocorra, Deus promete atender às necessidades de seus filhos, e a Bíblia está cheia de repetições dessa promessa.

Por exemplo, o Salmo 23 diz que o Senhor é o nosso pastor, de modo que nada nos faltará. Jesus destacou os pássaros e as flores e observou que, se Deus os alimenta e veste, não fará Ele o mesmo por seus filhos (Mt 6.25-33)? No Salmo 37, Davi diz que, em sua longa vida, ele nunca viu Deus deixar de atender os necessitados (37.25). Sua experiência demonstrou que Deus é digno de confiança. Ele dará a solução.

Paulo diz o mesmo: “O meu Deus, segundo as suas riquezas, suprirá todas as vossas necessidades em glória, por Cristo Jesus” (Fp 4.19). Em 2 Coríntios 9.8, o Senhor promete que Ele “é poderoso para tornar abundante em vós toda graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, toda suficiência, superabundeis em toda boa obra”.

É fácil dizer que cremos nessas promessas, mas quando a ansiedade financeira se intensifica como uma tempestade que se aproxima, somos forçados a confrontar nosso nível de fé. Será que cremos mesmo que Deus está no controle? A vida fácil não contribui nada para a fé. Quando o clima está bom, deixamo-nos levar pela ilusão do conformismo. Pensamos que temos tudo calculado e sob controle.

O recente colapso financeiro destruiu essa ilusão para muitos. As pessoas viram-se cair de joelhos e dizer: “Senhor Deus, não tenho mais a quem recorrer. Poderia me ajudar?”.

Pode Deus ajudar? É outra pergunta obviamente retórica, não é? Ele ajuda oferecendo a única estabilidade possível em nossa vida.

Os líderes cristãos que frequentavam uma convenção da Associação Cristã de Moços (YMCA) em Carlisle, Pensilvânia, em 1873, testemunharam, em primeira mão, como Deus fornece estabilidade quando o mundo financeiro está em colapso. Presidindo a convenção, estava John Wanamaker, o famoso varejista conhecido hoje como o pai da propaganda moderna. No segundo dia da conferência, um telegrama chegou com notícias terríveis. A instituição bancária de Jay Cooke & Company tinha falido, resultando em perdas maciças para Wanamaker e outros na convenção.

Quando as notícias da falência de outras firmas espalharam-se pelo auditório, tornou-se evidente de que se tratava de um colapso financeiro a nível nacional. Uma onda de pânico tomou conta da convenção, tornando

difícil continuar.

Erastus Johnson, um dos delegados, encontrou casualmente um versículo bíblico reconfortante:

Desde o fim da terra clamo a ti, por estar abatido o meu coração. Leva-me para a rocha que é mais alta do que eu.

– Salmos 61.2

Com base nesse versículo, Johnson escreveu um hino que foi imediatamente musicado na convenção e cantado repetidamente. Tornou-se um hino favorito naqueles dias, e as palavras ainda são aplicáveis hoje:

*Às vezes, as sombras são intensas,
E acidentado é o caminho para o alvo,
E as tristezas, por vezes, como assolam
Como tempestades em minha alma.
Então, para a Rocha deixe-me fugir
Para a Rocha que é maior do que eu.*

Temos vivido por muito tempo num mundo em que “nada é maior do que eu”. Colocamo-nos acima de tudo e de todos, e onde temos chegado? Em um mundo tão despedaçado como Humpty Dumpty e tão impossível de juntá-lo de novo.¹ A única grande perda de que precisamos é a perda da ilusão de que somos autossuficientes. Precisamos da Rocha que é maior do que nós, maior do que este mundo. Precisamos da Rocha sobre a qual podemos tomar posição, mesmo com os bolsos vazios, mesmo sem propriedade ou crédito, mesmo sem um pinga de esperança terrena, porque, no final de nossa vã esperança, está o início do conhecimento de Deus e de sua graça.

Outro grande hino diz: “Em Cristo, a Rocha firme, estou / Todos os outros terrenos são areia movediça”. Quando a areia movediça das economias financeiras e planos de aposentadoria destrói nosso castelo de areia, nada, a não ser a confiança em Deus, proporciona firmeza.

Confiar em Deus não fará a dor cessar. Significa que sabemos que Ele fornecerá o que realmente precisamos. Em Cristo, nossa esperança é alta, sólida e intocável. Nele, temos uma casa que ofusca o sol, uma herança que

jamais perece e tesouros que nunca podem nos ser tirados. A escritura de nossa casa celestial foi assinada e selada com o sangue de Cristo. O contrato foi ratificado pela ressurreição, e ninguém jamais extinguirá nosso direito de propriedade.

FAÇA COISAS QUE HONREM O SENHOR

Confia no SENHOR e faze o bem.

– Salmos 37.3

Nessa passagem, Davi diz que respondemos a Deus primeiramente confiando e, depois, fazendo o bem — ou seja, confiança e obediência. A confiança é um ato da mente, ao passo que a obediência é um ato das mãos e pés. Assim que firmamos a mente na sabedoria de Deus, ficamos ocupados fazendo as coisas que Ele quer que façamos. É simples, porém fortalecedor: “Confia no SENHOR e faze o bem”.

Examinemos primeiro o passo da confiança, o passo de “pensar corretamente”. O conselho de Paulo a Timóteo, seu protegido, capta bem a ideia: “Mas é grande ganho a piedade com contentamento. Porque nada trouxemos para este mundo e manifesto é que nada podemos levar dele. Tendo, porém, sustento e com que nos cobrirmos, estejamos com isso contentes” (1 Tm 6.6-8).

A piedade com contentamento é a mentalidade para pensar corretamente. É o pináculo da sabedoria na vida cristã. Não almeje mais do que você precisa. Demonstre confiança em Deus estando contente com o que você tem. É por isso que Paulo podia ser despojado de tudo o que possuía e ser atirado na prisão e, mesmo assim, manifestar alegria incrível.

O mundo está cheio de pessoas ricas e miseráveis que têm tudo, exceto o contentamento. Para elas, o dinheiro é um deus vazio que nunca enche de paz o vazio da alma. Para quem tem dinheiro, Paulo indica o caminho para o pensamento correto: “Manda aos ricos deste mundo que não sejam altivos, nem ponham a esperança na incerteza das riquezas, mas em Deus, que abundantemente nos dá todas as coisas para delas gozarmos; que façam o bem, enriqueçam em boas obras, repartam de boa mente e sejam comunicáveis; que entesourem para si mesmos um bom fundamento para o futuro, para que possam alcançar a vida eterna” (1 Tm 6.17-19).

Paulo enfatiza a ideia de pensar corretamente (confiança) e, depois, de agir corretamente (obediência). Pensar corretamente significa confiar em um Deus inabalável, e não em riquezas que não podemos levar conosco. Agir corretamente significa fazer o bem, o que cria uma economia celestial de riquezas à nossa espera.

Esses discernimentos ecoam ao longo da Bíblia e estão resumidos na reafirmação que Paulo fez da famosa observação de Jó: “Porque nada trouxemos para este mundo e manifesto é que nada podemos levar dele” (1 Tm 6.7). Alguém observou que a vida é como o Banco Imobiliário, um jogo de tabuleiro. Fazemos a volta algumas vezes. Coletamos dinheiro de papel e casas. E, mais cedo ou mais tarde, tudo volta para a caixa.

O que ouvimos sobre as riquezas é verdade: não podemos levá-las conosco, mas podemos enviá-las à frente. Jesus disse que podemos colocar tesouros no céu. Significa que podemos viver agora de forma a ganhar uma espécie de juros para a próxima vida. Sempre que servimos a um ser humano, estamos ganhando esse tipo de capital espiritual. Jesus disse que até mesmo dar um copo de água fria a alguém em necessidade é recompensado no céu (Mt 10.42). Disse também que, quando acumulamos “tesouros no céu”, as traças não os comem e os ladrões não os roubam (Mt 6.19,20).

O grande líder cristão John Wesley viveu numa época de distúrbios financeiros, o que o fez levar as palavras de Jesus muito a sério. A Revolução Industrial estava causando um movimento maciço em direção às cidades. Propriedades rurais foram perdidas, economias de pequenas cidades ruíram, e epidemias de crimes e doenças infestaram as cidades. Os ricos ficaram mais ricos, e os pobres aumentaram de número.

Wesley viu as multidões de pessoas sofredoras como Jesus as veria, projetando ministérios para cuidar delas. Seu ministério tornou-se um sucesso financeiro, e seu salário anual aumentou ao equivalente atual de 160 mil dólares. Wesley calculou a pequena quantia de dinheiro de que ele realmente precisava e deu o resto. Considerou como investir nas coisas de Deus, nas coisas que nunca perecem. Wesley disse: “Se [quando eu morrer,] eu deixar dez libras, [...] você e toda a humanidade [podem] testemunhar contra mim, que vivi e morri como ladrão e salteador”.³

De maneira nenhuma, John Wesley era contra a ideia de riquezas. Seu problema era com a ideia de “ajuntar tesouros na terra”, tendo em vista que as

riquezas podem ser uma ferramenta tão maravilhosa para o ministério. Certa vez, ele pregou um sermão no qual propôs a melhor atitude que podemos ter para com as riquezas: “Ganhe tudo o que puder, economize tudo o que puder, dê tudo o que puder”.⁴

Quando fazemos as coisas que honram o Senhor, estamos investindo na eternidade.

DESCANSE NA FIDELIDADE DO SENHOR

Habitarás na terra e, verdadeiramente, serás alimentado.

– Salmos 37.3

A tua misericórdia, Senhor, está nos céus, e a tua fidelidade chega até às mais excelsas nuvens.

– Salmos 36.5

Esses versículos chamam a atenção para a fidelidade do Senhor. Porém, demos uma espiada no último versículo do Salmo 37 para saber o resultado da fidelidade de Deus:

O Senhor os ajudará e os livrará; ele os livrará dos ímpios e os salvará, porquanto confiam nele.

– Salmos 37.40

Confiar nEle é responder com fé à sua fidelidade. Davi sabia por experiência que Deus recompensa a fé com bênçãos. Quando jovem, Davi fora ungido como o próximo rei de Israel. Sendo assim, ele passou anos vivendo nas florestas e cavernas, enquanto o monarca reinante o caçava. Davi teve de fazer mais do que concordar com a ideia da fidelidade de Deus. Ele teve de arriscar a vida. A vida foi dura durante esses longos e perigosos anos. Mas com o tempo, Saul morreu, Davi tornou-se rei e atestou o fato de que o Senhor cumpre o que promete.

Timothy George, reitor da Escola de Teologia Beeson, lembra a história contada pelo Dr. Gardner Taylor, um de seus professores, que já havia pregado em Louisiana. Fora atribuída a ele uma igreja pobre e rural com um santuário iluminado por uma única lâmpada pendurada no teto. Certa noite, ele pregava o evangelho com entusiasmo quando, de repente, a energia

acabou. Taylor não fazia ideia de qual protocolo seguir. Então, andou esbarrando no escuro, até que um ancião gritou:

— Continue a pregar, irmão! Nós ainda podemos ver Jesus no escuro!

Às vezes, conclui George, vemos Jesus *melhor* no escuro. “E as Boas-Novas do evangelho é que, quer o vejamos ou não no escuro, Ele pode nos ver no escuro.”⁵

DELEITE-SE NO SENHOR

Deleita-te também no SENHOR, e ele te concederá o que deseja o teu coração.

– Salmos 37.4

Mesmo quando nossas circunstâncias não nos são nada deleitáveis, temos deleite no Senhor. Podemos estar enfrentando perdas e opressões, só que essas coisas não nos definem. Pelo fato de confiarmos em Deus, temos alegria interior nele.

O que lhe dá deleite? A palavra refere-se à satisfação, gratificação ou prazer extremos. Tenho deleite numa boa partida de futebol americano ou em Frank Sinatra cantar uma antiga canção maravilhosa. Tenho deleite mais intenso em ver minha família toda ao redor e saber o que há de novo no mundo de meus netos. Um de meus deleites mais intensos é o tempo em que passo a sós com minha esposa, minha companheira de todos esses anos. Ninguém na terra me conhece como ela, e criamos nosso pequeno mundo quando estamos juntos.

Porém, meu deleite mais intenso encontra-se no Senhor. Posso ir a Ele, não importa o que esteja acontecendo em meu mundo, e a incrível verdade é que nEle encontro deleite. Não sei nem por onde começar para explicar por que, mas nEle há deleite. Meus filhos e netos percebem que nunca há um momento em que não estou muito feliz em vê-los. Deus tem esse tipo de deleite em seus filhos, e temos de nos deleitar nEle, não porque “devemos”, mas sim porque não há alegria mais profunda na vida.

Davi aproveitou cada gota da vida do jeito que alguns espremem uma laranja. Ele tinha muitos deleites, muitos talentos. Sabia cantar, sabia dançar, sabia escrever poesia, sabia conceber planos de batalha e tinha o desejo ardente de projetar um templo para Deus. Davi era um homem apaixonado que encontrou o melhor na vida e queria que soubéssemos que um dos

maiores deleites encontra-se em conhecer a Deus. Como de costume, há promessa estonteante ligada a esse deleite.

A promessa é que, se nos deleitarmos no Senhor, Ele nos concederá os desejos do nosso coração. Será que algo tão maravilhoso é verdade? Claro que é! Mas é importante compreender essa promessa. Não se trata de um atalho para a prosperidade, como alguns pregadores mal-informados afirmam. Não nos deleitamos no Senhor *para que* Ele nos dê o que queremos. Essa interpretação confunde fé com ganância.

Não, quando temos o verdadeiro e genuíno deleite em Deus, sem a intenção de ganhar nada, exceto ganhar intimidade com Ele, descobrimos que os nossos desejos entram em conformidade com os desejos dEle. Começamos a viver na sua vontade, e oramos de acordo. Temos a alegria do Senhor seguindo o Senhor da alegria para a sua alegria. As seguintes promessas captam essa ideia:

Disse-lhes mais: Ide, e comei as gorduras, e bebei as docuras, e enviai porções aos que não têm nada preparado para si; porque esse dia é consagrado ao nosso Senhor; portanto, não vos entristeçais, porque a alegria do Senhor é a vossa força.

– Neemias 8.10

Far-me-ás ver a vereda da vida; na tua presença há abundância de alegrias; à tua mão direita há delícias perpetuamente.

– Salmos 16.11

Quando as coisas dão errado e a perda nos atinge, a miséria muitas vezes ocorre. Quanto mais lutarmos contra o poço do desânimo, mais profundo ele se tornará. Agora, se colocarmos a confiança em Deus, aconteça o que acontecer, sua alegria se tornará nossa força. Temos deleite nEle e encontramos novas forças, novas ideias e novos recursos para continuar prosseguindo.

Como podemos nos deleitar em Deus, ou em quem quer que seja, quando nosso mundo está caindo sobre nós? Podemos começar nos voltando para o Salmo 119, que usa a ideia de *deleitar-se* pelo menos seis vezes, mostrando também o primeiro passo para termos deleite.

Alegrear-me-ei [deleitar-me-ei] nos teus estatutos; não me esquecerei da tua palavra.

– Salmos 119.16

Faze-me andar na verdade dos teus mandamentos, porque nela tenho prazer [deleite].

– Salmos 119.35

Os soberbos forjaram mentiras contra mim; mas eu de todo o coração guardarei os teus preceitos. Engrossa-se-lhes o coração como gordura, mas eu me alegro [me deleito] na tua lei.

– Salmos 119.69,70

Venham sobre mim as tuas misericórdias, para que viva, pois a tua lei é a minha delícia [o meu deleite].

– Salmos 119.77

Se a tua lei não fora toda a minha alegria [o meu deleite], há muito que teria perecido na minha angústia.

– Salmos 119.92

Tenho desejado a tua salvação, ó Senhor; a tua lei é todo o meu prazer [deleite].

– Salmos 119.174

Captou o tema comum que esses seis trechos bíblicos expressam? O primeiro passo para nos deleitarmos em Deus é nos deleitarmos na sua Palavra. Imergir-nos na Palavra de Deus revela um Deus em quem podemos nos deleitar. O salmista tem tanto deleite na Palavra de Deus que ele usa todos os termos possíveis para expressar a gama de seu significado: estatutos, mandamentos, preceitos, lei. Da mesma forma, outros escritores bíblicos deleitam-se em Deus usando os nomes divinos. Não é exatamente o que as pessoas fazem quando estão apaixonadas? Inventam nomes carinhosos para a pessoa que amam, e cada nome tem um significado especial que transmite uma faceta particular do deleite que têm.

Deleitarmo-nos na Palavra de Deus leva-nos a deleitarmo-nos em Deus, e o

deleite em Deus afasta o medo.

DEDIQUE A VIDA AO SENHOR

Entrega o teu caminho ao Senhor; confia nele, e ele tudo fará.

– Salmos 37.5

Tendo encontrado nosso deleite mais profundo em Deus, percebemos que temos de dar *toda* a nossa vida a Ele. Não se trata de um compromisso temporário, ou uma intenção imparcial, ou uma sensação do momento. Trata-se de uma escolha e de um contrato do coração. Como no casamento, entregamo-nos a essa parceria pelo resto da vida.

Como nos entregar ao Senhor nos ajuda em tempos de perdas materiais? Ao nos entregarmos a Ele, lançamos todos os nossos fardos nEle. Ele se torna nossa vida — o lugar para onde levamos nossos problemas, nossas alegrias, nossos casamentos, nossas famílias, nossas carreiras. A vida e a felicidade já não são mais dependentes do sucesso financeiro ou de bens materiais. Agora, tudo diz respeito ao Senhor.

O versículo acima termina com a frase “e ele tudo fará”. Quando confiamos no Senhor, dependemos dEle e respondemos a Ele com fé, Ele torna nossos maiores sonhos em realidade, elevando-os do material para o eternal.

Deus também é a resposta quando nossas perdas nos deixam incapazes de ajudar a nós mesmos:

A ti o pobre se encomenda; tu és o auxílio do órfão.

– Salmos 10.14b

Quando nos dedicamos a Deus, a *pobreza* torna-se uma palavra sem significado. Quando perdemos o emprego, a casa ou as economias, e a dívida ou falência nos olha na cara, é como se estivéssemos esmagados sob o peso de um enorme saco cheio de todos os problemas que nos enfrentam. É um fardo pesado demais para carregar. Não conseguimos dar mais um passo sequer. Não conseguimos levantá-lo, mas Deus pode. Ele diz gentilmente: “Quer que eu leve para você? Meus ombros são mais fortes”. Quando dizemos sim, a vida ilumina-se e torna-se alegre.

Lança o teu cuidado sobre o Senhor, e ele te susterá; nunca permitirá que o justo seja abalado.

— Salmos 55.22

[Lança] sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós.

— 1 Pedro 5.7 (inserção minha)

Por que continuar lutando sozinho com as perdas? Por que não dar o fardo para Ele? Nada pode ser mais libertador.

William Carey, o “pai das missões modernas”, fundou uma grande tipografia em Serampore, Índia, onde trabalhou durante anos traduzindo a Bíblia para as muitas línguas indianas.

Em 11 de março de 1812, Carey teve de viajar para outra cidade. William Ward, seu sócio, estava trabalhando tarde da noite quando, de repente, sentiu cheiro de fumaça. Levantou-se imediatamente para investigar e descobriu nuvens negras arrotando da sala de impressão. Gritou por socorro, e os trabalhadores transportaram água do rio próximo até as duas horas da manhã. Mas foi em vão. Quase tudo foi destruído.

No dia seguinte, o missionário Joshua Marshman entrou em uma sala de aula em Calcutá, onde Carey estava ensinando. Colocou a mão suavemente no ombro do amigo e disse:

— Não consigo pensar em uma maneira fácil de dar a notícia. A tipografia foi totalmente queimada ontem à noite.

Foi-se o enorme trabalho de tradução de Carey de quase 20 anos: um dicionário, dois livros de gramática e versões inteiras da Bíblia. Foram-se os conjuntos de tipo para 14 idiomas orientais, 1.200 resmas de papel, 55 mil folhas impressas e 30 páginas do dicionário em bengala. Foi-se a biblioteca completa.

— O trabalho de anos acabou em um momento — sussurrou ele.

Naquele instante, ele entendeu a dor da perda. “A perda é pesada”, escreveu ele, “mas como viajar uma estrada a segunda vez é feito com maior facilidade e segurança do que a primeira vez, então confio que o trabalho não perderá nada de valor real. Não estamos desanimados. Na verdade, o trabalho já recomeçou em cada idioma. Estamos abatidos, porém não desesperados”.

William Carey dedicara a vida a Deus e confiara nEle para tirar bênçãos das cinzas de seus sonhos. “Existem graves dificuldades em toda parte”, escreveu ele, “e mais estão surgindo no horizonte. Portanto, temos de avançar”. Conforme Carey avançava, assim Deus avançava. A notícia do incêndio fez a Inglaterra inteira falar sobre William Carey. Dinheiro para o sustento começou a entrar. Voluntários se ofereciam para ajudar. A tipografia foi reconstruída e ampliada. Em 1832, bíblias inteiras, Novos Testamentos ou livros bíblicos separados já haviam sido publicados pela tipografia em 44 línguas e dialetos.⁶

Pelo fato de Carey ter dedicado sua vida a Deus, ele compreendeu o que significava lançar todos os seus cuidados e ansiedades sobre o Senhor, mesmo quando tudo parecia perdido.

DESCARREGUE SUA PREOCUPAÇÃO NO SENHOR

Não te indignes por causa daquele que prospera em seu caminho, por causa do homem que executa astutos intentos.

– Salmos 37.7

O ano de 2008 mudou a paisagem das expectativas americanas. Os Estados Unidos eram uma nação próspera, e muitos acreditavam que a economia era “grande demais para falir”. A recuperação continua a mover-se no ritmo de caracol, e muitos idosos não têm mais certeza se podem se aposentar. Caso se aposentem, perguntam-se se poderão manter a despesa abastecida.

O caos econômico afeta também os jovens que estão tendo dificuldades em encontrar um emprego. Muitos desistem de procurar e são abandonados no rol dos desempregados, tornando a fotografia do emprego muito pior do que o relatado. Essas condições estão produzindo um novo nível de ansiedade, e, para os crentes, esses tempos tornam-se um verdadeiro desafio à fé.

Lembre-se de que há duas estratégias para enfrentar o futuro: com medo ou com fé. Se você decidiu seguir a Cristo, significa andar pela fé (2 Co 5.7). Não significa que Satanás se esquecerá de você. Ele tentará enfraquecer sua fé, apontando-lhe para o medo do momento. Nesta atual conjuntura econômica, o medo concentra-se fortemente nas finanças. Acontece que o medo relacionado ao dinheiro — melhor dizendo, relacionado a qualquer

coisa — nunca fez parte do plano de Deus para nós. Como Paulo escreve: “Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação” (2 Tm 1.7). Fixe esse versículo na mente e repita-o sempre que você sentir a primeira pontada do medo.

Muitas outras promessas bíblicas fortalecerão sua fé e o ajudarão a vencer o medo do momento:

- Romanos 8.35-39 nos assegura que nada pode nos separar do amor de Deus.
- 1 João 4.18 nos lembra de que o amor perfeito de Deus lança fora o temor.
- Filipenses 4.6,7 nos convida a colocar nossas ansiedades diante de Deus pela fé com ação de graças, permitindo que a paz de Deus guarde nosso coração e nossa mente em Cristo Jesus.

Precisamos entender que a fé em Deus não nos imuniza do fracasso financeiro. Enquanto estivermos vivendo neste mundo caído, não haverá tal coisa como total segurança financeira. Não há segurança máxima em qualquer coisa, exceto na graça de Deus. Ser humano significa que a perda, inclusive a perda dolorosa, é sempre possível. Por mais difíceis que sejam os tempos, eles podem tornar-se muito piores. Contudo, a fé em Deus nos assegura que Ele tem nossa vida em suas poderosas e amorosas mãos, o que significa que não há colapsos, perdas e medos que realmente nos prejudiquem. Sendo o Senhor do universo, Ele sim é grande demais para falir.

Tendo em vista que Deus nos ama e cuida de nós, Davi exorta-nos a não nos preocuparmos, ou, como ele diz: “Não te indignes”. Esta frase *não te indignes* significa essencialmente “relaxe, não reaja”. Ocorre apenas quatro vezes em toda a Bíblia: três vezes no Salmo 37 e uma vez em Provérbios.

- Salmos 37.1: “Não te indignes por causa dos malfeitores”.
- Salmos 37.7: “Não te indignes por causa daquele que prospera em seu caminho”.
- Salmos 37.8: “Não te indignes para fazer o mal”.
- Provérbios 24.19: “Não te aflijas [indignes] por causa dos malfeitores”.

Essa frase tem o sentido de “devorar-se, comer-se, roer algo”. A palavra hebraica que Davi usou é *charad*, que tem em sua raiz a ideia de “ficar quente, esquentar-se” e “inflamar-se, revoltar-se”.

Temos, aqui, a mistura de duas metáforas que ilustram a mesma ideia: a descrição verbal de roer e a descrição verbal do fogo. Na primeira metáfora, indignar-se é visto como um rato dentro da alma da pessoa, roendo a alegria e a paz (eu não disse que era uma imagem bonita, mas é verdadeira).

A metáfora do fogo mostra Satanás como o incendiário do fogo do Inferno, acendendo as chamas da angústia no coração da pessoa. Ambas as ilustrações demonstram a destrutividade da indignação. No Salmo 37, Davi diz para não aturarmos a indignação: matar os ratos e apagar os incêndios, porque a indignação matará você de dentro para fora.

Alguém observou que as pessoas prósperas que, na geração anterior, eram conhecidas como “jet set” (literalmente, “conjunto de pessoas que se deslocam de avião a jato”) agora tornaram-se em “fret set” (literalmente, “conjunto de pessoas que se indignam”). Outrora voavam alto, mas agora são os punhos que voam, ou seja, irritam-se muito.

Uma das coisas mais frustrantes sobre perdas maciças é que olhamos em volta e vemos pessoas más prosperando, e prosperando até mesmo por serem más. Isso viola nosso senso de justiça. Mas no Salmo 37, Davi assegura-nos que a justiça será feita. Deus ainda não terminou com essas pessoas. Cinco vezes no salmo, Davi nos dá uma razão para não invejarmos os ímpios prósperos:

Cedo serão ceifados como a erva e murcharão como a verdura.

– Salmos 37.2

Pois ainda um pouco, e o ímpio não existirá; olharás para o seu lugar, e não aparecerá.

– Salmos 37.10

Mas os ímpios perecerão, e os inimigos do Senhor serão como a gordura dos cordeiros; desaparecerão e em fumaça se desfarão.

– Salmos 37.20

Tu o verás quando os ímpios forem desarraigados.

– Salmos 37.34

Vi o ímpio com grande poder espalhar-se como a árvore verde na terra natal. Mas passou e já não é; procurei-o, mas não se pôde encontrar.
– Salmos 37.35,36

Como um exercício criativo, o pastor e escritor Leonard Griffith transplantou Rip Van Winkle, o amado personagem dos contos de Washington Irving, para a Alemanha da década de 1930. Você se lembra da história: Rip adormece por 20 anos e, quando acorda, anda pela cidade e descobre que tudo mudou e que ninguém se lembra dele.

Na versão de Griffith, Van Winkle fica horrorizado quando vê Hitler subir ao poder e começar a conquistar a Europa. Ele se retira para os Alpes a fim de fugir dos terríveis acontecimentos. É onde adormece. Quando acorda, a década de 1950 está em curso, e o mundo está muito diferente. Os nazistas acabaram. Não há mais suásticas, não há mais a juventude hitlerista ansiosa, não há mais atitudes arrogantes de dominação mundial. Os autores intelectuais do Terceiro Reich estão todos mortos, ou presos, ou sendo caçados.

Rip Van Winkle entende as palavras do salmista: “Vi o ímpio com grande poder espalhar-se como a árvore verde na terra natal. Mas passou e já não é; procurei-o, mas não se pôde encontrar”.⁷

Muitos na década de 1930 se perguntaram por que Deus permitiu que os nazistas prosperassem. Ele não permitiu. Tratou deles em seu devido tempo, e tratou deles cabalmente.

Há outro ponto a considerarmos. E se as pessoas erradas saírem por cima nesta vida? Será que quereríamos trocar nossa espécie de segurança pela delas? Charles Spurgeon escreveu: “E o que dizer se os esquemas dos ímpios forem bem-sucedidos e os planos dos justos forem derrotados? Há mais do amor de Deus nas derrotas dos justos do que nos sucessos dos ímpios”.⁸

DISCIPLINE-SE PARA ESPERAR NO SENHOR

Descansa no Senhor e espera nele.
– Salmos 37.7

A espera não nos é algo fácil. Nestes tempos de gratificação instantânea,

estamos condicionados a não esperar por nada. Se a fila do restaurante de refeições rápidas estiver muito comprida, correremos para o restaurante do outro lado da rua. Se o programa de TV não se tornar prontamente interessante, ficaremos trocando impacientemente de canal pelas centenas de opções que nos estão disponíveis. Se o carro à frente não andar no instante em que a luz do semáforo ficar verde, apertaremos a buzina com força.

Quando enfrentamos as perdas, sabemos que temos de confiar no tempo de Deus para que elas sejam tratadas. Porém, o que mais gostaríamos é que Ele aderisse ao nosso tempo. O fato de não podermos ver o futuro pode nos convencer de que o futuro nos está ao alcance da mão. Mas descansar nos assegura que Deus está totalmente no controle. Embora seu tempo nos pareça lento, é perfeito do ponto de vista da eternidade. Deus nunca está adiantado ou atrasado.

Quando cremos nisso, adquirimos a mente de Cristo, que nos permite esperar nEle com paciência e confiança. Esperar significa:

- Não ficar para trás de sua liderança e direção
- Não andar à frente de sua liderança e direção
- Não ignorar sua liderança e direção
- Não se indignar com o que Ele está fazendo ou planejando para você

O verbo *esperar* ocorre mais duas vezes neste salmo:

Os malfeitores serão desarraigados; mas aqueles que esperam no Senhor herdarão a terra.

– Salmos 37.9

Espera no Senhor e guarda o seu caminho, e te exaltará para herdares a terra.

– Salmos 37.34

Esperar é difícil em face da perda, mas é uma disciplina com grande recompensa. Os que esperam no Senhor “herdarão a terra”, porque os apressados na fila expressa da vida foram todos queimados, vítimas de sua própria impaciência. As pessoas pacientes são mais felizes e saudáveis, e Deus as exaltará.

Certo escritor explicou que há dois tipos de fé: a fé baseada no *se* e a fé baseada no *ainda que*. O primeiro tipo de fé diz: “Se tudo for do jeito que quero, então concordarei que Deus é bom”. O outro tipo de fé diz: “*Ainda que* o mal prospere, *ainda que* eu sue no jardim do Getsêmani, *ainda que* o meu caminho me conduza ao monte Calvário, mesmo assim confio em Deus”. O primeiro tipo de fé quer resultados imediatos; o segundo aprendeu a sabedoria de esperar, como fez Jó quando clamou: “Ainda que ele me mate, nele esperarei” (Jó 13.15).⁹

Quase duzentos anos atrás, a nação americana passou por outra turbulência econômica: o pânico de 1837. Anna e Susan Warner juntamente com o pai delas, Henry Warner, moravam numa mansão cheia de obras de arte, abastecida por mobiliário de alta qualidade e servida por um exército de servos. Então, veio a calamidade.

A bolsa de valores caiu e levou consigo os investimentos de Henry Warner. A família perdeu tudo e, extremamente endividada, mudou-se para uma casa velha e decrépita rio acima da Cidade de Nova York. O colapso financeiro de Henry devastou-o emocionalmente, pois nunca mais foi o mesmo. As filhas, acostumadas a festas caras e agitação social, agora perceberam que tinham de arregaçar as mangas para diminuir as dívidas descomunais da família. Tudo o que sabiam fazer era escrever. Embora tivessem dificuldade para encontrar uma editora, Putnam aceitou o romance de Susan Warner *The Wide, Wide World* (O Vasto, Vasto Mundo). O sucesso veio. As irmãs escreveram mais de cem livros, todos fundamentados no evangelho que lhes aquecia a vida. Um dos livros, *Say and Seal* (Diga e Sele), continha um pequeno poema que Anna entretecera na história. Começava com as palavras “Jesus me ama, isso eu sei”. O musicista William Bradbury o musicou, e hoje “Jesus me ama” é um hino amado em todo o mundo. Incontáveis milhões de crianças tiveram o primeiro encontro com Jesus por meio dessas palavras simples, porém poderosas. Em 1943, quando o barco torpedeiro PT-109 de John F. Kennedy foi afundado nas Ilhas Salomão, os ilhéus e os fuzileiros navais americanos cantaram o hino enquanto resgatavam os sobreviventes. Pode ser que você o tenha cantado quando criança. Eu cantei.

Se você tivesse feito parte dessa família inconsolável, estando nas cinzas do fracasso financeiro e vendo os bens adquiridos ao longo da vida serem levados, você pode ter pensado que a vida era injusta. Agora, se você

conhecesse os caminhos de Deus, teria sabido então que Ele tinha coisas especiais em mente. Dos escombros e ruínas frias do infortúnio de hoje, Deus levanta os tijolos e vigas do milagre de amanhã.

Sim, sabemos que “todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus” (Rm 8.28), só que essa promessa de longo prazo não fornece um remédio instantâneo para o desgosto da perda. Não há atalho para evitá-la. A promessa, no entanto, permanece verdadeira, dando-nos algo a que nos agarrar e focar através da visão turva de nossas lágrimas.

O Diabo pode vencer hoje, mas o Deus que possui o amanhã “faz todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade, com o fim de sermos para louvor da sua glória, nós, os que primeiro esperamos em Cristo” (Ef 1.11,12).

Philip Yancey destaca que dois dos principais dias que marcamos no calendário da igreja são a Sexta-Feira Santa e o Domingo de Páscoa. Em uma data, ocorreu o pior acontecimento imaginável, e em outra, o maior. Contudo, vivemos a maior parte da vida no dia entre essas duas datas — o sábado, um dia para o qual não damos nome especial. Como os discípulos, sentamo-nos na esteira do desgosto da vida sem indício de que aquilo que a manhã trará é mais radiante do que os nossos sonhos mais radiantes.

A vida diz respeito a decidir como viver no ínterim entre a cruz e a coroa. Até que ponto confiamos em Deus? Será que cremos realmente que Ele pode tirar algo de bom e maravilhoso de um mundo que contém genocídios na Bósnia e na Ruanda, favelas nas cidades, prisões institucionais e perdas aniquilantes? Sabemos como foi a sexta-feira. Será que haverá o domingo?

Yancey observa que o dia de açoitamento, crucificação e morte de Jesus chama-se Sexta-Feira Santa. O nome só ganha esse adjetivo em função dos desdobramentos ocorridos no domingo. O túmulo vazio transforma a vergonha da cruz em vitória. A Páscoa, diz Yancey, mostra um indício para as maiores obras de Deus. Nossa alma se eleva acima da perda da sexta-feira, sabendo que a bênção virá no domingo. No entremeio, o sábado torna-se um dia de espera.¹⁰

A espera nem sempre é uma coisa ruim. Ela pode trazer sua própria alegria, a emoção da expectativa. Lembra-se de como você esperava pelo Natal quando era criança? Lembra-se de como esperava pelo dia do seu casamento? Esperar por algo bom faz o coração cantar, enche-nos de esperança, muda-nos interiormente de modo que os altos e baixos desta vida instável e indigna

de confiança não exerçam poder sobre nós. O mundo pode até tirar nossa casa e cada centavo que temos. Podemos até chorar, mas nossa esperança está intacta, pois as perdas são apenas um lembrete do grande dom que, uma vez recebido, jamais poderá ser perdido e pelo qual vale a pena esperar.

¹ **N. do T.:** Humpty Dumpty é um personagem do mundo infantil que aparece em muitas obras literárias. Tem a forma de ovo, com rosto, braços e pernas. É símbolo de algo que, uma vez quebrado, não pode mais ser restaurado.

CAPÍTULO 4

.....

DERROTAS:

O Medo do Fracasso

.....

O Senhor, pois, é aquele que vai adiante de ti; ele será contigo, não te deixará, nem te desampará; não temas, nem te espantes.

DEUTERONÔMIO 31.8

Desde o início, Lyndon Baines Johnson era ambicioso. Ele entrou tranquilamente na Câmara dos Deputados, foi eleito para o Senado e tornou-se líder da maioria do Senado. Ainda assim, seus olhos nunca deixaram de fixar-se em um endereço: Avenida Pensilvânia, 1600 — a Casa Branca.

Johnson era um texano alto de 1,93m de altura, sem mencionar que era rico e influente. Ele tinha a reputação de conseguir o que queria, mesmo que tivesse de ignorar certos detalhes ao longo do caminho. No fim de um dia de trabalho, ele trabalhara mais e superara estrategicamente a todos na sala. Não aceitava um *não* como resposta para nada, inclusive para o desejo de ser presidente dos Estados Unidos.

Nos dois anos que antecederam a campanha presidencial de 1960, parecia que seu maior sonho estava ao alcance. Johnson era o democrata do mais alto escalão da nação americana e um dos homens mais respeitados dos Estados Unidos. Seu adversário era considerado um peso leve na política. Tratava-se de um jovem magro e de aspecto doentio que, na opinião de Johnson, era pouco mais do que um riquinho que vivia à custa do pai: John F. Kennedy.

Convocando assessores para uma reunião no seu rancho no Texas em 1958, Johnson disse-lhes claramente que seu destino era ser presidente e que concorreria ao cargo.

Assim, seu pessoal começou a lançar as bases para uma campanha que colocaria seu candidato na Casa Branca. Tendo em vista que os republicanos tinham ocupado a presidência por dois mandatos, os democratas deram tudo o que tinham em sua principal celebridade. Os planejadores esperaram o anúncio do texano Johnson que o apresentaria para concorrer à eleição presidencial.

Então, esperaram um pouco mais.

Johnson, que falava desse sonho por tanto tempo quanto conhecia as pessoas, hesitou. Era, de acordo com o secretário de imprensa da Casa Branca na época, “um homem gravemente dividido”.¹ Enquanto isso, Kennedy percorria o país inteiro sem perder tempo, juntando delegados a fim de ganhar a nomeação para si mesmo. No momento em que Johnson se moveu para anunciar sua candidatura, já era tarde demais. Kennedy já havia tomado a dianteira.

Os historiadores especulam a razão de tal homem determinado e poderoso ter relutado no momento mais importante de sua carreira. O biógrafo Robert A. Caro tem uma teoria. Na opinião dele, a despeito da determinação e bravata, Johnson ficou paralisado por medo do fracasso — o medo de acabar como seu pai.

Quando Lyndon Baines Johnson era criança, sua família estava entre as mais respeitadas da cidade, vivendo em uma casa grande num extenso rancho texano. Seu pai Samuel era bem-sucedido, membro do palácio do governo e o mais próspero homem de negócios da região. Sam comprou o primeiro carro que alguém já vira por aquelas bandas, sem falar que tinha um motorista para dirigi-lo. A família Johnson estava em posição de destaque.

Entretanto, assim que o jovem Lyndon entrou na adolescência, o desastre aconteceu: o negócio faliu. A família perdeu o rancho e mudou-se para uma pequena palhoça, o passo imediatamente anterior aos sem-teto. Da posição mais alta da sociedade, a família Johnson despencou para a mais baixa. As pessoas da cidade levavam comida para que não morressem de fome. Não há palavras para descrever a humilhação que Lyndon sofreu. Um colega de classe recorda que, quando Lyndon foi insultado na escola, ele respondeu que

um dia seria presidente dos Estados Unidos. Os colegas de classe riram e disseram que não votariam nele. Ele respondeu que não precisaria dos votos deles.

A partir desse momento, Lyndon Baines Johnson sonhava em ser presidente. Mas quando o prêmio estava ao alcance de suas mãos, ficou traumatizado pelo medo de fracassar de forma que lhe trouxesse humilhação pública, como havia acontecido com seu pai. Teve tanto medo da derrota que se tornou uma profecia autorrealizável.

Caro escreve:

A falência de seu pai lhe mostrara que o fracasso poderia significar não apenas o fracasso, mas também o terror, o terror de viver numa casa que, mês a mês, você ficaria com medo que lhe fosse tirada pelo banco. O fracasso poderia significar não apenas terror, mas também ruína, ruína permanente. O fracasso — a derrota — poderia ser algo do qual você nunca se recuperaria. E o fracasso em público — cair de uma forma que fosse visível: ter de mudar-se do rancho; ter o crédito cortado de lojas na frente das quais você teria de passar todos os dias; não manter mais o cargo público — poderia significar um tipo diferente, mas também terrível de dor: vergonha, desgraça, humilhação.²

De acordo com Caro, é por isso que Johnson angustiou-se e esmoreceu quando tinha de concorrer à presidência. É por isso que Kennedy o venceu para a nomeação de 1960 e a história tomou o curso estranho e distorcido que se seguiu. Johnson acabou chegando à Avenida Pensilvânia, 1600, mas não foi por um curso que ele teria roteirizado para si mesmo.

Há um nome para isso: *atiquifobia*, que é o medo paralisante e recorrente do fracasso. Trata-se de um tirano severo, que leva as vítimas a uma vida de restrição e recuo. O pior de seus efeitos colaterais é que resulta na persistente recusa de tentar algo novo.

Os que têm medo do fracasso ficam paralisados pela “palavra *r*”: *risco*. Podem solapar os próprios esforços, sem nem mesmo perceber a tentativa de fugir da ansiedade do fracasso iminente. Você conhece pessoas assim? Eu conheço. São pessoas capacitadas que poderiam ter feito grandes coisas na vida, mas não quiseram e não puderam porque estavam se protegendo dos

desapontamentos.

Talvez apenas alguns de nós sejam atiquifóbicos, mas quase todos nós já sentimos o medo do fracasso em certa medida. De fato, muitas das pessoas mais admiradas na Bíblia tiveram medo. Como mencionei na introdução do livro, a Bíblia identifica mais de 200 pessoas que tiveram medo em um ou outro momento. Algumas delas estavam com medo do fracasso!

É o que vemos de forma consistente nas “narrativas de chamado” da Bíblia. São relatos em que Deus convoca uma pessoa para determinada tarefa. Os exemplos mais proeminentes são: Moisés, Gideão, Isaías, Jeremias e Ezequiel.

No Antigo Testamento, essas narrativas de chamado têm uma forma e uma progressão similar. Primeiro, há um encontro com Deus, seja diretamente ou através de um dos seus anjos. Esse encontro não ocorre em algum lugar santo, e sim dentro das rotinas normais da vida. Moisés está apascentando ovelhas, e Gideão está malhando trigo. Depois, ocorre um encontro divino, quando há um chamado e um desafio: *Seu momento chegou. Estou enviando você para fazer a missão de sua vida!*

Em seguida, a pessoa convocada faz objeções, muitas delas fundamentadas no medo do fracasso. Moisés respondeu ao chamado, dizendo: “Quem sou eu, que vá a Faraó e tire do Egito os filhos de Israel?” (Êx 3.11). Mesmo depois de Deus lhe assegurar o sucesso, Moisés continuou a objetar: “Ah! Senhor! Eu não sou homem eloquente, [...] porque sou pesado de boca e pesado de língua” (4.10).

Quando Deus chamou Gideão para lutar contra os midianitas, sua resposta foi similar: “Ai, Senhor meu, com que livrarei a Israel? Eis que a minha família é a mais pobre em Manassés, e eu, o menor na casa de meu pai” (Jz 6.15). Quando Deus chamou Jeremias para falar as palavras proféticas para o povo de Deus, a objeção de Jeremias segue o mesmo padrão: “Ah! Senhor Jeová! Eis que não sei falar; porque sou uma criança” (Jr 1.6).

Obviamente, o medo do fracasso não é um fenômeno moderno. Trata-se de um medo humano intemporal. No transcurso dos tempos, alguns servos escolhidos de Deus mostraram esse medo, apesar das promessas de sucesso dadas por Deus. Suas histórias fornecem discernimentos sobre como Deus responde aos medos humanos. Em todos os casos, Ele se coloca ao lado dos servos com firmeza e segurança.

Em nenhum lugar, é mais evidente a preocupação de Deus por um servo

medroso do que em Josué 1, onde Ele prepara Josué para liderar Israel depois da morte de Moisés. Neste capítulo, focaremos principalmente esse chamado e a segurança que o acompanha, porque aqui todos os princípios espalhados pelas outras narrativas de chamado se reúnem em uma estratégia organizada e sequencial para lidar com o medo do fracasso.

O tema da chamada de Josué é a transição: a transição da liderança do Israel de Moisés para Josué. Para entendermos plenamente a magnitude dessa transição, lembremos a grandeza de Moisés.

Moisés é certamente a figura mais reverenciada no judaísmo e está entre os maiores homens da história. Uma geração inteira de israelitas seguiu Moisés saindo da escravidão e entrando no deserto. Deuteronômio 34 conta que ele morreu com a idade madura de 120 anos, ainda um homem sadio e vigoroso. Os israelitas não viram outro profeta do calibre de Moisés, um homem que estava tão perto de Deus e que era tão dotado do poder milagroso de Deus. Eles viram quando Moisés levantou a vara e Deus separou as águas do Mar Vermelho. Viram também quando ele estava na presença de faraó e quando, mais tarde, ele chamou o pão do céu. Eles esperaram no sopé da montanha enquanto Deus ditava os Dez Mandamentos para ele.

O livro de Êxodo faz uma declaração sobre Moisés que não é feita para outra pessoa na Bíblia: “Falava o SENHOR a Moisés face a face, como qualquer fala com o seu amigo” (Êx 33.11). Em mais de uma ocasião, Moisés passou 40 dias na montanha em comunhão com Ele. Deus concede esse tipo de intimidade apenas àqueles que a desejam. Moisés pertencia a um círculo interno de pessoas que gostavam de ter santa intimidade com Deus.

Os israelitas queixavam-se de Moisés, mas no fim sempre o seguiam, pois sabiam que ele era o homem de Deus. Sua liderança os deixou primeiramente muito frustrados, porém depois lhes causou profunda devoção. Quando esse grande homem morreu, choraram nas planícies de Moabe por 30 dias (Dt 34.8).

Não há dúvida de que seria difícil haver alguém da importância de Moisés que o seguisse. Mas foi esse chamado à grandeza que Josué recebeu.

A morte de Moisés ocorreu num momento perigoso na história de Israel. A geração anterior tivera muito medo de acreditar na promessa de vitória dada por Deus e recusou-se a entrar na Terra Prometida quando já estava junto à fronteira (Nm 13–14). Essa geração inteira morrerá durante os 38 anos de

peregrinação no deserto.² Agora, uma geração totalmente nova estava reunida à margem leste do Rio Jordão, pronta para atravessar e tomar posse da Terra Prometida. Essa geração estava pronta para dar o passo de fé e tomar posse do que lhe pertencia. Mas não ia ser fácil. Nunca é.

Por um lado, depois de quatro décadas de paz, os filhos de Israel sentiam-se como crianças. Não tinham lutado uma batalha séria por 40 anos, e os filhos de Anaque, contra quem em breve lutariam, eram guerreiros altos, robustos, endurecidos pelas guerras, que fizeram os espiões israelitas sentirem-se “como gafanhotos” comparativamente (Nm 13.33). Os inimigos esperavam atrás de muralhas maciças e fortificadas. Tinham até cavalos e carros (Js 17.16).

E havia também o problema da comida. Os israelitas tinham se acostumado a receberem em suas portas o maná das mãos de Deus todas as manhãs. Agora, como lemos em Êxodo 16.35 e Josué 5.12, o maná cessaria, e os israelitas seriam responsáveis pelo cultivo de alimentos da terra.

Até que ponto você gostaria de ter sido Josué, que tomou as rédeas da liderança de alguém como Moisés em tempos tão críticos? Se você fosse chamado como consultor para ajudar Josué a preparar-se para a nova função, que conselhos daria? Na verdade, Josué tinha um consultor: o próprio Deus. O Senhor deu a Josué um dos maiores discursos motivacionais que já li. Suas palavras têm me encorajado em tempos de grande dificuldade pessoal.

Se você tem medo do futuro, se está sendo chamado para uma nova atribuição que parece estar acima de suas habilidades, ou se precisa apenas de encorajamento para continuar no que quer que Deus o tenha chamado para fazer, então você também encontrará coragem ao estudar o encargo de Deus dado a Josué quando enfrentava seu maior desafio. Vamos explorar seis grandes princípios com base em Josué para enviar você como vencedor em vez de ser refém do medo do fracasso.

O PRINCÍPIO DA PERSPECTIVA DIVINA

Como fui com Moisés, assim serei contigo; não te deixarei nem te desampararei.

– Josué 1.5

Deus fixou os olhos no novo líder ansioso e deu palavras de vida a ele.

Começou fazendo Josué lembrar-se das aventuras que ele desfrutara como protegido de Moisés ao longo dos anos. Josué fora testemunha de uma rica história de milagres e magnificência, quando Deus provou sua fidelidade numa longa e penosa caminhada através de um império hostil e, depois, em direção ao deserto.

Deus encorajou Josué a lembrar o que ele experimentara como parceiro ministerial de Moisés, ou seja, como ele guiara Moisés e como realizara atos poderosos para ajudar Moisés a liderar o povo. Deus assegurou a Josué: “Como fui com Moisés, assim serei contigo”. Josué tinha de ver sua tarefa intimidante pela perspectiva das manifestações anteriores de poder e de fidelidade feitas por Deus.

Gosto de ler biografias de líderes cristãos, pois me fazem lembrar do princípio da perspectiva divina. Assim como o Senhor foi fiel aos seus seguidores no passado, Ele será fiel a nós no presente. Ele não colocou limites ao que está disposto a fazer por você e por mim. Suas ações podem até exceder o que Ele fez no passado. Deus pode “fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos” (Ef 3.20).

O medo do fracasso não é algo novo — vencer esse medo também não é. Pense nos peregrinos do século XVII que deixaram suas casas para encontrar a liberdade de culto no Novo Mundo. Eles devem ter ficado intimidados pela perspectiva de atravessar o oceano Atlântico em seus pequenos navios e sobreviver num deserto desconhecido. Mesmo assim, eles venceram o medo porque tinham fé no poder e na provisão de Deus. É este o benefício da perspectiva: permite-nos ver além das provas que nos intimidam *aqui e agora*.

Deus nunca chamou alguém para fazer uma tarefa e, depois, o abandonou pela margem do caminho. Se tivermos medo do que Deus quer que façamos, nossa perspectiva necessitará de ajustes para que não nos concentremos no tamanho do trabalho, e sim no tamanho de Deus.

O PRINCÍPIO DO PROPÓSITO DIVINO

[...] Levanta-te, pois, agora, passa este Jordão, tu e todo este povo, à terra que eu dou aos filhos de Israel. Todo lugar que pisar a planta do vosso pé, vo-lo tenho dado, como eu disse a Moisés.

— Josué 1.2,3

Deus deu a Josué uma coisa específica a fazer! Ele disse a Josué para andar na terra de Canaã e prometeu-lhe que tudo sobre o qual pisasse seria dado a ele e ao povo para sempre. Deus estava dando a Josué *foco*.

O filme *O Fugitivo*, feito em 1993 e estrelado por Harrison Ford, foi indicado para sete prêmios da Academia, ganhando um. Já arrecadou quase 369 milhões de dólares em todo o mundo. Mas quase que o filme não foi feito. O roteiro foi desenvolvido em cinco anos e meio. Nove escritores produziram pelo menos 25 roteiros diferentes. O produtor Arnold Kopelson disse:

Houve momentos em que todo mundo dizia: “Você está perdendo tempo. Por que está fazendo isso? Você está desperdiçando dinheiro”. A *Warner Brothers* colocou o projeto à venda. [...] Tínhamos gastado cerca de 2 milhões de dólares em custos com o *script*, e eles estavam preocupados que isso nunca seria recuperado. E eu disse: “Escutem, tenho um instinto a respeito. O meu instinto me diz que será um sucesso”.³

Verdade seja dita: às vezes, instintos e pressentimentos não funcionam. Só que nesse caso, funcionaram. A determinação de Kopelson ilustra um ponto importante: manter o propósito e o foco em face dos obstáculos pode ser a diferença entre o fracasso e o sucesso.

Para que *O Fugitivo* tivesse seu dia de estreia, o produtor teve de manter o foco por mais de cinco anos. Josué, por sua vez, teve de manter o foco por 14 anos, o tempo necessário para conquistar a Terra Prometida. Foi útil Josué não ter de confiar na intuição. Afinal, ele tinha as promessas de Deus.

J. Oswald Sanders ajuda-nos a compreender a promessa feita a Josué:

A terra pertencia a Israel por doação direta de Deus, o Possuidor dos céus e da terra. A terra tornou-se deles experiencialmente só quando pisaram nela e, na verdade, quando tomaram posse dela. Esse princípio espiritual fundamental continua em vigor na experiência do cristão do Novo Testamento. “Seja-vos feito segundo a vossa fé” (Mt 9.29).⁴

Mas ter uma promessa de Deus não será garantia de sucesso se perdermos o

foco. A responsabilidade de Deus é *fazer* a promessa; a nossa é *manter o foco* na promessa em face do medo. Para alcançar o sucesso, Josué e a nova geração de israelitas tiveram de concentrar a mente e o coração no propósito que Deus lhes dera.

Há um poder especial e libertador em saber exatamente o que devemos fazer. É por isso que as pessoas ficam extremamente satisfeitas quando fazem e verificam listas de afazeres. Resumir todas as complexidades do dia em itens de atividade é ver nosso caminho rumo à produtividade. Por outro lado, há organizações que entram em falência porque as pessoas estão confusas com as descrições de trabalho.

Estabeleça um foco claro na vida, e o medo será expulso. Quanto mais você fixar os olhos no propósito de Deus para sua vida, mais você vencerá o medo.

O PRINCÍPIO DA PERSUASÃO DIVINA

Não to mandei eu? Esforça-te e tem bom ânimo.

– Josué 1.9

Quando o reverendo William Sykes era capelão do Colégio Universidade, Oxford, ele descreveu um grupo de estudantes universitários com deficiências físicas que ele tinha conhecido. Suas limitações eram muitas, mas o que os mantinha unidos era a coragem tranquila que havia neles. Essa experiência levou-o a refletir sobre o significado da palavra. Consultando os escritos do Cardeal Manning, encontrou este verbete:

Os italianos a chamam de *Coraggio*, ou grandeza de coração; os espanhóis, *Corage* [sic]; os franceses, *Courage*, de onde a derivamos. Entendemos que significa virilidade, bravura, ousadia, destemor que surge não do sentimento da força física ou da insensibilidade à dor ou perigo, mas do hábito moral do autodomínio com deliberação, pesando plenamente os perigos presentes e prevendo claramente as consequências futuras, e, ao mesmo tempo, na rota do dever, avançando impassível à sua realização.⁵

De alguma forma, os estudantes encontraram uma força interior que transcendeu as limitações físicas. A fé é um poder inestimável e aumenta pelas palavras convincentes de alguém que nos persuade de que nós também

podemos viver corajosamente.

Quem entre nós não tem algum tipo de deficiência, quer seja de habilidade, desejo, motivação, força, experiência, coragem ou inúmeras outras características pessoais necessárias para fazer um bom progresso na vida? Isso é chamado ser humano — e é por isso que toda pessoa precisa da mesma exortação que Josué precisou quando estava às margens do Rio Jordão e olhava para uma terra hostil.

Ele deve ter se lembrado do que aconteceu quando os israelitas estavam nas fronteiras da Terra Prometida quase 40 anos antes. Eles tinham a promessa de Deus, mas o desafio os paralisou. Não foram os gigantes da terra que os neutralizaram. Foi o seu medo gigante. Para evitar que a nova geração cometesse o mesmo erro, Josué precisava exibir força e coragem. Isso significava que ele precisava estar convencido de que o Senhor os capacitaria para enfrentar o desafio. Deus tinha as palavras certas para o novo líder de Israel:

Esforça-te e tem bom ânimo. [...] Tão somente esforça-te e tem mui bom ânimo [...]. Não to mandei eu? Esforça-te e tem bom ânimo.
— Josué 1.6,7,9

Esse é o cerne do discurso motivacional de Deus para Josué. Três vezes Deus lhe diz para ser forte e ter bom ânimo. A palavra *forte* significa ser firme, resoluto e não facilmente influenciável. *Bom ânimo* transmite a sensação de coragem, de intrepidez, de disposição a correr riscos.

Josué provara que tinha essa força interior dentro dele. Foi o que vimos no dia em que os 12 espiões voltaram, pois dez deram um relatório apavorante dos gigantes invencíveis. Apenas dois homens, Josué e Calebe, queriam tomar posse das promessas de Deus e continuar avançando apesar dos obstáculos. Os dez insistiram: “Não poderemos subir contra aquele povo, porque é mais forte do que nós” (Nm 13.31). Os contos de terror abafaram os conselhos da coragem.

Quando enfrentamos uma situação desse tipo, focamos ou no problema ou na solução. Dez homens tornaram-se como gafanhotos aos próprios olhos, dando rédea ao medo. Dois homens focaram em Deus e no seu poder. Dez falaram sobre o tamanho do inimigo. Dois falaram sobre o tamanho do seu Deus.

Às vezes, a maioria se equivoca. A sabedoria de Deus encontra-se não no caminho fácil e popular, mas no caminho estreito que poucos percorrem. Liderar é muito mais do que estimar de que lado o vento está soprando. Liderar exige permanecer firme quando as correntes tentam forçar você a tomar outra direção.

O pequeno poema de Paul Laurence Dunbar confirma o argumento:

*Minorias, desde o início dos tempos,
Mostram o melhor lado do homem;
E muitas vezes nas listas do Tempo
Um homem torna a causa sublime!*⁶

Quando enfrento os desafios da vida, obtenho inspiração imaginando Josué às margens do Rio Jordão, aprendendo a ser forte e a ter bom ânimo, ou apossando-me das palavras de Paulo: “Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Rm 8.31). Essas passagens inspiradoras me persuadem a ficar firme e a estar disposto a correr riscos para Deus. Acredito que essa prática funcionará para você também.

O PRINCÍPIO DA PRIORIDADE DIVINA

Dela [da lei] não te desvies, nem para a direita nem para a esquerda, para que prudentemente te conduzas por onde quer que andares. Não se aparte da tua boca o livro desta Lei; antes, medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer conforme tudo quanto nele está escrito.

– Josué 1.7b,8

Agora, chegamos ao cerne da questão: a Palavra de Deus é o único caminho para o sucesso.

Deus não disse a Josué que sua prioridade tinha de ser a estratégia militar, o apoio financeiro ou as relações bilaterais com os países vizinhos. Essas coisas têm seu lugar, mas não são a prioridade. Esta era a prioridade de Josué: meditar dia e noite nos princípios da Palavra de Deus.

É algo que requer dedicação semelhante a do corredor de longa distância que está treinando para competir na maratona olímpica. Os corredores sobre os quais li são incrivelmente focados. Eles vivem com o compromisso

espartano de uma única prioridade: vencer a maratona e subir no pódio olímpico. A corrida amolda todos os aspectos da vida. Os corredores comem alimentos específicos, pesam os gramas e contam as calorias, monitoram o peso, a gordura corporal, o peso da água e a densidade óssea, correm apenas com determinado tipo de tênis, limitam a vida social, pois correr, treinar, comer e dormir preenchem os seus dias. A programação de treinos é o paradigma pelo qual todas as atividades da vida se encaixam. As conversas e decisões diárias refletem sua missão. Ao planejar e viver a vida, tudo flui através da grade de treinamento.

Quando perguntaram o que ele estaria fazendo se não fosse corredor, um maratonista do Quênia riu e disse:

— Eu não sei. Para mim, correr é tudo.

Insisto que leia os cinco pontos bíblicos a seguir que têm essa perspectiva, a fim de que você possa dizer: “Para mim, a Palavra de Deus é tudo. Ela amolda todas as minhas decisões e valores. Organizo minha vida em torno dos seus princípios. Estudo-a de forma consistente para reforçar meus objetivos de vida. Consulto-a antes de fazer planos ou tomar decisões. O que a Bíblia diz tem precedência sobre o que quer que outra pessoa diga. Afinal, é a Palavra de Deus”.

A Bíblia é minha arma de escolha na luta contra o medo da derrota. Ao buscarmos coragem para vencer os gigantes da vida, precisamos tornar a Palavra de Deus prioridade máxima.

Fale sobre a Palavra constantemente

Não se aparte da tua boca o livro desta Lei.

— Josué 1.8

Vamos esclarecer o que Josué teria entendido como o “livro desta Lei”. Para ele, eram os primeiros cinco livros da Bíblia, ou seja, o Pentateuco, como se chama a coleção de livros. Os demais livros da Bíblia ainda não tinham sido escritos. Deus disse a Josué que esse livro era seu plano de ação. Ele tinha de tomar o livro nas mãos e levá-lo no coração. Essa era a chave que o capacitaria para realizar a missão que o Senhor estava lhe dando.

O “livro desta Lei” tinha também de ser o tema das conversas com as pessoas. Não era para falar dela como fazemos com um romance ou uma

biografia, mas permitir que a Lei de Deus amoldasse, orientasse e temperasse todas as conversas e deliberações. Mais tarde, no livro, vemos Josué fazendo exatamente isso:

E, depois, leu em alta voz todas as palavras da lei, a bênção e a maldição, conforme tudo o que está escrito no livro da Lei. Palavra nenhuma houve, de tudo o que Moisés ordenara, que Josué não lesse perante toda a congregação de Israel.

— Josué 8.34,35

Parte do que Josué teria lido para o povo foi a passagem em Deuteronômio 6.6-9, que contém as instruções de Moisés aos pais sobre como entrelaçar a Palavra de Deus na vida dos filhos: “Intimarás [as palavras de Deus] a teus filhos e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te, e levantando-te” (6.7).

Observe a palavra *intimarás*. As palavras, mandamentos e estatutos de Deus — a perspectiva divina sobre todas as coisas — tinham de ser incorporadas em todas as conversas da família. As crianças cresceriam com a Lei de Deus profundamente enraizada no que elas pensavam.

A passagem de Deuteronômio também usa a figura de linguagem que envolve enfatizar a ideia mediante a apresentação de opostos: quando você estiver em casa e quando você estiver fora de casa; quando você estiver deitado e quando você estiver acordado tratando de assuntos diversos; quando você estiver sentado e quando você estiver de pé. A ideia é que ensinemos a Lei o tempo todo: agora, depois e em cada momento no entremeio.

A Lei de Deus deve estar na ponta da língua. Não há tempo inadequado para compartilhá-la, e devemos ser tão movidos a falar dela como um pássaro é movido a cantar. O Senhor oferece todos os diferentes pontos de encontro da vida: tempos de descontração com a família, atividades ao ar livre, momentos importantes de atingimento de maturidade, para que a Lei seja falada em todos os contextos. Pense no que aconteceria hoje se os cristãos, em vez de discutir política, analisar programas de TV, comentar filmes, discorrer sobre esportes e conversar sobre o trânsito, falassem mais sobre a Palavra de Deus!

— O que você aprendeu hoje da Palavra de Deus?

— Antes de discutirmos nossos planos, vamos ver que conselho a Bíblia nos dá.

Não seria uma maneira refrescante de viver? Não seria um passo firme para vencer o medo e o fracasso?

Medite na Palavra continuamente

Medita nele dia e noite.

— Josué 1.8

A ideia de meditação está fora de sintonia com os tempos atuais. Não gostamos de nada que seja lento ou cauteloso e, particularmente, detesto a ideia de quietude. Agrada-nos que as coisas sejam rápidas. Gostamos de mais ação e menos reflexão. Apreciamos *tweets* de 140 caracteres em vez de informações detalhadas.

Mas a meditação — e quero dizer a meditação bíblica, e não o esvaziamento da mente característico das religiões orientais — é central para a vida à qual Deus nos chama. Ela exige que desistamos de nossa pressa e ouçamos em silêncio e com atenção o que Deus tem a dizer. J. I. Packer descreve a maneira correta de meditar:

Meditação é o ato de trazer à mente as várias coisas conhecidas sobre os procedimentos, as peculiaridades, os propósitos e as promessas de Deus.

Seu propósito é [...] deixar que sua verdade produza um impacto total na mente e no coração do indivíduo. [...] É, na realidade, um meio de raciocinar consigo mesmo em ocasiões de dúvida e apreensão até chegar ao claro entendimento do poder e da graça de Deus.⁷

Como a vaca que mastiga o alimento repetidamente para digeri-lo e beneficiar-se dele, meditemos na Palavra de Deus examinando-a repetidamente, de forma a permitir que Deus nos fale ao coração e acalme nosso medo.

A meditação é a manutenção preventiva da mente. Preenchemos todos os cantos do pensamento com a verdade rica e eterna antes que os erros do mundo criem raízes e nos infectem. Vivemos neste mundo e estamos expostos a tudo o que é errado. Mas podemos nos tornar resistentes ao vírus

das falsas ideias. Meditar na Palavra de Deus é a inoculação contra “todo vento de doutrina” (Ef 4.14).

Davi entendeu o poder da meditação.³ Ele escreveu:

Oh! Quanto amo a tua lei! É a minha meditação em todo o dia! Tu, pelos teus mandamentos, me fazes mais sábio que meus inimigos, pois estão sempre comigo. Tenho mais entendimento do que todos os meus mestres, porque medito nos teus testemunhos. Sou mais prudente do que os velhos, porque guardo os teus preceitos.

– Salmos 119.97-100

Procure meditar todo dia em Filipenses 4.13, que diz: “Posso todas as coisas naquele que me fortalece”. Pense em quanto mais resistente você seria aos sussurros insidiosos que dizem: *Desista. Você não consegue. Deus não vai ajudá-lo*. A Palavra implantada é um baluarte contra as mentiras do Maligno.

Entre essas duas mensagens que tocam sua alma com mais frequência — a voz da coragem ou a voz da derrota — só uma vence a batalha por sua mente.

Leia a Palavra obedientemente

Para que tenhas cuidado de fazer conforme tudo quanto nele está escrito [no livro da Lei].

– Josué 1.8

Observe nessa passagem a frase *tenhas cuidado de fazer*. É fácil ignorar essas quatro palavras como insignificantes, mas, na realidade, elas apresentam um dos grandes conceitos do Antigo Testamento. Não lemos a Bíblia apenas para obter informações e aumentar nosso conhecimento. Estudamos a Bíblia para descobrir a vontade de Deus para nossa vida. *Temos cuidado para fazer*. Temos cuidado da Bíblia, a fim de obedecer à Bíblia.

Um dos erros mais sutis e perigosos que podemos cometer é ver a Bíblia como leitura interessante. Sim, é literatura atemporal: fascinante, divertida e comovente. Mas em todos os momentos, a Palavra de Deus não é um mero livro. Ela tem o objetivo de mudar quem somos e como vivemos. A mensagem da Bíblia não pode parar na mente; ela tem de descer ao coração e

à vontade. Temos de ser “cumpridores da palavra e não somente ouvintes” (Tg 1.22).

Quando temos medo de viver contraculturalmente como a luz de Deus no mundo, a obediência é a única chave para banir o medo. Desobedeça, e o medo permanecerá. Obedeça, e o medo se afastará. O papel da Palavra de Deus é nos dizer o que fazer, mas a coragem só é percebida quando obedecemos.

Siga a Palavra exclusivamente

Não te desvies [do livro da lei], nem para a direita nem para a esquerda.
– Josué 1.7

Nos últimos anos, uma nova expressão entrou na língua comum inglesa: *tolerância zero*. Essa frase começou a ser ouvida com mais frequência depois que a legislação de 1994 proibiu levar armas de fogo para a escola. Não haveria tolerância para a violação desse decreto. Expulsão imediata por um ano aos infratores, e se a escola não cumprisse a lei, perderia o financiamento federal. *Tolerância zero* significava uma política rigorosa e clara que proibia armas nas escolas. A expressão pegou, e logo havia discussões em outras áreas que mereciam tolerância zero: *bullying*, fraude, tráfico de drogas.

A expressão não existia nos dias de Josué, mas, como mostra a passagem acima, sua aplicação sim. Deus deu a Josué a política de tolerância zero em relação à infidelidade espiritual, dizendo-lhe que, quando os israelitas entrassem em Canaã, deveriam seguir a Palavra de Deus sem se virar “para a direita nem para a esquerda”.

Eles não tinham de transigir a moral ou os princípios para se conformarem com as práticas dos habitantes da terra. Não tinham de manipular o significado da Lei de Deus para torná-la politicamente correta. Não tinham de usá-la como texto de prova para opiniões próprias. Tinham apenas de obedecer à Lei de Deus e nada mais.

No cerne da Lei, estava a aliança, o acordo entre Deus e seu povo. Não haveria mudanças. A nova geração tinha de guardar a antiga revelação. Em tempos de incertezas, ao enfrentar um novo mundo, esta seria a segurança dos israelitas: *Nada importante mudou. Eu, o Senhor, não mudo. Continuem a me seguir.*

Sabemos o que aconteceu na história. O povo de Israel deu muitos passos à esquerda e à direita. Deus foi paciente e perdoador, porém a nação teve de sofrer por não ter sido fiel a Deus e à sua Lei. A nação foi dividida em duas. O povo foi exilado primeiro para a Assíria e depois para a Babilônia. Os israelitas pagaram o preço, vivendo em medo constante de inimigos e invasões. Desviaram-se para a direita e para a esquerda a fim de servir outros deuses, e o que temiam se concretizou quando Deus retirou sua ampla proteção.

Temos uma escolha: podemos seguir os deuses deste mundo e viver com medo de que seremos apanhados nas consequências que inevitavelmente ocorrem a toda desobediência, ou então podemos seguir a Deus e à sua Palavra exclusivamente e viver sem medo.

Aceite a Palavra totalmente

Tudo quanto nele [no livro da Lei] está escrito.

– Josué 1.8

Às vezes, as pessoas me perguntam por que prego passagens do Antigo Testamento. Quase todo mundo gosta dos Evangelhos de Jesus e das cartas dos apóstolos. Mas por que se preocupar com todas essas guerras, reis e profetas?

Há uma boa razão. Incluo o Antigo Testamento em meu ensino porque a mensagem de Deus é incompleta sem esse texto sacro. A teologia reconhece dois tipos de inspiração bíblica: a inspiração verbal significa que as palavras foram inspiradas por Deus, e a inspiração plenária ou total significa que *toda* a Bíblia vem diretamente de Deus. Acreditamos, então, que cada palavra da Bíblia tem Deus como fonte. Isso se reflete em Josué 1.8, onde a palavra *tudo* assume o centro do palco. Não devemos escolher e selecionar a Lei de Deus mais do que escolhemos quais leis federais obedecemos.

Josué ouviu? Muitos anos depois, quando ele estava à beira da morte, Josué fez seu discurso de despedida para o povo de Israel, agora estabelecido na Terra Prometida. Ele repetiu as palavras que foram dadas a ele muitos anos antes por Deus: “Esforçai-vos, pois, muito para guardardes e para fazerdes tudo quanto está escrito no livro da Lei de Moisés, para que dela não vos aparteis, nem para a direita nem para a esquerda” (Js 23.6).

Em Deuteronômio 17.18,19, Deus tornou a imersão profunda na Lei a principal prioridade para os futuros reis de Israel. Sem dúvida, é por isso que Davi, chegando ao fim da vida, preparou o filho Salomão para a ascensão à realeza com palavras que ecoavam a incumbência de Deus dada a Josué:

Eu vou pelo caminho de toda a terra; esforça-te, pois, e sê homem. E guarda a observância do SENHOR, teu Deus, para andares nos seus caminhos e para guardares os seus estatutos, e os seus mandamentos, e os seus juízos, e os seus testemunhos, como está escrito na Lei de Moisés, para que prosperes em tudo quanto fizeres, para onde quer que te voltares.
– 1 Reis 2.2,3

Não é pouca coisa o fato de Deus ter chamado Josué para a Palavra quando ele estava às margens do Rio Jordão. Os que desejam fazer qualquer coisa para Deus e experimentar as riquezas que Ele deseja para eles têm de fazer parte do povo da Palavra.

Os “grandes espirituais” de nosso tempo tornaram a Palavra a principal prioridade. Há pastores, líderes, professores e leigos que leram a Bíblia mais de cem vezes. Dizem que George Müller a leu 200 vezes. O missionário David Livingston a leu quatro vezes seguidas, enquanto estava retido em uma aldeia no meio da selva. Charles Spurgeon disse: “A Bíblia que está caindo aos pedaços geralmente pertence a alguém que não está”.

A Bíblia é a maior fonte de encorajamento disponível hoje. Quando a lemos, somos transformados, porque ela é um livro vivo. Sempre que estivermos com medo do fracasso ou tivermos a sensação de fracasso, a Palavra de Deus tem de ser nossa mais alta prioridade. As palavras que encontramos nesse livro impregnarão nosso coração e mente de força e coragem. Quanto mais nos concentrarmos em Deus e em sua Palavra, menos espaço haverá para o medo.

O PRINCÍPIO DA DIVINA PRESENÇA

[...] Não te deixarei nem te desampararei. [...] O SENHOR, teu Deus, é contigo, por onde quer que andares.
– Josué 1.5,9

No início deste capítulo, falamos sobre as semelhanças nas narrativas de chamado do Antigo Testamento: o desafio do céu, o medo da terra, a reafirmação e garantia de Deus. Há outro elemento fundamental: a promessa consistente de Deus de nos acompanhar na viagem. Ele nunca diz: “Vai, que eu te espero aqui”. Ele diz: “Vamos!”. Deus disse:

- Para Moisés: “Certamente eu serei contigo. [...] Vai, pois, agora, e eu serei com a tua boca e te ensinarei o que hás de falar” (Êx 3.12; 4.12).
- Para Gideão: “Porquanto eu hei de ser contigo, tu ferirás os midianitas como se fossem um só homem” (Jz 6.16).
- Para Jeremias: “Não temas diante deles, porque eu sou contigo para te livrar, diz o SENHOR. [...] Porque eu sou contigo, diz o SENHOR, para te livrar” (Jr 1.8,19).
- E para Josué: “Como fui com Moisés, assim serei contigo; não te deixarei nem te desampararei” (Js 1.5).

Por quarenta anos, Josué testemunhara a presença fiel de Deus com seu mentor Moisés. Agora, o Senhor prometeu a Josué que ele também seria abençoado pela presença dEle em sua vida e liderança.

Nada é mais importante ou mais aumenta a confiança no chamado de Deus do que a promessa de que Ele estará conosco. A promessa da presença ativa e do poder grandioso de Deus sempre acompanha a pessoa que Ele chama. Isso torna insignificante a desculpa ou a objeção ao chamado. Se a pessoa chamada sentir-se inadequada ou incapaz, torna-se irrelevante, porque ela carrega consigo o poder de Deus para realizar o que Ele a chama para fazer.

No Novo Testamento, Deus nos faz a mesma promessa que fez aos santos do Antigo Testamento: “Não te deixarei, nem te desampararei”. E, assim, com confiança, ousemos dizer:

O Senhor é o meu ajudador, e não temerei o que me possa fazer o homem.
– Hebreus 13.5,6

O PRINCÍPIO DA PROSPERIDADE DIVINA

Porque, então, farás prosperar o teu caminho e, então, prudentemente te conduzirás.

– Josué 1.8

Essa é, sem dúvida, uma das promessas mais ousadas de toda a Bíblia. Para a maioria das pessoas hoje, sucesso significa o alcance de metas e a realização financeira. Na língua hebraica, significa ser prudente ou agir com cautela. Em sentido espiritual, significa deixar a vida ser guiada por Deus. Josué teve esse tipo de sucesso e prosperidade. Ele também teve reveses e fracassos. Mas o âmbito geral de sua vida indicava prudência e sabedoria, e foi um homem bem-sucedido.

Agora imagine comigo: Josué descobre que sua nova atribuição de trabalho é liderar esse povo nômade na luta contra os cananeus. Trata-se de uma grande promoção, porém Josué receia ser demais para ele. Extremamente ansioso, dirige-se ao escritório do Consultor divino, onde recebe seis princípios para vencer o medo do fracasso e garantir o sucesso. Ele sai de cabeça erguida e esbanjando confiança. Josué recebeu uma transfusão de coragem.

Ao chegar perto do fim da vida, Josué deu testemunho do poder desses princípios para trazer prosperidade e sucesso ao povo.

E eis aqui eu vou, hoje, pelo caminho de toda a terra; e vós bem sabeis, com todo o vosso coração e com toda a vossa alma que nem uma só palavra caiu de todas as boas palavras que falou de vós o SENHOR, vosso Deus; todas vos sobrevieram, nem delas caiu uma só palavra.

– Josué 23.14

Sei que esses princípios funcionam, pois fiz deles os preceitos fundamentais para o meu andar com Deus. Nas muitas ocasiões em que enfrentei os desafios ministeriais, essas palavras poderosas me deram a injeção de coragem de que eu precisava para prosseguir e encontrar o sucesso que Deus promete.

Enquanto escrevo este capítulo, lembro-me das vezes em que tive muito medo do fracasso. A primeira vez foi no último ano de seminário. Eu passara quatro anos na faculdade e mais quatro anos de pós-graduação de formação no seminário e, em poucas semanas, eu teria de sair dessa zona de conforto para entrar no mundo real. Lembro-me de ter pensado: *Será que serei capaz de fazer isso. E se eu não estiver preparado para o ministério?*

Minha primeira missão depois de me formar foi servir como pastor de jovens e diretor de educação cristã em uma grande igreja em Nova Jersey. Foram grandes dias para Donna e eu. Saíamos com jovens do ensino médio dia e noite, e Deus nos deu o privilégio de mentorear alguns dos maiores jovens que já conheci. Ainda hoje, ouvimos falar de alguns.

Durante os últimos meses do segundo ano em Nova Jersey, comecei a sentir o desejo crescente de pregar. As poucas oportunidades em que preguei me deixaram com um desejo ardente de pregar mais. Não tivemos de esperar muito tempo para que esse desejo se cumprisse. Um pastor amigo meu de muito tempo estava construindo uma rede de igrejas em Fort Wayne, Indiana. Inesperadamente, ele me ligou para perguntar se eu estaria interessado em tornar-me pastor de sua mais nova igreja plantada.

Com muitas reservas, Donna e eu concordamos em visitar a igreja. Depois de pregar na igreja-mãe, eu conversaria com as sete famílias que concordaram em ajudar a iniciar esse novo trabalho. Eu tinha quase a absoluta certeza de que Deus não queria que eu fizesse aquilo, porém me senti obrigado a ouvir a proposta.

Enquanto viajávamos de volta para casa, estávamos impressionados com a fé e a animação daquele importante grupo de pessoas. Ficamos comovidos por quererem que nós os dirigíssemos nesse empreendimento de fé. Deram-nos duas semanas para tomar a decisão, e acabamos precisando de todos esses dias! Conforme o prazo se aproximava, minha aflição aumentava. Hoje, olhando para trás, percebo que grande parte de minha indecisão era o medo de não ser capaz de realizar o que eles queriam que eu fizesse. E se fôssemos para Indiana e não conseguíssemos fazer da nova igreja um sucesso?

Outras questões também anuviavam minha mente. Durante nossa visita, andei de carro pelas redondezas onde a igreja seria plantada e contei, pelo menos, cinco igrejas bem construídas. E era para eu ser o pastor de sete famílias reunidas em uma casa móvel! Isso mesmo, uma casa móvel. Um dos principais membros da nova igreja vendia casas móveis, e ele concordara em montar quatro delas e dispô-las em forma de L, resultando em um “auditório” que acomodaria cem pessoas, com a outra seção abrigando um berçário, algumas salas de aula e um pequeno escritório.

Se você estivesse andando de carro por Fort Wayne, Indiana, procurando uma nova igreja para frequentar, você teria preferido a igreja em casa móvel em vez de uma das cinco belas igrejas que havia nessa parte da cidade? Nem

eu! O medo do fracasso era palpável, e eu sabia como me livrar disso: ficarmos exatamente onde estávamos — em uma igreja reconhecida e confortável.

Com apenas alguns dias antes do prazo final, fui de carro às praias de Nova Jersey para passar o dia pensando e orando. Estava mais frio do que eu esperava. Então, entrei em um *café* no calçadão da praia para me aquecer. Comprei meu café e um exemplar do jornal *Philadelphia Inquirer* em uma banca, acomodei-me e comecei a ler a história que mudou nossas vidas.

Era um artigo sobre Vince Lombardi, o lendário treinador dos Green Bay Packers, time de futebol americano. Ele acabara de sair de Wisconsin para tornar-se treinador dos batalhadores Washington Redskins. Este era o assunto do mundo dos esportes: Por que Lombardi deixaria seu time de sucesso espetacular em Green Bay e passaria para o que era, então, o pior time da Liga Nacional de Futebol Americano (NFL)? O que me chamou a atenção foi uma frase no meio do artigo. Era uma citação retirada do treinador e colocada em negrito: “Descobri em minha vida que é mais difícil construir do que conservar”.

Terminei meu café, dirigi a hora de volta a Haddon Heights e disse a Donna que nos mudaríamos para Fort Wayne. Deus tinha vencido meu medo do fracasso — até o momento.

O medo voltou quando passamos as próximas semanas nos preparando para mudar para Indiana. Eu acreditava que Deus havia falado comigo naquele dia nas praias de Nova Jersey, porém eu ainda estava nervoso e com medo, até que chegamos. Quando entramos na pequena casa onde iríamos morar, vimos um cartaz fixado com fita adesiva em uma porta do armário da cozinha:

Os mandamentos de Deus são as capacitações de Deus.

Até hoje, não sei quem colocou o cartaz, porém acredito que foi Deus que levou a pessoa a colocar. De repente, ocorreu-me o seguinte: Deus não diria para eu fazer algo que Ele não me capacitasse a fazer! Por que então ter medo se Deus se comprometera com meu sucesso? O que Deus fez para Moisés, Gideão, Jeremias, Josué e outros, Ele faria também para mim. E Ele fez. Por doze anos, o Senhor pacientemente me ajudou a aprender a ser pastor e levou a igreja a crescer. Quando saímos de Fort Wayne, Deus provara para mim e para Donna que a única maneira de aprendermos a confiar nEle é sair da

nossa zona de conforto para entrar na “zona do medo” e dizer sim para Ele.

Se você estiver em situação semelhante, incentive-o a trocar o medo do desconhecido pela confiança em Deus e em sua Palavra. Se há algo que Deus quer que você faça, então deixe que as ações que você faz coloquem seu medo para fugir.

² **N. do E.:** Ao que indica, o Dr. David Jeremiah se baseia na passagem de Deuteronômio 2.14: “E os dias que caminhamos, desde Cades-Barneia até passarmos o ribeiro de Zerede, foram trinta e oito anos, até que toda aquela geração dos homens de guerra se consumiu do meio do arraial, como o Senhor lhes jurara”. O autor baseia-se nesse período, o que mostra que, antes de chegar a Cades-Barneia, os israelitas já haviam passado dois anos no deserto. Essa afirmação é confirmada em Números 1.1: “[...] no primeiro dia do segundo mês, no segundo ano da sua saída da terra do Egito [...]”. Ou seja, foi depois desses dois anos que Moisés enviou os 12 espias e, ao voltarem com o relatório, Deus faz com que eles andem pelo deserto por 38 anos que, somados aos dois anos anteriores, totalizam 40 anos no deserto.

³ **N. do E.:** Embora o Dr. David Jeremiah afirme ter sido Davi o autor do Salmo 119, não há provas reais de quem o escreveu. De acordo com a *Bíblia de Aplicação Pessoal*, muitos estudiosos afirmam ter sido Esdras o autor, tendo escrito após o Templo ter sido reconstruído (Ed 6.14.15).

CAPÍTULO 5

.....

SOLIDÃO: *O Medo de Ficar Sozinho*

.....

*Não pasmes, nem te espantes, porque o Senhor, teu Deus, é
contigo, por onde quer que andares.*

JOSUÉ 1.9

Em meados de 2008, Hal Niedzviecki, escritor do jornal *New York Times*, decidiu explorar o admirável mundo novo da mídia social da comunicação, particularmente o Facebook. Ele criou uma conta e foi fundo. Adicionou amigos rapidamente, pessoas que ele tinha conhecido ao longo dos anos, parentes, amigos de amigos e até mesmo alguns conhecidos tangenciais aqui e ali. Logo logo, ele ficou surpreso ao descobrir que tinha 700 amigos *on-line*. Ele teve de admitir: foi um susto! Ele teve uma nova e reforçada visão de seu lugar no mundo.

Porém, ele quis saber como os amigos do Facebook se traduziam em amizades tradicionais. Hal era um tanto quanto introvertido que focava em sua carreira. Ainda assim, tratava-se da era do Facebook. Talvez ele tivesse subestimado suas habilidades sociais.

Então, ele colocou tudo à prova. Planejou uma festa do Facebook com vistas a ajudá-lo a converter conhecidos digitais em amigos reais de carne e osso. Niedzviecki convidou todos os 700 amigos para uma festa em um bar da cidade. Cada pessoa podia responder com “comparecerá”, “talvez

comparecerá” ou “não comparecerá”.

Ele viu as primeiras respostas como se fossem a noite das eleições presidenciais. Quinze disseram que compareceriam. Outros sessenta deram-lhe um firme talvez, alguns disseram que não, enquanto que os outros não responderam. Analisando os números, pensou ele que seria razoável esperar o comparecimento de 20 amigos.

Niedzviecki estava animado com o encontro social. Tomou banho, fez a barba, borrifou um pouco de água-de-colônia e vestiu-se bem, pronto para causar a melhor impressão possível e conhecer seu público do Facebook. Parecia até que era o seu primeiro encontro. Ele entrou no bar da vizinhança, encontrou um lugar para sentar e esperou.

E então esperou um pouco mais.

Depois de algum tempo, cumprimentou o primeiro participante: uma simpática senhora que era amiga de um amigo. Eles tiveram uma conversa curta e embaraçosa, até que ela foi embora. Niedzviecki ficou sentado sozinho até a meia-noite, bebericando a bebida e se perguntando onde estavam os 700 amigos.

“Setecentos amigos”, escreveu ele, “e lá estava eu bebendo sozinho”.¹

A experiência de Hal Niedzviecki resume algo que muitos de nós estão começando a sentir. Inventamos tantas maneiras novas de relacionarmos-nos uns com os outros, porém sentimos como se estivéssemos mais sozinhos do que nunca. Paradoxalmente, nosso mundo está cheio de multidões agitadas de pessoas sós.

O americano comum de hoje conhece tantas pessoas em um ano quanto seu bisavô conheceu na vida toda. Então, por que está mais solitário do que seu bisavô jamais se sentiu? Todos reconhecemos que há o *sozinho* e há o *solitário*, e que ambos não são a mesma coisa. Quase ninguém hoje está sozinho. Movemo-nos entre as multidões quase continuamente, só que estar perto de pessoas não é o mesmo que ter algum tipo de ligação com elas.

Essa sensação de solidão gera um novo tipo de medo: a autofobia. Não, não é o medo de carros. Autofobia é alguém que tem medo da solidão. O termo é formado de duas palavras gregas que significam “próprio” e “medo”. O medo da solidão é o medo anormal e persistente de estar sozinho. Os que sofrem desse medo experimentam ansiedade anormal, mesmo percebendo que estar sozinho não ameaça seu bem-estar.

O autofóbico pode não estar fisicamente só, mas tem a sensação constante de ser ignorado, desprezado ou afastado. Os que sofreram o trauma de serem abandonados, por exemplo, por um dos pais ou pelo cônjuge, são candidatos à autofobia. Tendo em vista que o amor é nossa maior necessidade, a rejeição por um ente querido é extremamente devastador.

Às vezes, as pessoas menos prováveis são as mais solitárias, ou estão entre as mais temerosas com a perspectiva da solidão. Você não esperaria que os famosos ou ricos fossem solitários. Afinal, eles têm a vantagem das riquezas, os amigos, os contatos, as obrigações financeiras, as contratações e a adulação. Entretanto, as aparências escondem medos inesperados:

- Anne Hathaway, atriz e também premiada com o Oscar, confessou: “A solidão é minha coisa menos favorita sobre a vida. A única coisa pela qual mais me preocupo é ficar sozinha, sem ter ninguém para cuidar ou não ter alguém que cuide de mim”.²
- Joss Whedon, diretor de *Os Vingadores*, disse: “A solidão é a coisa mais assustadora que existe”.³
- Lily Tomlin, atriz e humorista, disse: “Estamos todos nisso sozinhos”.⁴
- Falando sobre o ex-presidente Richard M. Nixon, Henry Kissinger escreveu: “A essência deste homem é a solidão”.⁵
- Albert Einstein escreveu: “É estranho ser tão universalmente conhecido e, ainda assim, ser tão solitário”.⁶
- O escritor Ernest Hemingway escreveu: “Vivo num vácuo tão solitário quanto a válvula do rádio quando as baterias se esgotaram e não há mais tomada para ligar a corrente elétrica”.⁷
- Marilyn Monroe disse: “Às vezes penso que as únicas pessoas que permanecem comigo e que realmente me ouvem são as pessoas que contrato, as pessoas que pago”.⁸

A solidão se espalhou como doença pelo mundo, onde as pessoas vivem sem o apoio de uma comunidade, onde a Internet tomou o lugar da conversa presencial, onde o trabalho dura, em média, apenas dois anos, onde as pessoas mudam de estado em estado e de casamento em casamento. Na era da tecnologia, a possibilidade de ficar sozinho aumentou exponencialmente. O ator Emilio Estevez coloca a ideia desta forma: “Todos temos esses

aparelhos que nos mantêm ligados às pessoas, mais ainda estamos mais afastados delas do que nunca. Por que será?”.⁹

Em 1998, os pesquisadores da Universidade Carnegie Mellon estudaram os efeitos do vício na Internet, até então um novo fenômeno. Eles descobriram que quanto mais tempo as pessoas passavam na Internet, mais deprimidas e solitárias se sentiam. Robert Kraut, o principal autor do estudo, disse que as pessoas viam a Internet como uma mídia social, mas que obtiveram dela apenas sintomas negativos, tais como depressão e solidão.¹⁰

Estudos semelhantes abundaram, porém poucas pessoas ouviram. Uma pesquisa de 2008 revelou que os adultos gastavam 30% do tempo de lazer na Internet. Em 2009, a média saltou para 12 horas por semana, o dobro da média em 2005.¹¹ Hoje, os americanos gastam entre oito e nove horas por dia olhando para algum tipo de tela brilhante, seja ela a TV, o computador ou o celular. Será que estamos selecionando relacionamentos mais saudáveis?

Não estou afirmando que as conexões eletrônicas são perniciosas. Há ocasiões em que textos e a mídia social proporcionam ligações benéficas entre as pessoas que precisam fazer um pedido de oração em tempo real ou então encontrar ajuda rápida para trocar um pneu furado. Contudo, essas formas de comunicação rápida tornaram-se a principal base para as interações sociais. Precisamos de menos Facebook e mais “tempo presencial”, e eu não estou falando de um aplicativo para iPhone com esse nome. Quero dizer as antigas interações face a face e olho no olho. Precisamos é de proximidade, e não há aplicativo para isso.

Muitos jovens se identificarão com outra fobia completamente nova: a nomofobia, que é o medo de ficar sem um aparelho de comunicação móvel. *Dá pra* imaginar isso? Por milhares de anos antes de Alexander Graham Bell, ninguém sequer imaginou que essa coisa de celular existiria. E agora, o pensamento de ficar sem um desses aparelhos a cada minuto do dia pode desencadear o terror no coração das pessoas. Temos de ter acesso à comunicação instantânea com todas as nossas conexões. Certa mulher mandou muitas mensagens de texto para o marido, porém ele não respondia. Impaciente pela falta de resposta, ela mandou uma mensagem: “O que há de errado? O gato comeu seu polegar?”.

A SecurEnvoy, empresa especializada em senhas digitais, constatou que 66% dos entrevistados no Reino Unido genuinamente temem a possibilidade

de ficar sem celular.¹²

Assista aos anúncios publicitários, e você verá que os novos aparelhos de comunicação são comercializados e voltados ao desejo humano de nos aproximar das pessoas. É irônico porque a vida centrada nos aparelhos nos isola ainda mais. Tecnologia não é toque. O brilho da tela colorida não substitui o brilho da amizade expressiva.

Lisa, de dezessete anos de idade, escreve: “Chego a casa depois da escola, entro na Internet e me sinto bem. E conversamos por duas horas. Mas, ainda assim, não tenho amigos. Nunca conhecerei as pessoas com quem eu falo”.¹³

Hannah, de dezesseis anos, conheceu “Ian” durante cinco anos sem nunca tê-lo conhecido pessoalmente. Entretanto, na opinião dela, é ele quem a conhece mais e melhor.¹⁴ Acontece que nem Hannah nem Ian se conhecem de verdade, porque quando estamos na Internet, não precisamos ser verdadeiros. Podemos muito bem criar cuidadosamente símbolos de nós mesmos. Podemos esconder nossos pontos fracos e defeitos, sejam eles reais ou imaginários, por trás da fachada de uma fantasia meticulosamente autoelaborada. A revista *New Yorker* publicou uma charge em 1993, no alvorecer da era da Internet, que causou sensação instantânea. Um cachorro se senta em uma cadeira de escritório com uma pata no teclado do computador. Ele se vira e diz para outro cão: “Na Internet, ninguém sabe que você é um cachorro”.¹⁵

Os companheiros de Internet podem não se conhecer nem um pouco. *Bytes* e *pixels* não captam o coração e a alma do ser humano. A conexão autêntica exige muito mais do que palavras abreviadas e *emoticons*. Ela tem de ter o vocabulário intrincado da linguagem corporal: expressões faciais, nuances verbais e tons de voz. É quando nos sentamos juntos e olhamos nos olhos um do outro que ocorre a verdadeira conexão. Um telefonema estreita a “largura de banda” da conexão. Um texto ou *post* estreita ainda mais. A comunicação digital tem 40 mil quilômetros e 200 metros de largura por um centímetro e meio de profundidade. Nas conexões digitais, perdemos a oportunidade de conhecer e de ser conhecido. A tecnologia promete o conforto da conexão, porém diminui o limiar da intimidade.

Em suma, a comunicação eletrônica afasta a todos da comunidade autêntica. Parece que não fazemos ideia de como isso pode ser perigoso para nossa saúde emocional e espiritual.

OS PERIGOS DO ISOLAMENTO

A maioria de nós não percebe o quão insidioso o verdadeiro isolamento pode ser. Ficar sem comida ou água mata o corpo, já a falta de relacionamento mata a mente e o espírito.

Um artigo publicado na revista *Psychology Today* chamou o isolamento de “potente assassino”. O artigo continuou: “Não há influência mais destrutiva na saúde física e mental do que o isolamento entre você e mim e entre nós e eles. [O isolamento] tem demonstrado ser um agente central na etiologia da depressão, da paranoia, da esquizofrenia, do estupro, do suicídio, do assassinato em massa e da ampla variedade de estados doentios”.¹⁶

Há algo em nós que não gosta muito de solidão. Erle Stanley Gardner, o criador de Perry Mason, também escreveu romances de ficção científica e *Westerns*.⁴ Em um de seus *westerns*, um ríspido e velho prospector de ouro diz:

Há muitas pessoas que você pode colocar no meio do deserto, ir embora e deixá-las lá por uma semana, e voltar, e encontrá-las completamente loucas. Já vi isso acontecer.

Um homem torceu o tornozelo e não pôde continuar viajando. O grupo do qual fazia parte teve de prosseguir, porém deixaram-no com muita comida. Tudo o que ele tinha de fazer era manter a calma por três ou quatro dias. Ele apareceu na civilização um tanto quanto louco. O tornozelo estava todo inflamado. Ele disse que preferia ter perdido a perna inteira a ter ficado naquele deserto por mais dez minutos. As pessoas não suportam isso, porque lá fora estão sozinhas com o Criador.¹⁷

É algo tão terrível assim estar a sós com o Criador? Seria essa uma das razões pelas quais muitas pessoas não conseguem ficar quietas, porque não podem calar a voz calma de Deus, chamando-as para uma nova vida?

Faz parte, porém há muito mais. O isolamento e a solidão nos prejudicam de forma tão severa porque fomos criados com o desejo inerente de interação social. Para dizer em poucas palavras, precisamos uns dos outros. A canção de *Funny Girl* declara: “As pessoas que precisam de pessoas são as pessoas mais sortudas do mundo”. Já eu diria que elas são as *únicas* pessoas no mundo. Nenhum de nós pode viver de forma saudável sem interação com

outras pessoas.

Em duas parábolas relacionadas, Jesus fala de um homem que encontrou uma ovelha perdida e de uma mulher que encontrou uma moeda perdida. Depois de recuperar as perdas, ambos convidam os amigos para alegrar-se com eles (Lc 15.4-10). Apesar de a interação humana não ser o ponto principal dessas parábolas, essas histórias mostram um aspecto arraigado da natureza humana. Temos a forte necessidade de partilharmos nossas experiências com os outros: de nos alegrarmos nos momentos bons e de sermos consolados nos momentos maus. Depois de vermos um filme, lermos um livro, assistirmos a uma partida de futebol ou a um concerto, queremos alguém com quem compartilhar nossos pensamentos sobre a experiência. Depois de cortar e pintar o cabelo, a esposa anseia pelos comentários de admiração do marido. Depois de tirarmos férias, queremos que alguém olhe nossas fotos e conheça nossas aventuras. Fomos feitos dessa forma. Não podemos ser felizes ou saudáveis sem relacionamentos.

A tecnologia moderna, na tentativa de nos unir, só teve sucesso em nos afastar. Se quisermos permanecer espiritual e emocionalmente saudáveis, não podemos sucumbir à tentação de depender da interação eletrônica como base para nossas relações sociais.

ANTIGOS EXEMPLOS DE SOLIDÃO

Embora o isolamento seja mais difundido no mundo de hoje da comunicação eletrônica, isso não é nada novo. Vemos muitos exemplos de solidão entre os nossos heróis bíblicos:

- Noé era espiritualmente solitário. Ele pregou para uma geração perversa por 120 anos sem um único convertido. Todas as relações, exceto com sua família imediata, foram aniquiladas num Dilúvio que destruiu o mundo (Gn 6–7).
- Agar, serva de Sara, foi enviada ao deserto, não por culpa própria. Sentia-se tão sozinha que se desesperou da vida (Gn 16).
- Abraão esperou muitos anos por um filho, só para fazer a viagem solitária ao monte Moriá, acreditando que ele teria de sacrificar o rapaz ao Senhor (Gn 22).
- Os irmãos de José o venderam para a escravidão egípcia, onde passou ele

17 anos solitários como prisioneiro e escravo (Gn 37; 39).

- Por quarenta anos, Moisés foi banido para o interior rústico de Midiã, longe do luxo de sua antiga casa real (Êx 2–3).
- Davi, talvez mais do que qualquer outra pessoa do Antigo Testamento, experimentou a solidão, sobretudo quando o rei Saul, com ciúmes da crescente popularidade de Davi, perseguiu-o como um animal com a intenção de matar. Davi expressou sua solidão nos salmos que escreveu:

Olha para mim e tem piedade de mim, porque estou solitário e aflito.

– Salmos 25.16

Olhei para a minha direita e vi; mas não havia quem me conhecesse; refúgio me faltou; ninguém cuidou da minha alma.

– Salmos 142.4

Esses são apenas alguns personagens bíblicos que experimentaram isolamento e solidão. No entanto, a pessoa cuja vida optei por explorar este tema pode deixá-lo surpreso: o apóstolo Paulo.

Talvez você esteja pensando: *Como pode este homem ser um modelo para o tratamento da solidão?* A Bíblia deixa bastante claro que este homem enérgico, agressivo, sanguíneo e orientado a metas era uma pessoa completa. Por exemplo, ele escreveu a carta à igreja romana antes de tê-la visitado. Porém, na carta, ele saúda nada menos que 26 pessoas por nome, além de outras indiretamente. Menciona também oito pessoas que estão com ele enquanto escreve a carta. Muitas pessoas hoje teriam muita dificuldade em cumprimentar pessoalmente ou mesmo citar como amigos quase três dezenas de pessoas (amigos do Facebook à parte).

Mas perto do fim da vida, Paulo, que conhecia tantas pessoas por nome, estava completamente sozinho, confinado à infame Prisão Mamertina nas entranhas de Roma. Desse local deprimente, escreveu a Timóteo a última carta do seu ministério apostólico: a carta que conhecemos como 2 Timóteo. Em 2 Timóteo 4.9-21, encontramos Paulo mencionando outras 17 pessoas (além de duas no capítulo 1). Eram amigos e companheiros que ele lembrou nos dias que sabia que eram os seus últimos na terra.

Como é que alguém, cuja vida e ministério foram tão orientados a pessoas, lidou com a solidão no corredor da morte? Paulo estava sozinho não só

fisicamente, mas também espiritual e emocionalmente, vulnerável à realidade esmagadora da solidão. Se havia alguém que se tornaria vítima da solidão, seria uma pessoa gregária como Paulo. E se havia alguém com uma resposta espiritual para a solidão, esse alguém seria esse homem.

A SOLIDÃO DO ISOLAMENTO

Que efeito a solidão forçada pode causar sobre uma pessoa expansiva e altamente relacionada como Paulo? O correspondente de notícias Terry Anderson sabe em primeira mão. Ele era um americano que morava em Beirute, no Líbano, em 1985. Em 16 de março, Anderson foi sequestrado por três homens e mantido como refém, juntamente com outros americanos, por quase seis anos. Em grande parte desse tempo, ele ficou fechado em isolamento. Um artigo para a revista *New Yorker* descreve os efeitos do isolamento de Anderson:

Ele tinha saudades terríveis de pessoas, sobretudo de sua noiva e de sua família. Estava desanimado e deprimido. Depois, com o passar do tempo, começou a sentir algo mais. Sentiu-se desintegrando. Era como se seu cérebro estivesse derretendo. Com um mês de confinamento, relatou ele em suas memórias: “A mente está em branco. [...] Sempre pensei que eu fosse inteligente. Onde estão as coisas que aprendi, os livros que li, os poemas que memorizei? Não há mais nada, apenas um tormento cinza-escuro sem forma. Minha mente morreu. Deus, me ajude”. [...]

Certo dia, com três anos nesse calvário, [Anderson] perdeu o controle. Ele andou até uma parede e começou a bater a testa contra ela dezenas de vezes. A cabeça estava esmagada e sangrando quando os guardas o impediram de continuar.¹⁸

Refletindo mais tarde sobre os horrores do seu isolamento, Anderson disse: “Preferia ter o pior companheiro a não ter companheiro nenhum”.

O tempo em que Paulo passou na prisão poderia ter produzido efeitos semelhantes aos que Terry Anderson experimentou. Não conhecemos os detalhes, porém temos uma imagem muito boa de como Paulo reagiu ao isolamento. Em face do julgamento perante Nero, ele sabia que seus dias estavam acabando. Ele escreve a Timóteo: “Eu já estou sendo oferecido por

aspersão de sacrifício, e o tempo da minha partida está próximo” (2 Tm 4.6).

Nesse versículo, vemos a cena da morte de Paulo. A palavra grega traduzida por “partida” é *analysis*, da qual se deriva a palavra análise. Significa literalmente “desatar”, ou “soltar”, ou “separar”. Quando analisamos algo, “desatamos” e separamos essa coisa em suas partes. Na época de Paulo, a palavra se referia a desamarrar o navio de sua amarração ou desmanchar (desalojar) o acampamento de um exército em preparação para a marcha.

Paulo vê sua partida como soltar-se (desatar-se e separar-se) deste mundo e começar a jornada para unir-se ao Senhor Jesus Cristo. Ele usa a mesma palavra em Filipenses 1.23: “De ambos os lados estou em aperto, tendo desejo de *partir* e *estar* com Cristo, porque isto é ainda muito melhor” (grifos meus). Como amante de pessoas, Paulo sentia profundamente os fortes laços com seus amigos, mas também sentia o afrouxamento do nó. Claro que não seria ele que afrouxaria o nó; era obra de Roma. Em breve, no entanto, ele velejaria ao longo do horizonte para o destino eterno.

Pouco importando a maturidade de Paulo em seu entendimento espiritual, ele ainda estava solitário e sozinho, enfrentando a partida final e suportando as circunstâncias miseráveis. John Phillips imagina como era essa miséria:

Paulo [...] estava na Prisão Mamertina. [...] Foi despido das roupas exteriores e deixado nu, exceto pela túnica. [...] Paulo foi levado até o alçapão no chão. A porta foi levantada, cordas lhe foram passadas sob as axilas, e ele foi baixado para a terrível masmorra de Tuliano. Os pés de Paulo tocaram o chão, as cordas foram recolhidas, e o alçapão fechado com uma batida. Ele estava agora no escuro.

Nos dias de Paulo, o nome desse calabouço era falado aos sussurros. Era um fosso escuro, um buraco no chão. Era úmido e frio. O catre era um conglomerado de palha bolorenta e úmida, e o chão estava cheio de imundície. Havia uma fonte, pelo menos, mas o ar era nauseabundo. Os alimentos eram baixados para os prisioneiros de tempos em tempos. Era uma porção tacaña o suficiente para manter o corpo e a alma juntos e, talvez, um odre de pele de bode com vinho ralo e azedo. Soube-se que os prisioneiros eram comidos por ratos naquele buraco terrível.¹⁹

Felizmente, a maioria de nós nunca experimentará esse tipo de isolamento forçado. Mas não precisamos estar num lugar frio e úmido para nos sentirmos sozinhos. Há cubículos de escritório com pessoas solitárias, bancos de igreja lotados de indivíduos sem amigos e condomínios de apartamentos muito altos repletos de indivíduos que residem em estreita proximidade sem saber os nomes uns dos outros.

O divórcio é uma fábrica opressiva para a solidão. Não só as vítimas do divórcio perdem o cônjuge, mas perdem os amigos também. Alguns amigos escolhem um lado. Outros se afastam de ambas as partes. Uma mulher disse-me que nunca se sentira tão sozinha como nos dias após o fim do casamento.

As famílias de militares conhecem o isolamento. Ocorre em ambos os lados do casamento militar. Quando um dos cônjuges é mobilizado, o outro de repente se sente isolado, sobretudo se for deixado em uma nova comunidade ou em uma base militar onde as relações sociais ainda não foram formadas. O cônjuge mobilizado também pode experimentar ondas de isolamento, sobretudo se ficar estacionado do outro lado do mundo.

A igreja que pastoreio está em San Diego, Califórnia, sede de uma grande base da Marinha dos Estados Unidos. Nossos membros veem essa dor da solidão de forma rotineira. Quando os navios partem do porto para mobilizações que duram meses, uma espécie de depressão coletiva se instala em nossa congregação. E quando os navios voltam, o Natal chega, mesmo o calendário dizendo que é julho. Gosto muito desses momentos em que vejo essas reuniões alegres.

Hoje, um número crescente de pessoas vive sozinho. Em 1950, menos de 10% dos lares americanos eram casa para apenas uma pessoa.²⁰ Em 2010, esse número subiu para quase 28%.²¹

Acredito que podemos explicar algo desse isolamento crescente, comparando-o a um princípio fundamental da física. A segunda lei da termodinâmica é conhecida como a lei da entropia. Para dizer de forma simples, a vida, a energia e a matéria movem-se em direção à desordem e à desorganização. As coisas quebram; as organizações não se mantêm. A entropia acontece em todos os sistemas. Os sistemas sociais apresentam a mesma tendência, porém com uma diferença: é evitável. Se a sociedade quiser sobreviver, então teremos de resistir à entropia relacional. Quando nos reunimos, enriquecemos uns aos outros simplesmente com os nossos

diferentes dons e personalidades. Juntos, somos mais do que a soma das partes.

As pessoas em relações sociais têm uma melhor chance de resistir à entropia do que as que estão isoladas. E assim, a cultura é mantida em ordem e organizada. Os casamentos desfeitos enviam ondas de choque pela sociedade e nos prejudicam a todos pelo acréscimo à tendência de desintegração. Igrejas cismáticas ferem o Reino de Deus, bem como suas comunidades, rompendo vínculos relacionais e destruindo a unidade. As organizações com alta taxa de rotatividade são ruins para a sociedade, pois destroem a permanência e fomentam o caos. As relações sociais de longa duração são a força unificadora que cria estabilidade social responsável e saudável.

A SOLIDÃO DA INFIDELIDADE

Os últimos versículos de 2 Timóteo 4 são uma prece de deserção e partida. Dos dezessete amigos que Paulo cita, seis são colegas de trabalho que estão em outros lugares por motivos legítimos: Crescente está na Galácia, Tito está na Dalmácia, Tíquico está em Éfeso, Carpo está em Trôade, Erasto está em Corinto, e Trófimo está em Mileto.

Mas Paulo menciona um que foi um desertor: “Demas me desamparou, amando o presente século, e foi para Tessalônica” (2 Tm 4.10). Outros dois, Fígelo e Hermógenes, tinham desertado Paulo anteriormente (2 Tm 1.15).

Demas é mencionado duas outras vezes no Novo Testamento: ambas no contexto ministerial e ambas nas cartas escritas durante a primeira prisão de Paulo em Roma (Cl 4.14; Fm 24). Naquela época, Demas era fiel a Paulo. Porém, no final da vida de Paulo, Demas se afastou. Pelo visto, estava em Roma durante a segunda prisão de Paulo nessa cidade, mas, por alguma razão, o abandonou e partiu para Tessalônica.

A partida de Demas não foi, obviamente, uma saída positiva, pois ele amou o presente mundo mais do que amava Paulo. Demas demonstrou infidelidade, pois foi desleal e infiel para com Paulo e também para com seus companheiros cristãos. Há estudiosos que especulam que os romanos aumentaram a pressão na comunidade cristã, resultando na prisão de Paulo, e Demas não queria ser aprisionado como seu amigo. Kent Hughes sugere:

Talvez Demas nunca tivesse contado o custo. Pode ser que ele não entendeu que, quando nos aproximamos de Cristo, temos de enfrentar problemas, porque sempre estaremos em choque com o mundo. [...] Não há uma única alma que não seja seduzida pela atração do conforto. E quanto mais velhos ficamos, mais sedutores são as atrações perigosas. Trata-se da tentação imediatista de amar o presente mundo em vez de amar a vinda de Cristo.²²

Por alguma razão, Demas deu as costas para Paulo e partiu de Roma. Mas ele não foi o único a demonstrar esse tipo de infidelidade. Quando compareceu perante César pela primeira vez, Paulo estava sozinho (2 Tm 4.16). Ninguém, senão o fiel Lucas, ficou para lhe fazer companhia e sustentá-lo nos longos dias de espera, enquanto os processos burocráticos romanos seguiam seu tedioso curso (2 Tm 4.11,16).

Imagine que sentimento devastador deve ter sido para Paulo ser deixado em Roma quase sozinho em tal momento de grande necessidade. Sem dúvida, ele lembrou que o próprio Cristo suportou abandono similar. Na noite em que Jesus foi preso, todos os discípulos o deixaram e fugiram (Mc 14.50). Os amigos de Paulo o deixaram nas mãos dos romanos, assim como os discípulos de Jesus o deixaram nas mãos da turba judaica.

Dizem que nada dói mais do que a traição, seja de que forma for. Usamos muito o termo *infidelidade* no contexto do casamento, mas não importa a situação em que estejamos, o abandono, a deslealdade e a traição deixam-nos com a sensação de mal-estar na boca do estômago. Mesmo que não haja traição, o abandono dói, sobretudo quando estamos enfrentando situações perigosas ou traumáticas, ou quando os outros nos deixam para levar uma carga sozinho.

A SOLIDÃO DA INTERFERÊNCIA

A deserção de Demas machucou Paulo, mas a interferência de Alexandre o machucou ainda mais. Paulo escreve: “Alexandre, o latoeiro, causou-me muitos males; o Senhor lhe pague segundo as suas obras. Tu, guarda-te também dele, porque resistiu muito às nossas palavras” (2 Tm 4.14,15).

No final da carta de Paulo escrita na prisão, ele também identificou Alexandre como alguém que causou desunião. Sabemos pouco sobre

Alexandre — não sabemos nem mesmo se ele é o mesmo Alexandre mencionado em 1 Timóteo 1.20 e Atos 19.33. A frase *causou-me muitos males* significa, literalmente, “informou muitas coisas más contra mim”. Há estudiosos que especulam que Alexandre era um tipo de Judas que traiu Paulo às autoridades romanas, resultando em seu aprisionamento. Faz sentido à luz da advertência dada por Paulo a Timóteo: “Tu, guarda-te também dele” (2 Tm 4.15).

Independentemente dos detalhes, Alexandre foi um homem que resistiu ao ministério de Paulo. Foi alguém que interferiu. Pessoas desse tipo não são estranhas aos líderes. Há sempre alguns que, por razões próprias, nos resistirão e tentarão interromper o que estamos fazendo.

Quanto maior nosso compromisso com Cristo, mais isolados estaremos em relação aos valores da multidão. O isolamento dos valores difusos da cultura gera ressentimento, e o ressentimento gera oposição. Os que não têm nosso compromisso, abandonam-nos ou decepcionam-nos quando voltam para os valores menos exigentes da sociedade, encontrando conforto em números. Às vezes, serão pessoas para as quais nos dedicaremos a vida inteira e ficaremos arrasados. É o que aconteceu com Paulo. Mas faz parte do chamado ao discipulado. Não podemos nos preocupar com o que os outros fazem. Só podemos permanecer focados em não nos tornarmos desertores ou pessoas que interferem.

A. B. Simpson, grande pregador e líder de missões, oferece esta reflexão sobre os perigos da liderança: “Em geral, as multidões não reconhecem o líder até que ele morra. Então, constroem um monumento para ele com as mesmas pedras que jogaram nele em vida”.²³

O QUE PRECISAMOS EM TEMPOS DE SOLIDÃO

O que pode nos ajudar quando somos vencidos pelo medo de ficarmos isolados e sozinhos? Como podemos ajudar as pessoas que experimentam o isolamento? Descubri, pelo menos, quatro necessidades que sentimos quando o medo da solidão começa a instalar-se, e, com base na experiência de Paulo na prisão, temos pistas e sugestões no que concerne a como essas necessidades podem ser satisfeitas.

Precisamos de Companhia

Lembre-se da posição de Paulo: sentado, sozinho, na úmida Prisão Mamertina em Roma, a última parada no caminho para a morte para os prisioneiros mais temidos do império.

Onde estava a igreja em Roma quando Paulo precisou dela? Seus membros ainda viviam na cidade, mas estavam tratando de passar despercebidos para evitar sofrer o mesmo destino de Paulo. Não sabemos as regras de visitação de Mamertina, mas eu suspeito que eram limitadas. As palavras finais de Paulo a Timóteo não causam surpresa: “Procura vir ter comigo depressa. [...] Toma Marcos e traze-o contigo. [...] Procura vir antes do inverno” (2 Tm 4.9,11,21).

Se o apóstolo Paulo, talvez o cristão mais forte e mais maduro da história, desejava e pedia companhia em seus últimos dias, quanto mais devemos nós reconhecer nossa necessidade de companheiros? E quero dizer amigos em carne e osso, não apenas amigos em *pixels* de imagem e bites de som digital. Quero dizer amigos que possam nos enxugar as lágrimas, nos abraçar o pescoço e nos apertar as mãos enquanto oram fervorosamente conosco.

John Stott lembra-nos de que a amizade é um dom de Deus:

Às vezes, alguém encontra pessoas superespirituais que afirmam que nunca se sentem sozinhas e não têm necessidade de amigos humanos, pois a companhia de Cristo satisfaz todas as suas necessidades. Mas a amizade humana é a provisão amorosa de Deus para a humanidade. Foi o próprio Deus que disse no início: “Não é bom que o homem esteja só” (Gn 2.18). Maravilhosas como são a presença do Senhor Jesus todos os dias e a perspectiva da sua vinda no último dia, não têm o propósito de ser um substituto à amizade humana.²⁴

Talvez o desejo mais comovente que Paulo expressa é ver João Marcos, pois nos mostra uma separação curada. Anos antes, João Marcos abandonou Paulo e Barnabé na segunda viagem missionária (At 15.36-41), e Paulo ressentiu-se dele. Porém, com o passar dos anos, reconciliaram-se a tal ponto que, na época de necessidade de Paulo, é João Marcos que Paulo chama — alguém que lhe era muito útil para o ministério (2 Tm 4.11).

Uma das maiores lacunas na vida do cristão americano comum é a falta de

cultivar companheiros cristãos chegados. Nos países onde o cristianismo é ilegal, restrito ou perseguido, os cristãos sobrevivem por meio de relações escondidas e subterrâneas com outros crentes. Eles precisam permanecer relacionados uns aos outros, a fim de permanecer fortes e corajosos para Cristo, a despeito da oposição: “E, se alguém quiser prevalecer contra um, os dois lhe resistirão; e o cordão de três dobras não se quebra tão depressa” (Ec 4.12).

Apenas frequentar o culto dominical não basta para criar essas relações. Muitas igrejas implementam ministérios de pequenos grupos para promover o tipo de relações necessárias para “nos estimularmos ao amor e às boas obras” (Hb 10.24). Todo cristão precisa ter companheiros cristãos próximos, seja através de pequenos grupos ou de outros meios. Ficar sozinho no meio de um problema não é o momento para perceber que não temos ninguém para chamar.

Pequenos grupos não são uma moda sociológica passageira ou um truque inteligente para aumentar a frequência à igreja. Grupos pequenos são um formato ministerial com sólido fundamento bíblico. O primeiro e primordial grupo pequeno na história da humanidade é a família, que nos fala que Deus quer que as pessoas estejam intimamente ligadas umas com as outras. Tais relações são a primeira linha de defesa contra o medo da solidão.

Precisamos de Compaixão

Entre as necessidades físicas de Paulo, estava um bom e robusto cobertor para minorar o frio das celas subterrâneas. Infelizmente, meias e luvas como as conhecemos ainda não haviam sido inventadas. Mas pelo menos ele poderia ter usado uma agradável lâmpada e óleo para mantê-la acesa, juntamente com o material de escrita, comida, água e as Escrituras. Mais do que tudo, claro, ele desejava companhia humana.

O que quero dizer é: uma razão pela qual temos medo da solidão é que, quando nossas necessidades mais intensas sobem à superfície, nós nos preocupamos porque não temos ninguém que atenda essas necessidades. Não há dúvida de que os companheiros remanescentes de Paulo tornaram-se muito mais preciosos para ele durante a prisão. Ele sabia que podia chamá-los para atender essas necessidades. Quando precisamos de algo urgentemente, não devemos hesitar em pedi-lo aos nossos amigos leais. Foi o que Paulo fez

quando escreveu para Timóteo: “Traz a capa que deixei em Trôade, em casa de Carpo” (2 Tm 4.13).

Naqueles dias, uma capa era uma roupa exterior, a versão antiga do atual casaco. Na verdade, era mais como o poncho latino-americano: um cobertor grosso com um buraco no meio para enfiar a cabeça. A capa não tinha botões e era “de tamanho único”. Era provavelmente a única capa que Paulo possuía, e o inverno estava chegando. Podemos imaginar seu senso de urgência. O envio no próximo dia não existia, e o processo de recuperar a capa levaria semanas. A carta de Paulo a Timóteo teria viajado de Roma a Éfeso por mar. Após recebê-la, Timóteo teria subido pela costa da Ásia Menor por mar ou a pé até chegar a Trôade, onde apanharia a capa. Depois, teria viajado por mar de Trôade a Roma.

Quinze séculos após a experiência de Paulo em Roma, William Tyndale, o grande tradutor da Bíblia para o inglês, fez solicitação semelhante à de Paulo, quando foi preso por trabalhar na tradução da Bíblia na Bélgica. Em 1535, Tyndale escreveu uma carta ao governador do castelo, onde estava preso:

Rogo de Vossa Senhoria [...] que, se eu tiver que ficar aqui durante o inverno, suplique ao comissário a fineza de mandar-me, das coisas que são minhas e que estão com ele, um gorro de lã. [...] Sinto o frio dolorosamente em minha cabeça. [...] Também uma capa mais quente, pois a que tenho é muito fina. [...] Ele tem uma camisa de lã minha, caso queira mandá-la.²⁵

Vemos a importância de termos relações fortes com cristãos dedicados que fariam grandes esforços para atender às nossas necessidades urgentes. É também importante que tenhamos nossos ouvidos atentos e nossos olhos abertos para percebermos as necessidades de colegas e de amigos cristãos. A empatia alimenta o fogo do amor e da compaixão.

No livro *Vida em Comunhão*, Dietrich Bonhoeffer escreve que um dos serviços mais importantes que os cristãos podem fazer uns pelos outros é a prestimosidade ativa:

Significa, inicialmente, a assistência simples com coisas triviais e externas. [...] Temos de estar prontos para nos permitir ser interrompidos por Deus. Deus cancela constantemente os nossos planos, ao nos enviar pessoas com

queixas e petições.²⁶

Pessoas solitárias e isoladas estão em necessidade urgente de compaixão. Podemos imaginar que a separação é culpa delas e que elas estão “recebendo o que merecem”. Mas felizmente, Deus não é gracioso apenas com quem merece. Por isso, é melhor sermos diligentes em transmitir aos outros a graça que recebemos de Deus. Também não devemos ser relutantes na compaixão e ignorar as pessoas feridas por estarmos ocupados com tarefas “mais importantes”, como estava o sacerdote que ignorou o homem que caíra às mãos de salteadores (Lc 10). Pelo que sabemos, o sacerdote podia estar orando, lendo as Escrituras ou indo para uma conferência eclesialística imperdível. Mas não era desculpa. A compaixão tem de transbordar de nós como transbordou de Cristo, que olhava para as multidões de estranhos, via ovelhas sem pastor e amava cada rosto que via.

Precisamos de Coragem

Se você já teve a experiência, então sabe que o isolamento e a solidão são lugares assustadores. O antídoto para o medo é a coragem. Mas você sabe o que fortalece a coragem para o cristão? Não é a força de vontade ou a reunião para animar o pessoal ou o poder do pensamento positivo. O verdadeiro oposto do medo é a fé. Ou olhamos para o futuro com medo do que pode acontecer, ou olhamos para o futuro com a fé direcionada para o nosso soberano Deus Pai, que tem todas as coisas nas mãos. Não temos outras opções. E a melhor maneira de fortalecer a fé é pela Palavra de Deus.

Paulo, enfrentando a morte iminente na mais temida prisão de Roma, queria algo ainda mais do que o conforto de uma capa. Ele escreve a Timóteo: “Traz [..] os livros, principalmente os pergaminhos” (2 Tm 4.13). Não temos pista de quais livros e pergaminhos Paulo desejava. O que sabemos é: os “livros” (em grego *biblos*, de onde vem a palavra “Bíblia”) eram rolos, provavelmente feitos de papiro. Os “pergaminhos” seriam os rolos feitos de couro fino e que era especialmente tratado.

Mesmo que não saibamos o conteúdo desses pergaminhos, duvido seriamente que ele estava pedindo leitura recreativa de filósofos ou de dramas gregos. Paulo, um estudioso altamente culto, possuía pergaminhos que continham alguns ou todos os livros do Antigo Testamento. Pode ser também

que fossem rolos em branco para ele escrever. Creio que Paulo queria passar os últimos dias na terra fortalecendo a fé e, portanto, a coragem.

Confesso que aqui estou lendo a experiência de Paulo segundo a minha fé. Quando sinto minha fé em declínio, nada a fortalece como a Palavra de Deus. Meu coração sempre se anima quando medito sobre as promessas de Deus. Essas promessas mostram que Deus é fiel, mesmo quando os outros nos abandonam ou se opõem a nós.

Quando meu pai e minha mãe me desampararem, o SENHOR me recolherá.
– Salmos 27.10

Porque ele disse: Não te deixarei, nem te desampararei. E, assim, com confiança, ousemos dizer: O Senhor é o meu ajudador, e não temerei o que me possa fazer o homem.
– Hebreus 13.5,6

Quando você achar-se em necessidade de coragem, lembre-se de que é a sua fé, e não a sua coluna vertebral que precisa ser reforçada! A fé será fortalecida quando você ler a Bíblia, o único livro com credibilidade comprovada que lhe dará a coragem para curar a solidão e encarar o futuro com esperança e confiança.

Precisamos de Cristo

Por fim, aprendemos com Paulo esta poderosa verdade sobre ser cristão: nunca estamos sozinhos. Deus prometeu nunca nos deixar nem nos abandonar (Hb 13.5), e a fé é o ato de continuar crendo nessa verdade, mesmo quando não sentimos a presença divina. Não é o que sentimos que conta. É o que sabemos. Os sentimentos enganam, mas o conhecimento da verdade nos leva a saber que, ainda que todos nos decepcionem, abandonando-nos e deixando-nos sozinhos, Deus nunca o fará. Como seus filhos, sempre estamos ligados a Ele, mesmo quando não sentimos isso. Paulo sabia disso, e era a fonte de sua confiança:

Ninguém me assistiu na minha primeira defesa; antes, todos me desampararam. Que isto lhes não seja imputado. Mas o Senhor assistiu-me

e fortaleceu-me. [...] E o Senhor me livrará de toda má obra e guardar-me-á para o seu Reino celestial; a quem seja glória para todo o sempre. Amém!
– 2 Timóteo 4.16-18 (grifos meus)

Como cidadão romano, Paulo tinha vantagens extras, mas não imunidade da perseguição. Ele tinha o direito de recorrer sua prisão a César, o que fizera há muitos anos. O apelo o levou à sua primeira prisão domiciliar em Roma. Em seguida, foi solto. Um ou dois anos mais tarde, foi preso, o que o leva ao tempo desta carta a Timóteo. Não era provável que este evangelista de Cristo encontrasse favor diante do imperador Nero, um governante notoriamente anticristão.

Paulo, ao que parece, foi levado perante uma autoridade para ser acusado (talvez o próprio Nero). Foi esse o incidente que ele se referiu como “na minha primeira defesa”. Ninguém o assistiu, disse ele, exceto Deus, que lhe deu forças.

Paulo sabia que Deus não o abandonaria e que lhe daria a coragem de que precisava. Todos que conhecemos podem nos abandonar, mas Jesus sempre estará conosco. É uma promessa sagrada. Jesus diz aos discípulos: “Eis que eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos” (Mt 28.20b). Quando Paulo fala de estar sozinho, significa que está sem apoio humano. Jesus está conosco. Podemos contar com isso. Em certo sentido muito real, não existe “sozinho”. Não há lugar que possamos estar que esteja fora da presença de nosso Senhor.

A relação tenaz de Deus conosco não significa que não precisamos de relações humanas. O recém-criado Adão tinha uma relação íntima com o Criador, mas Deus diz: “Não é bom que o homem esteja só” (Gn 2.18). E criou Eva. Deus sabe que precisamos de pessoas. Estar isolado das pessoas não é bom, mas quando acontece, Ele usa a situação para nos ajudar a fazer a transição entre desfrutar a presença *física* das pessoas e experimentar a presença *espiritual* de Deus. Isso revela uma diferença essencial entre nossos pais terrenos e nosso Pai celeste: as mães e os pais sabem que um dia deixarão os filhos ir. Não podem estar com eles para sempre. Não é assim com Deus. Quando chegamos a conhecer ao Senhor, nunca mais precisamos de nos separar.

O processo de maturação ideal envolve fazer essa transferência de relações. Começa quando saímos da segurança do útero. Depois de alguns anos,

aprendemos a deixar a segurança dos pais por algumas horas quando vamos à escola maternal, ficamos em creches ou com a babá. Depois, passamos a metade do dia no jardim de infância. Mais tarde, um dia inteiro na escola de ensino fundamental até chegar ao ensino médio. Na adolescência, começamos a nos afastar socialmente na medida em que descobrimos nossa identidade própria e distinta como indivíduos. Ir para a faculdade é uma enorme separação, seguida por uma das separações mais significativas de todas: o casamento. Deixe-me esclarecer que esses afastamentos, quando bem geridos, são bons. São passos no processo positivo em direção à maturidade.

Se o processo ocorre conforme o projeto de Deus, ou seja, se nossos pais nos apresentaram ao Pai celeste através de Cristo, então nossa relação com Deus nos sustenta conforme aumentamos nossa independência concernente à nossa família de origem. Não deixamos nossa relação familiar para trás, é claro. Mas, em última análise, temos de deixar nossos pais e mães e estabelecer uma relação adulta com aquEle que é nossa suprema fonte de segurança.

Não posso encerrar o capítulo sem falar sobre a separação final para a qual todo ser humano deve se preparar: “Aos homens está ordenado morrerem uma vez” (Hb 9.27). A morte, quer a nossa ou a de um ente querido, é a separação final. Mas, como trataremos no Capítulo 9 deste livro, não precisamos temer essa ocorrência. Para o cristão, ser separado de seus entes queridos nesta vida é algo apenas temporário. Seremos reunidos a eles na eternidade. Podemos aceitar com calma a morte quando a vemos como Paulo a via: “Deixar este corpo [é] [...] habitar com o Senhor” (2 Co 5.8). Estaremos eternamente juntos com aquEle que tem estado conosco o tempo todo.

Mas o que dizer sobre os que morrem sem Cristo, os que rejeitam a graça de Deus? Infelizmente, a Bíblia diz que permanecerão separados de Deus por toda a eternidade. Assim como Adão e Eva, quando pecaram, foram separados de Deus no jardim do Éden, assim todos os seus descendentes permanecerão separados caso não aceitem o sacrifício de Cristo pelo seu pecado. Essa separação é a única que dá o verdadeiro motivo para ter medo: “Horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo” (Hb 10.31).

O isolamento é uma característica infernal. Ser lançado nas “trevas exteriores” (Mt 22.13) é estar para sempre lá fora, permanentemente afastado de Deus e, possivelmente, de todas as pessoas. Em *O Grande Abismo*, de C.

S. Lewis, as almas no Inferno continuam por toda a eternidade a se afastarem cada vez mais umas das outras, acabando por perder todo contato com outro ser.

Quando Jesus Cristo clamou da cruz: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mt 27.46), Ele estava expressando a angústia da separação para com Deus, a qual é o destino para todos os que morrem em seus pecados. Jesus tomou sobre si os pecados de todos e submeteu-se ao julgamento de Deus sobre o pecado. Mesmo que tenha morrido voluntariamente, esse brado refletia a agonia de sua separação. Sua resposta aflita se destaca como aviso estrondoso a todos os que acreditam erroneamente que estar separados de Deus não é algo a temer.

A separação de Jesus em relação a seu Pai foi apenas temporária, é claro. Após ter experimentado a morte em nosso lugar, a morte que é a consequência natural do pecado, Deus o ressuscitou. Por conta disso, Ele pôde anunciar ao mundo que a morte foi derrotada, que todos os que depositam a fé em Cristo não precisam ter medo de serem separados de Deus.

Deus não quer que fiquemos sozinhos. Ele fez todo o possível para garantir que podemos viver vidas relacionadas em relações humanas harmoniosas. Porém, essas relações são apenas o prenúncio de nossa relação eterna com o próprio Deus. Ele disponibilizou uma provisão dupla para os que têm medo da solidão, seja nesta vida ou na eternidade. Primeiro, se você acha-se isolado ou afastado de outras pessoas, saiba que você nunca está sozinho, pois Jesus prometeu estar com você sempre. Segundo, você tem a segurança de saber que, quando morrer, você será imediatamente reunido a Cristo no céu.

A questão, então, é esta: Você tem certeza de que Jesus *sempre* está com você e de que você *sempre* estará com Jesus? Crer nEle é a única maneira de ter certeza.

⁴ **N. do E.:** Trata-se de novelas ou filmes de cowboys ou de faroeste. É um gênero clássico do cinema norte-americano.

CAPÍTULO 6

.....

DESAPROVAÇÃO: *O Medo da Rejeição*

.....

*Em Deus tenho posto a minha confiança; não temerei o que me
possa fazer o homem.*

SALMOS 56.11

Em seu tempo, ela foi uma estrela do cinema. Não havia ninguém mais glamorosa do que Marlene Dietrich. Ela começou a carreira fazendo apresentações nos palcos de Berlim e nos filmes mudos da década de 1920. Seu sucesso (e também a ascensão do partido nazista na Alemanha) a levou para *Hollywood*, onde se tornou cidadã americana em 1937. No auge da carreira, ela exigia 200 mil dólares por filme (quase 2 milhões de dólares em 2013 — pouco para os padrões atuais *hollywoodianos*, porém enorme em seus dias). Em 1999, cerca de 60 anos depois do pico da fama, o Instituto Americano de Cinema nomeou Dietrich a nona maior estrela feminina de todos os tempos. Mas sua verdadeira história é tão devastadora quanto os filmes que fez.

Apesar do sucesso e aclamação, Dietrich era uma alma em conflito. Ela vivia para a aprovação e para os aplausos do adorado público. Quando tinha convidados em casa, tocava para eles a gravação das ovações do público presente em suas apresentações ao vivo. Sem música, sem palavras, apenas os sons dos gritos e dos aplausos. Os hóspedes, muitos deles igualmente

famosos, eram forçados a sentar-se e ouvir enquanto ela identificava as cidades onde os aplausos foram gravados.

Durante seu único casamento, ela mantinha uma fileira de casos com figuras importantes em Hollywood e Washington. Indo de homem para homem, Dietrich nunca encontrou a satisfação e a aprovação que constantemente procurava. Ela chegou ao ponto de passar para o marido (que também tinha casos) as cartas de amor dos seus amantes para mostrar-lhe o quanto eles a adoravam.

A vida de Dietrich no centro das atenções terminou em Sydney, Austrália, em 1975, quando ela caiu do palco e quebrou a coxa. Após isso, viciou-se em álcool e analgésicos, viveu os últimos 11 anos em solidão e reclusão, acamada num apartamento em Paris, recusando-se a ver pessoas, exceto um grupo seleto de amigos.

A busca de Marlene Dietrich por aprovação foi amplificada por sua visibilidade pública, mas não havia nada de especial a respeito. Os seres humanos são seres relacionais, e cada um de nós tem o desejo interno de aprovação. Esse desejo origina-se no fundo da psique humana, onde nos foi incorporado o conhecimento de que não somos o que fomos criados para ser. Sentimos a verdade de Romanos 3.23, que fala: “Porque todos pecaram e destituídos [caídos] estão da glória de Deus”. Crendo que perdemos o selo da aprovação de Deus, procuramos por afirmação em outros lugares, o que nos leva a passos errados impressionantes (como os de Marlene Dietrich).

Esse anseio por aprovação é tão forte que gastamos a vida perseguindo-a, muitas vezes sacrificando nossos valores e prioridades na tentativa de obtê-la. Quando adolescentes, temos a pressão dos colegas. Quando jovens adultos, lidamos com pessoas para agradar. Já até inventamos uma forma especializada de buscar aprovação chamada codependência, só que é tudo mais ou menos a mesma coisa. Em cada faixa etária, há pessoas que vivem em escravidão autoimposta aos outros e às opiniões deles.

Não podemos descartar isso como problema para os tímidos e excluídos. Quase todo mundo é controlado por outra pessoa de uma forma ou de outra. As pessoas competitivas, as pessoas com raiva, até mesmo os *superstars* dos esportes vivem à custa da euforia da adulação popular. É algo que vem de todas as formas e cores.¹

A Bíblia tem um nome para essa necessidade de aprovação: o medo do

homem. Na Bíblia, a palavra *medo* significa mais do que pavor. É todo tipo de temor e de reverência que nos leva a nos sujeitar a algo ou a alguém. Ed Welch, conselheiro bíblico, explica:

“Medo” no sentido bíblico [...] inclui ter medo de alguém, mas também estende-se a ter admiração por alguém, ser controlado ou dominado por pessoas, adorar outras pessoas, colocar a confiança nas pessoas ou necessitar de pessoas.

Seja o que for que você diga, [...] o medo do homem pode ser resumido desta forma: Trocamos Deus pelas pessoas. Em vez de um temor biblicamente guiado para o Senhor, tememos os outros.²

Temos a oferta do temor de Deus, um medo saudável, como a chave para a vida. Colocamos no lugar do temor de Deus o medo dos homens, e as coisas vêm a baixo.

Assim que começamos a buscar aprovação, nunca mais paramos de correr. É servidão a mil senhores, como Andrée Seu destaca: “Você tem mil senhores, e não apenas um para agradar. Você acha que o temor de Deus é ruim? Não há nada em comparação às alternativas. O medo do homem é uma tirania cruel. É cansativo, é complicado, e você não é suficientemente ágil para fugir”.³

O rei Salomão resume isso muito bem neste provérbio: “O receio [medo] do homem armará laços, mas o que confia no SENHOR será posto em alto retiro” (Pv 29.25).

É aqui que reside o perigo e o engano do medo da desaprovação ou do medo do homem: torna-se um laço. Um laço é uma armadilha para capturar animais. Nesse caso, é uma metáfora para capturar os seres humanos em uma desistência moral ou espiritual. Uma armadilha para animais é camuflada e atraída com restos de comida para seduzir a criatura. A armadilha moral funciona do mesmo jeito. A princípio, não está claramente visível, mas é atraída por algo que os seres humanos desejam, que é o que a torna tão terrivelmente eficaz.

Se a isca for o desejo irresistível de aprovação, então seremos atraídos para a armadilha fazendo o que for preciso para ganhar aprovação. Isso significa sacrificar nossos valores, ou normas, ou prioridades, ou até mesmo abrir mão

de uma base moral ou espiritual.

Pense na adolescente que está com tanto medo da desaprovação que desiste de suas convicções morais para ganhar aceitação entre as “amigas” da escola. Quando elas conseguem o que querem dela — submissão, dinheiro, lealdade ou sexo —, dão as costas e vão embora. Mesmo que não façam isso, ela permanecerá na armadilha, presa pelo medo da desaprovação.

Isso mesmo, ter medo de outras pessoas é uma armadilha, mas é nossa estupidez que nos mantém no laço, exatamente como as pessoas faziam nos tempos bíblicos. Permita-me oferecer alguns exemplos:

- Tendo em vista que o rei Saul deixou de temer a Deus para temer os homens, ele perdeu o trono (1 Sm 15.24).
- A nação de Israel temia os homens, embora os homens fossem como o feno. Deus perguntou a Isaías por que (Is 51.12).
- No século I, alguns seguidores de Jesus sufocaram suas expressões de fé, porque temiam os homens das sinagogas (Jo 12.42,43).

Neste capítulo, vamos nos concentrar principalmente em outro personagem bíblico que nos mostra o perigo de temer a desaprovação dos homens: o apóstolo Pedro. A história de Pedro negar Jesus três vezes é uma das mais conhecidas da Bíblia, até mesmo da literatura mundial. Ela está no mesmo nível da história da divisão do Mar Vermelho, e de Jonas e o grande peixe, e de Daniel na cova dos leões.

Pensamos em Pedro como alguém impulsivo, incrédulo ou de pavio curto, só que a raiz de sua fraqueza era, ao que parece, o medo. É o que ocorre com muitos de nós. Pedro tinha tanto medo da desaprovação que deixou essa sombra se colocar entre ele e Jesus, a quem ele amava, e no momento perfeito em que ele poderia ter apoiado o Mestre, ele negou que sequer o conhecia.

Em resumo, aqui está o que aconteceu: Na última ceia de Jesus com os discípulos, Ele previu que Pedro o negaria três vezes antes que o galo cantasse. Pouco depois, um grupo de soldados e guardas judeus prendeu Jesus no jardim do Getsêmani, levando-o ao sumo sacerdote. Pedro e alguns discípulos o seguiram à distância. Ele e outro discípulo foram autorizados a entrar no pátio do sumo sacerdote para aguardar o resultado dos acontecimentos. Enquanto esperavam, três pessoas perguntaram a Pedro se ele não era um dos discípulos de Jesus, e ele negou em cada ocasião. Após a

terceira negação de Pedro, um galo começou a cantar, assim como Jesus havia predito (Mt 26.31-35; Jo 18.25-27).

A deslealdade de Pedro ilustra como o medo dos homens pode ser complexo, como o laço pode ser envolvente. Pedro negou conhecer Jesus, porque tinha acabado de testemunhar a prisão dEle. Por não querer que a mesma coisa acontecesse a ele, mentiu para salvar a própria pele. A negação dizia respeito ao medo dos homens.

Será que as previsões de Jesus sobre sua morte iminente estavam começando a fazer sentido para Pedro? Será que ele entendeu que o resultado da prisão de Jesus seria a morte?

Se Pedro juntasse essas peças na crise do momento, ele veria que o destino iminente de Jesus seria o seu. Ele não tinha refletido o que o seu compromisso com Jesus significava. Ele cometeu o mesmo erro que muitos de nós cometemos: esperamos até as dificuldades decidirem quais são nossos valores. É como tentar afivelar o cinto de segurança quando o carro está derrapando e girando fora de controle por uma estrada montanhosa e gelada. Cintos de segurança precisam ser afivelados, e compromissos sobre os valores espirituais precisam ser feitos muito antes que as adversidades ocorram. Na noite em que Jesus foi preso, Pedro não estava preparado. Ele estava em modo de autopreservação, negando ter alguma relação com esse homem, a quem poderia ser fatalmente perigoso conhecer.

Aqui, é fácil ver como o medo dos homens está ligado com o medo da desaprovação. Os líderes religiosos que prenderam Jesus o desaprovavam — fato perfeitamente óbvio. Mesmo assim, Jesus nunca teve medo da desaprovação dos líderes religiosos. Quando chegaram ao jardim do Getsêmani e disseram que estavam procurando Jesus de Nazaré, Jesus respondeu: “Sou eu” (Jo 18.5). Essas não são palavras de um homem medroso.

O medo de Pedro estava fundamentado na desaprovação que os líderes religiosos davam a Jesus e a seus seguidores. Ele temia que a desaprovação resultasse em sua própria prisão. Sendo assim, mentiu e negou conhecer o seu líder. O medo dos homens mostrou-se ser uma armadilha traiçoeira. O canto do galo despertou Pedro para o que ele tinha feito e, “saindo dali, chorou amargamente” (Mt 26.75).

A REALIDADE DO MEDO DA DESAPROVAÇÃO

As três negações de Pedro foram dirigidas a três indivíduos ou grupos diferentes, cada um representando uma dinâmica diferente que originou o medo.

Quando interagimos com as pessoas, nossa posição percebida com elas, quer esteja baseada na idade, no nível social ou noutro padrão, influencia nossas relações e reações. Você pode se sentir superior, inferior ou igual aos outros, dependendo do grupo em que você está. Essas posições podem ser imaginárias, porém reagimos como se fossem reais.

Você não sente medo ou intimidação com algumas pessoas. Talvez você seja mais velho, mais culto ou mais experiente que elas. Com outras pessoas de sua idade ou posição aproximada, seja um indivíduo ou um grupo, você pode ou não se sentir intimidado. Sua percepção de igualdade ou falta de igualdade varia. O grupo mais intimidante é o último: as pessoas que você percebe que têm mais poder, mais riqueza, são de classe social superior, têm uma ideologia melhor ou então melhor formação educacional.

Na noite em que Jesus foi preso, Pedro encontrou pessoas que representam essas três dinâmicas sociais diferentes, e ele estava com medo de todas elas! Isso demonstra que as pessoas não podem predizer infalivelmente o que farão em determinada situação se não definiram firmemente seus valores de antemão. Quando pessoas despreparadas pensam ser suficientemente fortes para resistir a qualquer intimidação, estão em grande risco de fracasso abismal. O orgulho na própria força não toma o lugar da preparação espiritual. O discipulado é crucial para o nosso destino final, mas o seu custo é o compromisso total. Jesus chamou a atenção para o perigo de não contar o custo antes de assumir o compromisso (Lc 14.25-33).

Vamos dar uma olhada ao modo como Pedro respondeu às três dinâmicas sociais que ele encontrou no pátio do sumo sacerdote.

O Medo Inesperado

A primeira pessoa que Pedro encontrou era mais jovem do que ele e, naquele dia, um pouco abaixo de sua posição social. Tratava-se de uma criada da casa do sumo sacerdote encarregada com a tarefa de cuidar da porta (Jo 18.17). Pedro era apenas um trabalhador de produção (pescador), porém

estava uma posição acima de ser um criado. Quando ela permitiu que Pedro entrasse no pátio, perguntou-lhe: “Não és tu também dos discípulos deste homem?”.

A pergunta era totalmente alheia ao seu trabalho de porteira. Ela estava sendo confrontadora e, naqueles dias, não era costumeiro uma mulher mais jovem fazer uma pergunta acusatória para um homem mais velho. Pego de surpresa, Pedro murmurou a primeira coisa que lhe ocorreu: “Não sou” (Jo 18.17).

Pedro, como o líder na prática dos discípulos de Jesus, havia jurado que nunca o negaria. E agora, poucas horas depois, ele já tinha negado! E não foi na presença do imperador ou de alguém que ele compreensivelmente temeria. Ele, um pescador corpulento e ousado, tinha acabado de permitir que uma pergunta inesperada de uma escrava o intimidasse a ponto de negar sua fidelidade a Jesus.

Esse incidente mostra como é forte o medo da desaprovação. Pode até ser mais forte do que a confiança que temos em nossa força. Como Provérbios 16.18 nos adverte: “A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito precede a queda”.

Porém, antes de condenar Pedro muito duramente, devemos nos perguntar se já não fizemos a mesma coisa. Talvez você pudesse ter usado sua idade, ou sua posição, ou sua influência emocional, ou outro elemento intangível para corrigir um erro, mas você não se manifestou. Talvez a insistência inesperada de alguém tenha intimidado você a ponto de cometer atos imorais ou antiéticos.

O medo inesperado de Pedro é um aviso: decida com antecedência que você defenderá suas convicções, pouco importando quem tente intimidá-lo.

O Medo Compreensível

Mesmo que você não tenha sido surpreendido por um confronto inesperado, a maioria de nós já experimentou o segundo encontro de Pedro: a intimidação por parte de um grupo. Após deixar a criada, Pedro moveu-se rapidamente para misturar-se no meio de um grupo de servos e guardas que “estavam ao redor de uma fogueira” no pátio do sumo sacerdote. “Pedro também estava em pé com eles, aquecendo-se” (Jo 18.18, NVI).

Digamos que era um grupo de dez pessoas ao redor da fogueira, reunidos

contra o frio. Havia uma conversa em andamento sobre os acontecimentos da noite. O grupo já estava formado quando Pedro se aproximou, então ele se manteve na periferia. Pedro não conhecia essas pessoas, exceto o “outro discípulo”, que, provavelmente, era João que tinha providenciado a entrada de Pedro ao pátio (Jo 18.16). Parecia um lugar perfeito para Pedro obter notícias sobre Jesus, ao mesmo tempo em que permanecia no anonimato.

Entretanto, Pedro não teve um minuto sequer de paz. De repente, alguém no grupo o viu e deixou escapar: “Não és também tu um dos seus discípulos?” (Jo 18.25). A expressão “um dos seus discípulos” teria feito todos ficarem em silêncio enquanto olhavam para ver a quem se dirigia a pergunta. E quando o viram olhando para Pedro, todos os olhos se voltaram e se fixaram nele.

Posso imaginar Pedro querendo sumir. Ele pode não ter sequer levantado o olhar, na tentativa de dar a entender que a pergunta não era direcionada para ele. O medo tomou conta de Pedro, e ele mentiu pela segunda vez, negando ter qualquer associação com Jesus. Pedro foi pego na clássica situação da pressão dos colegas: uma pessoa é intimidada por um grupo. Isso não torna defensável o medo ou a mentira de Pedro, mas torna mais compreensível. Sabemos o que é ser um contra o mundo (ou, pelo menos, um contra um grupo).

Relembre a adolescência. Você está num ambiente social com os amigos da escola, e eles oferecem-lhe um cigarro, um gole de bebida alcoólica ou um pequeno comprimido. Você hesita e a pressão começa:

— Do que você *tá* com medo? Ei, deem uma olhada nisso, o filhinho da mamãe é um santinho! Já deve ter passado da hora de você dormir, nenenzinho. Liga *pra* sua mãe vir te pegar, liga. — E assim por diante.

Tudo o que você sempre quis desde a segunda série do ensino fundamental paira neste momento: o respeito, a inclusão, a aceitação e o *status*. Se você disser sim, então estará dentro. Se defender seu território e disser *não*, então não haverá mais convites.

Esse tipo de pressão dos colegas não se limita aos adolescentes. Ocorre também no grupo de trabalho, nas situações sociais, ou até mesmo na igreja. De repente, você é aquele homem esquisito ou aquela mulher excluída, e você fica surpreso (a) com a dificuldade de externar e dizer o que realmente acredita. Em vez de cair vítima do medo de uma pessoa, caímos vítima do medo de *muitas* pessoas: o medo da intimidação multiplicada a qual foi gerada pela pressão dos colegas.

Jesus adverte sobre temer as pessoas mais do que temer a Deus: “Se alguém vier a mim e não aborrecer a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs, e ainda também a sua própria vida, não pode ser meu discípulo” (Lc 14.26). Aqui, a palavra *aborrecer* é usada com o sentido de preferência, e não com o sentido de ressentimento emocional. Se não preferirmos Jesus mais do que preferimos outras pessoas, inclusive os amigos e colegas, ou até mesmo nossos familiares, não poderemos ser discípulos dEle.

O medo de Pedro diante do grupo de pessoas não é desculpável, porém é compreensível.

O Medo nada Surpreendente

A terceira acusação contra Pedro foi a mais ameaçadora e a menos surpreendente, abrindo-nos outra janela para a natureza do medo.

Quando os líderes judeus chegaram ao jardim do Getsêmani para prender Jesus, os soldados armados os acompanhavam (Jo 18.3). Mesmo assim, Pedro não demonstrou medo. Ele atacou um dos integrantes do grupo com uma espada, cortando-lhe a orelha direita. O homem era servo do sumo sacerdote judeu e chamava-se Malco (18.10). Pedro era pescador, não soldado. Até nos perguntamos o que ele estava fazendo com uma espada! Ele, no entanto, estava disposto a arriscar a vida por Jesus, talvez pretendendo refrear os soldados por tempo o suficiente para Jesus fugir.

Mas, como sabemos, não era esse o plano de Cristo. Ele repreendeu Pedro, dizendo-lhe para guardar a espada (Jo 18.11). Ele estendeu a mão e curou a orelha de Malco (Lc 22.51). Tudo o que Pedro ganhou por seu ataque de bravura foi um inimigo: Malco.

Agora, voltemos ao pátio da casa do sumo sacerdote, lugar onde Pedro estava com um grupo em torno da fogueira. Ele havia acabado de se tornar o centro das atenções quando alguém sugeriu que ele era um dos discípulos de Jesus. De repente, outro servo do sumo sacerdote ficou muito interessado. Tratava-se de um dos parentes de Malco que também estivera no jardim do Getsêmani quando Pedro cortara a orelha de Malco: “Não te vi eu no horto com ele?”, perguntou ele (Jo 18.26).

Esse homem tinha visto Pedro com Jesus. E pior, ele sabia que Pedro era o homem que decepara a orelha do seu parente! Primeiro, Pedro foi confrontado por uma criada e, depois, por um desconhecido do grupo. Mas

agora, ele estava sendo confrontado por alguém com uma história, alguém que gostaria de ver Pedro pagar pelo ataque feito no jardim.

Pedro sustentou a mentira: “Pedro negou [a acusação] outra vez” (Jo 18.27). Embora soubesse que não devia fazer assim, Pedro, sem dúvida, sentiu-se constrangido pelas mentiras para continuar a farsa. Ele imaginou que tinha ido longe demais para voltar.

Se ficarmos surpresos quando o mundo tentar nos intimidar por causa da nossa fé em Cristo, então ainda não aceitamos e internalizamos a verdade das palavras de Jesus: “Se o mundo vos aborrece, sabeis que, primeiro do que a vós, me aborreceu a mim” (Jo 15.18).

Pedro não havia internalizado essas palavras — talvez porque o tempo entre a elocução de Jesus e os confrontos de Pedro sofridos no pátio tivesse sido curto demais. Já os cristãos hoje têm tempo mais do que suficiente para levar a sério as palavras de Jesus. Não temamos ou nos intimidemos por aqueles que desaprovam nossa fidelidade a Jesus. Esperemos por isso e estejamos preparados. Foi o próprio Pedro que, mais tarde, escreveu: “Estai sempre preparados para responder com mansidão e temor a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós” (1 Pe 3.15b). Apenas deixemos a espada em casa.

AS RAZÕES PARA TEMERMOS A DESAPROVAÇÃO

O medo da desaprovação pode ser inesperado, compreensível, nada surpreendente ou, como no caso de Pedro, todas as opções acima. Essas são as dinâmicas, mas quais são as causas? Por que nos encontramos em situações em que o medo surge automaticamente? Deixe-me oferecer cinco razões.

Estamos Cheios de nós Mesmos

O registro bíblico deixa claro que Pedro estava cheio de energia, otimismo, coragem, franqueza e confiança. Era o tipo de pessoa que pensava que todos tinham direito a ter opinião *própria* (ou seja, a opinião de Pedro), inclusive Jesus! Por incrível que pareça, ele chamou Jesus à parte e o repreendeu por dizer que ia morrer em Jerusalém (Mt 16.21,22). Quando Pedro viu Jesus andando sobre as águas, ele impulsivamente pulou do barco para andar

também (Mt 14.25-31). Portanto, não é surpreendente que Pedro se gabasse de que nunca negaria Jesus e que impetuosamente mutilasse um inimigo com uma espada. Pedro era impulsivo e orgulhoso — um desastre embaraçoso à espera de acontecer. Para dizermos em termos bíblicos, Pedro estava cheio de orgulho de si mesmo.

Até Satanás reconheceu o potencial para a queda de Pedro. Assim como Satanás pedira a Deus permissão para atacar Jó (Jó 1–2), ele pediu a Jesus permissão para “cirandar [Pedro] como trigo” (Lc 22.31). Penso que Satanás recebeu a permissão de “cirandar” Pedro por uma boa razão. Pedro precisava ver sua fraqueza humana, a fim de saber que sua força era insuficiente para seguir Jesus fielmente. Pedro ainda teria de aprender o que Paulo aprendeu: “Quando estou fraco, então, sou forte” em Cristo (2 Co 12.10b).

Pedro precisava aprender a lição que todo seguidor de Jesus tem de aprender: não há lugar para o orgulho ou para a autossuficiência no Reino de Deus.

Não Oramos

As pessoas que dependem de si mesmas raramente sentem a necessidade de orar. Por que sentiriam? Pouco depois de Pedro ter se gabado de que nunca negaria o Senhor, Jesus pediu a ele e aos outros discípulos que orassem com Ele no jardim do Getsêmani, dizendo: “Vigiai e orai, *para que não entreis em tentação*; na verdade, o espírito está pronto, mas a carne é fraca” (Mt 26.41, grifos meus). Isso ocorreu imediatamente depois de Satanás pedir permissão para atacar Pedro. Jesus estava tentando proteger Pedro levando-o a fazer a única coisa que o protegeria: orar.

A oração é a admissão, a confissão de dependência. Ela envolve o reconhecimento de que não podemos fazer sozinhos essa coisa chamada vida. A oração é a única forma de manter um estado constante de dependência de Deus. Pessoas orgulhosas não oram porque não sentem a necessidade. Essas pessoas pensam que podem lidar com qualquer desafio muito bem.

Será que Paulo estava pensando em Pedro quando escreveu: “Aquele, pois, que cuida estar em pé, olhe que não caia” (1 Co 10.12)? Talvez estivesse pensando em si mesmo antes de ter visto a luz, ou seja, quando era uma pessoa arrogante e religiosa, se é que já houve alguma. Talvez estivesse pensando em nós. Quando estamos com medo da desaprovação dos outros,

pode ser porque não temos orado o suficiente, lembrando-nos de que somos dependentes de Cristo.

Agimos na Força da Carne

Como sabemos que Pedro estava andando na força da carne na noite em que Jesus foi preso? A indicação mais óbvia é pelo ataque feito contra o servo do sumo sacerdote. Ninguém do grupo do sumo sacerdote tinha atacado Jesus. Mesmo assim, Pedro passou para a ofensiva, fazendo um ataque não provocado com uma espada! O que ele estava pensando?

Acredito que Pedro não estava pensando em nada. Estava agindo pela pura força da carne. A defesa armada contra a prisão de Jesus estava longe de ser a vontade de Deus. Foi por isso que Jesus repreendeu a Pedro e acrescentou: “Todos os que lançarem mão da espada à espada morrerão. Ou pensas tu que eu não poderia, agora, orar a meu Pai e que ele não me daria mais de doze legiões de anjos?” (Mt 26.52,53).

Se eu fosse Pedro, teria ficado vermelho de vergonha. Ali estava ele, um pescador humilde empunhando uma espada de pouco uso, provavelmente enferrujada, tentando defender alguém que tinha legiões de anjos à espera da sua ordem para atacar.

Por que Jesus não deu a ordem? Encontramos a resposta no que Ele mesmo disse a Pilatos: “O meu Reino não é deste mundo; se o meu Reino fosse deste mundo, *lutariam os meus servos*, para que eu não fosse entregue aos judeus” (Jo 18.36, grifos meus). Deus não precisa do zelo carnal para defender seus interesses neste mundo. Como Paulo mais tarde escreveu: “Andando na carne, não militamos segundo a carne” (2 Co 10.3).

Se dependermos da carne para obtermos vitória, seremos intimidados por aqueles cuja carne é mais forte do que a nossa. Mas quando vivemos no poder do Espírito de Deus, vemos os ataques carnis contra nós tão fracotes como Pilatos atuando inconscientemente sob a sombra do enorme exército de anjos de Jesus.

Seguimos Jesus de longe

Todos os seres humanos são indecisos. No nível mais básico, somos em grande parte motivados pela carne, a qual habitualmente sobrepõe-se à

consciência para nos satisfazer os desejos centrados no mundo e manter nosso orgulho. No nível espiritual mais sublime (cristão), somos cheios com o Espírito Santo, que nos dá poder para pensar e agir dentro da vontade de Deus. Paulo escreve que o Espírito e a carne guerreiam um contra o outro continuamente, e diz ainda que a única maneira de não andarmos na carne é andarmos no Espírito (Gl 5.16,17).

Entretanto, queremos ter as duas coisas, assim como Pedro: “Então, prendendo-o [prendendo Jesus], o levaram e o meteram em casa do sumo sacerdote. *E Pedro seguia-o de longe*” (Lc 22.54, grifos e inserção em colchetes meus). Pedro queria estar com Jesus, mas não tão perto a ponto de ser preso também. Ele queria ser fiel (“Estou aqui, Senhor, bem atrás de ti!”), mas não queria que lhe custasse algo, como, por exemplo, a vida.

Pedro queria a *aprovação* dos seguidores de Jesus por seguir o Mestre, mas não queria a *desaprovação* dos judeus por seguir muito de perto. Ele estava preocupado com o que poderia acontecer com Jesus; só não queria que o mesmo acontecesse com ele. Então, seguiu de longe. É assim que trabalha a indecisão em alguém que teme os homens.

Lembro-me dessa luta quando eu era jovem cristão na escola. Eu queria ser aprovado por Jesus, mas, ao mesmo tempo, queria também ser popular e aprovado pelos meus colegas. Com um grupo de colegas tementes a Deus, isso é possível. Mas é muito difícil de conseguir isso na escola. Eu não queria perder a aceitação dos colegas, seguindo Jesus perto demais. Logo descobri, porém, que é impossível ser popular com Jesus e, ao mesmo tempo, ser popular com o mundo. É por isso que muitos cristãos hoje em dia fazem o que Pedro fez (e o que fiz quando era adolescente): seguem Jesus de longe.

Encontramos Companheirismo no Lugar Errado

Se dermos um passo atrás em relação ao quadro que João pinta da prisão de Jesus, veremos dois grupos de pessoas: Jesus e os discípulos no jardim, e os servos e soldados do sumo sacerdote entrando. Os dois grupos são essencialmente inimigos. Avançando os acontecimentos em uma hora, encontramos uma cena curiosa: Pedro está se aquecendo junto à fogueira com as pessoas que haviam acabado de prender Jesus, seu Senhor (Jo 18.18,25)! Como Pedro, em um momento, está sacando a espada para um grupo e, em outro momento, está em torno da fogueira com o mesmo grupo?

Podemos supor que Pedro estava espionando ou prestando atenção ao que acontecia com Jesus. Mesmo assim, precisava estar no meio do grupo? O que Pedro tem em comum com os inimigos de Jesus que o justificaria compartilhar terreno comum com eles?

Charles Spurgeon não ficou impressionado com as ações de Pedro:

Pedro estava em terreno perigoso. Quando seu Mestre estava sendo esbofeteado, ele estava tentando pôr-se à vontade. Sabemos que os servos do sumo sacerdote [...] [eram] servos brutos de senhores maus. Ele estava em má companhia e era um homem que não podia dar-se ao luxo de estar em má companhia, pois ele era muito impulsivo e muito facilmente provocado a ações precipitadas.⁴

O grande comentarista Matthew Henry faz uma advertência mais filosófica: “Aqueles que se aquecem com os malfeitores se esfriam com as pessoas boas e as coisas boas, e aqueles que gostam de estar junto à lareira do Diabo estão em perigo do fogo do Diabo”.⁵

Mesmo se dermos a Pedro o benefício da dúvida, há um aviso aqui: não vá para o meio dos inimigos de Deus sem estar preparado para declarar-se amigo de Deus. Fazer o contrário é correr o risco de sucumbir ao medo de desaprovação.

AS RESOLUÇÕES AO MEDO DA DESAPROVAÇÃO

Após a crucificação, Pedro pensou que, depois de três anos, sua esperança de Jesus tornar-se rei de Israel falhara. Pelo menos ele, Pedro, fracassara. Mesmo após a ressurreição de Jesus, Pedro pensou que a chance de encontrar um lugar no Reino de Cristo era quase nula. Portanto, ele e alguns dos outros discípulos se retiraram para a Galileia a fim de retomar as atividades pesqueiras.

Jesus, porém, foi atrás dos discípulos. Encontrou Pedro e os outros nas praias do Mar da Galileia, e foi lá que Pedro descobriu as Boas-Novas. Mesmo tendo fracassado terrivelmente na prova da lealdade, era possível ser restaurado. O que Jesus lhes comunicou, bem como o poder do Espírito recebido algumas semanas depois no Pentecostes, restaurou-lhes a coragem e a determinação. E o mesmo pode ocorrer conosco.

Substituamos o Medo dos outros pela Aprovação que Jesus nos Dá

Jesus não abandonou Pedro; antes, foi atrás dele.

Pedro soube que seguir Jesus é uma viagem de uma vida inteira, ao passo que seguir de longe leva à escuridão e à confusão. Jesus voltara, como dissera que faria, mas será que Pedro não fora desclassificado da celebração? Sua rejeição à sombra da cruz não o excluía da comunhão pela luz do túmulo vazio?

Na verdade, decretou Jesus, não.

Deus pinta belos cenários nas grandes telas da graça. Neste caso, Ele escolheu a beleza da praia ao alvorecer. O cenário mostrava pescadores ocupados com as tarefas típicas de um dia, quando os primeiros raios do sol atingem as águas e os pássaros cantam ao amanhecer. Eram a hora e o lugar do gosto de Pedro. Eram as condições ideais para ele receber a mais maravilhosa mensagem de sua vida: ele foi perdoado. Ele foi aceito.

O objetivo de Jesus era substituir o medo que Pedro tinha dos homens pela aprovação que Jesus lhe dava.

Haveria mais intimidação e confronto por vir, e Pedro precisava de algo mais forte do que o medo de passar por isso. A única coisa mais forte do que o medo da desaprovação dos homens é a aprovação de Deus. Assim que Pedro soubesse que Jesus o havia perdoado, ele não teria razão para temer o que os outros dissessem ou fizessem.

Se você estiver vivendo com medo da desaprovação dos outros, esse medo poderá ser substituído, assim como aconteceu com Pedro, ao saber que Deus o ama e o aceita firmemente. Como o apóstolo Paulo escreve: “Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Rm 8.31).

Substituamos o Medo dos outros pelo Amor a Jesus

Nas praias da Galileia, Jesus iniciou uma conversa vital com Pedro. Ele fez ao seu discípulo a mesma pergunta três vezes: “Amas-me? [...] Amas-me? [...] Amas-me?” (Jo 21.15-17). Assim como Pedro negara verbalmente Jesus três vezes, Jesus perguntou a Pedro três vezes para que Pedro declarasse verbalmente seu amor a Jesus. E ele declarou. A cada vez que foi perguntado, Pedro respondeu: “Tu sabes que te amo”. E após cada uma das confissões de

Pedro, Jesus deu uma réplica um pouco variada: “Apascenta os meus cordeiros. [...] Apascenta as minhas ovelhas. [...] Apascenta as minhas ovelhas”.

Mesmo que Pedro ficasse triste por Jesus persistir com a mesma pergunta (Jo 21.17), isso era necessário. Era necessário porque teve um efeito catártico sobre Pedro ao sobrepor as três negações com as três declarações de amor. Caso Pedro tivesse de cumprir a comissão de Cristo, então o amor por Jesus teria de ser a sua maior motivação.

Ninguém pode dizer que ama Jesus tendo mais medo dos homens. E ninguém pode ter medo dos homens e dar todo o seu amor a Jesus.

Substituamos o Medo dos outros pelo Amor aos outros

No livro sobre o tema do medo, Neil Anderson diz que as fobias são como os enrolamentos de uma cobra — apertam cada vez mais tudo o que entregamos a elas.⁶ Não podemos amar porque o medo fica no caminho. O pior de tudo, o medo nos empurra ainda mais para a manifestação final do pecado: o egocentrismo.

Antes do encontro restaurador com Jesus, a vida de Pedro dizia respeito quase a Pedro somente. Ele dizia e fazia o que queria, mesmo quando lhe causava problemas. Mas quando Jesus comissionou novamente Pedro para cuidar de seus seguidores, Ele estava dizendo ao discípulo para substituir o medo dos outros pelo amor a eles.

Quando Jesus disse a Pedro: “Apascenta as minhas ovelhas”, estava encarregando-o de passar o resto da vida colocando o bem-estar das ovelhas acima do seu próprio bem-estar. Pedro precisaria adicionar à sua personalidade grosseira de pescador (a qual ainda era necessária para defender o rebanho contra os predadores) o toque gentil de quem cura e alimenta as ovelhas. O medo que ele tinha dos outros seria substituído pelo amor ao rebanho que Jesus lhe confiava.

O medo nos esgota, ao passo que o amor nos capacita. Não podemos ter medo das pessoas e amá-las ao mesmo tempo. Não podemos amar os outros sacrificial e incondicionalmente se toda a nossa energia for direcionada a nos proteger. Quando amamos os outros (inclusive os que podem nos prejudicar), a vida já não diz respeito a nós, e o medo da desaprovação é expulso.

Substituamos o Medo dos outros pela Fé em Jesus

A nova comissão de Jesus dada a Pedro não significava que Pedro nunca mais teria medo. Muito pelo contrário: “Quando [tu, Pedro,] já fores velho, estenderás as mãos, e outro te cingirá e te levará para onde tu não queiras. E disse [Jesus] isso significando com que morte havia ele [Pedro] de glorificar a Deus” (Jo 21.18,19). A história mostra que foi exatamente o que aconteceu. As mãos de Pedro foram estendidas sobre uma cruz quando o imperador romano o mandara crucificar. Consta que Pedro pediu para ser crucificado de cabeça para baixo, considerando-se indigno de morrer da mesma maneira que seu Senhor.

Será que Pedro ficou com medo? Sem dúvida, da mesma forma humana que eu fiquei com medo quando ouvi o diagnóstico de câncer em 1994. E acredito que, da mesma forma, Jesus ficou com medo quando orou e clamou no jardim do Getsêmani sobre o que Ele estava prestes a sofrer. É possível estar humanamente com medo sem sucumbir ao medo. É possível, ao mesmo tempo, sentir medo e ter fé sem que o medo fique no controle. É ainda possível experimentar o medo da desaprovação dos outros, ao mesmo tempo em que sabemos que Deus nos aprova totalmente.

Não podemos impedir que os outros nos desaprovem ou nos intimidem, mas a fé pode nos impedir de sucumbir ao medo. Jesus foi honesto com Pedro sobre o que viria pela frente para ele. E é honesto conosco: “No mundo tereis aflições” (Jo 16.33). Mas Ele não deixa que sofram a desaprovação, a intimidação ou a aflição sozinhos: “Mas tende bom ânimo; eu venci o mundo” (16.33).

Substituamos o Medo dos outros pela Glória de Deus

Por que Jesus disse a Pedro como ele morreria? É provável que estivesse dizendo: “Pedro, sua vida até agora só diz respeito a glorificar você mesmo. Mas daqui em diante, sua vida só dirá respeito a glorificar a Deus. E se morrer por Deus é a melhor maneira de glorificá-lo, então essa é a sua chamada, exatamente como foi a minha”.

Quando os outros desaprovam nosso andar com Cristo, somos chamados para glorificar a Deus. Quando os outros nos intimidam por mantermos os valores bíblicos, somos chamados para glorificar a Deus. Quando sofremos

danos físicos, financeiros, profissionais ou de outros tipos nas mãos dos outros, somos chamados para glorificar a Deus. Talvez nunca venhamos a ser chamados para glorificar a Deus com o martírio, mas somos chamados para glorificar a Deus em tudo o que fizermos. Como o apóstolo Paulo escreve: “Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para a glória de Deus” (1 Co 10.31). Isso inclui mostrar coragem diante da desaprovação dos outros.

A REVERSÃO DO MEDO DA DESAPROVAÇÃO

Depois de uma partida de futebol americano da Liga Nacional de Futebol Americano (NFL) numa noite de segunda-feira em 1990, algo aconteceu pela primeira vez no futebol americano profissional. Quando o San Francisco 49ers e o New York Giants terminaram o jogo, um grupo de oito jogadores, alguns de ambas as equipes, reuniram-se perto do centro do campo. Ajoelharam um joelho no gramado e oraram juntos em nome de Jesus Cristo.

A prática pegou, e em breve, outros jogadores começaram a reunir-se no campo para orar depois dos jogos.

Para a surpresa de ninguém, nem todos os fãs apoiaram a mistura de fé e futebol. A *Sports Illustrated*, a icônica revista esportiva, disse que os jogadores devem orar em particular. A gestão da NFL considerou proibir a prática. Mas os jogadores não se moveram, insistindo que continuariam a orar após os jogos. Alguns disseram que manteriam a prática, mesmo que fossem multados.⁷

E se Pedro tivesse sido um jogador da NFL (estou supondo que ele teria sido um apoiador)? Teria ele mantido a fé em face da desaprovação da mídia e dos espectadores? Observando seu desempenho no pátio do sumo sacerdote, teríamos de dizer que *não*. Mas depois da conversa com o Jesus ressurreto à beira do lago e da vinda do Espírito Santo no dia de Pentecostes, teríamos de mudar a resposta para um definitivo *sim*. O medo que Pedro sentia da desaprovação foi revertido em sua totalidade. Nunca mais ele agiu ousadamente pelas razões erradas (orgulho, ego); ele agiu ousadamente pelas razões certas (fé, destemor).

Depois que o Espírito Santo desceu sobre o grupo de 120 dos seguidores de Jesus, tudo mudou. Em vez de encolherem-se de medo de serem identificados com o Jesus ressurreto, os crentes tinham uma nova ousadia. Eles foram

liderados pelo próprio Pedro, o apóstolo que outrora teve medo de ser identificado com o seu Senhor.

Foi Pedro que se levantou com os outros 11 apóstolos e pregou uma mensagem poderosa para as enormes multidões reunidas em Jerusalém para o Pentecostes (At 2.14-40). Citando extensivamente o Antigo Testamento, Pedro explicou o que as multidões tinham acabado de testemunhar — os discípulos de Jesus falando em línguas que não tinham aprendido. Ele explicou que Deus enviou Jesus como o Messias e comprovou sua identidade através de milagres. Explicou também que o Antigo Testamento predisse a ressurreição do Jesus recentemente crucificado. Pedro concluiu repetindo ousadamente a mesma afirmação pela qual Jesus fora morto: “Saiba, pois, com certeza, toda a casa de Israel que a esse Jesus, a quem vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo [Messias]” (At 2.36).

Nesse ponto, a multidão clamou: “Que faremos, varões irmãos?” (At 2.37b). Pedro respondeu-lhes: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos pecados” (At 2.38). E cerca de 3 mil pessoas fizeram exatamente isso (At 2.41).

Relembre a cena no pátio do sumo sacerdote. Dá para imaginar Pedro agora proclamando ousadamente a divindade de Cristo quando antes ele sequer admitia ser seguidor de Jesus? Pedro não era mais o homem medroso e intimidado, cujos talentos carnavais mostraram-se insuficientes para a pressão daquela hora. Em vez de deixar que um grupo de umas 15 pessoas o intimidassem, agora Pedro advertiu a multidão de milhares de pessoas: “Salvai-vos desta geração perversa” (At 2.40).

Na medida em que a igreja começava a crescer, os líderes religiosos judeus ficaram alarmados quando viam que mais e mais judeus tornavam-se seguidores de Jesus. Pedro tornou-se um para-raios para seus ataques. Logo, ele e João foram jogados na prisão por pregarem sobre Jesus. No dia seguinte, o corpo governante dos judeus, que eram os mesmos líderes que haviam condenado Jesus, mandou chamá-los para interrogatório. Pedro aproveitou a oportunidade para pregar para eles, e suas palavras deixaram todos atordoados: “Vendo a ousadia de Pedro e João e informados de que eram homens sem letras e indoutos, se maravilharam” (At 4.13). Ninguém ficou maravilhado com a ousadia de Pedro na noite em que Jesus foi preso!

Os governantes, temendo a desaprovação do povo caso ferissem Pedro e João, soltaram os dois com a advertência de que parassem de pregar Jesus.

Mas Pedro sequer considerou diminuir a pregação. Não muito tempo depois, os governantes pediram novamente a eles que parassem de pregar Jesus. “Respondendo Pedro e os apóstolos, disseram: Mais importa obedecer a Deus do que aos homens” (At 5.29). Quando os governantes ouviram essa resposta, “se enfureceram e deliberaram matá-los” (At 5.33).

As posições tinham trocado de lado. Agora, quem estava com medo de quem? Quem não era mais controlado pelo medo dos homens, e sim pelo amor a Deus? Pedro era um homem mudado. Ele sofrera uma reversão espiritual. O medo fora substituído pela fé.

A mesma inversão pode acontecer na vida de todo aquele que tem medo de ser identificado como seguidor de Jesus. Não há fórmula que possamos escrever no receituário espiritual: “Faça *assim e assado*, e você nunca mais terá medo da desaprovação dos homens”. Mas podemos aprender com o exemplo de Pedro, identificando alguns dos principais pontos cruciais de sua vida.

Primeiro: a força carnal de Pedro fracassou. Sua personalidade carismática era insuficiente para as exigências de um momento crítico. Pedro chegou ao fim de si mesmo e percebeu que ele não era quem pensava que fosse.

Segundo: Pedro passou por um período negro de introspecção, não diferente do que Saulo de Tarso passou depois de seu encontro com Jesus na estrada de Damasco. Durante três dias, Saulo (Paulo) ficou sentado sozinho numa casa em Damasco questionando tudo o que ele tinha acreditado. Pedro passou por semelhante vale de desespero, sendo forçado a pensar sobre o que realmente significava seguir a Jesus.

Terceiro: Pedro experimentou o amor incondicional do mesmo Jesus que ele havia negado poucos dias antes. Ele foi chamado de volta ao serviço de Jesus como seguidor recentemente humilhado e, agora, perdoado.

Quarto: Pedro experimentou o poder do Espírito Santo. Nada mais explica essa transformação radical.

E quinto: Pedro chegou à conclusão, pela graça de Deus, de que é melhor temer a Deus do que temer os homens.

Não podemos duplicar a jornada de Pedro, porém nunca vi ninguém vencer o medo da desaprovação sem passar por estágios espirituais semelhantes aos passados por Pedro. Deus orchestra essa jornada e essas transições à sua maneira e no seu tempo.

E podemos dizer a Deus que, conforme nosso mundo se torna cada vez

mais hostil ao cristianismo, queremos perder a timidez de revelar nossa fé. Podemos pedir a ousadia do Pedro pós-Pentecostes. Podemos pedir a Deus que nos leve a desejar sua aprovação tão intensamente que a desaprovação dos homens não signifique nada para nós.

No livro *America* (América), de Charles Kuralt, o veterano jornalista de televisão da CBS relata uma reunião de eleitores da qual participou na pequena cidade de Stafford, Vermont. As reuniões exibiam a democracia em ação. Cada cidadão tinha permissão de manifestar sua opinião sobre os assuntos de interesse para a cidade. Quando todos os pontos de vista eram ouvidos, o moderador anunciava: “Vou pedir uma votação em pé. Todos a favor, levantem-se para serem contados”.⁸

Quando foi a hora de Pedro levantar-se para apoiar Jesus naquela terrível noite em Jerusalém há 2 mil anos, ele fracassou. E muitos de nós fracassamos como ele. Mas esses dias podem ter acabado. Sabemos como foi forte a posição que Jesus tomou por nós. Sabemos que Ele não se importava com a aprovação dos homens, mas apenas com a aprovação do Pai. Esse é o fator preponderante. Isso é mais do que o suficiente para nos dar a ousadia de nos levantarmos e sermos aprovados para Ele.

CAPÍTULO 7

PERIGOS:

O Medo de Problemas Súbitos

Não temas o pavor repentino, nem a assolação dos ímpios quando vier.

PROVÉRBIOS 3.25

Quando o *Andrea Gail* deixou o porto de Gloucester, em Massachusetts, em 20 de setembro de 1991, e rumou para o Atlântico Norte, ninguém poderia ter imaginado que esse barco de pesca jamais seria visto outra vez. Apenas poucos destroços apareceram, e os seis tripulantes desapareceram para sempre.

No livro *A Tormenta*, o autor Sebastian Junger imortalizou o destino do *Andrea Gail*. Foi até feito um filme a respeito, estrelado por George Clooney e Mark Wahlberg. Mesmo assim, essas estrelas do cinema, por mais importantes que fossem, desempenharam apenas papéis secundários. A verdadeira estrela foi a própria tempestade — uma tormenta opressora, aterrorizante e implacável, nascida de ventos ferozes e de ondas gigantescas.

Foram os meteorologistas que chamaram essa tempestade cataclísmica de “a tempestade perfeita”. Não tenho a tendência de usar a palavra *perfeita* para descrever uma coisa tão terrível, mas assim que você entender o uso dos meteorologistas, a frase “tempestade perfeita” fará o mais perfeito sentido. É uma maneira vívida de dizer “o pior cenário”. No caso do *Andrea Gail*, foi a

combinação simultânea das mais difíceis condições meteorológicas possíveis.

Três elementos mortais se conjugaram em outubro de 1991: uma frente fria que se deslocava do Canadá em direção à Nova Inglaterra, um sistema de alta pressão que se formava ao longo da costa leste do Canadá e os remanescentes do furacão Grace, revolvendo-se ao longo da costa leste dos Estados Unidos. O mau tempo estava vindo de três dos quatro pontos cardeais da bússola, todos convergindo para o pequeno *Andrea Gail*.

Por si só, o ar quente, o ar frio e o ar úmido são quase imperceptíveis. Mas quando os padrões de vento os reúnem à força, o resultado é letal. A última transmissão de rádio de Billy Tyne, o capitão do barco de pesca, chegou às seis da manhã de 28 de outubro de 1991. Ele deu suas coordenadas ao capitão do seu navio gêmeo, o *Hannah Baden*, dizendo: “Está vindo, rapazes, e está vindo com força”.¹

O livro e o filme levaram a expressão “tempestade perfeita” para o uso comum, mas o conceito é tão antigo quanto a humanidade. As pessoas sempre tiveram de lidar com a convergência de múltiplas circunstâncias difíceis. Tanta coisa pode dar errado tão rapidamente que balançamos a cabeça e dizemos: “Desgraça pouca é bobagem”.

Todos já passamos por isso, não é? Seu filho fica doente e, do nada, o carro enguiça no caminho para o médico. O tempo todo está chovendo a cântaros, e seu cônjuge não atende o celular, pois é a cobrar. Uma ou duas dessas dificuldades não são tão ruins, mas quando ocorrem juntas, formam uma tempestade.

Por mais frustrante que tais tempestades sejam, coisa muito pior pode acontecer. Hoje, neste mundo mais veloz, mais cheio e mais complexo, bastam apenas poucas rajadas para imediatamente se tornarem “a tempestade perfeita”. Quando múltiplas condições convergem e ameaçam áreas críticas da vida, como as finanças, os relacionamentos, o trabalho e a saúde, questionamos até quando poderemos suportar. Em algum lugar, há um ponto de interrupção no qual atingimos a massa crítica. Uma vez nesse estado, ficamos imaginando se permaneceremos flutuando ou se afundaremos como o *Andrea Gail*. Saber que pode acontecer nos enche de medo.

O destino do *Andrea Gail* demonstra dois tipos específicos de medo que todos experimentamos. O primeiro é o medo instintivo e encharcado de adrenalina que a tripulação sentiu no meio da tempestade. Eles ficaram com

medo porque a vida estava em perigo. Esse tipo de medo é benéfico. É o instinto necessário para a sobrevivência. Sem dúvida, os pescadores do Atlântico Norte sentem uma pontinha de medo toda vez que deixam o porto. Uma decisão errada em face do clima ameaçador pode significar a morte. Mas isso não detém esses homens e mulheres. O medo razoável é parte saudável e normal da descrição de trabalho. Caso não pudessem lidar com isso, seria melhor procurarem outra ocupação.

Mas há outro tipo de medo que pode nos paralisar: o medo do próprio medo. O medo no meio da tempestade é instintivo e benéfico. Já o medo de uma tempestade que *pode* acontecer não é. Trata-se de uma emoção intrusiva que nos leva a uma vida tremendamente diminuta. O medo imaginado torna-se tão vívido que já não o distinguimos da realidade, e, para alguns, o medo se torna tão debilitante que quase não conseguimos sair da cama de manhã. Embora o céu esteja azul, estamos abatidos por pensamentos de chuva. Dentro da tempestade, podemos olhar, ao menos, nos olhos da fera. Mas com o medo do medo, o monstro imaginado está sempre do outro lado da porta, agigantando-se, mesmo ele não existindo. É como o medo que o educador William Hughes Mearns expressa em sua poesia:

*Quando eu estava subindo a escada,
Encontrei um homem que não estava lá
Ele não estava lá hoje também
Ah, como eu queria que ele fosse embora!*²

Quando os Estados Unidos estavam se recuperando da Grande Depressão,⁵ o presidente Franklin D. Roosevelt tentou encorajar seus habitantes, dizendo: “A única coisa que devemos temer é o próprio medo. O terror inominável, irracional e injustificado que paralisa os esforços necessários para converter a retirada em avanço”.³

Todos nós temos de enfrentar o medo, mas para o crente, suas presas foram tiradas, pois estamos protegidos por um abrangente protetor de esperança. Os não crentes têm de idealizar mecanismos de enfrentamento, os quais todos são ineficazes. O fatalismo (“estamos todos condenados”) não funciona. O existencialismo (“somos todos ignorantes”) não leva a nada. O otimismo (“ei, tudo é bom”) nos decepciona porque é uma mentira. *Nem tudo é bom.*

Existem coisas na vida das quais vale a pena ter medo.

Precisamos de uma perspectiva sobre o medo que leve em conta as tempestades perfeitas da vida, mas que também nos garanta que há um porto seguro ao alcance. Não podemos afastar todos os medos, mas também não precisamos viver como seus escravos.

E é aqui que Jesus Cristo entra! Quando o seguimos, este mundo e suas emoções parecem diferentes à luz da bondade, poder e sabedoria de Jesus. O medo é simplesmente um fato com o qual temos de lidar em um universo caído, mas na Bíblia, aprendemos que o medo pode ser administrado. Há, na Palavra de Deus, uma riqueza de orientações sobre como lidar com as tempestades perfeitas e imperfeitas.

A PROBABILIDADE DAS TEMPESTADES DA VIDA

E, naquele dia, sendo já tarde, disse-lhes [Jesus]: Passemos para a outra margem. E eles, deixando a multidão, o levaram consigo, assim como estava, no barco; e havia também com ele outros barquinhos. E levantou-se grande temporal de vento, e subiam as ondas por cima do barco, de maneira que já se enchia de água.

– Marcos 4.35-37

Mateus, Marcos e Lucas contaram a história de uma tempestade perfeita na vida dos discípulos de Jesus. Naquela noite, uma tranquila viagem de barco transformou-se numa terrível escaramuça com a morte. Enquanto Mateus (8.23-27) e Lucas (8.22-25) cobrem os fatos básicos do acontecimento, a versão de Marcos é mais detalhada (4.1,35-41).

Os Evangelhos registram que Jesus estava perto da exaustão e que seus 12 discípulos estavam se sentindo atordoados pelo treinamento rigoroso que Ele estava lhes dando. As multidões tinham sido estafantes. Os doentes, desejando o toque de cura, aglomeravam-se em torno de Jesus em todas as ruas. Os discípulos estavam maravilhados com os milagres que o Mestre fazia e ficaram surpresos que Ele esperasse que eles fizessem milagres também. Suas vidas estavam sendo viradas do avesso.

Agora, Jesus estava falando perto da praia do Mar da Galileia. A multidão começou a pressionar tanto que Ele quase foi empurrado para a água. Então, Ele subiu num barco, afastou-se alguns metros, sentou-se e continuou a

ensinar (Mc 4.1). Quando terminou, já era noite. Tendo em vista que Marcos dedica quase 30 versículos para o acontecimento, deve ter sido uma significativa sessão de ensino com duração de várias horas. Jesus devia estar esgotado. A multidão, contudo, não estava com vontade de ir embora. Precisando desesperadamente de descanso, Jesus e os discípulos permaneceram no barco e navegaram para a costa oriental, onde Jesus procurou ministrar em seguida.

Os elementos de uma tempestade perfeita estavam se formando. Primeiro: Jesus estava extremamente cansado (Mc 4.38). Segundo: os discípulos também estavam fatigados e emocionalmente confusos com as experiências extraordinárias com Jesus. Terceiro: já era noite, tarde demais para sair e atravessar o mar. Quarto: uma pequena flotilha de seguidores ávidos estava atrás deles, ou seja, quando desembarcassem, o descanso não passaria de uma ilusão.

E também havia o mar. O Mar da Galileia é como uma tigela de água situada cerca de 210 metros abaixo do nível do mar. É alimentado e drenado pelo rio Jordão, que entra no extremo norte e sai no extremo sul. As montanhas flanqueiam quase todos os lados, formando vales e canais que armam o cenário para os ventos uivantes. Quando o ar frio das montanhas precipita-se pelos vales e colide com o ar quente e úmido que paira sobre o mar, tempestades violentas desencadeiam-se em questão de minutos.

E foi exatamente o que aconteceu. “E levantou-se grande temporal de vento, e subiam as ondas por cima do barco, de maneira que já se enchia de água” (Mc 4.37). Marcos usa uma palavra grega para *temporal* que pode ser traduzida por “tempestade furiosa” ou “furacão”. Na descrição de Mateus, o temporal é um “*seismos* [terremoto] tão grande”, como se o mar estivesse sendo sacudido pelos ventos (Mt 8.24).

Fadiga. Confusão. Escuridão. Temporal. A tempestade perfeita chegara. Era como se todos os medos tivessem se combinado e se cristalizado. Como pescadores, eles tinham profundo e temeroso respeito pelas águas turbulentas. Como homens, tinham profundo, porém relativamente não testado, respeito por Jesus. Mas agora esse Jesus, por quem tinham deixado tudo para segui-lo, os levava direto para a tempestade. E para piorar a situação, Ele estava dormindo, sem mostrar a menor preocupação pela segurança deles e sem se importar com o desastre que era iminente. Eles devem ter se perguntado se tinham dado o passo certo ao segui-lo. Havia muita coisa que eles ainda não

sabiam sobre aquele homem. Será mesmo que Ele poderia livrá-los do desastre que agora era inevitável?

Assim como tempestades repentinas são inevitáveis no Mar da Galileia, tempestades repentinas podem ocorrer em nossa vida também. Quando acontecem, a situação aflitiva dos discípulos torna-se nossa: Como é possível confiar num Deus que permite que tempestades perfeitas nos sobrevenham?

O PARADOXO DAS TEMPESTADES DA VIDA

Os discípulos estavam seguindo Jesus por onde quer que Ele fosse, auxiliando-o em todos os ministérios. Eles estavam ouvindo a Palavra e ajudando-o a pregar o Evangelho. Contudo, agora, encontravam-se sacudidos para cima e para baixo por uma tempestade e em perigo real de afogamento. Os discípulos estavam aprendendo uma lição difícil, uma lição que todo crente deve aprender: podemos estar, ao mesmo tempo, no centro da perfeita vontade de Deus e também no centro de uma tempestade perfeita!

Quando o escritor Gary Thomas e sua esposa pensaram em comprar uma casa, oraram diligentemente para Deus guiá-los. Se não fosse da vontade de Deus, imaginaram que Ele fecharia as janelas da oportunidade.

A janela não se fechou. Assim sendo, fizeram a compra. Passaram-se cinco anos, durante os quais eles aproveitaram a casa e também as bênçãos de Deus. Depois, a economia entrou em parafuso, e, de repente, a casa estava valendo menos do que tinham pagado por ela. Eles se perguntaram por que Deus não os impedira de fazer um mau investimento. Eles haviam orado. Eles haviam escutado. Eles não ouviram Deus falar “não”.

Certo dia, quando a esposa de Gary estava buscando a Deus, ela ouviu a resposta: *Nunca lhes ocorreu que eu queria que vocês morassem nesse bairro para ministrar, em vez de reforçar o seu patrimônio financeiro?* Essa percepção fez com que eles repensassem seus questionamentos sobre a orientação de Deus. Eles perceberam que tudo dizia respeito a vidas tocadas para Cristo, em vez de lucros ganhos por investimentos. A questão agora era: Será que creriam em Deus o suficiente para segui-lo por um caminho sem lucro financeiro, porém com grande ganho espiritual?⁴

Jesus não pede para que tomemos a carteira e o sigamos. Ele diz para que tomemos a cruz. O conforto não é um fator. Mas Ele promete que o caminho para sermos conformes à imagem de Cristo é confiar e obedecer em todas as

circunstâncias.

Como no caso de Gary e de sua esposa, a vontade de Deus nem sempre é clara. Entretanto, naquele dia junto ao Mar da Galileia, a vontade de Deus não poderia ter sido mais clara para os discípulos. Jesus tinha lhes dito: “Passemos para a outra margem”. Eles não convocaram uma reunião para deliberar. Não oraram, nem procuraram o conselho dos outros. A vontade de Deus estava bem ali na frente deles. Sem hesitação, eles entraram no barco. E agora, a coisa que aparecia bem na frente deles era a morte.

O perigo inesperado era algo novo para os discípulos. Até aquele momento, seguir Jesus não fora excessivamente oneroso — custara pouco mais do que deixar o emprego e receber poucas reclamações e críticas dos líderes religiosos locais (Mc 3.22). Não tinham enfrentado nada que fosse fatal. Muito pelo contrário. Eles eram os companheiros mais próximos da pessoa mais popular da Galileia. Eram recebidos nas pequenas cidades como heróis. Esse movimento de Deus estava dando certo, e todos os sistemas tinham de funcionar.

Então, a tempestade perfeita veio. Certamente, algumas questões foram levantadas.

Muitas pessoas acreditam que a fé é um tipo de seguro contra a pressão alta e a dor de cabeça. *Confie em Deus, e você não terá preocupações.* Só que um grande paradoxo do cristianismo é que crer em Cristo não mantém as tempestades à distância. Na verdade, crer em Cristo nos empurra para águas profundas e turbulentas.

Jesus enfrentou a tempestade perfeita quando entrou em Jerusalém montado num jumentinho. Ele sabia o que estava prestes a enfrentar — tortura e morte impensáveis — e tinha medo. No jardim do Getsêmani, clamou: “Meu Pai, se é possível, passa de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres” (Mt 26.39b). Jesus estava plenamente consciente da tempestade para a qual se dirigia.

Os discípulos no barco agitado não estavam cientes dessas questões espirituais subjacentes. O medo tomou conta deles, empurrando para o lado todas as preocupações sobre estar na vontade de Deus. Todavia, eles estavam prestes a aprender uma lição inestimável: há segurança no centro da vontade de Deus. As tempestades não são a *punição* por falta de obediência. São o *resultado* da obediência! Esses homens estavam na tempestade porque haviam entrado no barco quando Jesus disse: “Passemos para a outra

margem”.

Você seguirá Jesus e, um dia, entrará numa tempestade. Daí então, você aprenderá que, embora possa ser avassalador, é o mais seguro de todos os portos.

A PRESENÇA NAS TEMPESTADES DA VIDA

E ele estava na popa dormindo sobre uma almofada; e despertaram-no, dizendo-lhe: Mestre, não te importa que pereçamos?

– Marcos 4.38

Juan Carlos Ortiz é um conhecido pregador, evangelista e escritor originalmente da Argentina. Certa vez, ele relatou uma conversa que teve com um trapezista de circo sobre a segurança que a rede de segurança fornece. O artista confirmou que a rede faz o óbvio. Ela evita que os trapezistas sejam feridos caso caiam. Porém, ela faz muito mais. “Imagine que não há rede”, disse ele. “Ficaríamos tão nervosos que erraríamos e cairíamos. Se não houvesse rede, não nos atreveríamos a fazer algumas coisas que fazemos. Mas porque há rede, nos atrevemos a fazer um salto mortal duplo, e uma vez fiz um salto mortal triplo graças à rede!”.

Ortiz viu uma aplicação para os cristãos: “Temos segurança em Deus. Quando estamos seguros em seus braços, nos atrevemos a tentar grandes coisas para Deus. Ousamos ser santos. Ousamos ser obedientes. Ousamos porque sabemos que os braços eternos de Deus nos guardam de cair”.⁵

Os discípulos ainda tinham de aprender a natureza da “rede” deles. Se tivessem percebido o pleno poder e autoridade que Jesus tinha, teriam rido e gritado para o vento: “Vem cá, que encaramos!”. Enfrentar uma tempestade é emocionante quando estamos protegidos por algo ainda mais poderoso.

Nosso grau de medo é indicador de nosso grau de fé. Quando temos confiança em Jesus e passamos pela tempestade, tornamo-nos mais destemidos. Se nunca a enfrentarmos, a tempestade nos reduzirá a uma geleia trêmula, como fez com os discípulos.

Há pessoas que creem no poder de Deus, mas não sabem com certeza se Ele está presente. Trata-se de significativa deficiência na fé. *Será que Ele estará presente quando eu estiver com problemas? Será que Ele se importa mesmo comigo?* Podemos crer num Deus poderoso que criou o universo, mas se Ele

estiver ausente quando necessário, como será que essa crença fará a diferença? Não é a ausência divina basicamente o mesmo que inexistência divina?

Esse foi o ponto decisivo que os discípulos enfrentaram. Eles sabiam que Jesus estava presente, porém não perceberam que Ele era Deus. Significa dizer que eles não estavam cientes da presença de Deus. Não sabiam o que Jesus podia e faria. Quando testemunho a vida temerosa de muitos cristãos, fico convencido de que os discípulos não são os únicos no barco, por assim dizer.

Lembre-se: os doze conheciam a história de Moisés e os israelitas atravessando o Mar Vermelho. Eles sabiam que Deus tinha o poder para assumir o controle dos ventos e dos mares. Mas será que esse mesmo Deus estava com eles *aqui e agora*? Eles ainda não tinham se dado conta de que o Deus de Moisés e o Mestre deles eram a mesmíssima pessoa. Os doze tinham verdadeiramente o *Emanuel*, “Deus conosco” (Mt 1.23).

John Paton foi um missionário escocês do século XIX que trabalhou por toda a vida entre os nativos assassinos das Ilhas Novas Hébridas. Ele enfrentava o perigo frequentemente, pois os membros das tribos procuravam matá-lo. Ele escreveu: “Sem a consciência permanente da presença e poder de meu querido Senhor e Salvador, nada mais em todo o mundo poderia ter me guardado de perder a razão e perecer terrivelmente”.⁶

Ele disse que foi nesses momentos mais perigosos, quando enfrentou as armas dos homens, que viu o rosto de Cristo mais claramente.

Em certa ocasião, Paton escondeu-se nos galhos de uma árvore, enquanto os homens, embaixo, o procuravam. Ele ouviu as ameaças de morte, mas sabia que estava seguro nos braços de Cristo. “Sozinho, porém não sozinho!”, lembrou. “Meu consolo e alegria vinham da promessa: ‘Eis que eu estou convosco todos os dias’”.⁷

No Mar da Galileia, um Jesus exausto dormia sobre uma almofada na parte traseira do barco com as ondas quebrando sobre Ele. A imagem é impressionante. Como os discípulos o viam? Viam-no como um homem muito parecido com eles, embora possuísse o poder sobrenatural de curar os doentes, de alimentar os famintos e, como logo descobririam, de acalmar o vento e as ondas.

A PAZ NAS TEMPESTADES DA VIDA

E ele, despertando, repreendeu o vento e disse ao mar: Cala-te, aquieta-te.
E o vento se aquietou, e houve grande bonança.
– Marcos 4.39

Os discípulos devem ter se perguntado como Jesus podia dormir com as ondas quebrando e o vento uivando. Sacudiram-no, gritando para que acordasse: “Mestre, não te importa que pereçamos? E ele, despertando, repreendeu o vento e disse ao mar: Cala-te, aquieta-te. E o vento se aquietou, e houve grande bonança” (Mc 4.38,39). A crise terminara. Sem dúvida, dava pra ouvir as batidas do coração de 12 homens pasmados.

A passagem fala que Jesus repreendeu o vento, assim como um pai repreende um filho rebelde. Lidou com os demônios da mesma forma: repreendeu-os (Lc 4.35). O vento obedeceu-lhe como os demônios obedeciam-lhe. Ele tinha poder sobre o natural e o sobrenatural.

Essa enorme manifestação de poder milagroso deveria ter suprimido as dúvidas remanescentes na mente dos discípulos a respeito de quem era Jesus. Somente Deus tem essa autoridade. O Antigo Testamento fala que Ele tem poder sobre a natureza: “Faz cessar a tormenta, e acalmam-se as ondas” (Sl 107.29; veja também Sl 89.9; 93.4). Diante dos olhos dos discípulos, Jesus demonstrou possuir poder que emana apenas de Deus. Pelo visto, eles não tinham compreendido esse fato até que o viram acalmar uma tempestade imediatamente. Há coisas que têm de ser vistas para serem cridas.

Durante os três anos que seguiram Jesus, esses homens testemunharam demonstrações cada vez maiores do poder de Deus através de seu Filho. Eles creram não porque aprenderam, mas sim porque viram. Os discípulos eram como bebês espirituais recém-nascidos, cujos olhos estavam se abrindo lentamente para a verdadeira identidade do homem que seguiam.

Deus também está empenhado em desenvolver nossa visão espiritual. E Ele usa as tempestades da vida para mostrar que nós podemos confiar nEle — no seu poder, amor e sabedoria. No livro sobre o Evangelho de Marcos, o pastor Tim Keller explica:

Você pode argumentar que este mundo é o resultado de uma monumental “tempestade”. Você está aqui por acaso, pelas forças cegas e violentas da

natureza, através do *big bang*, e quando você morrer, você virará pó. [...] Entretanto, se Jesus é quem diz que é, há outra maneira de olhar a vida. Se ele é o Senhor da tempestade, então não importa de que forma o mundo está — ou de que forma sua vida está —, você descobrirá que Jesus fornece toda a cura, todo o descanso, todo o poder que você possa desejar.⁸

Joni Eareckson Tada ilustra como que valer-se do poder e da paz de Jesus transforma sua vida:

“Oh, Deus”, oro muitas vezes pela manhã. “Deus, não posso fazer isso. Não posso fazer essa coisa chamada tetraplegia. Não tenho recursos para isso. Não tenho forças para isso, mas tu tens. Tu tens os recursos. Tu tens a força. Não posso fazer a tetraplegia, mas posso fazer todas as coisas em ti que me fortalece [Fp 4.13]. Não tenho sorriso para essa mulher que entrará em meu quarto em um momento. Ela poderia estar tomando café com outra amiga, mas escolheu vir aqui para me ajudar a me levantar. Oh, Deus, posso tomar emprestado o teu sorriso?”.⁹

Nosso amoroso Pai celestial é amável e paciente conosco quando as tempestades da vida nos oprimem e nos enchem de ansiedade. É gracioso para nos mostrar seu poder, mesmo quando nos perguntamos se Ele está dormindo ou ausente, mesmo quando nossos clamores a Ele por ajuda estão permeados de dúvida. Mas podemos enfrentar com coragem as circunstâncias que nos esperam, se apenas refletirmos sobre a fidelidade de Deus e pormos a confiança em seu grande poder e propósito amoroso para nossa vida.

O PROPÓSITO DAS TEMPESTADES DA VIDA

Será que Jesus produziu a tempestade para que a acalmasse e fortalecesse a fé dos discípulos? A Bíblia não dá uma resposta direta, mas estou inclinado a dizer que *não*. Ele não tinha necessidade de criar novas tempestades para demonstrar sua verdadeira natureza, porque esse mundo caído provoca, por si mesmo, problemas mais do que suficientes. Ele fortalece nossa fé usando as tempestades que já existem. Não vejo razão para não acreditar que Jesus foi dormir, até porque Ele precisava mesmo do tão necessário descanso. Contudo, Ele não desprezou a oportunidade para usar a tempestade como

momento de aprendizado. A tempestade fez com que lhe dessem toda a atenção, e a lição nunca mais seria esquecida.

Tendo em vista que você é um ser humano, creio estar seguro em dizer que você não tem escassez de tempestades na vida. Como alguém disse, estamos sempre em uma de três situações: entrando numa tempestade, durante uma tempestade ou saindo duma tempestade. Por estarmos vivendo em um mundo caído, os problemas estão entrelaçados na estrutura da vida. Até que as tempestades ocorram, vivemos na “ilusão do conformismo”, como alguém se expressou. Pensamos que temos tudo sob controle, até que, de repente, não temos. As tempestades nos mostram que não somos tão inteligentes quanto pensamos e também nos levam a temer o que não podemos controlar.

Embora Deus não crie as tempestades da vida, Ele faz o que Jesus fez naquela noite no Mar da Galileia: usa os mares agitados para demonstrar seu poder e reforçar nossa fé nEle.

C. S. Lewis explica assim:

Deus, que nos fez, sabe o que somos e que nossa felicidade está nele. Nós, porém, não a buscamos nele, enquanto ele nos deixa fontes onde ela pode ser plausivelmente procurada. Enquanto aquilo que chamamos de “nossa vida” permanecer agradável, não iremos entregá-la a ele. O que pode, então, Deus fazer em nosso benefício, senão tornar “nossa vida” menos agradável e remover as fontes plausíveis da falsa felicidade?¹⁰

Deus sabe que precisamos dEle, e sabe também que esquecemos o quanto precisamos. O Senhor permite que as tempestades rujam para que nos façam correr para Ele, assim como fizeram os discípulos naquele barco agitado.

Davi, o salmista, descobriu o valor das tempestades que Deus lhe permitiu passar:

Antes de ser afligido, andava errado; mas agora guardo a tua palavra.
– Salmos 119.67

Foi-me bom ter sido afligido, para que aprendesse os teus estatutos.
– Salmos 119.71

No livro *If God Is Good* (Se Deus é Bom), Randy Alcorn escreve que vemos as doenças não curadas e as tragédias não evitadas e ficamos imaginando por que Deus não glorificou a si mesmo agindo. Como ansiamos que Ele esmague todas as manifestações do mal e dificuldades de nossas vidas. “Mas o poder não é o seu único atributo”, escreve Alcorn. “Ele também é glorificado quando mostra sua sabedoria”.¹¹ O poder de Deus é um ídolo imediato das massas, mas apreciar a sabedoria de Deus requer paciência e discernimento. Um dia, estaremos com Deus, louvando-o por “sua sabedoria em não impedir certos males que Ele usou, de maneira que nunca teríamos imaginado, para o nosso bem”.¹²

Jesus permitiu que os ventos rugissem para que os discípulos aprendessem a confiar nEle. Através das tempestades da vida, nosso Senhor nos ensina muitas lições preciosas. Cristo lembra a cada um de nós do nosso vazio e total dependência a Ele. Ensina-nos também a temer a Deus com reverência estupefata e não ter medo das tempestades.

O PRODUTO DAS TEMPESTADES DA VIDA

E disse-lhes [Jesus]: Por que sois tão tímidos? Ainda não tendes fé? E sentiram um grande temor e diziam uns aos outros: Mas quem é este que até o vento e o mar lhe obedecem?

– Marcos 4.40,41

Jesus foi mais gentil com os discípulos do que com o vento. Enquanto repreendeu o vento, só fez aos discípulos duas perguntas: “Por que sois tão tímidos? Ainda não tendes fé?” (Mc 4.40). Com essas perguntas, Cristo revela uma verdade espiritual fundamental: o oposto da fé não é a incredulidade. O oposto da fé é o *medo*. A crença gera a confiança, ao passo que a incredulidade gera o medo. Em essência, Jesus estava dizendo: “Por que vocês têm medo? Vocês ainda não confiam em Deus, cujo poder está presente em mim?”.

O livro de 1 Reis fala sobre o profeta Elias desafiando os profetas de Baal para um duelo de fé no topo do Monte Carmelo. De manhã ao meio-dia, os profetas de Baal invocaram seu deus para que enviasse fogo e consumisse o sacrifício no altar. Apesar de tudo, nada aconteceu, nem mesmo um lampejo. Elias zombava deles com um sarcasmo doloroso: “Clamai em altas vozes,

porque ele é um deus; pode ser que esteja falando, ou que tenha alguma coisa que fazer, ou que intente alguma viagem; porventura, dorme e despertará” (18.27).

É claro que o inexistente deus-ídolo era indiferente em relação aos profetas. Os discípulos presumiram que Jesus era igualmente indiferente em relação ao apuro em que estavam. Eles clamaram: “Mestre, não te importa que pereçamos?”. A sugestão de Elias de que Baal foi dormir é precisamente a denúncia que os discípulos levantaram contra Jesus: “Tu estás dormindo, enquanto estamos nos afogando! Acorda!”.

Lamar Williamson Jr. fala que as tempestades nos fazem perguntar se Deus sabe o que estamos sentindo:

Clamamos a Deus no meio das tempestades: “Tu não te importas?”. Tentamos acordar Deus para ele cuidar de nós. Nessas ocasiões, o texto fala de nossa condição. Descreve Jesus no barco com os discípulos, presente conosco e preocupado conosco, mesmo quando não percebemos seus cuidados.¹³

Talvez haja um medo específico chamando sua atenção hoje. Seja qual for esse medo, ele aumentará por você não confiar em Deus. Deus não está dormindo. Ele está aqui. Ele conhece todo pensamento que você tem, todo sentimento que você sente. Enquanto você fita com inquietação ou mesmo terror para os céus escuros, Ele se concentra na pessoa que Ele mesmo está formando você para ser. O Senhor vê essas tempestades como dores de crescimento, como parte do processo de formação. Ele sabe que a tempestade é a coisa exata que acorda você para ter profunda fé nEle.

O que me intriga nesse episódio é que Jesus substituiu o medo por *mais medo*! Depois de ficarem boquiabertos e impressionados ao verem o mar subitamente calmo e sem vento, “sentiram um grande temor e diziam uns aos outros: Mas quem é este que até o vento e o mar lhe obedecem?” (Mc 4.41). Há traduções da Bíblia que dizem que eles “estavam tomados de terrível pavor”. De repente, perceberam que estavam na presença de um poder que nunca tinham imaginado, um poder que reside na Pessoa que é mais poderosa do que a violência de um mar tempestuoso.

No entanto, com relação a chegar à plena convicção de que aquele Homem

era Deus na terra, os discípulos ainda estavam longe. Mateus diz que, em sua reverência, perguntaram: “Que *homem* é este?” (Mt 8.27, grifo meu) e não: *Que Deus é este?* Eles ainda estavam focados na humanidade de Jesus, embora estivessem começando a perceber que Ele era algo mais do que mera carne e sangue. Os discípulos estavam indo em direção à grande confissão que Pedro fez depois: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16.16).

Nesse ponto, os discípulos ainda estavam aprendendo a verdade extraordinária que o apóstolo Paulo expressou mais tarde em Colossenses 1.16: “Nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra”. Nunca entrou na cabeça dos discípulos que Jesus, na verdade, *criou* o Mar da Galileia, que os ventos e as águas são *dEle*. Os discípulos, naquela sala de aula em forma de barco, estavam começando a reconhecer que Jesus era maior e mais temível que qualquer coisa ou pessoa que eles podiam imaginar.

O medo dos discípulos fez uma transição crítica entre estar centrado em si mesmo e estar centrado em Cristo. Eles já não estavam mais preocupados com o afogamento. Agora, estavam impressionados com Jesus e sentiam uma nova sensação de segurança nEle. Os medos debilitantes estavam sendo substituídos pelo temor capacitador de Deus, sobre quem começaram vagamente a perceber que estava presente no Homem diante deles.

Jesus quer que fiquemos impressionados e maravilhados com o seu poder a fim de que nunca mais voltemos a ficar extremamente amedrontados. Se Ele tiver de usar todas as tempestades que rasgam nossas velas, Ele o fará, pois está determinado a nos levar até à maturidade.

AS PROMESSAS PARA AS TEMPESTADES DA VIDA

Imagine que você possui um posto-chave no Departamento de Estado dos Estados Unidos. Em 1º de março, você se reúne com o secretário de estado, que o lembra de uma reunião em Londres prevista para o último dia do mês. Ao término da reunião, o secretário diz:

— Vejo você em Londres no dia trinta e um.

O Departamento de Estado tomará providências para que você não perca a reunião. Eles providenciarão um jato para você chegar à cidade. Suas atividades durante as semanas anteriores à data são mais flexíveis. Ao tratar de suas responsabilidades habituais, sua agenda será submetida a todo tipo de mudança para atender problemas inesperados. Mas no dia trinta e um, não há

dúvida de onde você estará. Você estará em Londres, onde o secretário o verá.

Algo semelhante aconteceu com o apóstolo Paulo. Quando ele quase foi linchado por uma multidão de judeus, os soldados romanos o prenderam para sua segurança. “Na noite seguinte, apresentando-se-lhe o Senhor, disse: Paulo, tem ânimo! Porque, como de mim testificaste em Jerusalém, assim importa que testifiques também em Roma” (At 23.11).

Essa visão dizia a Paulo duas coisas. Primeiro: ele iria para Roma. Segundo: ele não morreria em Jerusalém porque Deus faria com que ele chegasse a Roma. O tempo entre esses dois pontos era mais incerto. Atos capítulos 23 a 28 preenche com os detalhes. Paulo passou dois anos defendendo-se perante governadores romanos e o rei Agripa. Quando foi enviado para Roma, uma tempestade esmigalhou o navio nas rochas em Malta. Paulo sobreviveu ao naufrágio e, mais tarde, a uma picada de cobra venenosa. Não era para ele morrer antes de chegar a Roma. Paulo tinha ordens a cumprir, e Deus faria com que ele chegasse à capital.

Os discípulos receberam promessa semelhante antes de iniciar a travessia de barco pelo Mar da Galileia. Jesus dissera: “Passemos para a outra margem” (Mc 4.35). Se Jesus nomeou um destino, era certo de que o alcançaria. Poderia haver uma tempestade? Poderia sim. Seria uma viagem confortável? Não havia garantias disso. Os discípulos até poderiam se preocupar com enjoo, mas não precisariam se preocupar com afogamento. Jesus lhes dissera para onde estavam indo.

Isso realmente não faz diferença alguma para nós. Do nosso ponto de vista, os dias adiante são incertos. Não sabemos o seu teor ou a sua quantidade, mas sabemos qual é o nosso destino. Fomos informados de que Jesus passou na frente para preparar um lugar para nós (Jo 14.1-3). A Palavra de Deus está cheia dessas promessas, e tomar posse delas é ter a cura para o medo.

A Palavra de Deus nos Promete uma Chegada Segura

Observe o que Jesus disse aos discípulos quando começaram a viagem: “Naquele dia, sendo já tarde, disse-lhes: *Passemos para a outra margem*” (Mc 4.35, grifos meus). Agora, considere o que diz o texto sobre o fim da viagem: “E chegaram à *outra margem* do mar, à província dos gadarenos” (Mc 5.1, grifos meus).

A Palavra de Deus nos promete uma chegada segura: chegaremos ao outro lugar. Existem dois tipos de destino que merecem nossa atenção: os destinos temporários e o nosso destino final. Deus nos promete que chegaremos ao nosso destino final — a vida no seu Reino eterno. Só essa promessa já deveria dissipar todos os tipos de medo: o medo das tempestades e o medo do próprio medo. Se Deus diz que os que estão em Cristo serão salvos, então serão salvos.

Mas será que asseguramos passagem por toda tempestade a caminho desse destino final? Não. Pense em todos os santos que morreram como mártires. Acho significativo que, tendo em vista que a morte era certa, muitos desses heróis da fé morreram sem medo. Morreram apenas por terem plena fé na promessa de Deus em relação ao seu destino final.

Você morreria assim? Se o seu dia fosse hoje, você sentiria a alegria de saber que está indo para alcançar a outra praia distante? Em Cristo, a morte perde todo o poder de aterrorizar.

Jesus ofereceu estas palavras de encorajamento para os discípulos e também oferece a mesma promessa para nós: “As minhas ovelhas ouvem a minha voz, e eu conheço-as, e elas me seguem; e dou-lhes a vida eterna, e nunca hão de perecer, e ninguém as arrebatará das minhas mãos. Meu Pai, que *mas* deu, é maior do que todos; e ninguém pode arrebatá-las das mãos de meu Pai. Eu e o Pai somos um” (Jo 10.27-30).

A Palavra de Deus nos Alerta a Esperar Mares Tempestuosos

Acho elucidativo que o apóstolo Tiago, o meio-irmão de Jesus, usasse a metáfora do mar tempestuoso quando falou sobre tribulações (Tg 1.2-8). Ele diz que teremos tempestades nesta vida, e sem fé seremos “semelhante à onda do mar, que é levada pelo vento” (Tg 1.6).

“Meus irmãos”, escreve Tiago, “sintam-se felizes *quando* passarem por todo tipo de aflições (Tg 1.2, NTLH, grifos meus). Observe que ele não diz *se*, e sim *quando*. A Bíblia nunca nos prometeu céu sem nuvens, embora haja pessoas que lutam para abraçar essa ideia. Até Jesus, que viveu uma vida perfeita, não ficou isento de tempestades. Hebreus 5.8 diz que, “ainda que era Filho, aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu”, e Romanos 8.32 explica a razão, dizendo que Deus “nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes, o entregou por todos nós”. Deus permitiu que seu Filho sofresse para

que fôssemos poupados da punição que merecemos e passássemos a desfrutar de toda boa dádiva que Ele nos dá.

Se Jesus teve de sofrer, por que pensaríamos que estamos isentos do sofrimento? Afinal, como Ele explicou: “Não é o discípulo mais do que o mestre, nem é o servo mais do que o seu senhor” (Mt 10.24). Então, disse-lhes para não temerem as tempestades que inevitavelmente os assaltariam (10.26).

A Bíblia está cheia de histórias do povo de Deus que suportou e venceu as tempestades. Hebreus 11 é uma coletânea dessas histórias. Paulo relata suas experiências com tempestades climáticas em 2 Coríntios 6 e 11, onde não está falando apenas metaforicamente. Esse homem sofreu pelo menos quatro naufrágios! Não devemos descartar esses exemplos heroicos como casos especiais. Eles nos fazem lembrar que cristãos comuns como nós também podem ser vencedores. Essa é a promessa de Deus. Porém, nunca receberemos a promessa de que, quando as tempestades vierem, teremos a garantia de nos esquivarmos dos pingos da chuva. Pedro escreve:

Amados, não estranheis a ardente prova que vem sobre vós, para vos tentar, como se coisa estranha vos acontecesse; mas alegrai-vos no fato de serdes participantes das aflições de Cristo, para que também na revelação da sua glória vos regozijeis e alegreis.

– 1 Pedro 4.12,13

Jesus nos dá a chave para superarmos as tempestades na história das duas casas: uma construída sobre a areia instável e a outra sobre a rocha sólida. A areia representa os valores superficiais, mutáveis e falíveis da cultura mundana. A rocha representa a inabalável verdade de Deus (Mt 7.24-27). Quando a tempestade surge, a primeira casa rui rapidamente na areia e desliza para o mar. A outra fica firme, resiste à força dos ventos mais violentos. Em décadas de ministério, vi muitas vezes a verdade dessa parábola vividamente demonstrada. As pessoas que colocam a confiança em Deus resistem a quaisquer tempestades porque constroem a vida no único fundamento que não pode ser abalado.

A Palavra de Deus Anuncia que o Salvador Está a Bordo

Os discípulos eram muito inexperientes com Jesus para terem uma fé sem medo. Talvez o mesmo ocorra com você. Você se identifica com Cristo, porém não infere nenhuma segurança quando as nuvens se avolumam. Quando o céu escurece, você não sabe se entra no barco com Jesus ou se permanece em terra na esperança de evitar a tempestade. O problema é que a escolha é falsa. Você pode até fugir, mas não pode se esconder. As tempestades o acharão. Você não precisa se aborrecer em identificar se a chuva está vindo. Só tem de decidir se quer levar um guarda-chuva.

“Mas Ele está dormindo”, você diz. “Ele não se importa.” Não deixe que o aparente silêncio o leve a concluir que Ele não está com você. Ele diz: “Não te deixarei, nem te desampararei” (Hb 13.5). Como Ele disse aos discípulos: “Eis que eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos” (Mt 28.20).

Essas são suas promessas, e Ele nunca quebra o que promete. Que Ele estará com você é o fato mais certo da vida. O que é incerto é se você entende este fato: sua capacidade de crer e de construir a casa sobre essa verdade. É a única fundação à prova de tempestades que existe.

Adoniram Judson foi o primeiro missionário americano enviado para o estrangeiro. Ele dedicou a vida ao serviço de Deus, mas, mesmo assim, perdeu a esposa e, três meses mais tarde, perdeu Maria, a filha recém-nascida. A tristeza o consumia. Judson estava ausente, tratando dos negócios do Pai, durante a doença da esposa, e achou quase impossível perdoar a si mesmo. Ele escreveu: “Deus é para mim o grande Desconhecido. Creio nEle, mas não o encontro”.¹⁴

Os mais devotados e mais sábios servos de Deus sentem-se assim. C. S. Lewis, o escritor cristão mais influente do século XX, ficou enlutado quando a esposa morreu. Ele não sentia mais a presença de Deus. Lewis escreveu: “Vá até Ele quando a necessidade for desesperadora [...] e o que você acha? Uma porta batida na sua cara, e o som de aparafusamento e outro aparafusamento no interior. E depois, silêncio”.¹⁵ Apesar das expressões angustiadas de solidão, nem Judson nem Lewis perderam a fé. Por vezes, as chuvas caem tão torrencialmente que abafam todas as outras vozes, fazendo com que tenhamos dificuldade em ouvir Jesus acalmar a tempestade. Mas isso não significa que Ele não a esteja acalmando. As tempestades passam, assim como passaram para esses dois cristãos, e então voltamos a ouvir a voz

de Deus, desta vez por meio de uma nova sabedoria temperada por nossas lutas. E, no fim, percebemos que Ele estava lá o tempo todo.

Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente na angústia. Pelo que não temeremos, ainda que a terra se mude, e ainda que os montes se transportem para o meio dos mares. Ainda que as águas rujam e se perturbem, ainda que os montes se abalem pela sua braveza.

– Salmos 46.1-3

A Palavra de Deus Afirma que a Fé Expulsa o Medo

Como observamos anteriormente, quando os discípulos aterrorizados acordaram Jesus no meio da tempestade, Ele pediu que escolhessem entre o medo e a fé (Mc 4.40). E é o que Ele nos pede. Mas por que ainda temos medo, mesmo sabendo o que conhecemos sobre o amor e o poder de Jesus? Penso que a resposta frequente é que nossa fé ainda não atingiu a plena maturidade.

Charles Spurgeon usa dois exemplos bíblicos para mostrar que a fé pode aumentar e tornar-se mais forte e mais completa. O primeiro exemplo é Davi, que diz: “No dia em que eu temer, hei de confiar em ti” (Sl 56.3). O segundo exemplo é Isaías, que diz: “[...] eu confiarei e não temerei” (Is 12.2b).

Charles Spurgeon compara a fé desses dois homens a remédios e diz que o remédio de Isaías é do tipo mais forte. Spurgeon conta a história de um homem que teve uma gripe, porém ficou grato pela prescrição dos remédios que o ajudou a restabelecer-se. Um vizinho disse: “Ser grato por isso? Tenho algo que evitaria você pegar gripe!”. Se você tem uma fé que o ajuda a lidar com o medo, disse Spurgeon, bom para você. Mas por que não buscar uma fé de qualidade superior que seja resistente ao medo?¹⁶

Quando os discípulos entraram no barco com Jesus, eles não tinham sequer o primeiro tipo de fé. Por não confiarem em Jesus, o medo passou para puro terror. Quando Jesus acordou e acalmou a tempestade, a compreensão inicial de quem Ele realmente era impulsionou a fé para outro nível. Mais tarde, ficaremos sabendo que eles se tornaram totalmente destemidos, proclamando a verdade do Reino em face de todos os tipos de tempestades. Se eles tivessem a fé madura naquele dia no barco, poderiam ter se aninhado e dormido com Jesus sem se importar com a tempestade que caía sobre eles.

Pouco importando qual seja o seu problema, invoque Deus, e Ele acalmará a tempestade. Porém, profunda é a alegria de todo aquele que invoca Deus *antes* da tempestade, pois este descobrirá que a fé expulsa todo o medo.

⁵ **N. do E.:** A Grande Depressão, também chamada por vezes de Crise de 1929, foi uma grande depressão econômica que teve início em 1929 e que persistiu ao longo da década de 1930, terminando apenas com a Segunda Guerra Mundial. A Grande Depressão é considerada o pior e o mais longo período de recessão econômica do século XX. Esse período de depressão econômica causou altas taxas de desemprego, quedas drásticas do produto interno bruto de diversos países, bem como quedas drásticas na produção industrial, preços de ações e em praticamente todo medidor de atividade econômica, em diversos países no mundo.

CAPÍTULO 8

.....

DEPRESSÃO:

O Medo do Colapso Nervoso

.....

Não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou o teu Deus; eu te esforço, e te ajudo, e te sustento com a destra da minha justiça.

ISAÍAS 41.10

Alice Metzinger sentia-se presa e sufocada. A vida para ela era um poço fundo, escuro e sem saída. Não havia futuro, não havia presente. Mas havia o passado — um passado que não se afastava, relacionado com as perguntas da vida do que poderia ter sido. Alice não era o que parecia. Ela nem mesmo era Alice.

Ela era, na verdade, Katherine Power, uma fugitiva da lei por quase um quarto de século. A verdadeira Alice Metzinger morreu quando criança, não possuindo nada mais que um nome, o qual foi roubado por Katherine num momento de desespero.

Ela havia frequentado a Universidade Brandeis, no auge da era de protestos contra a Guerra do Vietnã. Em 1970, Power liderou uma organização radical chamada Força de Ataque Nacional dos Estudantes. Inflamada pela ideia de lutar contra o governo, o grupo de Katherine foi encarregado de fornecer armas de fogo para o Partido dos Panteras Negras. Os Panteras, então, derrubariam o governo — pelo menos, era essa a ideia.

Seja como for, a Força de Ataque invadiu o arsenal da Guarda Nacional e apossou-se de 400 cartuchos e algumas armas. Depois, colocaram fogo no edifício.

Três dias depois, a Força de Ataque roubou um banco em Brighton, Massachusetts. Katherine, ao volante do carro de fuga, observou quando um policial foi morto a tiros por um de seus comparsas. As coisas ficaram fora de controle. Todos os dissidentes foram capturados e presos, exceto Katherine e uma amiga. Elas desapareceram subitamente com novas identidades até que a amiga foi capturada em 1975.

Katherine iludiu as autoridades trocando de nome, mudando-se de cidade em cidade, tratando de não chamar a atenção e mentindo sobre tudo. Ela ficava imaginando como seria viver livre e limpa, sem subterfúgios, sendo uma verdadeira vizinha sem segredos. Ela seguiu o caminho da intranquilidade estudantil, e agora a intranquilidade era tudo o que Katherine tinha.

Eventualmente, fixou-se em Oregon, onde conseguiu um emprego no ramo de restaurantes. Tornou-se mãe e esposa. Talvez tivesse finalmente deixado para trás a nuvem negra que a perseguira desde a juventude. Entretanto, a depressão tornou-se mais escura, pouco importando o que ela fizesse para apagar o passado.

Certo dia, Katherine soube que tinha chegado ao fim da linha. Tinha de apartar-se da mentira de sua vida, a mentira chamada Alice Metzinger. Ela entendia agora que a questão central não era o que ela fizera, mas quem ela era ou não era interiormente. A depressão e seu gêmeo, o desespero, estavam sufocando-a. Katherine entregou-se à polícia de Boston.

Ela confessou-se culpada de assalto à mão armada seguido de homicídio e foi para a prisão. Para ela, era apenas outra maneira de ser a prisioneira que sempre fora.

Em 1999, com a idade de 50 anos, Katherine foi solta depois de seis anos atrás dos muros da prisão. Ela disse a um repórter que estava “aprendendo a viver com sinceridade e verdade, em vez de vergonha e ocultamento”. Ela enfrentou a culpa e a depressão. Hoje, Katherine dedica-se ao ensino e à filosofia, tendo-se tornado professora. Depois de todos esses anos lutando por uma causa perdida contra uma inimiga implacável — a depressão clínica —, agora ela sentia-se como se estivesse saindo da extrema escuridão e entrando

em um dia de primavera.¹

A vida não era perfeita, mas tinha uma coisa essencial: *significado*.

Pessoas deprimidas nem sempre carregam segredos traumáticos, mas carregam um fardo opressivo de desespero. Elas podem mudar de endereço, mudar de emprego, mudar de cônjuge, mas a nuvem negra nunca muda. Com o tempo, define o céu.

A depressão é um caminho longo e tortuoso através da escuridão sem pontos de referência, sem vistas panorâmicas e sem destino claro. Faz passar pelo desânimo, tristeza e desespero, e progressivamente, até a morte. Pelo menos é assim que é. Os que sofrem de depressão não veem meios de saída, nem rota de fuga. A depressão é uma doença fulminante do espírito.

Tenho ocasionalmente tido desânimo na vida, mas, pelo que me consta, nunca cruzei a linha da depressão. Tenho pastoreado pessoas que cruzaram e tenho também lido as experiências de outras. Nas sessões de aconselhamento que dou aos deprimidos, tenho ouvido temas comuns nas histórias: corações vazios, espíritos sem vida, tristeza que se repete como o câncer. O pó da morte vem pelas palavras de pessoas deprimidas, e eu sei que não há doença mais profunda da alma. Certo conselheiro descreveu a depressão como “um nível de agonia dia e noite quase arterial”.²

O medo é um dos companheiros perniciosos da depressão. “Quando a depressão está na fase mais severa, a paranoia é uma de suas características cardinais. É o medo atacando às cegas. É a sensação de você e seu mundo estarem degringolando, e você está certo de que não há nada que possa fazer a respeito”.³

Quando nossos medos são identificáveis, podemos nos defender deles. Mas, como a maioria das depressões, o medo não pode ser agarrado e expulso. Eles capturam o alvo e não o abandonam.

As pessoas deprimidas sofrem não só no espírito, mas também no corpo, porque somos pessoas holísticas. Os deprimidos adoecem com mais frequência, perdem a energia de que necessitam para a vida cotidiana e caem em letargia ou fogem para o sono, quando o encontram. Eles lutam para pensar com clareza ou então se preocupam com qualquer coisa em torno deles.

Ao longo dos séculos, os escritores descreveram a depressão em termos sombrios, comparando-a até com o Inferno ou a morte. J. B. Phillips a

caracterizou como a “quase insuportável sensação de terror e alienação”.⁴

O escritor William Styron rotulou a depressão de “negras profundezas do inferno”.⁵ Na *Divina Comédia*, de Dante Alighieri, a entrada para o Inferno é equiparada com a desesperança do desespero: “Deixai toda esperança, ó vós que entraís!”, diz a inscrição de Dante no Portal do Inferno.⁶

A depressão ensopa a carne e os ossos, satura a mente e, por fim, sufoca o espírito humano.

A EPIDEMIA DA DEPRESSÃO

Vamos digerir os números:

- O risco de desenvolver depressão clínica durante a vida é de aproximadamente 17%.
- Nos Estados Unidos, quase 17 milhões de adultos e 2 milhões de adolescentes relatam ter depressão clínica em determinado ano.
- A depressão é hoje a principal causa de incapacidade nos Estados Unidos.
- A doença custa 55 bilhões de dólares na redução de produtividade e absentismo no emprego a cada ano.
- O uso de antidepressivos aumentou quase 400% desde 1988. Hoje, os antidepressivos são o remédio mais comum para os jovens adultos.⁷

Essas estatísticas levantam outra pergunta: Os Estados Unidos são a nação mais triste do mundo? A Organização Mundial de Saúde e a Faculdade de Medicina de Harvard sugerem que sim. Ambas descobriram que 9,6% dos americanos sofrem de distúrbio bipolar, distúrbio depressivo clínico ou depressão menor crônica ao longo de um ano. É a maior taxa entre os 14 principais países pesquisados.⁸ Entre as nações que receberam melhor pontuação que os Estados Unidos, estavam os países que sofrem com a guerra, o desemprego e a pobreza, como o Líbano, o México e a Nigéria.

Se os números são confiáveis — e eu penso que são —, todos nós conhecemos alguém que luta com a depressão, ou então nós mesmos lutamos com ela em algum momento da vida. Temos de entender que a depressão é o equivalente espiritual do câncer ou outra doença terrível. A diferença é que a depressão vem de dentro, não sendo, muitas vezes, identificada. Tudo o que sabemos é que estamos intrigados com as mudanças graduais em nós ou em

nossos entes queridos.

Por isso, acredito que esse medo tem de ser discutido. Sei que é um assunto difícil. Afinal, o que poderia ser mais deprimente que a depressão? Mas não estamos falando sobre uma situação rara e improvável. Sabemos hoje que a depressão é uma matadora silenciosa — um parasita do coração e da mente. Temos de estar vigilantes quando ela aparece em nossa vida. Temos de ser compassivos quando surge na vida das pessoas que amamos.

Há coisas que podemos fazer para manter o espírito saudável, assim como há exercícios para manter o corpo saudável. Confessemos já de início que, apesar de nossos melhores esforços, precisamos desejar a ajuda. Ainda assim, nossa jornada para a cura é mais eficaz quando cuidamos de nossa alma proativamente.

O primeiro curso de ação é conhecer o inimigo. Vemos uma série de personagens bíblicos que nos mostram o que é estar deprimido e o que é necessário para ser curado.

A EXPERIÊNCIA DA DEPRESSÃO

“Deprimir” algo significa torná-lo menor do que normalmente é. Nesse sentido, todos já tivemos alguma forma de depressão em algum momento da vida, quando pensamos e agimos em certo nível abaixo da norma. A depressão (sensação de “diminuir”) é chamada de “resfriado comum da alma”, porque as pessoas, cedo ou tarde, pegam-na.

A depressão é uma coisa *humana*, não apenas uma coisa não cristã. Uma série de figuras cristãs, através dos tempos, teve crises de depressão. Portanto, é perigoso ser espiritualmente arrogante. A chuva desce sobre justos e injustos, e assim desce a depressão. Somos criaturas caídas porque nos rebelamos contra Deus e estamos abertos à depressão, bem como a inúmeros outros frutos amargos da queda. A Bíblia atesta esse fato com muitos estudos de caso.

Vejamos, por exemplo, Moisés, que foi encarregado de liderar uma nação de israelitas lamurientos numa viagem sem rumo através do deserto (uma metáfora para a depressão, se é que há uma). Moisés clama a Deus: “Eu sozinho não posso levar a todo este povo, porque muito pesado é para mim. E, se assim fazes comigo, mata-me, eu to peço, se tenho achado graça aos teus olhos; e não me deixes ver o meu mal” (Nm 11.14,15).

A mentalidade “mata-me agora” é recorrente na história de Elias, quando o profeta foi caçado e perseguido pela ímpia rainha Jezabel. “Já basta, ó SENHOR”, ora ele em desespero, “Toma agora a minha vida, pois não sou melhor do que meus pais” (1 Rs 19.4b).

Entretanto, veja o que você precisa saber sobre Moisés e Elias: Jesus falou com esses mesmos dois homens no monte da transfiguração (Mt 17.1-13). J. Oswald Sanders faz esta observação: “Devemos nos sentir consolados por esses dois homens, que atingiram as profundezas da melancolia, por terem subido para as alturas da glória terrena”.⁹

Durante a depressão, porém, não há topos de montanhas, e a transfiguração é inimaginável. Encontramos na Bíblia as mais eloquentes expressões de desespero sincero. Veja como Davi expressou o medo da depressão:

As minhas lágrimas servem-me de mantimento de dia e de noite,
porquanto me dizem constantemente: Onde está o teu Deus?
– Salmos 42.36

Enquanto eu me calei, envelheceram os meus ossos pelo meu bramido em
todo o dia. Porque de dia e de noite a tua mão pesava sobre mim; o meu
humor se tornou em sequidão de estio.
– Salmos 32.3,4

Muitos líderes proeminentes da igreja têm passado por uma noite escura da alma. Em uma manhã de domingo em 1866, o famoso pregador britânico Charles Spurgeon chocou seus 5 mil ouvintes quando se levantou no Tabernáculo Metropolitano de Londres para começar um sermão sobre Isaías 41.14. Podemos perceber por que os ouvintes ficaram chocados com as palavras desse gigante espiritual:

Hoje, tenho de falar comigo mesmo. Enquanto estiver me esforçando para encorajar os que estão angustiados e desanimados, estarei pregando, creio, pois preciso de algo que alegre o meu coração. Por que não posso dizer, por que não sei, mas tenho um espinho na carne, um mensageiro de Satanás para me esbofetear. A minha alma está abatida dentro de mim. Sinto-me como que preferindo morrer a viver. Tudo o que Deus tem feito

por mim parece estar esquecido, e meu espírito vacila, e minha coragem se despedaça. [...] Preciso de suas orações.¹⁰

Para alguns na plateia de Spurgeon, era incompreensível que o maior pregador do mundo confessasse tal desespero.

Martinho Lutero, considerado por muitos como o pai da Reforma protestante, estava sujeito a tais ataques de escuridão, quando, então, se escondia por dias e a família retirava todos os instrumentos perigosos de casa por medo de que ele se ferisse. No meio de uma dessas ocasiões, ele escreveu: “Por mais de uma semana, eu estive perto das portas da morte e do inferno. Todos os meus membros tremiam. Cristo estava totalmente perdido. Fui abalado pelo desespero e blasfêmia de Deus”.¹¹

O reformador escocês John Knox orou: “Senhor Jesus, recebe o meu espírito e coloca um fim a esta vida miserável”.¹²

John Bunyan, que nos deu o clássico alegórico *O Peregrino*, escreveu: “Às vezes, sou tomado por grande desânimo [...] temendo não poder falar uma palavra sequer de edificação [...] em tais momentos, um desânimo esquisito e falta de forças apoderam-se do meu corpo que minhas pernas mal conseguem me sustentar”.¹³

Está vendo por que digo que a depressão é uma condição humana que não respeita a estatura espiritual de ninguém? A depressão é mais um resultado da nossa condição caída, mas também é mais uma oportunidade para Deus ser glorificado.

A EXPRESSÃO DA DEPRESSÃO

Embora existam muitas expressões de depressão na História da Igreja e na Bíblia, nenhuma é mais pungente do que o relato registrado em Jó 3.

No começo do capítulo, Jó coloca-se de mãos vazias diante do seu Deus. Ficamos sabendo nos capítulos 1 e 2 que tudo o que ele possuía foi destruído, inclusive os filhos e a saúde. A esposa ficou, mas o espírito dela tornou-se hostil. Ela acredita que o marido deve amaldiçoar a Deus e morrer (Jó 2.9). Aqui está uma mulher pedindo que seu marido morra.

Em Jó 2.11-13, encontramos uma avaliação das profundezas da dor de Jó. Três de seus amigos chegam para fazer uma visita — e para o que são os amigos, certo? Quando veem Jó, eles ficam pasmados com a aparência dele e

começam a chorar. Os três procedem aos rituais de luto (rasgar a roupa, jogar poeira para o alto) e sentam-se em silêncio durante sete dias. Jó está em tormento visível, e eles estão com medo de falar. Ele também está coberto de furúnculos, como parte do ataque do Diabo. Mas o que está na pele é mensuradamente menos devastador do que o que está no coração — as trevas totais do desespero e da depressão, a ausência da esperança.

Nos capítulos 29 e 30 de Jó, ele fala sobre o tamanho da queda, contrastando a condição atual com a vida abençoada antes que as aflições começassem. Ele acaba se lembrando de uma época em que a vida era simples. Deus era seu amigo, um parceiro de sua casa que o abençoou com filhos e prosperidade e todas as coisas boas. Na cidade, os poderosos e influentes aplaudiam Jó, e os jovens e moços o imitavam. Mas tudo isso acabou. Agora, ele é uma piada para os comediantes da cidade, um alvo para o tratamento cruel, uma história de advertência que faz com que os outros se sintam melhor com sua sorte.

O brilho do favor divino na vida de Jó tornou-se a podridão seca da depressão, e a oração tornou-se um monólogo vazio feito para um céu vazio.

Entretanto, Jó se refaz das perdas físicas rapidamente. Ele se preocupa mais com a falta de respostas — o mero *porquê* do seu infortúnio amargo. Quais são os propósitos de Deus? O que incomodou Jó é o que mais preocupa os que estão deprimidos: não há respostas, não há explicação, não há luz no fim do túnel e, o pior de tudo, só há o silêncio de Deus.

O finado pastor Ray Stedman escreveu: “Poucas coisas são mais difíceis de suportar do que o sofrimento sem sentido. Se pudéssemos ver uma razão para o que temos de passar, poderíamos suportar com mais facilidade. Mas o problema sem propósito é corrosivo para a alma”.¹⁴ Como os discípulos de Jesus (Jo 9.1,2), Jó associou o sofrimento com o pecado. Porém, Jó era “sincero, reto e temente a Deus; e desviava-se do mal” (Jó 1.1). Portanto, ele queria uma explicação. Por que Deus permitiu que tudo em sua vida lhe fosse tirado?

O que começou como o colapso da vida exterior de Jó — riqueza, família, saúde —, tornou-se uma batalha para impedir que sua vida interior entrasse em colapso. Enquanto mantivermos a fé e a esperança, as perdas podem ser restauradas. Mas quando a depressão se instala, a fé e a esperança se soltam. Quando essas âncoras da alma se vão, é difícil que os que sofrem de profundo

desespero se levantem para reverter a situação. É por isso que Jó ficou paralisado, incapaz de fazer qualquer coisa, exceto professar sua inocência e perguntar: “Por quê?”.

Em Jó 3, vemos uma exposição corajosa da humanidade de Jó quando ele faz três lamentos. Vamos explorar cada um deles.

“Por que Nasci?” (Jó 3.1-10)

Jó não amaldiçoa Deus, mas amaldiçoa o dia em que nasceu:

Pereça o dia em que nasci, e a noite em que se disse: Foi concebido um homem! Converta-se aquele dia em trevas; e Deus, lá de cima, não tenha cuidado dele, nem resplandeça sobre ele a luz!

– Jó 3.3,4

Essas são, obviamente, as palavras de um homem que não vê futuro para si mesmo.

Mais tarde, Jó admite que suas palavras foram irrefletidas (Jó 6.2,3). Por ora, é honestidade simples e feia — uma alma ferida falando. Todos sabemos o que acontece quando a profunda angústia encontra voz em nós. Quando a vida se torna irracional, nosso ponto de vista segue o exemplo e dizemos coisas que nunca teríamos imaginado.

“Por que Sobrevivi?” (Jó 3.11-19)

Se Jó lamenta o dia em que nasceu, então também deve questionar a vida possibilitada pelo nascimento. “Por que não morri eu desde a madre?”, pergunta-se, “Por que [...], em saindo do ventre, não expirei?” (Jó 3.11).

Quando a vida é boa, pensamos: *Ah, isso é que é vida!*. O trabalho é gratificante, a família tem saúde, a satisfação está em Deus e em suas bênçãos. Isso que é viver. Mas o que acontece com essa definição quando as alegrias nos são tiradas sistematicamente? Jó pergunta por que Deus deixaria que uma vida tão dolorosa continuasse a viver.

Abraham Lincoln, outra grande figura torturada nas sombras da depressão, disse:

Sou agora o mais miserável homem que vive. Se o que sinto fosse distribuído igualmente por toda a raça humana, não haveria um rosto alegre na terra. Se melhorarei um dia, não sei dizer. Tenho a forte sensação de que não. Permanecer como estou é impossível. Tenho de morrer para melhorar, parece-me.¹⁵

O isolamento da depressão fala em um sussurro exigente: “Você está sozinho. Ninguém se sente como você, e você nunca vai melhorar”. Abraham Lincoln, que teve de reconciliar uma nação dividida, primeiro teve de conciliar sua própria alma caótica.

Apesar do sofrimento, Jó acreditava que tinha de haver uma solução. Ele sabia que a soma total de seu pecado não podia se traduzir nesse nível de aflição. Ele estava certo de que tinha de haver uma resposta, e Deus a revelaria um dia. Ainda assim, no terceiro capítulo, o desespero continua no controle, e Jó pergunta por que ele tem de viver em tal momento.

“Por que Estou Vivo?” (Jó 3.20-26)

O terceiro lamento de Jó é muito comum hoje. Em essência, ele está dizendo: “Tendo em vista que tive de nascer e não morri no parto, por que não posso morrer agora?”.

Por que se dá luz ao miserável, e vida aos amargurados de ânimo, que esperam a morte, e ela não vem; e cavam em procura dela mais do que de tesouros ocultos; que de alegria saltam, e exultam, achando a sepultura?

– Jó 3.20-22

Dependendo da versão bíblica, em Jó 3, cinco ou seis vezes Jó pergunta: *Por quê?* Isso nos mostra claramente que não é pecado perguntar *por quê?*. Quando estava morrendo na cruz, Jesus pergunta ao Pai: “Por que me desamparaste?” (Mt 27.46). Mas até Jesus não recebeu resposta. Não há problema em fazer a pergunta, desde que não tenhamos a ideia de que Deus nos deve uma resposta. Jó perguntou: *Por quê?*, mas Deus ficou em silêncio.

Pelo menos cinco figuras bíblicas tiraram a própria vida: Saul, o escudeiro de Saul, Aitofel, Zinri e Judas. Há uma linha tênue entre querer acabar com a própria vida e realmente acabar. Neste ponto, temos de dar crédito a Jó: ele

nunca cruzou essa linha, mesmo com a sugestão da sua mulher (Jó 2.9). Seus pensamentos sobre a morte não o levaram a tirar a própria vida. Ele sabia que sua vida pertencia a Deus, e não a si mesmo. Sua pergunta a Deus era: “Por que tu estás me mantendo vivo para sofrer essa agonia quando, para todos os efeitos práticos, já estou morto?”.

William Barclay escreve que esta é a grandeza de Jó: a coragem e a tenacidade de crer corretamente no meio da tempestade:

A própria grandeza de Jó reside no fato de que, apesar de tudo que lhe rasgou o coração, ele nunca perdeu sua firmeza na fé e sua firmeza em Deus. A fé de Jó não é submissão abjeta, passiva e inquestionável. Jó lutou e questionou e, às vezes, até desafiou, porém a chama da fé jamais se apagou em seu coração.¹⁶

Os veteranos do desespero têm um lugar no Reino. Temos de nos ater à fé que temos, como Jó fez, sabendo que Deus tem um propósito eterno para nós, mesmo que agora sejamos assaltados por problemas.

AS EXPLICAÇÕES PARA A DEPRESSÃO

Enquanto o drama de Jó se desenrola, temos a vantagem de um passe para os bastidores. Entendemos mais do que Jó sobre o porquê de essas coisas estarem acontecendo. Fomos informados das influências espirituais ocultas que ocasionaram a tempestade em sua vida.

Se ao menos pudéssemos fazer o mesmo em nossa situação. Não sabemos os detalhes da guerra espiritual que se sucede, ou até mesmo das bases químicas ou puramente emocionais da depressão. A noite agarra seus mistérios firmemente. Mas podemos gastar um tempo para conhecer o território. Podemos aprender as razões mais comuns pelas quais as pessoas ficam deprimidas.

Há Causas Situacionais

Coloque-se no lugar de Jó. Você faz tudo o que sabe para viver uma vida agradável a Deus. De repente, você olha ao redor e encontra-se em situação pior do que as pessoas que não informariam as horas para Deus mesmo que

estivessem ao lado de um relógio de pêndulo. Essa situação pode arruinar uma pessoa piedosa como Jó. A depressão nem sempre ocorre depois das circunstâncias desastrosas, mas ocorre.

A depressão de Jó baseava-se na situação em que ele estava: ele perdera tudo o que valorizava. Parte da depressão de Davi era circunstancial também, causada pela opressão dos inimigos (Sl 42–43). Para Elias, originava-se da sensação de isolamento (1 Rs 19.10).

Em nossa vida, há ligações entre o que está acontecendo conosco e como estamos nos sentindo. As circunstâncias da vida são um bom lugar para começar a procurar a causa da depressão. O que está acontecendo que possa explicar nosso espírito abatido?

Há Causas Sistêmicas

Não sei quem merece o crédito por esta observação, mas acredito que seja verdade: a alma e o corpo vivem tão proximamente juntos que pegam as doenças um do outro.

O Dr. Martyn Lloyd-Jones era um médico britânico que se tornou pregador de destaque. Durante trinta anos, ele atuou como pastor da Capela de Westminster em Londres. Ele escreveu:

Há determinadas doenças físicas que tendem a promover a depressão. [...] Tomemos como exemplo esse grande pregador que pregou em Londres por quase quarenta anos no século passado — Charles Haddon Spurgeon —, um dos pregadores verdadeiramente grandes de todos os tempos. Esse grande homem estava sujeito à depressão espiritual, e a principal explicação para o seu caso era, sem dúvida, o fato de que ele sofria de um tipo de gota que acabou matando-o. [...] E há muitos, penso eu, que falam comigo sobre esse tema, em cujo caso me parece bastante claro que a causa do problema é principalmente física. Dentro deste grupo, de modo geral, podemos colocar o cansaço, a tensão acumulada, o trabalho excessivo, a doença, qualquer tipo de doença. Não podemos isolar o espiritual do físico, pois somos corpo, mente e espírito. Os maiores e melhores cristãos, quando estão fisicamente fracos, são mais propensos a ataques de depressão espiritual do que em qualquer outro momento, e há grandes exemplos disso na Bíblia.¹⁷

Há Causas Satânicas

Satanás atacou Jó de duas maneiras: destruiu os bens e a família de Jó, além de tê-lo afligido com úlceras por todo o corpo. Esse é o exemplo bíblico mais claro de um ataque em que Satanás leva alguém ao desespero.

Um ataque semelhante, porém com resultado diferente, ocorreu na vida do apóstolo Paulo. Ele encontrava-se sob um tipo de ataque que chamou de “um espinho na carne, [...] um mensageiro de Satanás” (2 Co 12.7). Não sabemos quem ou o quê era o “mensageiro”, mas sabemos que Deus deu a Paulo graça para suportar o ataque (12.9). Podemos dizer com segurança que a graça de Deus guardou Jó também. A diferença nas respostas deveu-se ao fato de que Jó não entendia a causa satânica da aflição, ao passo que Paulo entendia.

O Diabo, por vezes, está na ponta de lança dos ataques que recebemos. Outras vezes, está de tocaia, quando estamos sofrendo outro evento negativo, porém comum da vida. Sentimos desapontamento, dor, rejeição. Ouvimos palavras duras. É exatamente neste momento que Satanás ataca: quando estamos vulneráveis e ele pode causar o maior dano.

Embora Satanás não hesite em destruir a propriedade, ou a riqueza, ou mesmo o nosso corpo, esses ataques são apenas etapas em direção ao objetivo final: a nossa fé em Deus. Se ele pode nos levar a questionar a bondade, o amor, a fidelidade e os propósitos de Deus, a destruição de nossa propriedade ou saúde cumpriu seu intento.

É por isso que a hora mais perigosa para o cristão não é o momento em que ocorre algo prejudicial ou destrutivo. São, sim, as horas e dias após o ocorrido, quando estamos no auge da confusão, da dor e da frustração. É quando a fé se volta para a dúvida e nossas *perguntas a Deus* tornam-se *exigências a Deus*. É quando a *prova* da fé nos torna vulneráveis ao *colapso* da fé.

Quando Satanás atacou Jesus no deserto, nosso Senhor contra-atacou eficazmente os ataques com a verdade da Palavra de Deus (Mt 4.1-11). A Palavra de Deus, nossa espada, é uma arma ofensiva na armadura espiritual do cristão. Nos tempos de guerra espiritual, é a única maneira de combatermos as mentiras que Satanás sempre diz (Jo 8.44; Ef 6.17).

Há Causas Espirituais

Um antigo pregador dizia esta verdade assim: “Deus, por vezes, leva seus filhos para a cama no escuro”.

Será que Deus permite o sofrimento? Sim, permite, mas Ele nunca cede o controle. Ele nunca permite que as coisas aconteçam sem propósito, e sempre podemos descansar em saber que Ele é justo e compassivo.

Foi através do sofrimento que Jó aprendeu uma importante lição que a Bíblia deixa claro: O Senhor está no controle. O sofrimento de Jó era mais espiritual do que físico. Sua depressão originava-se mais das perguntas sem resposta do que da perda de propriedades, filhos e saúde. E Deus nunca respondeu às perguntas de Jó. Fazia parte do processo de aprendizagem de Jó. Jó voltou ao lugar de paz e prosperidade porque ele ganhou uma perspectiva adequada de Deus. Ele decidiu deixar Deus ser Deus.

Aqui está uma das maiores lições da vida de Jó: não podemos ver Deus como uma máquina cósmica na qual inserimos a moeda das boas obras ou do sacrifício para receber prêmios. Seria um sistema simples e confortável — ou não? Será que gostaríamos de receber estritamente o que merecemos e colher exatamente o que semeamos?

Jó pensou que estava administrando o sistema, vivendo uma vida conscienciosa para com Deus. Temendo que seus filhos tivessem pecado contra Deus, ele regularmente oferecia sacrifícios pela vida de cada um deles na tentativa de manter a pureza ritual (Jó 1.4,5). Jó presumiu que as bênçãos de Deus resultaram de sua posição diante de Deus.

Foi quando o Senhor começou a agir de forma estranha que Jó não soube o que fazer. A depressão de Jó não era por causa de sua doença dermatológica ou porque ele temia que logo estaria morto. Era porque ele não compreendia o plano soberano que Deus estava trabalhando para o seu bem.

A depressão pode ocorrer por uma ou todas as quatro razões que acabei de citar, ou até mesmo por outras. A boa notícia é que não precisamos entender a escuridão para recuperarmos a luz. Jó nunca recebeu as respostas que pediu. A extensão da explicação que recebeu foi que Deus é Deus e Jó não era.

O mistério permanece. A Bíblia não está preocupada com a solução dos mistérios, e sim com o alinhamento dos caminhos que levam a Deus.

AS EXPECTATIVAS DA DEPRESSÃO

Alguém descreveu a depressão espiritual em termos náuticos: “A altura da

onda determina a profundidade do cavado que se lhe segue”.

Os exemplos bíblicos provam o argumento. No dramático confronto entre Elias e os profetas de Baal no monte Carmelo, Deus operou um milagre poderoso em resposta à oração de Elias, e os profetas pagãos foram derrotados. No entanto, em questão de horas dessa vitória, ele estava fugindo da rainha Jezabel para salvar a vida. Quando não podia mais fugir, deixou-se cair à sombra de um zimbro e disse que queria morrer. Na montanha, Elias manteve-se forte. Após a vitória, fugiu de medo e desejou a morte.

Jesus experimentou um ponto alto no início do seu ministério. No batismo, ele recebeu a unção de Deus pelo Espírito e foi divinamente proclamado como o próprio Filho de Deus. Imediatamente após esse acontecimento na montanha, Satanás confrontou Jesus no deserto e tentou convencê-lo a renunciar sua fidelidade a Deus.

O mergulho do mais belo topo da montanha é sempre íngreme e perigoso.

Ao longo dos anos, aprendi a esperar dificuldades espirituais após tempos de alegria ou celebração especial. A tribulação sempre se segue ao triunfo, e saber disso é estar armado e pronto. Mas o oposto também é verdade. A profundidade do vale é a promessa da altura da bênção por vir. Podemos prever que o caminho pelo vale escuro sobe em direção a uma cena elevada, um lugar onde Deus nos abençoará. Vales são definidos pelos altos que os cercam.

Charles Spurgeon descobriu que a depressão vinha antes da manifestação das bênçãos de Deus em sua vida:

Antes de uma grande vitória, certa medida de grande depressão é muito comum. [...] Foi essa a minha experiência quando me tornei pastor em Londres. Meu sucesso me consternou. O pensamento da carreira que se abria, longe de me exaltar, lançou-me no mais profundo abismo. [...] Quem era eu para liderar tão grande multidão? Dirigia-me à obscuridade da minha cidade, ou emigrava para os Estados Unidos e encontrava um abrigo solitário nos bosques longínquos, onde eu seria suficiente para as coisas que seriam exigidas de mim. [...] Essa depressão toma conta de mim sempre que o Senhor está preparando uma grande bênção para o meu ministério. A nuvem é negra antes de se abrir, e ofusca antes de dar sua profusão de misericórdia. Hoje, a depressão tornou-se para mim como um

profeta em roupas rudimentares.¹⁸

Quando esses tempos de escuridão vêm, temos grande consolo em compreender o que o rei Davi e Charles Spurgeon aprenderam. Agora estamos no vale, só que o vale não seria vale sem as montanhas que o circundam, e Deus promete nos levar a subi-las. Nossa alma angustiada será acalmada se esperarmos pacientemente nEle, “para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno” (Hb 4.16).

A ELIMINAÇÃO DA DEPRESSÃO

Não sou psiquiatra com um bloco de receitas ou um plano perfeito para acabar com a depressão. Sou pastor que cuida dos rebanhos de Deus por quase cinco décadas. Tenho ministrado a pessoas que estavam desanimadas e, isso mesmo, deprimidas às vezes. Aprendi princípios bíblicos que nos ajudam a evitar a tendência à aflição profunda, duradoura e emocional. Em muitos casos, esses princípios ajudam a lidar com a depressão assim que ela se manifesta.

Externe a Depressão

Primeiramente, seja honesto quando você tiver depressão. Jó é um excelente exemplo de transparência. Ele enche os ouvidos dos amigos com perguntas e sentimentos: “Não reprimirei a minha boca; falarei na angústia do meu espírito; queixar-me-ei na amargura da minha alma” (Jó 7.11).

No livro *The Gospel according to Job* (O Evangelho segundo Jó), Mike Mason escreve:

Há um momento em que qualquer indivíduo jogaria a toalha. Ele não abandona a fé, necessariamente. Só fica extremamente enjoado e cansado de tentar explicar as coisas de modo positivo, quando as coisas que ele está enfrentando não têm nada de positivo. Isso não é pecado. É apenas mera honestidade. [...] Jó é um homem franco e sincero, o tipo de pessoa que não tem medo de dizer o que está no coração, e [...] precisamos admitir relutantemente que tal honestidade incomum é uma das maiores virtudes

que um santo pode possuir.¹⁹

Nosso maior erro em face da depressão é privatizar a dor. Quando externamos nosso desespero para as pessoas que se preocupam conosco, juntamo-nos à assembleia dos santos que encontraram livramento, em parte, por terem sido autênticos.

Resista à Depressão

Jesus perguntou ao homem que estava deitado junto ao tanque de Betesda: “Queres ficar são?” (Jo 5.6). Não foi uma pergunta retórica. Ninguém quer ficar deprimido, porém precisamos considerar o quanto queremos ser curados. A depressão distorce os sentimentos e sufoca os desejos, inclusive o desejo pela cura. O tormento pode tornar-se “o novo normal”. Por isso, perdemos a visão comum de felicidade. Não crie raízes quando ficar deprimido.

Certo pastor que está se recuperando da depressão escreveu:

Você tem de ver a depressão como inimiga, algo a ser morto, enterrado e substituído. Não é sua amiga. Ela faz você sentir-se confortável e consoladora, até amigável.

O que quero que você veja é que você precisa *combater* a depressão, tão certo como você combateria a tentação da imoralidade, violência ou roubo. [A depressão] é igualmente sua inimiga. Não é sua amiga.²⁰

O ponto positivo sobre a batalha com a depressão é que, com Deus como nosso defensor, ela é vencível.

Investigue a Depressão

O Dr. Karl Menninger respondeu as perguntas de uma audiência depois de falar sobre o tema da saúde mental. Alguém perguntou: “O que você aconselharia uma pessoa fazer se ela sentisse que um colapso nervoso estivesse a ponto de ocorrer?”. Todos esperaram que o grande psiquiatra dissesse: “Marque uma consulta com um psiquiatra imediatamente”.

Mas não foi essa a resposta. O Dr. Menninger disse: “Feche a casa,

atravesse [a cidade], encontre alguém em necessidade e faça algo por ele”.²¹

Acho que o que Menninger queria dizer era: quando você está num lugar deprimido na vida, não faça o que naturalmente sente vontade de fazer. Não se retire, não se isole, não se entrincheire e “fique doente”. Faça o oposto. No máximo que você puder fazer e com a ajuda de Jesus, não deixe que o que você *sente* venha tomar o controle. Se você não sente a presença de Deus, então viva a vida cristã *pela fé*. Ore, doe, adore, estude, sirva, incentive, ministre e todo o resto. Nós, cristãos, andamos pela fé, não pela vista (2 Co 5.7). Isso se aplica mesmo quando — e *especialmente quando* — você não sente vontade de fazer. Não é como nos sentimos que conta. É em quem cremos. Quando você crê em Jesus, às vezes *se sente* para baixo, mas você não será *deixado* para baixo.

Outros tipos valiosos de investigação são o aconselhamento, os *checkups* médicos e a avaliação das circunstâncias. “Investigue” sua vida cristã e veja se, lenta e imperceptivelmente, você está deixando de fazer coisas que os cristãos saudáveis fazem. Comece a fazê-las de novo pela fé. Não descarte esse procedimento como uma questão de “mente sobre a matéria” ou como uma forma do “poder do pensamento positivo”. Não é nada do tipo. É o autoexame, como quando o salmista diz: “Por que estás abatida, ó minha alma?” (Sl 43.5).

Substitua a Depressão

Se faz sentido envolver-se com as pessoas em vez de evitá-las, quanto mais devemos nos inclinar para Deus em vez de nos afastarmos dEle!

Quando as emoções estão deprimidas ou silenciadas, a questão importante não é “O que foi que fiz de errado?”, e sim “A quem devo me voltar?”. Há pessoas que se voltam para dentro, outras para os amigos. As mais sábias se voltam para Deus.

Na minha experiência, quando dizemos a Deus o que *queremos*, Ele nos dá o que *precisamos*. Não sabemos pelo que orar, mas Ele é gracioso e amável, mantendo os padrões mais altos para nós do que nós mesmos mantemos. Jó queria respostas; Paulo queria alívio. Porém Deus tinha a graça para lhes dar o que realmente precisavam: mais ainda dEle mesmo. E Ele fará o mesmo para você. A bênção é raramente o que esperávamos, mas é sempre melhor do que poderíamos ter sonhado.

O humilde diz: “Deus não me deve nada. Ele não é meu servo. Eu é que sou servo dEle. Deus é Deus, e eu só sou eu. A coisa mais sábia que posso fazer é colocar minha confiança nEle”. Esse entendimento humilde é o dom que Deus deu a Jó no final de sua busca espiritual.

Jó começou questionando o Senhor e acabou sendo questionado por Ele. Depois de ouvir as perguntas paternas e irrespondíveis de Deus, Jó foi humilhado diante dEle. Jó acabou percebendo a grande diferença existente entre o Deus Todo-poderoso e santo e ele próprio:

Então, respondeu Jó ao SENHOR e disse: Bem sei eu que tudo podes, e nenhum dos teus pensamentos pode ser impedido. [...] Com o ouvir dos meus ouvidos ouvi, mas agora te veem os meus olhos. Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza.

– Jó 42.1,2,5,6

Todos nós questionamos Deus em algum momento da vida. No fim, o que importa é Deus nos questionar. Jó, com extremo discernimento, disse: “Eis que sou vil; que te responderia eu? A minha mão ponho na minha boca” (Jó 40.4). Ele ficou sem fôlego quando viu as coisas como realmente eram. Quem era ele, um homenzinho, para questionar os caminhos do Deus Todo-poderoso?

Enfrentar Deus é ser humilhado. A sabedoria vem com a humildade; com a sabedoria vem a força para esperar no Senhor.

Certo homem de férias foi nadar no oceano. Era um dia maravilhoso, e ele perdeu a noção de sua localização. Quando abriu os olhos, ficou chocado ao descobrir que estava duas vezes mais longe da praia do que ele pensara. Ele estava em grave perigo de afogamento porque já estava cansado de nadar, e as poucas forças que lhe restavam não bastariam para levá-lo à praia. Seu espírito clamou a Deus por um milagre, e a resposta veio de forma tão simples, tão maravilhosa.

Apenas com suas forças, nadando em direção à praia, ele se cansaria e se afogaria com certeza. Porém, se ele relaxasse e flutuasse, a maré o levaria para a areia. Ao invés de afogá-lo, as ondas o levariam para casa, desde que ele cooperasse com a correnteza. Tudo o que tinha de fazer era confiar e esperar.

Se você sente a contracorrente da depressão lentamente puxando-o para as

profundezas, não se enraiveça contra os céus. Não se desgaste tentando se recuperar. Espere em Deus, descanse nEle e deixe que Ele leve seu espírito para casa. Todas as marés deste mundo se movem em direção a Ele.

Mike Mason resume o impacto que um capítulo como Jó 3 pode ter sobre nós:

Só o fato de a Bíblia conter um livro tão obscuro, caótico e completamente excêntrico como Jó, já deveria nos servir de imenso consolo para qualquer crente em sofrimento. Pois o livro diz, com efeito: “É assim que é a fé muitas vezes. Não fique surpreso se você achar-se confuso, duvidoso, aflito, quase totalmente esmagado. Isso não significa que você perdeu o favor de Deus”.²²

O EFEITO DA DEPRESSÃO

Mesmo antes de a provação acabar, Jó expressou confiança no resultado final:

Mas ele sabe o meu caminho; prove-me, e sairei como o ouro.
– Jó 23.10

Depois de seu sofrimento ter acabado, Jó percebeu que sua missão fora pela coisa errada. Ele não precisava saber *por quê*. Precisava saber *a quem*. Ele precisava de uma visão mais clara de como Deus trabalha: “Com o ouvir dos meus ouvidos ouvi, mas agora te veem os meus olhos” (Jó 42.5). Em vez de conseguir o que queria, ele conseguiu o que precisava: uma visão mais profunda da graça e da força de Deus em sua vida.

O escritor Ed Welch lembra que é o final que faz a história. *Romeu e Julieta* é um romance lindo até que tudo chega a uma conclusão trágica. Certas histórias são extremamente dolorosas, até que tudo se resolve no final feliz. Ficamos na ponta da cadeira assistindo a um filme porque não sabemos o que vai acontecer. A conclusão cheia de esperança nos satisfaz.

Mas e se voltarmos a ver o mesmo filme novamente? Agora, conhecemos o enredo. As complicações, os mal-entendidos e as confusões não nos enganam porque sabemos como tudo terminará. Parece sombrio agora, mas é só esperar! O rosto das pessoas ao redor está cheio de preocupação, porém

temos sorrisos confiantes. *Nós sabemos.*

A vida é assim para aqueles que conhecem a Deus. Lemos a Bíblia. Sabemos o final. Embora existam tramas, mal-entendidos e complicações, embora tenhamos nossos risos e derramemos lágrimas genuínas, sabemos como tudo funciona. Não há como perder. O amor de Deus tem a vitória. Os que confiam nEle vivem felizes para sempre. Fim da história.

É isso mesmo, haverá momentos de profunda tristeza. Vamos nos ver perdidos e vagando ocasionalmente, e o céu escurecerá. Mesmo assim, nos momentos mais difíceis, lembre-se: *Nós conhecemos o enredo.*²³

É Jesus que tem a última palavra. E tudo bem se chorarmos, pois sabemos que, no final da estrada, Ele nos espera para nos enxugar toda a lágrima.

⁶ **N. do E.:** Embora o Dr. David Jeremiah tenha citado o Salmo 42 como sendo da autoria de Davi, na verdade trata-se de um masquil para o cantor-mor, entre os filhos de Corá.

CAPÍTULO 9

.....

MORTE:

O Medo de Morrer

.....

*Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria
mal algum, porque tu estás comigo.*

SALMOS 23.4

Em meados de 1970, os trabalhadores da alta tecnologia em Los Angeles começaram a construir uma nova geração de espaçonaves. A primeira a ser lançada foi o ônibus espacial *Columbia*, a estrela da nova frota da NASA.

O *Columbia* decolou em 12 de abril de 1981 e orbitou a terra 36 vezes. Foram 27 missões, porém a viagem final do *Columbia* foi um voo para a tragédia. Enquanto reentrava na atmosfera da terra às nove horas (horário da costa leste dos Estados Unidos e Canadá) da manhã de 1º de fevereiro de 2003, o ônibus espacial se despedaçou. Um pedaço de espuma isolante do tamanho de uma pequena pasta tinha se arrancado durante o lançamento 16 dias antes e perfurou uma das asas da espaçonave. O calor intenso da reentrada fez com que gases penetrassem na asa, provocando a catástrofe que matou os sete astronautas. Os destroços caíram sobre grande parte do Texas e Louisiana, enquanto milhares de pessoas olhavam para cima horrorizadas.

Anos mais tarde, um relatório comovente foi publicado sobre a destruição do *Columbia*. Enquanto a missão estava em progresso, os especialistas da NASA que estudaram a asa perfurada questionaram se o dano era fatal.

Wayne Hale, o gerente do programa do ônibus espacial, recorda estas palavras do diretor de voo Jon Harpold: “Não há nada que possamos fazer sobre danos ao TPS [sistema de proteção térmica]. Se foi danificado, é melhor não saber. Acho que a tripulação preferiria não saber. Você não acha que foi melhor eles terem tido um voo bem-sucedido e feliz e terem morrido inesperadamente durante a entrada do que permanecerem em órbita, sabendo que não havia nada a ser feito, até que o ar acabasse?”.¹

A pergunta de Harpold era especulativa: a tripulação deveria ser informada se já estava determinado que o dano significava morte? Uma análise mais aprofundada, porém, levou o controle da missão a concluir que a reentrada do *Columbia* era segura. A tripulação recebera um relatório completo e conclusivo da NASA, e ninguém na espaçonave ou em terra esperava que o dano fosse fatal.

Nem a NASA nem a tripulação do *Columbia* sabiam que a situação era desesperadora antes que a nave espacial se despedaçasse a 63 quilômetros acima do Texas. As evidências mostram que, até aos momentos finais do voo, a tripulação ainda tentava desesperadamente recuperar o controle da nave e reentrar na atmosfera com segurança.

Mas a pergunta hipotética levantada por Jon Harpold continua a assombrar. O que você faria se soubesse que a tripulação estava sentenciada à morte? Você contaria a eles, causando angústia mental indescritível, porém dando-lhes tempo para se despedirem, refletirem sobre a vida e, talvez, fazerem a paz com Deus? Você permaneceria em silêncio, tornando as horas finais em momentos de euforia e expectativa pelo reencontro com seus entes queridos?²

De certa forma, a situação problemática do *Columbia* assemelha-se com a nossa: estamos voando através do espaço num planeta em rotação, e toda pessoa está sujeita à morte súbita a qualquer momento. Nenhum de nós escapará. A diferença é que todos sabemos que morreremos e temos a oportunidade de nos preparar!

NOSSAS ATITUDES EM RELAÇÃO À MORTE

Morte. É seu assunto preferido? Pois é, também não é o meu. Não estou tentando estragar o seu dia, mas quero salientar que, para muitas pessoas, a morte é o medo final e também a confusão final. Quando alguém morre, ouço um monte de gente dizer: “Ele está num lugar melhor”, mesmo que, antes da

morte, eles tivessem orado com todas as forças para mantê-lo longe desse lugar.

Woody Allen disse: “Não é que eu tenha medo de morrer. Eu só não quero estar presente quando acontecer”.³ Ele deve ter pensado bastante no assunto, até porque este comentário também é atribuído a ele: “Não quero alcançar a imortalidade pelo meu trabalho. Quero alcançar a imortalidade por não morrer. Não quero viver no coração dos meus compatriotas. Prefiro viver em meu apartamento”.

Tratamos a morte como o máximo da palavra obscena. Ao invés de dizer: “Ele morreu”, servimo-nos de um suprimento infinito de eufemismos: “Ele passou dessa para a melhor”, “Ele foi para um lugar melhor”, “Ele foi para o céu”, “Ele dormiu”, “Ele descansou”, “Ele partiu desta vida”. Ou, se preferir outra coisa, Shakespeare: “Desenrolados desta bobina mortal”. Há uma página em inglês na Internet que mostra uma lista de 200 maneiras de falar da morte sem dizer a palavra *morte*.⁴ O poeta John Betjeman quis saber: “Por que será que as pessoas desperdiçam o fôlego inventando nomes delicados para a morte?”.⁵

No livro *The Hour of Our Death* (A Hora da Nossa Morte), o historiador Philippe Aries observa que a morte costumava ser encarada com mais casualidade como parte da vida. Os jovens não estavam protegidos dela. As pessoas morriam em casa, onde o corpo era colocado em exposição. As pessoas vinham para chorar e lamentar a perda, mas ninguém fingia que a morte não ocorrera, como fazemos hoje quando nos reunimos em pequenos grupos no estacionamento depois dos funerais e nervosamente contamos piadas.⁶

Por causa do nosso desconforto, colorimos toda a experiência. Fingimos que as pessoas não vão morrer e mudamos de assunto quando desejam falar a respeito. Depois, as despachamos desta vida em corredores hospitalares brancos e esterilizados, tolhendo-as da casa e da família. Não medimos esforços para desviar os olhos da realidade da morte.

Joseph Bayly diz que a morte é o que coloca os poderosos e os humildes no mesmo nível. Ela não tem favoritos e nem faz acordos:

O pecuarista e o executivo de vendas vivem à sombra da morte, bem como o vencedor do Prêmio Nobel e a prostituta, a mãe, a criança, o adolescente,

o velho. O carro funerário fica esperando pelo cirurgião que transplanta o coração, bem como pelo receptor esperançoso, pelo diretor funerário, bem como pelo cadáver que ele manipula. A morte não poupa ninguém.⁷

Neste exato momento, você deve estar pensando em pular para o próximo capítulo, esperando que ele trate de um medo mais “administrável”. Sinto sua inquietude, amigo, mesmo assim me ouça. E se eu lhe prometer que mudaremos para sempre a maneira como vemos a morte, talvez até tirando-a da categoria de *medo*? Não está o medo ocupando muito espaço em seu armário de ansiedade? É a ideia de enfrentar o desconhecido que assusta as pessoas. Sendo assim, vamos examinar esse assunto e, tendo a Bíblia como guia, tirar a morte da escuridão terrível de uma vez por todas.

O FATO DA MORTE

A Bíblia não tem medo de falar da morte: chama-lhe pelo que é. Palavras como *morrer* e *morte* ocorrem quase 900 vezes na *New King James Version* (NKJV) da Bíblia em inglês. Os termos bíblicos referentes à morte são graciosos e poéticos: “Eu me congrego ao meu povo” (Gn 49.29); “Eu te ajuntarei a teus pais, e tu serás ajuntado em paz” (2 Rs 22.20). Quem não é tocado pela imagem do “vale da sombra da morte” (Sl 23.4)? Considero o versículo a seguir como o mais bonito da Bíblia a respeito da morte do povo de Deus:

Preciosa é à vista do SENHOR a morte dos seus santos.

– Salmos 116.15

Desde a queda de Adão, a morte na Bíblia é apresentada como parte da vida. O escritor de Hebreus resume tudo sucintamente: “E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo, depois disso, o juízo” (Hb 9.27). A contagem regressiva para a morte começa no momento do nascimento. Você e eu estamos morrendo neste exato momento. Dado esse fato, como é possível que a Bíblia trate a morte dos crentes de forma tão leviana?

A resposta é um paradoxo: embora a morte comece quando nascemos, a vida começa quando nascemos de novo pelo Espírito de Deus mediante a fé em Cristo. Muitos cristãos têm a noção equivocada de que a vida eterna

começa quando morremos, mas isso não é biblicamente correto. A vida eterna começa quando nascemos de novo no Reino de Deus. O próprio Jesus define a vida eterna desta forma: “E a vida eterna é esta: que conheçam a ti só por único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (Jo 17.3).

Se você conhece a Deus por meio de Jesus Cristo, então você está experimentando a vida eterna agora, mesmo sem ter morrido fisicamente. E se você está experimentando a vida eterna agora, então a morte não passa de uma breve interrupção para o que você já está experimentando — a vida que não finda.

O Novo Testamento está cheio de passagens que transmitem essa perspectiva positiva e transitória da morte:

- Referindo-se à morte, Jesus diz que é ser “levado pelos anjos para o seio de Abraão” (Lc 16.22).
- Jesus anuncia ao ladrão arrependido que morreu ao seu lado: “Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso” (Lc 23.43).
- Na descrição de Paulo, morte é “deixar este corpo, para habitar com o Senhor” (2 Co 5.8).
- Por mais de 12 vezes, a morte é descrita como “dormir”, o estado temporário do corpo do qual será despertado na ressurreição no fim dos tempos (Jo 11.11; At 7.60; 1 Ts 4.13).
- Paulo fala que “o morrer é ganho”, já que estaremos com Cristo, e diz que a morte é “ainda muito melhor” do que estar na terra (Fp 1.21,23).
- Quando morreremos, nosso corpo (“a nossa casa terrestre deste tabernáculo”) será desfeito, mas herdaremos “de Deus um edifício, uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus” (2 Co 5.1).
- A morte é “o último inimigo que há de ser aniquilado” (1 Co 15.26).
- Os que morrem são “bem-aventurados” e têm a capacidade de “[descansar] dos seus trabalhos” (Ap 14.13).
- Na descrição de Jesus, a separação da morte é apenas temporária: “Um pouco, e não me vereis”, diz Ele. “E outra vez um pouco, e ver-me-eis” (Jo 16.16).

Assim sendo, a Bíblia nos mostra toda a verdade sobre a morte. Não se trata de algo a temer, e sim de uma jornada que começou no nascimento e que culminará com o nosso destino final: sermos conformes à imagem de Jesus

Cristo por toda a eternidade (cf. Rm 8.29).

AS FACES DA MORTE

A palavra *morte* significa “separação”. A Bíblia fala de três tipos de morte: a morte física, que é o espírito e a alma estarem separados do corpo; a morte espiritual, que é o espírito humano estar separado de Deus nesta vida; e a segunda morte, que é estar separado de Deus por toda a eternidade.

Tiago descreve a *morte física* desta forma: “o corpo sem o espírito está morto” (Tg 2.26). A morte de Raquel, a esposa de Jacó, patriarca do Antigo Testamento, é expressa como “saindo-se-lhe a alma” (Gn 35.18). Salomão descreve a separação desta maneira: “O espírito [volta] a Deus, que o deu” (Ec 12.7).

Enquanto estava na cruz, Jesus confirmou esta separação entre o espiritual e o físico quando a experimentou, dizendo: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23.46). O texto de Mateus 27.50 acrescenta que Jesus “entregou o espírito”.

Vemos, também, a distinção entre a morte física e a morte espiritual na narrativa do primeiro mártir da igreja: “E apedrejaram a Estêvão, que em invocação dizia: Senhor Jesus, recebe o meu espírito” (At 7.59). Quando o espírito de Estêvão deixou o corpo, o corpo caiu no estado que chamamos de morte física, que não é a cessação da existência, como vemos pela recepção celeste do seu espírito.

Na *morte física*, o espírito e a alma deixam o corpo e movem-se para a presença de Deus ou então para o isolamento em relação a Deus. Não há exceções. As estatísticas sobre a morte são 100%, exceto para os cristãos que estiverem vivos no momento do arrebatamento (1 Ts 4.16,17). Como diz o ditado: “A morte ainda é o assassino número um do mundo”.

A *morte espiritual* refere-se a estar separado de Deus. Por causa do pecado, estamos destituídos da glória de Deus. Estamos separados dEle. Mesmo que estejamos vivos fisicamente, experimentamos uma separação que a Bíblia descreve como morte: “O salário do pecado é a morte” (Rm 6.23). Quando o pecado entrou no mundo através de Adão, espalhou-se para todos, de modo que todos os homens e mulheres não regenerados estão mortos espiritualmente, separados de Deus (Rm 5.12).

A última forma de morte, a *segunda morte*, é ser banido definitivamente de

Deus. Trata-se da miséria final dos ímpios no Inferno na sequência do Tribunal do Grande Trono Branco (Ap 20.11) no fim do Milênio. João descreve essa segunda morte no livro de Apocalipse:

E deu o mar os mortos que nele havia; e a morte e o inferno deram os mortos que neles havia; e foram julgados cada um segundo as suas obras. E a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo. Esta é a segunda morte. E aquele que não foi achado escrito no livro da vida foi lançado no lago de fogo.

– Apocalipse 20.13-15

Procuro tornar compreensível esse assunto usando uma pequena fórmula matemática: se você nasceu apenas uma vez, você terá de morrer duas vezes. Mas se você tiver nascido duas vezes, você terá de morrer apenas uma vez (e até dessa morte você poderá escapar se, enquanto estiver vivendo, Jesus voltar a terra).

Todos nascemos uma vez (o nascimento físico), mas se não nascermos de novo pelo Espírito e pela Palavra de Deus (Jo 3.3-8; 1 Pe 1.23), morreremos duas vezes: uma vez fisicamente, quando o corpo expirar, e outra vez no julgamento final de Deus. Se tivermos, no entanto, nascido a segunda vez por termos crido em Jesus Cristo como nosso Salvador, poderemos até morrer fisicamente, mas nunca mais morreremos outra vez. É o que o nosso Senhor quer dizer quando disse: “Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo aquele que vive e crê em mim nunca morrerá. Crês tu isso?” (Jo 11.25,26).

Devo observar aqui que a morte também traz outro tipo de separação: a separação dos entes queridos, que sentimos física, espiritual e emocionalmente. O salmista escreve:

Afastaste para longe de mim amigos e companheiros; os meus íntimos amigos agora são trevas.

– Salmos 88.18

Anos atrás, confrontei o câncer e a possibilidade da morte. Meu maior medo era deixar minha esposa e meus filhos sozinhos. Vi o medo e a preocupação em seus rostos, o que me entristeceu. Pela graça de Deus, essa

separação não veio. Mas para outras pessoas, a dor da perda nesta vida é apenas uma amostra da dor maior que virá quando entes queridos crentes e descrentes estarão separados para sempre.

No livro *Claro como o Dia: Como a Certeza da Morte Mudou a Minha Vida*, Eugene O’Kelly descreve o diagnóstico de câncer cerebral terminal com a idade de 53 anos. Em 2002, ele era o presidente da KPMG, uma das maiores empresas de contabilidade e serviços financeiros do mundo. O’Kelly recebeu o diagnóstico terminal em 2005 e morreu quatro meses mais tarde, deixando para trás esposa e duas filhas. Ele, no entanto, refletira profundamente sobre essa eventualidade quando sua primeira filha nasceu, anos antes do diagnóstico:

No dia em que minha filha Gina nasceu, a enfermeira a pôs nos braços de Corinne. Aproximei-me de minha esposa e de minha filhinha boquiaberto. Minha filha recém-nascida era incrivelmente linda. [...] Antes que eu a tocasse, ela estendeu a mão e agarrou meu dedo, apertando-o com força.

Uma expressão de choque endureceu meu rosto.

Naquele dia e no seguinte, senti-me mergulhado numa neblina. Corinne notou meu comportamento estranho e disperso. Finalmente, ela disse:

— O que houve? — perguntou. — Você está muito estranho.

Desviei o olhar.

— O que foi? — disse ela. — Fale para mim.

Não consegui mais esconder.

— Na hora em que ela agarrou meu dedo — expliquei —, me dei conta de que um dia vou ter de me despedir dela.⁸

Os crentes, entretanto, têm uma perspectiva radicalmente diferente. Ficamos de luto, é claro. Com cada fibra de nosso ser, sentimos saudades de nossos entes queridos, e nosso sofrimento é real. Mas também sabemos que a separação não é o que parece, que a vida consiste em mais do que o visível. No extremo de nosso luto, nossa alma se acende pela eterna esperança do reencontro com aqueles que perdemos, após o que não haverá mais separação.

Os não cristãos se reúnem para partir de novo. Os cristãos partem para se reunir de novo.

Há uma vasta diferença entre essas duas perspectivas. Como Paulo destaca, não precisamos nos entristecer, como os demais, que não têm esperança (cf. 1 Ts 4.13). O Dr. S. I. McMillen e o Dr. David E. Stern observaram essa verdade no livro *None of These Disease* (Nenhuma Dessas Doenças): “Depois de estar ao lado de centenas de leitos de morte, já vimos este padrão recorrente. Pessoas que têm uma crença forte tendem a morrer em paz. Pessoas que não têm uma crença tendem a morrer com pavor e em tormento”.⁹

No livro *Fear Not!: Death and the Afterlife from a Christian Perspective* (Não Tenha Medo!: A Morte e a Vida após a Morte segundo uma Perspectiva Cristã), Ligon Duncan explica que os crentes são animados por uma esperança que afeta positivamente esta vida, bem como a vida por vir:

O apóstolo Paulo diz enfaticamente: “Se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens” (1 Co 15.19). “Se os mortos não ressuscitam? Comamos e bebamos, que amanhã morreremos” (15.32b). [...] Não é apenas crer em Cristo para que esta vida seja mais completa ou mais próspera. É confiar em Cristo para esta vida e para sempre. [...] A Esperança cristã é uma esperança que controla não só a vida presente, mas também a expectativa do que virá a ser além desta vida.¹⁰

O MEDO DA MORTE

Ouvi a história de um homem que foi ao médico para fazer o *checkup* físico anual. Ao sair, o médico promete telefonar-lhe para dar o resultado dos exames. Dois dias depois, o telefone toca. O médico diz:

- Você está sentado? Receio ter más notícias para você.
- O homem fica pálido e diz ao médico para continuar.
- Bem — diz o médico —, você tem quarenta e oito horas de vida.
- O-o-o quê?! — gagueja o homem.
- Agora vem o pior — anuncia o médico.
- Mas como é que algo pode ser pior que isso, doutor?! — grita o homem.
- É que venho tentando telefonar para você desde ontem.

Telefonemas assim acontecem apenas em piadas ruins. Mesmo assim, os médicos fazem telefonemas semelhantes para dar notícias fatais todos os dias.

Ainda que a vida não tenha um aviso de dois minutos, o tempo se esgota. Não queremos ter nossa vida, nossa casa e nossa alma eterna em ordem quando esse momento chegar?

Dizemos que queremos estar prontos, mas o problema é que a morte é um item prioritário em nossa lista do medo. Preferimos nem falar a respeito. Nesta seção do capítulo, quero apresentar razões bíblicas para que a morte não seja temida. Se você é um cristão que continua apreensivo quanto à morte, mesmo que em pouca medida, quero que esta seção o incentive a substituir o medo pela esperança e a certeza bíblica. Oro para que as verdades bíblicas aqui apresentadas movam você em direção à fé em Cristo, para que a vida de Cristo, e não a sua morte, leitor, traga a você a alegre expectativa do futuro.

Existem apenas duas maneiras de encarar o futuro: ou com medo ou com fé. Os que vivem pela fé no Filho de Deus (cf. Gl 2.20) veem que todos os seus medos — especialmente o medo da morte — são consumidos pela segurança da pessoa de Jesus e pela certeza de suas promessas.

O Príncipe da Morte Foi Derrotado

O autor do livro de Hebreus declara que Jesus venceu a morte através da morte, libertando-nos do medo da morte:

E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas, para que, pela morte, aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo, e livrasse todos os que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à servidão.

– Hebreus 2.14,15

Desde o jardim do Éden até a morte sacrificial de Jesus, o Diabo usou a morte para ganhar vantagem e rir por último. Satanás provocou nas pessoas o desejo de violar as Leis de Deus e depois ficou observando quando colhiam a morte, que é a recompensa do pecado. Paulo escreve que “o aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei” (1 Co 15.56). Era um sistema. Fracassamos em ser obedientes, e morremos por conta disso — todas as vezes.

Em sua morte e ressurreição, o Filho de Deus serviu-se da carta trunfo do

Diabo. Assim como Davi tomou a espada de Golias e com ela cortou a cabeça do gigante, Jesus tomou a arma de Satanás e com ela o derrotou. A cruz parecia a vitória final para Satanás, mas era precisamente o oposto. Quando Jesus pagou com a morte a pena do pecado, Ele eliminou o aguilhão da condenação do Diabo.

Quando Jesus saiu do sepulcro aberto no domingo da ressurreição, a derrota de Satanás era certa. Sua arma mortal havia sido destruída. Satanás ainda está vivo e em atividade, porém sua derrota é uma conclusão inevitável. Ele tem de conformar-se em ganhar batalhas menores porque a guerra que ele iniciou já foi perdida para sempre.

A última esperança de Satanás é convencer você a viver como se a vitória de Cristo nunca tivesse acontecido. Ele gosta muito de ver você escravizado pelo medo da morte. Fílon, filósofo judeu do século I, escreveu que “não há nada tão calculado para escravizar a mente como o medo da morte”.¹¹ O autor de Hebreus, sem dúvida um judeu cristão culto, talvez conhecesse as palavras de Fílon, pois ele expressa o mesmo sentimento quando diz que os que têm medo da morte “estavam por toda a vida sujeitos à servidão” (Hb 2.15). Se você tem medo da morte, esse medo está baseado na mentira. É a verdade de Deus que liberta você (Jo 8.32).

Steve e Ann Campbell de Hampton, Tennessee, estavam sentados na copa tomando café, lendo e descansando. Gigi, uma cachorrinha *maltpoo* (cruzamento de maltês com *poodle*), estava dormindo no banco junto à janela saliente da sacada. De repente, um estrondo sacudiu a copa e derrubou Gigi do banco. Ninguém ficou ferido, exceto o orgulho da cachorrinha. O casal se perguntou o que causara o barulhão. Eles não estavam conseguindo determinar o motivo, até que avistaram um grande falcão do lado de fora da janela, logo abaixo. O pássaro dera um voo rasante, com as garras abertas, para caçar Gigi, sem levar em conta o painel de proteção de vidro. Poucos minutos depois, o falcão sacudiu-se para expulsar o estupor e desapareceu no céu, sem o seu lanche canino.

O Diabo quer fincar suas garras em nós. O poder da ressurreição, no entanto, oferece um painel de proteção inquebrável. Satanás pode bater-se no esforço de quebrar essa proteção, mas não tem poder sobre nós. Porque Cristo morreu, nossa vida foi *perdoada*. Porque Cristo ressuscitou, nossa vida vive *para sempre*.

O Poder da Morte Foi Destruído

O profeta Isaías, num arroubo de esperança, prevê um dia em que o Senhor destruirá a morte e restaurará o seu povo:

Aniquilará a morte para sempre, e assim enxugará o Senhor Jeová as lágrimas de todos os rostos, e tirará o opróbrio do seu povo de toda a terra; porque o SENHOR o disse.

– Isaías 25.8

Oseias, contemporâneo de Isaías, também prediz a vitória de Cristo sobre a morte:

Eu os remirei da violência do inferno e os resgatarei da morte; onde estão, ó morte, as tuas pragas? Onde está, ó inferno, a tua perdição?

– Oseias 13.14

Essas duas profecias são as primeiras na Bíblia a declarar que a morte morreria. O Novo Testamento não deixa dúvidas quanto ao significado dessas palavras:

E, quando isto que é corruptível se revestir da incorruptibilidade, e isto que é mortal se revestir da imortalidade, então, cumprir-se-á a palavra que está escrita: Tragada foi a morte na vitória. Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória? Ora, o aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Mas graças a Deus, que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo.

– 1 Coríntios 15.54-57

No livro de Apocalipse, o apóstolo João descreve como será a vida no céu quando essas profecias se cumprirem: “E Deus limpará de seus olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas” (Ap 21.4).

O apóstolo Paulo lembra a Timóteo que, pela ressurreição, Jesus “aboluiu a morte e trouxe à luz a vida e a incorrupção, pelo evangelho” (2 Tm 1.10).

Numa das passagens mais comoventes do Novo Testamento sobre a

inviolabilidade do amor de Deus por seus filhos, Paulo inclui a morte na lista das realidades que nunca nos separam desse amor:

Porque estou certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor!
— Romanos 8.38,39

Jesse Irvin Overholtzer, o fundador da Aliança Pró-Evangelização das Crianças (APEC), estava ficando velho. Ele sabia que lhe restavam poucos anos de vida. Ele e a esposa Ruth convidaram uma jovem enfermeira da Índia para ficar com eles, enquanto ela frequentava as aulas no Instituto da APEC que ficava nas proximidades. Quando Overholtzer teve um ataque, a enfermeira cuidou dele durante toda a noite. Contudo, ao amanhecer, ela saiu correndo para assistir às aulas como se tivesse tido uma noite inteira de sono.

— Não é maravilhoso ser jovem e cheio de vida? — disse Ruth ao marido.

— Sim — respondeu Overholtzer. — Porém, é mais maravilhoso estar velho e pronto para ir para o Céu!¹²

O Processo da Morte Foi Descrito

Um garoto de 11 anos de idade escreveu uma carta ao papa João Paulo com esta pergunta: “Como será quando você morrer? Ninguém me diz. Quero apenas saber, mas não quero fazer isso”.¹³ Jesus conta uma história em Lucas 16.19-31 que oferece uma visão profunda do que acontece após a morte. Na verdade, essa história nos revela mais sobre a vida após a morte do que poderíamos esperar.

A parábola diz respeito a dois homens: um rico e um pobre. O nome do pobre era Lázaro (não era o mesmo homem que Jesus ressuscitou). Não sabemos o nome do rico, mas sabemos algo sobre o seu estilo de vida. Ele vestia-se com roupas finas e alimentava-se de alimentos da mais fina culinária. Ele tinha o melhor de tudo e fazia com que todos soubessem, inclusive Lázaro, o mendigo que ficava perto dos seus portões à espera de restos e sobras de comida da mesa. Lázaro não só tinha fome, mas também estava muito doente. Seu corpo estava coberto de feridas que os cães da

cidade lambiam. Era uma existência de miséria e desgraça.

Lázaro, no entanto, possuía uma coisa que ninguém podia tirar: o amor a Deus. O rico possuía uma coisa que ele não podia manter: a vida. Ambos os homens morreram. Do outro lado da porta que separa esta vida da eternidade, o mendigo Lázaro foi transportado pelos anjos celestiais para o seio de Abraão. Agora, ele era consolado pelo Senhor em vez de ser lambido pelos cães.

Na viagem final da vida, os cristãos não experimentarão nenhuma das preocupações de viagem que enfrentamos hoje. Não nos perderemos, não perderemos o ônibus, não esperamos pelo próximo avião. O Pai nos levará para casa. Em face de tamanha promessa, como ter medo?

O Quadro da Morte Foi Desenvolvido

Em 7 de dezembro de 1941, o reverendo Peter Marshall estava falando aos cadetes de Annapolis, Maryland. Um “dia de infâmia” se desenrolava em Pearl Harbor, que agora estava em chamas pelo ataque inimigo. A sala estava cheia de jovens que em breve sacrificariam a vida pelo país. Marshall contou-lhes a história de um menino doente que, estando para morrer, perguntou à mãe:

— Como é morrer? Dói?

A mãe pensou por um minuto e disse:

— Você se lembra de quando era menor e brincava o dia inteiro e adormecia na cama da mamãe? Você acordava e percebia que estava em sua cama. Papai vinha com seus grandes e fortes braços e levantava você, tirava sua roupa e colocava o pijama enquanto você dormia. Querido, a morte é assim. É acordar em seu quarto.¹⁴

Assim como esse menino, temos curiosidade acerca do processo da morte. Talvez não haja outro versículo bíblico que nos dê um quadro mais reconfortante do que o amplamente citado Salmos 23.4:

Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam.

É claro que a pura beleza da passagem nunca deixa de nos comover. Mas o poder dessa verdade atinge-nos em um nível profundo em tempos de

sofrimento. Quando enfrentarmos a morte — a nossa ou a morte de um ente querido —, esse versículo deve ser mantido perto do nosso coração. Suas frases poéticas ensinam-nos muitas coisas.

A MORTE É UMA VIAGEM, NÃO UM DESTINO

Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte.

– Salmos 23.4

O pastor e escritor Leith Anderson fala de uma mulher que enterrou o marido depois de ele ter perdido a batalha contra o câncer. Pouco tempo depois, ela descobriu que estava com a mesma doença. Só restava a ela esperar pelo reencontro com o marido, o qual ela amara e perdera.

Quando soube que tinha apenas alguns dias de vida, a mulher convidou Anderson e a esposa para visitá-la. Sentaram-se profundamente emocionados, segurando-lhe as mãos enquanto ela falava casualmente sobre a realidade da morte e antevendo sua alegria na presença de Deus. Ela falou também sobre seus filhos e queria saber tudo sobre os filhos de Anderson. Você teria pensado que ela estava se preparando para um cruzeiro, e não para a partida desta vida.

Uma série constante de amigos foram consolá-la, mas o que acontecia era o inverso. Eram eles que saíam extremamente abençoados. E os que não podiam visitá-la ouviam suas palavras de incentivo ao telefone. Através de toda a situação, ela nunca pensou em si mesma. Tudo o que ela fazia ilustrava sua preocupação e amor pelos outros. Sua esperança de vida após a morte capacitou-a a usar a morte como oportunidade para alcançar e abençoar tantas pessoas quantas possíveis.¹⁵

Muitos de nós falamos da esperança para a vida futura. Mas a forma como abordamos a morte mostra o que realmente cremos. Os que estão comprometidos com a perspectiva bíblica não têm razão para tratar a morte como o maior inimigo. Eles a veem como outra viagem que requer preparação. Fazem suas despedidas, colocam os assuntos em ordem e preparam o espírito para a alegria de uma nova existência.

Como sabemos, muitas pessoas hoje acreditam que esta vida é tudo o que há, que a morte física e espiritual são a mesma morte e que sua existência inteira chegará a um fim. Para as pessoas que acreditam dessa forma, é perfeitamente razoável ter medo da morte. Elas acham que é a cortina final.

Por acreditar que esta vida é tudo o que existe, agarram-na firmemente. Para essas pessoas, a vida é fonte de extrema frustração e até mesmo de desespero, pois há muita limitação, muita decepção. Você entra no mundo, você é jovem e forte, você chega ao topo da colina e começa a longa e triste descida e, lá embaixo, esconde-se nada além que escuridão. Os cristãos, no entanto, vivem num *agora* mais brilhante, porque tudo na vida tem uma razão. Os altos e baixos apontam para uma eternidade que satisfará todas as nossas esperanças e recompensará todas as nossas frustrações. O Lázaro pobre tinha motivos para ter esperança. Ele sabia o que outros crentes sofredores sabem: este mundo nunca foi o seu lar. Eles são cidadãos do Céu, embaixadores de uma realidade brilhante.

Devemos lembrar que, para crentes e não crentes, a morte não é o fim. Somos criaturas eternas. A diferença é se a eternidade da pessoa será mais brilhante que um bilhão de sóis ou mais escura do que a imaginação pode conceber.

No “Salmo do Pastor”, Davi vê a morte não como um destino, mas sim como uma viagem através de uma região escura, uma viagem que fazemos com a mão de Deus na nossa. Meu amigo e pastor Rob Morgan descreve como esta viagem revela a natureza transitória da morte:

O Salmo 23.4 não fala de uma cova ou trilha sem saída. Trata-se de um vale, o que significa que tem uma abertura em ambas as pontas. [...] A ênfase está em *pelo*, o que indica um estado temporário, uma transição, um caminho mais brilhante à frente, um futuro de esperança. Para os cristãos, os problemas são sempre temporários e as bênçãos sempre eternas (em contraste com os não cristãos, cujas bênçãos são temporais e cujos problemas são eternos). Vales não duram para sempre, e o caminho à frente é sempre brilhante para o filho de Deus, tão brilhante quanto suas promessas. Não há caminhos obstruídos no mapa divino, não há becos sem saída na vontade divina, não há ruas sem saída na direção divina.¹⁶

Paulo fala de “deixar este corpo, para habitar com o Senhor”, indicando que as duas condições são a mesma (2 Co 5.8). Como James M. Campbell observou, a morte é uma porta de saída, e o Céu é uma porta de entrada, mas as duas estão dispostas tão proximamente que uma se abre enquanto a outra

se fecha. Quando uma pessoa afirma que um moribundo “jaz às portas da morte”, outra pessoa poderia afirmar que *não*, que ele “jaz às portas do céu”. E ambas estariam certas.¹⁷

A MORTE É UMA SOMBRA, NÃO A REALIDADE

Pelo vale da sombra da morte.

— Salmos 23.4

Quando eu era garoto, meu pai era pastor de uma igreja em Toledo, Ohio. Durante seu pastorado de 11 anos, a igreja mudou-se para uma propriedade que outrora fora uma luxuosa mansão. A mansão foi reformada, e um auditório foi construído em um de seus lados, tornando-se nossa nova igreja.

Por trás dessa mansão, havia uma enorme garagem para dez carros. O presbitério estava no segundo andar da garagem no que anteriormente fora os quartos dos empregados. Uma de minhas tarefas noturnas era levar o lixo para os recipientes localizados do lado de fora da garagem cavernosa. Quando eu esperava até depois do anoitecer para fazer minhas tarefas, eu tinha de levar o lixo através da garagem assustadora e mal iluminada. À noite, aquele era um lugar sinistro, cheio de sombras misteriosas que pareciam esconder horrores inimagináveis. No meu pavor, eu atravessava essas sombras correndo, estabelecendo novos recordes de velocidade para levar o lixo para fora.

Durante o dia, dava pra ver claramente que não havia perigo. Não havia monstro escondendo-se na garagem. Mas a escuridão faz algo em um lugar, não é? Ela distorce, torna-se uma tela para a imaginação. A boa notícia é que as sombras são apenas a deflexão da luz. Elas até podem assustar, mas não podem fazer mal algum.

Quando o Dr. Donald Grey Barnhouse estava voltando para casa de carro depois do funeral de sua primeira esposa, ele e seus filhos estavam muito tristes. Enquanto ele procurava alguma palavra de consolo para dizer aos filhos, um enorme caminhão de mudanças os ultrapassou, lançando sua sombra sobre o carro. Barnhouse disse:

— Filhos, vocês prefeririam ser atropelados por um caminhão ou por sua sombra?

— Pela sombra, claro — respondeu uma das crianças. — Ela é inofensiva.

— Dois mil anos atrás — disse o pai — o caminhão passou por cima do

Senhor Jesus... para que apenas a sombra passasse por nós.¹⁸

Para o cristão, a morte é apenas uma sombra. Já não é mais a verdadeira substância de nosso medo. Ela é apenas um obscurecimento momentâneo da luz. A promessa de Jesus a todos os crentes é esta: “Porque eu vivo, e vós vivereis” (Jo 14.19b). Ele também diz: “Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo aquele que vive e crê em mim nunca morrerá” (Jo 11.25,26).

A MORTE É SOLITÁRIA, MAS VOCÊ NUNCA ESTÁ SOZINHO

Tu estás comigo.

— Salmos 23.4

Algo estranho, porém sutil acontece em Salmos 23.4. Você pode não ter notado, mas um editor notaria. O modo da narrativa muda: *ele* torna-se *tu*. Nos primeiros três versículos, vimos que o Senhor é referido na terceira pessoa do singular: “Deitar-me faz [*ele*] em verdes pastos, [*ele*] guia-me mansamente a águas tranquilas. [*Ele*] refrigera a minha alma; [*ele*] guia-me pelas veredas da justiça por amor do *seu* nome”. Muito abruptamente, a terceira pessoa do singular torna-se a segunda, quando Davi diz: “*Tu* estás comigo”. Ele para de falar *sobre* o Pastor e começa a falar *com* ele. É como se ele estivesse falando a respeito de Deus e, então, no meio das sombras, ele percebesse que Deus está presente: Eu “não temeria mal algum, porque tu estás comigo”. A composição literária torna-se conversa íntima.

Tudo faz pleno sentido se você já andou por esse vale. Você pensa em Deus e, de repente, está tendo uma conversa com Ele. A presença divina muda subitamente toda linha de pensamento. No transcurso dos anos, tenho falado com muitas pessoas que viajavam por caminhos muito sombrios, e todos me diziam que nunca estavam mais conscientes da presença do Pastor do que quando estavam andando nessa sombra.

Corrie ten Boom⁷ encontrou casualmente um velho amigo que estava na cidade por um dia. Assim, eles dispensaram a conversa fiada e tiveram uma longa conversa juntos. Corrie perguntou a ele:

— Você tem medo de morrer?

Sim, ele tinha, admitiu. Corrie ficou surpresa, pois sabia que seu amigo tinha uma profunda fé em Deus. Ela perguntou:

— Por que você tem medo? Você é crente há tanto tempo. Claro que você sabe que Jesus não vai deixá-lo sozinho por um momento sequer.

Ele explicou que tinha medo porque a morte lhe era desconhecida. Ele não sabia o que esperar. Então, os dois passaram a falar sobre Jesus e como a morte também era desconhecida para Ele quando Ele foi à cruz. Ele nunca tinha morrido antes. Com certeza, Ele também teve de enfrentar o medo. Mas agora Jesus sabe tudo sobre a morte. Ele já passou por isso. Ele a venceu e promete nunca nos deixar ou nos abandonar. Ele diz que estará conosco para sempre, e a viagem pela morte não é exceção.

O velho sorriu em paz e agradeceu a Deus pela conversa.¹⁹

Aconselhei muitas pessoas que estavam na sala de espera da morte, e a experiência me mostrou que Deus se torna presente ao andarem pelo vale. Ele estende as mãos para sustentar, sussurra palavras de consolo e promessa e não está limitado apenas às pessoas que morrem. Ele está também com os que choram por elas. Elas também andam pelo vale, e Deus as sustenta também.

A Bíblia está cheia de promessas confortantes como estas:

Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente na angústia. Pelo que não temeremos.

— Salmos 46.1,2

Porque ele disse: Não te deixarei, nem te desampararei.

— Hebreus 13.5b

Nem ainda as trevas me escondem de ti; mas a noite resplandece como o dia; as trevas e a luz são para ti a mesma coisa.

— Salmos 139.12

Nunca teremos de andar sozinhos nesse caminho. O Pastor permanece ao nosso lado, e quando chegarmos às portas, os anjos ali estarão para cuidar de nós e nos fazer entrar para as surpresas maravilhosas que nos esperam.

Esta vida que vivemos parece ser a “verdadeira” vida, mas é apenas um prefácio, e ainda temos de ver o capítulo 1. Como o compositor húngaro Franz Liszt se expressa na introdução de seu poema sinfônico *Les Preludes*:

“Que é a nossa vida, senão uma série de prelúdios a esse canto desconhecido, cuja primeira nota solene é a morte que entoa?”.²⁰ Pensamos que a história termina com a morte, mas a verdade é que a morte é apenas o começo. A Bíblia nos garante que o que vem a seguir é muito maravilhoso para compreendermos agora.

Nos sete livros da série *As Crônicas de Nárnia*, de C. S. Lewis, as quatro crianças exploram outro mundo governado por Aslam, o Leão. Nos primeiros seis livros, depois de cada aventura, Aslam os envia de volta para casa na Inglaterra. Quando o último livro chega ao final, as crianças estão em uma Nárnia brilhantemente aprimorada e não querem mais ir embora. O mundo delas parece insignificante em comparação. Mas Aslam tem uma surpresa. Ele revela que o acidente ferroviário que os levou a Nárnia desta vez foi real e, em termos terrenos, morreram e deixaram o mundo cotidiano pela última vez. “Acabaram-se as aulas”, diz Aslam. “Chegaram as férias. Acabou-se o sonho: rompeu a manhã”.

O grande Leão começa a transformar-se em algo que, semelhante às aventuras que aguardam as crianças, é algo maravilhoso demais para escrever. Suas vidas na terra e na antiga Nárnia foram apenas “a capa e a página de título”, e agora estão começando o capítulo 1 da história real. É uma história que “ninguém neste mundo leu: que prossegue infinitamente: na qual cada capítulo é melhor que o anterior”.²¹

Nascido em 1800, um século antes de Lewis, John Todd também viu a significação e esperança da morte. Todd era um garoto de Vermont que, com a idade de seis anos, perdeu ambos os pais. Também perdeu seus irmãos quando eles foram divididos entre os parentes. John foi acolhido por uma tia bondosa. Ele viveu com sua tia por 15 anos até que saiu com a fim de estudar para o ministério. Os anos se passaram, e ele tornou-se um pastor eficaz. Certo dia, ele recebeu uma carta da tia que o criara. Ela estava morrendo e tinha as mesmas perguntas que todos nós fazemos: “O que me espera na morte? É esse o fim?”. John sentia a ansiedade da tia em cada frase que ela escreveu.

John amava sua tia. E então se sentou para responder a carta. Começou com a história de um menino de seis anos que esperou pela chegada da mulher que se tornaria a mãe para ele:

Ainda me lembro da decepção que tive quando, em vez de você mesmo, você enviou César, seu criado, para me buscar.

Lembro-me das lágrimas e da angústia quando, empoleirado no alto do cavalo e agarrando-me firmemente em César, cavaleguei para meu novo lar. A noite caiu antes de terminarmos a viagem, e senti-me sozinho e com medo.

— Você acha que ela irá para a cama antes de eu chegar? — perguntei para César ansiosamente.

— Oh, não — disse ele tranquilizado. — Ela estará de pé à sua espera. Quando sairmos desta floresta, você verá a vela iluminando a janela.

Logo em seguida, estávamos cavalgando pela clareira e lá estava a vela. Lembro que você estava esperando à porta, que você me abraçou com força, um garotinho cansado e desnortado. Você tinha um grande fogo ardendo na lareira, uma comida quente à espera no fogão. Depois do jantar, você me levou para o meu novo quarto, ouviu minhas orações e sentou-se ao meu lado até que eu dormisse.

Em breve, Deus enviará alguém até você para levá-lo a um novo lar. Não tenha medo do chamamento, da viagem estranha ou do escuro mensageiro da morte. Deus é fiel para fazer tanto por você quanto você teve a amabilidade de fazer por mim há muitos anos. No final do caminho, você encontrará amor e uma recepção acolhedora, e você estará segura nos cuidados de Deus.²²

John Todd pintou para sua tia um quadro de uma nova vida tão bela que qualquer pessoa pode esperar com avidez, mas posso garantir a você que é apenas uma pálida sombra em comparação com a beleza magnificente e a alegria esplendorosa que nos esperam quando finalmente chegarmos a essas portas e entrarmos na presença de Deus.

⁷ **N. do E.:** Cornelia Johanna Arnolda ten Boom, conhecida como Corrie ten Boom, foi uma escritora e resistente holandesa que ajudou a salvar a vida de muitos judeus ao escondê-los dos nazistas durante a II Guerra Mundial.

CAPÍTULO 10

DIVINDADE: *O Temor a Deus*

O Senhor agrada-se dos que o temem.

SALMOS 147.11

Em *A Cadeira de Prata*, o quarto livro da série *As Crônicas de Nárnia*, de C. S. Lewis, a estudante Jill encontra-se sozinha e desesperadamente com sede numa floresta desconhecida. Ela nada sabe sobre Aslam, a figura de Cristo nessas histórias, mas quando chega a um riacho, ela vê o grande Leão entre ela e a água. Embora a sede fosse intensa, Jill ficou congelada onde estava, apavorada demais para avançar ou fugir.

— Se você está com sede, pode beber — diz o Leão.

A aterrorizada Jill, com medo de ser devorada, não se move. Ela diz:

— Você promete não... não fazer nada comigo se eu for?

— Eu não prometo nada — responde o Leão.

— Não me atrevo a ir e beber — replica Jill.

— Então, você morrerá de sede — declara-lhe o Leão.

Jill diz que vai procurar outro riacho, mas o Leão responde:

— Não há outro riacho.¹

Ao longo da Bíblia, o povo de Deus é admoestado a temer ao Senhor. Será que esse temor é equiparado com o medo de Jill, ou seja, o medo de uma criança tremendo de absoluto pavor diante de um ser poderosíssimo que

obriga os outros a fazer escolhas difíceis e que pode fazer qualquer coisa para qualquer pessoa em qualquer tempo?

Harold S. Kushner, o conhecido rabino e autor de *Quando Coisas Ruins Acontecem às Pessoas Boas*, parece igualar o temor de Deus a esse tipo de terror. Como resultado, ele não gosta da ideia de temer a Deus. No livro *Saber Viver num Mundo Incerto*, publicado em 2009, ele escreveu:

Se há um termo que eu gostaria de ver banido do discurso teológico são as três palavras “temor de Deus”. Não tenho grande consideração por uma religião que tenta controlar seus membros assustando-os. [...] Quando o termo “temor de Deus” surge na Bíblia, não creio que se refira a ter medo de Deus. Considero-o uma referência à sensação de reverência que se apodera de nós quando contemplamos a grandeza e a majestade de Deus.²

Acontece que eu admiro o rabino Kushner. Acho suas obras refrescantes e provocantes. Mas sobre esse tema, tenho de discordar veementemente. Penso que essas afirmações sobre o temor a Deus contêm dois erros.

Em primeiro lugar, Kushner acredita que falamos demais sobre o temor de Deus, afugentando as pessoas das igrejas e sinagogas com essa ideia “medieval”. Já eu afirmo que o oposto é que é verdadeiro. O temor de Deus está ausente de todo discurso teológico que tenho ouvido recentemente. Eu contra-argumentaria que é a *falta* dessa discussão que contribui para a bagunça em que este mundo está afundando tão rapidamente.

No livro *The Secret of the Lord* (O Segredo do Senhor), Charles Crismier faz essa mesma argumentação. Ele identifica a década de 1960 como a época em que “o temor do Senhor” começou a constranger as pessoas. A expressão costumava ser comum e amável, mas hoje a ideia é quase incompreensível para a cultura moderna. Atualmente, a expressão corre o risco mais provável de ser ridicularizada do que respeitada.³

A. W. Tozer, grande pastor do século XX, também lamentou essa mudança cultural. Ele observou:

A autoconfiança dos cristãos modernos, a atual leviandade básica em muitas de nossas reuniões religiosas, o desrespeito chocante mostrado em relação à Pessoa de Deus, são provas suficientes de profunda cegueira de

coração. Muitos se chamam pelo nome de Cristo, falam muito sobre Deus e oram a Ele, mas, evidentemente, não sabem quem Ele é. “O temor do SENHOR é uma fonte de vida” [Pv 14.27], mas esse temor que cura dificilmente é encontrado hoje entre os cristãos.⁴

O período de cinquenta anos entre os escritos de A. W. Tozer, em 1961, e de Charles Crismier, em 2011, ambos lamentando a perda do temor de Deus, mostra que o rabino Kushner não precisa se preocupar com a ênfase exagerada desse temor. Não era o que ensinávamos há meio século e não é o que ensinamos hoje. Não podemos ter desgastado o tema quando esta geração sequer o *usou*.

Acredito que o segundo erro do rabino está na definição restrita da palavra *reverência*. As pessoas concordam que o temor de Deus inclui reverência, admiração, porém é mais do que isso. À medida que explorarmos as ocorrências dessa expressão em toda a Bíblia, você se surpreenderá ao descobrir que o conceito está arraigado em toda a Escritura. Penso que você concordará que a definição se estende muito além do sentimento de reverência e admiração.

Sei que o rabino Kushner não é seguidor de Jesus. Não podemos esperar que ele leve o Novo Testamento em consideração quando desenvolve suas ideias. Mas nós que somos crentes podemos ler o livro de Hebreus — talvez a mais “judaica” das cartas do Novo Testamento — como referência convincente que mostra que o temor de Deus é algo mais do que mera reverência.

O mesmo Deus que nos convida a ir ousadamente à sua presença (Hb 4.16; 10.19) também espera que “sirvamos a Deus de modo agradável, com reverência e *santo temor*; porque o nosso Deus é fogo consumidor” (Hb 12.28,29, ARA, grifos meus). Como eu sou alguém que vive no sul da Califórnia e tenho visto de perto e pessoalmente incêndios incontroláveis e vorazes, posso afirmar que o medo é uma descrição apropriada do sentimento que produzimos. Será que produzimos também um sentimento de reverência e admiração? Sim, não há como não ficar admirado diante de labaredas que se arremessam a centenas de metros de altura e devoram tudo o que encontram pelo caminho. Mas será que é essa reverência e admiração que fazem com que meus vizinhos e eu fuçamos para um lugar seguro quando as

labaredas estão à solta? Não, é o medo de morrer diante dessas labaredas, não porque o fogo tem alguma intenção de nos ferir, mas porque o fogo tem a natureza inata que pode nos ferir, caso não o respeitemos. Quando o autor de Hebreus diz que “o nosso Deus é fogo consumidor”, não fico surpreso ao ler que devo servi-lo com “santo temor”. É isso mesmo, Deus inspira reverência e admiração impressionantes. Mas assim como o fogo age de acordo com sua natureza, assim Deus age. Ele opera de acordo com seu propósito providencial para o mundo, e é melhor nos alinharmos com esse propósito para evitar que nos queimemos.

DUAS MANEIRAS DE TEMER A DEUS

As referências bíblicas ao temor de Deus dividem-se em duas categorias distintas. A primeira é o *pavor assombroso*, e a segunda é a *devoção maravilhada*. Vamos explorar o significado dessas duas expressões.

Pavor Assombroso

A expressão *pavor assombroso* indica algo a evitar, em vez de adotar. Confesso que sou culpado de evitar o tema porque é muito fácil ressaltar o amor de Deus e que Jesus é amigo dos pecadores. Mas esse é apenas um dos lados da equação. A menos que equilibremos a perspectiva, acabaremos tendo a ideia de que “não há necessidade de ter medo de nosso bom amigo Deus”.⁵

Quando consultamos a Bíblia para ajustar essa perspectiva, será que descobrimos que o *temor* é sinônimo de *admiração* e *reverência*? Na verdade, não. Em Gênesis, onde uma palavra relacionada a *temor* é usada pela primeira vez, lemos Deus andando pelo jardim do Éden depois de Adão e Eva terem comido o fruto proibido. Deus formou o hábito de desfrutar da companhia deles “no jardim pela viração do dia” (Gn 3.8). Mas depois que Adão e Eva pecaram e Deus se aproximou, Adão escondeu-se da presença de Deus. Ele explica: “Ouvi a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me” (Gn 3.10).

Garanto a você que o que Adão sentiu naquele momento era muito mais do que *admiração* e *reverência* para com o Criador. Ele estava petrificado de medo, exatamente como deveria estar. Deus lhe advertira que, se ele comesse

da árvore proibida, ele morreria (cf. Gn 3.3).

O autor cristão e professor de filosofia Peter Kreeft explica:

O terror é um vínculo, ainda que primitivo, entre nós e Deus. [...] Tem de haver terror porque nascemos pecadores originais, e o *self* pecaminoso fica naturalmente, e com razão, aterrorizado diante da bondade de Deus, que é inimigo do pecado.⁶

Alguns capítulos depois do incidente em Gênesis 3, encontramos a expressão *temor de Deus* pela primeira vez. Gênesis 20 conta a história da segunda mentira de Abraão a respeito de sua esposa Sara. Em ambas as ocasiões, ele alegou que Sara era sua irmã. O problema é que ele estava entre pessoas perigosas e tinha uma esposa bonita. Abraão achava que era possível que o rei Abimeleque o matasse para ter mais uma esposa no seu harém. Então, Abraão mente, esperando que o engano possa salvar a sua pele.

Sara é salva da desonra só porque Deus aparece a Abimeleque em sonhos e revela a verdadeira identidade dela. Abimeleque fica com raiva. Ele pede explicações a Abraão. *Por que, Abraão, você me enganou?* Abraão responde: “Porque eu dizia comigo: Certamente não há temor de Deus neste lugar” (Gn 20.11).

Não temos medo do que não sabemos. É por isso que as crianças pequenas tocam em fogões quentes uma vez. As pessoas que não têm Deus não o temem. Por isso, não hesitam em agir de modo imoral. Em Romanos 3, o apóstolo Paulo nos dá uma longa lista de queixas-crime contra os ímpios e, no versículo 18, ele conclui, citando Salmos 36.1: “Não há temor de Deus diante de seus olhos [dos olhos deles]” (ARA).

Mas os que conhecem a Deus o temem. Eles acham esse temor tão avassalador que não conseguem ficar em pé na presença divina. Lemos que:

- Abrão “caiu [...] sobre o seu rosto” (Gn 17.3).
- Moisés “encobriu o seu rosto, porque temeu olhar para Deus” (Êx 3.6).
- Balaão “inclinou a cabeça e prostrou-se sobre a sua face” (Nm 22.31).
- Josué “se prostrou sobre o seu rosto na terra, e o adorou” (Js 5.14).
- Gideão e Manoá clamaram alarmados para que não morressem (Jz 6.22, 23; 13.20-22).

- Isaías sentiu que estava perecendo (Is 6.5).
- Ezequiel caiu sobre o seu rosto (Ez 1.28).
- Daniel sentiu-se como alguém cujas forças tinham acabado (Dn 10.8).
- Os três discípulos que viram o rosto de Jesus brilhando como o sol “caíram sobre seu rosto e tiveram grande medo” (Mt 17.6).
- Saulo de Tarso caiu em terra e ficou cego (At 9.4-9; 22.11).

Muitos cristãos hoje pensam que a encarnação eliminou a necessidade de temer a Deus. Em Jesus, Deus veio a terra sob a forma de homem, dando-nos um Deus acessível, um que poderíamos amar e com quem poderíamos nos relacionar como amigo. Os que adotam essa mentalidade como toda a verdade descrevem Jesus como alguém compassivo, amoroso e bondoso. Ele era (e é) tudo isso, mas esse não é o quadro completo. Muitos se esquecem do Jesus temível que apanhou um chicote e, sozinho, expulsou do templo uma cambada de comerciantes ladrões. Os que estavam por perto com certeza sentiram medo. Mais tarde, os líderes judeus foram prender nosso Senhor, dizendo que estavam procurando Jesus de Nazaré. “Quando [Jesus], pois, lhes disse: Sou eu, recuaram e caíram por terra” (Jo 18.6). Não há o que duvidar, esses homens também sentiram medo.

É no livro de Apocalipse que testemunhamos as descrições mais amedrontadoras de nosso Senhor. Por exemplo, quando João viu o Cristo ressurreto, caiu a “seus pés como morto” (Ap 1.17). Não foi um ato voluntário de adoração, e sim uma reação instintiva de temor. Mesmo que João conhecesse esse Jesus pessoalmente e tivesse colocado a cabeça no seu peito (Jo 13.25), não é surpresa que ele caísse aos pés de Jesus como morto. Ele foi tomado pela majestade do Filho do Homem glorificado.

O apóstolo Pedro nos dá o que é, talvez, a principal razão para a nossa reverência e temor a Deus. Depois de uma noite de pesca malsucedida, Pedro estava desanimado. Então Jesus realizou um milagre que subitamente sobrecarregou as redes de Pedro. “E, vendo isso Simão Pedro, prostrou-se aos pés de Jesus, dizendo: Senhor, ausenta-te de mim, por que sou um homem pecador” (Lc 5.8). Reverência e temor são respostas naturais do imperfeito para o perfeito, do mutilado para o belo, do contaminado para o puro, do fraco para o forte.

Acredito que não percebemos o quanto o pecado nos separou de Deus. Como resultado do pecado, diz Paulo em Romanos 5, tornamo-nos inimigos

de Deus. Como pecadores imperfeitos, mutilados, contaminados e fracos, não imaginamos como será estar ou, mais precisamente, tentar estar na augusta presença do ser mais perfeito, belo, puro e forte do universo. É algo como ter um corpo flácido, envelhecido e mutilado e ter de ficar nu diante da pessoa mais bonita que existe.

É esse, creio, o sentimento que tomou conta de Pedro no barco de pesca naquele dia. Mesmo que ele amasse Jesus profundamente e soubesse que Ele o amava e tinha as melhores intenções, a reverência e o temor de Pedro vieram ao se dar conta da enorme diferença entre sua pecaminosidade e a perfeição de Jesus. O profeta Isaías diz o seguinte:

Ao SENHOR dos Exércitos, a ele santificai; e seja ele o vosso temor, e seja ele o vosso assombro.

– Isaías 8.13

Devoção Maravilhada

Se reverência e temor forem as respostas adequadas a Deus, então como conciliar isso com a declaração confiante de Paulo em Romanos 8.1, que diz: “Portanto, agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus”? Como crentes em Cristo, sabemos que podemos viver com, absolutamente, nenhum temor da ira de Deus. Trata-se de uma garantia gravada na eternidade.

Isso levanta uma questão importante: Se Cristo removeu a necessidade de temermos a ira de Deus, precisamos temer ao Senhor de algum modo? Paulo responde, dizendo-nos que o temor ainda tem o seu lugar. Ele instrui os amigos em Filipos: “Operai a vossa salvação com temor e tremor” (Fp 2.12). Pedro também confirma o papel do temor quando nos admoesta: “Andai em temor, durante o tempo da vossa peregrinação” (1 Pe 1.17). Por que continuar a temer a Deus se sua graça remove as consequências da ira?

Encontramos a explicação na segunda concepção bíblica do temor. Para os seguidores ativos de Jesus Cristo, essa compreensão é a mais significativa para a vida cotidiana. Tememos a Deus honrando-o, reverenciando-o e estimando-o. Sua grandeza e majestade reduzem-nos a um sentimento avassalador de reverência que não está focado apenas em sua ira e julgamento, mas também em sua glória transcendente, que não é semelhante

a nada que possamos enfrentar neste mundo. Isso deixa a todos sem palavras.

Mas espere. Essa aí não é a posição do rabino Kushner, de quem discordei no início do capítulo?

A resposta é não. O rabino Kushner rejeita peremptoriamente a necessidade de ter medo do poder ou do julgamento de Deus, ao passo que eu defendo que o temor é a base saudável para todos os outros temores (como admiração e respeito) que temos para com Deus. É a onipotência de Deus, a sua santidade consumidora e o seu direito de julgar que o torna digno de ser temido. Mas quando adicionamos a esses traços de caráter as características que são mais simpáticas e atraentes aos padrões humanos, como amor, compaixão, graça, misericórdia e paciência, ficamos maravilhados com a revelação do seu caráter.

Embora Ele tivesse todo o direito de julgar a raça humana, em misericórdia surpreendente Ele enviou seu próprio Filho para ser julgado por nós. Portanto, ter medo apenas do poder de Deus com temor e tremor, sem ter medo (ou respeito) do seu amor surpreendente é uma resposta incompleta que diminui nossa experiência e o prazer que temos nEle. O pastor e estudioso Sinclair Ferguson descreve esse temor como “a mistura indefinível de reverência, medo, prazer, alegria e temor que enche nosso coração quando percebemos quem Deus é e o que Ele fez por nós”.⁷

Como tantas vezes acontece, A. W. Tozer tem as palavras certas para descrever esse temor: “Acredito que o temor reverente a Deus misturado com amor, fascínio, espanto, admiração e devoção é o estado mais agradável e a emoção mais gratificante que a alma humana pode conhecer”.⁸

De acordo com o teólogo John Murray, “o temor de Deus [...] é o medo que impulsiona a adoração e o amor. É o medo que consiste em respeito, reverência, honra e adoração, e tudo isso no mais alto nível de exercício. É o reflexo em nossa consciência da majestade e santidade transcendente de Deus”.⁹

Quando verdadeiramente tememos a Deus, nosso medo de outras coisas e de outras pessoas começa a diminuir. Os grandes medos fazem os pequenos medos desaparecerem. Podemos passar os dias nos preocupando com uma série de dificuldades diárias, mas basta que a palavra *câncer* seja mencionada na mesma frase com o nosso nome para todas as ansiedades diárias desaparecerem na nuvem de um temor maior. Deus, é claro, não é uma força

malévola como o câncer. Isso significa que, quando os nossos temores menores são absorvidos pelo temor dedicado a Ele, nossa vida ganha segurança em vez de ficar debilitada pelo terror de um futuro incerto.

Deus é o maior de todos os temores. De fato, Ele é referido como “o Temor” duas vezes em Gênesis 31: “Se o Deus de meu pai, o Deus de Abraão e o Temor de Isaque, não fora comigo [...] E jurou Jacó pelo Temor de Isaque, seu pai” (31.42,53). “O Temor”, aqui, é uma figura de linguagem na qual a emoção é personificada como a própria pessoa, nesse caso, Deus.

É quando os outros temores têm precedência sobre Deus que entramos em apuros. Foi o que aconteceu com os israelitas que viviam durante o tempo de Isaías. Leia as palavras de Deus dita para eles:

Mas de quem tiveste receio ou temor, para que mentisses e não te lembrasses de mim, nem no teu coração me pusesses?

– Isaías 57.11

Ao perder o temor de Deus, a nação de Judá ficou indevidamente com temor dos falsos deuses pagãos. O povo já não sentia mais a “devoção maravilhada” porque tinha perdido a maravilha de quem Deus é.

Vance Havner diz como é fácil nós também cairmos no mesmo erro de Judá:

É fácil perder a maravilha. O espírito da era está contra nós. A iniquidade abunda, e o amor de muitos esfria. Sabemos muito. Já tentamos todas as emoções. [...] Muitas atividades religiosas de hoje perderam a maravilha. Envolvemo-nos em jargão profissional sobre homens, métodos e movimento, porém não exultamos na notícia maravilhosa de que Jesus morreu e ressuscitou.¹⁰

Ravi Zacharias disse: “Quanto mais velho você fica, mais é preciso encher seu coração com maravilhas, e só Deus é suficientemente grande para fazer isso”.¹¹ Não importa quantos anos tenhamos, todos precisamos de devoção maravilhada, que é o elemento estimulante que encontramos no temor de Deus.

POR QUE DEVEMOS TEMER A DEUS

Resumi os dois tipos de temor a Deus como *pavor assombroso* e *devoção maravilhada*. Agora, quero combinar essas duas caracterizações em um tema unificador perguntando *por quê?*. Por que devemos temer a Deus? Vamos examinar três razões: *por causa de quem Ele é*, *por causa do que Ele fez* e *por causa do que Ele está fazendo hoje*.

Devemos Temer a Deus por causa de quem Ele É

A própria natureza de Deus, por exemplo, sua majestade inigualável, sua magnificência incomparável, sua beleza imensurável, deve nos fazer temer a Ele. Não há ninguém como Ele, e essa é a razão primária que deve inspirar temor em nós. O Salmo 89 pergunta: “Quem no céu se pode igualar ao SENHOR? Quem é semelhante ao SENHOR entre os filhos dos poderosos?”. A resposta do salmista Etã é um implícito “ninguém”, o que significa que Deus deve ser “grandemente reverenciado por todos os que o cercam” (89.6,7).

O profeta Jeremias configurou essa verdade como premissa e tirou uma conclusão lógica: tendo em vista que não há ninguém como Deus, todas as pessoas devem temê-lo. Em outras palavras, temer o seu poder e ser devotado à sua pessoa (cf. Jr 10.6,7). Como Peter Kreeft explica: “O ‘temor do Senhor’ é algo que toma seu caráter específico de seu objeto, ou seja, do Senhor. É reverência. É veneração. É maravilha. É adoração absoluta”.¹² É algo devido ao Senhor por causa de quem Ele é.

Devemos Temer a Deus por causa do que Ele Fez

Quando tememos a Deus por causa de quem Ele é, não demora muito para temermos a Ele por causa do que Ele fez.

Quando o povo de Israel foi libertado da escravidão egípcia, “viu [...] a grande mão que o SENHOR mostrara aos egípcios; e temeu o povo ao SENHOR e creu no SENHOR e em Moisés, seu servo” (Êx 14.31). Juntos com Moisés, os israelitas cantaram uma canção de adoração e gratidão:

Ó SENHOR, quem é como tu entre os deuses? Quem é como tu, glorificado em santidade, terrível em louvores, operando maravilhas?

– Êxodo 15.11

Talvez, a demonstração mais espetacular da obra de Deus no passado seja a própria criação. O salmista lembra-nos de que o mundo criado nos dá mais uma razão para temer o Senhor por causa do que Ele fez:

Pela palavra do SENHOR foram feitos os céus; e todo o exército deles, pelo espírito da sua boca. Ele junta as águas do mar como num montão; põe os abismos em tesouros. Tema toda a terra ao SENHOR; temam-no todos os moradores do mundo. Porque falou, e tudo se fez; mandou, e logo tudo apareceu.

– Salmos 33.6-9

As evidências do poder de Deus na criação existem ao nosso redor. Paul Thigpen escreveu sobre a experiência de estar atrás das Cataratas do Niágara pela primeira vez. Ele mal conseguia lidar com a escala colossal da maravilha da natureza — a energia desatada, o turbilhão ensurdecido das águas despencando e batendo nas rochas abaixo. Por que ele sentiu medo? Ele estava bem protegido contra a possibilidade de cair. Racionalmente, ele sabia que estava bem seguro. No entanto, o coração batia forte. Era impossível para ele evitar pensar no que *poderia* acontecer se seu corpo fosse arremessado para baixo por essa massa volumosa de água. Ele seria esmagado, espatifado, destruído. Sua imaginação expulsou tudo de sua mente, exceto o medo impressionante que as quedas d'água evocavam.

Ainda assim, as cataratas do Niágara não entram na lista das dez maiores criações espetaculares de Deus. Essas toneladas de água em queda livre são menos do que uma gota no oceano se comparadas com as galáxias que Ele espalhou pelos céus. Thigpen pergunta:

Muito mais nosso coração deve bater com temor diante da sua presença. Somos apenas grãos de areia na praia da sua infinitude, segundos fugazes em sua eternidade. Ele é absolutamente maior do que toda a grandeza que já testemunhamos, fantasticamente mais poderoso do que todos os poderes que já encontramos, inconcebivelmente mais inteligente do que todas as mentes mais brilhantes que já conhecemos ou ouvimos falar.¹³

Sim, somos redimidos e salvos em Cristo. Estamos no firme fundamento com Deus, mesmo quando ficamos sobre a rocha e observamos as Cataratas do Niágara. No entanto, nosso temor do seu poder é totalmente apropriado. Se nossa mente está ciente da sua mão na formação do Universo, a reverência temerosa ao que Ele fez é a única resposta natural.

Devemos Temer a Deus por causa do que Ele Está Fazendo

Os israelitas testemunharam em primeira mão o que Deus estava fazendo quando se acamparam diante do Monte Sinai para receber a Lei. Eles ouviram trovões estrondosos em todo o horizonte. Viram relâmpagos violentos coriscarem o firmamento. O misterioso som de trombetas soava enquanto a fumaça subia da montanha em direção ao céu.

Como você teria reagido? As pessoas, já tremendo de medo, estavam aterrorizadas com o que Deus estava fazendo. Elas imploraram que Moisés subisse a montanha, falasse com Deus e trouxesse sua Palavra para eles. Estavam convencidos de que ouvir a voz de um Deus com tamanho poder seria a morte. Moisés responde: “Não temais, que Deus veio para provar-vos e para que o seu temor esteja diante de vós, para que não pequeis” (Êx 20.20). Em outras palavras, Deus estava mostrando seu poder para que concentrassem a atenção na necessidade de obedecer a Ele e à Lei que Ele estava prestes a lhes dar.

O salmista disse: “Vinde e vede as obras de Deus; é terrível nos seus feitos para com os filhos dos homens” (Sl 66.5). O que Ele está fazendo entre nós hoje que deve inspirar tamanho temor ou medo? Poderíamos fazer uma lista interminável, porém nos concentraremos no trabalho que é vital para nós: o perdão.

Se você quiser saber por que o perdão deve nos levar a temer, considere o que Deus está fazendo por nós em relação ao que Ele poderia ter feito. Como o profeta Joel diz: “Convertei-vos ao SENHOR, vosso Deus; porque ele é misericordioso, e compassivo, e tardio em irar-se, e grande em beneficência e se arrepende do mal” (Jl 2.13). Está bastante claro que Deus, que é perfeito, poderia ter recorrido a odiar-nos por causa dos nossos pecados. Mas em vez disso, Ele “se arrepende do mal”.⁸ Seu permanente amor por nós é a única coisa que nos sustenta, levando-o a oferecer-nos o perdão em vez de nos

exterminar como merecemos. Como diz outro salmista:

Se tu, SENHOR, observares as iniquidades, Senhor, quem subsistirá? Mas contigo está o perdão, para que sejas temido.

– Salmos 130.3,4

Esses versículos nos apontam para 1 João 1.9, versículo que firmemente adotamos, como crentes: “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça”. Não é o equivalente a enviar um pouco mais de roupa suja para a lavanderia. Trata-se de um milagre que sacode o Universo estruturalmente. Deve sempre sacudir você e eu.

O perdão é uma obra que Deus está fazendo em nossa vida hoje: ele afasta os nossos pecados para longe de nós e nos refaz à sua imagem. Paulo diz que estamos devidamente certos de “que aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao Dia de Jesus Cristo” (Fp 1.6).

Quantas vezes você já orou e recebeu o perdão dos seus pecados? Muitas, espero. Mas a questão é: Quanta *devoção maravilhada* o perdão gera em seu coração? A incrível realidade da obra de Cristo já levou você às lágrimas, ou você segue em frente sem pensar mais a respeito? Você, como Paul Thigpen nas cataratas, já pensou com temor que você poderia ter mergulhado nas profundezas do desespero e perda eterna sem o milagre do perdão de Deus?

O perdão gracioso que Deus oferece deve fazer com que nossa devoção a Ele aumente e que nossa humildade se intensifique, de modo que vejamos ainda mais da magnificência de Deus. Estou falando de uma consciência cada vez maior de que “nele vivemos, e nos movemos, e existimos” (At 17.28). Cada respiração que damos é uma dádiva preciosa da graça sustentadora de Deus. E em virtude desse sustento, Deus merece o nosso temor, a nossa devoção sem fim.

É POSSÍVEL AMAR A DEUS E TEMÊ-LO AO MESMO TEMPO?

No amor, não há temor; antes, o perfeito amor lança fora o temor; porque o temor tem consigo a pena, e o que teme não é perfeito em amor.

– 1 João 4.18

Esse versículo do Novo Testamento levanta uma questão intrigante: É possível amar a Deus e temê-lo ao mesmo tempo? A Bíblia diz que é. Em vários lugares, o Antigo Testamento nos ordena a amar a Deus e a temê-lo. Por exemplo: “Agora, pois, ó Israel, que é o que o SENHOR, teu Deus, pede de ti, senão que *temas* o SENHOR, teu Deus, e que andes em todos os seus caminhos, e o *ames*, e sirvas ao SENHOR, teu Deus, com todo o teu coração e com toda a tua alma [...]” (Dt 10.12).

Essa mistura de amor e temor chama nossa resposta para dois atributos de Deus: misericórdia e juízo. Paulo trata de ambos nesta passagem de Romanos: “Considera, pois, a bondade e a severidade de Deus: para com os que caíram, severidade; mas, para contigo, a benignidade de Deus, se permaneceres na sua benignidade; de outra maneira, também tu serás cortado” (Rm 11.22).

O salmista não encontra contradição nos atos simultâneos de amor e temor. No Salmo 118, é-nos dada esta razão para amar a Deus: “Digam, agora, os que temem ao SENHOR que a sua benignidade é para sempre” (118.4). No Salmo 76, mostra que Deus deve ser temido: “Somente tu és temível. Quem poderá permanecer diante de ti quando estiveres irado?” (76.7, NVI).

Em muitas ocasiões ao longo de meus quase 50 anos de ministério, as pessoas me fazem perguntas relacionadas ao julgamento de Deus. Elas dizem algo do tipo: “O meu Deus nunca mandaria alguém para o Inferno ou puniria alguém por fazer o mal. O meu Deus é um Deus de amor”.

Costumo responder dizendo-lhes que o seu Deus não existe. Há um Deus para amar e há um Deus a ser temido, e tanto um quanto o outro são a mesma pessoa! Não julgou Ele o próprio Filho como demonstração de seu amor pelo mundo? E não mostrou Ele o seu amor pelo Filho julgado, ressuscitando-o? Que tolice pensar que, se Ele for mesmo um Deus de amor, então não pode também ser um Deus temível. Os dois atributos se complementam.

Para vermos uma das melhores representações que já li sobre a capacidade de amar e temer a Deus ao mesmo tempo, temos de viajar pelo guarda-roupa para chegar a Nárnia de C. S. Lewis. No conto *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*, segundo livro da série intitulada *As Crônicas de Nárnia*, um grupo de crianças ouvem falar de Aslam, o grande Leão que simboliza Cristo. Ele não é um animal fofinho dos contos de fadas, pois as crianças são informadas de que poucos podem resistir diante dele sem que os joelhos comecem a tremer. Uma das crianças pergunta: “Mas ele é tão perigoso

assim?”.

O Sr. Castor, que conhece bem o Leão, responde que ele é perigosíssimo, mas que também é *bom*. Ele é um rei poderoso, um rei temível e amoroso. Quando as crianças veem o Leão, o medo não é nada parecido com o pavor absoluto e incontrolável de Jill, sobre quem falamos no início deste capítulo. Lewis fala que as pessoas “pensam que uma coisa não pode ser boa e temível ao mesmo tempo. Se as crianças pensavam assim, agora já estão curadas desse erro”.¹⁴

Nós também precisamos ser curados de nossas concepções tacanhas de um Deus manso e inócuo, um Deus com todo o poder para abençoar, mas com nenhum poder para amedrontar.

Outra forma de entender a relação entre temer a Deus e amá-lo é pensar em um pai que dá ordens para sua filha pequena não brincar na rua. Quando ela se aventura para a rua, logo descobre que a disciplina do pai é imediata e rigorosa. Por causa disso, ela permanece no quintal por medo da disciplina. Quando crescer, ela perceberá que a severidade do pai foi para protegê-la. Foi um resultado do seu amor por ela. Assim, o medo se dissolve, e ela ama seu pai muito mais.

No fundo, queremos um Deus a quem possamos temer. Queremos que Ele seja um Pai poderoso, um Pai vencedor, um Pai com o poder para nos guardar, um Pai que nos ame com a fúria de um leão.

PROMESSAS PARA AQUELES QUE TEMEM A DEUS

Quando consideramos as duas dimensões do temor de Deus — o *pavor assombroso* e a *devoção maravilhada* —, descobrimos que a Bíblia promete abundantes benefícios para os que têm esses temores. Relaciono, a seguir, uma lista de sete promessas que resumem por que é sábio temer a Deus. Apresento-as quase sem fazer comentários, pois acredito que elas ministrarão ao seu coração por meio de sua pura beleza e bênção.

A Promessa de Provisão

Temei ao SENHOR, vós os seus santos, pois não têm falta aqueles que o temem. Os filhos dos leões necessitam e sofrem fome, mas aqueles que buscam ao SENHOR de nada têm falta.

– Salmos 34.9,10

A Promessa de Proteção

Eis que os olhos do SENHOR estão sobre os que o temem, sobre os que esperam na sua misericórdia, para livrar a sua alma da morte e para os conservar vivos na fome.

– Salmos 33.18,19

A Promessa de Pureza

Quanto está longe o Oriente do Ocidente, assim afasta de nós as nossas transgressões. Como um pai se compadece de seus filhos, assim o SENHOR se compadece daqueles que o temem.

– Salmos 103.12,13

Ora, amados, pois que temos tais promessas, purifiquemo-nos de toda imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santificação no temor de Deus.

– 2 Coríntios 7.1

De acordo com esses versículos, o temor de Deus é um ingrediente necessário na santificação. O temor de Deus não é apenas a chave para conhecermos o Senhor; ele também é essencial para amadurecermos como crentes.

A Promessa de Prosperidade

Bem-aventurado aquele que teme ao SENHOR e anda nos seus caminhos! Pois comerás do trabalho das tuas mãos, feliz serás, e te irá bem. A tua mulher será como a videira frutífera aos lados da tua casa; os teus filhos, como plantas de oliveira, à roda da tua mesa. Eis que assim será abençoado o homem que teme ao SENHOR!

– Salmos 128.1-4

A Promessa de Dias Prolongados

O temor do SENHOR aumenta os dias, mas os anos dos ímpios serão abreviados.

– Provérbios 10.27

A Promessa de Privilégios

O profeta Malaquias diz que Deus guarda as palavras daqueles que temem ao Senhor em um livro especial de recordação:

Então, aqueles que temem ao SENHOR falam cada um com o seu companheiro; e o SENHOR atenta e ouve; e há um memorial escrito diante dele, para os que temem ao SENHOR e para os que se lembram do seu nome.

– Malaquias 3.16

A Promessa de Perpetuidade

Quem dera que eles tivessem tal coração que me temessem e guardassem todos os meus mandamentos todos os dias, para que bem lhes fosse a eles e a seus filhos, para sempre!

– Deuteronômio 5.29

Mas a misericórdia do SENHOR é de eternidade a eternidade sobre aqueles que o temem, e a sua justiça sobre os filhos dos filhos.

– Salmos 103.17

Esses versículos são apenas uma amostra da proliferação de promessas que a Bíblia dá para os que temem ao Senhor. Com certeza, elas minam a noção de que Deus é um tirano sedento de poder, que trata com arrogância a raça humana para satisfazer o ego divino de porte galáctico.

É verdade que há consequências por não temermos a Deus, mas não é como se Deus fosse o Shylock⁹ agiota que exige uma libra da nossa carne pelo nosso fracasso. Sofremos as consequências da perda das bênçãos descritas acima. É mais como as consequências que uma criança sofre por perder a

manhã de Natal. Quem iria querer renunciar os tesouros espirituais relacionados a temer a Deus?

Mesmo assim, Ele nos deixa a escolha.

APRENDENDO A TEMER AO SENHOR

Quando entendemos que as bênçãos podem ser nossas por temermos a Deus, queremos temê-lo. É possível aprender a temer a Deus? A Bíblia nos diz que é possível. Na verdade, os versículos apresentados a seguir mostram que Deus está ávido para nos ensinar a temê-lo. Enquanto se preparava para dar a Lei a Israel, ele instrui Moisés: “Ajunta-me este povo, e os farei ouvir as minhas palavras, e aprendê-las-ão, para me temerem todos os dias que na terra viverem, e as ensinarão a seus filhos” (Dt 4.10).

O rei Davi escreve:

Vinde, meninos, ouvi-me; eu vos ensinarei o temor do SENHOR.

– Salmos 34.11

Ensina-me, SENHOR, o teu caminho, e andarei na tua verdade; une o meu coração ao temor do teu nome.

– Salmos 86.11

Todo rei que assumia o trono de Israel era obrigado a aprender a temer ao Senhor, escrever a Lei de Deus, guardá-la num livro sacerdotal e mantê-lo à mão por toda a vida. O rei era instruído a manter o coração humilde e a ser fiel aos mandamentos. Se ele fizesse essas coisas, receberia a promessa de que os seus dias e os dias de seu povo se prolongariam (cf. Dt 17.18-20).

Como aprendemos a temer a Deus? Assim como o rei auspicioso, começamos pela leitura e obediência à Palavra de Deus:

Louvai ao SENHOR! Bem-aventurado o homem que teme ao SENHOR, que em seus mandamentos tem grande prazer.

– Salmos 112.1

O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria; bom entendimento têm todos os que lhe obedecem; o seu louvor permanece para sempre.

– Salmos 111.10

Não eram apenas os líderes de Israel que tinham de aprender a temer ao Senhor. Deus ordenou que todo o povo se reunisse a cada sete anos para uma leitura pública especial da Lei (Dt 31.10-13).

Uma das grandes ferramentas geracionais que Deus se servia para ensinar era o uso de memoriais. Por exemplo, quando Israel atravessou o Rio Jordão e entrou em Canaã, o Senhor instruiu que os israelitas comemorassem o evento. Foi um momento espetacular: o Senhor retivera as águas, criando um leito seco do rio para facilitar a travessia. Depois que atravessaram, Deus disse para Josué designar 12 homens, um de cada tribo, para escolher uma pedra e carregar sobre os ombros até Gilgal, no lado ocidental do rio. Em Gilgal, Josué arrumou as pedras como um monumento e anunciou que, no futuro, quando os filhos perguntassem aos pais sobre as pedras, a grande história da fidelidade de Deus deveria ser contada, “para que todos os povos da terra conheçam a mão do SENHOR, que é forte, para que temais ao SENHOR, vosso Deus, todos os dias” (Js 4.24).

Fico imaginando se não estamos perdendo o temor de Deus em nossas igrejas e em nossa cultura por não termos histórias de “memoriais” para contar aos nossos filhos e netos. Estamos contando a eles que Deus tem nos abençoado por estarmos vivendo uma vida temente a Deus? Temos milagres para comunicar à próxima geração?

A CONCLUSÃO DE TODA A QUESTÃO

Salomão passou a vida questionando o significado e a significância; ele concluiu que tudo estava encerrado em “temer a Deus”.

De tudo o que se tem ouvido, o fim é: Teme a Deus e guarda os seus mandamentos; porque este é o dever de todo homem.

– Eclesiastes 12.13

As últimas palavras que a pessoa fala antes de morrer são consideradas de alta importância. Com isso em mente, consideremos as últimas palavras de Davi, o rei:

Haverá um justo que domine sobre os homens, que domine no temor de

Deus.
– 2 Samuel 23.3

E as palavras finais de Josué:

Agora, pois, temei ao SENHOR, e servi-o com sinceridade e com verdade, e deitai fora os deuses aos quais serviram vossos pais dalém do rio e no Egito, e servi ao SENHOR.
– Josué 24.14

Você sabia que a Bíblia tem muito a dizer sobre o temor a Deus? Você ficaria surpreso ao saber que esse temor desempenha grande papel em toda a História da Igreja? Os tempos de avivamento espiritual espetacular sempre foram ocasionados pela renovação do temor a Deus. O melhor exemplo é a pregação de Jonathan Edwards durante o Primeiro Grande Avivamento. Durante essa época, Edwards, George Whitefield e outros pregaram sobre o julgamento de Deus, que gerou o sentimento de terror nas audiências. É difícil imaginar hoje como o famoso sermão “Pecadores nas Mãos de um Deus Irado”, de Edwards, provocou gemidos e choros e induziu os ouvintes a agarrarem-se firmemente nos bancos e colunas para evitar que caíssem no chão.

O reverendo Joseph H. Weber, evangelista metodista que testemunhou um avivamento na cidade de Algona, Iowa, escreveu: “Parece que muito mais pecadores são tocados pelo medo do que pelo amor”.¹⁵ O evangelista escocês Duncan Campbell disse: “É uma cidade inteira tomada pelo temor de Deus, gerando uma consciência de Deus que se abateu sobre toda a comunidade”.¹⁶ Durante o avivamento irlandês de 1857, um homem de 34 anos de idade caiu de joelhos na rua, gritando em agonia profunda. As pessoas correram em seu auxílio e perguntaram ao homem o que tinha acontecido. Mas ele só gritava: “Imundo! Imundo! Deus, tem misericórdia de mim, pecador!”.¹⁷

Wesley L. Duewel, no livro *Fogo do Avivamento*, disse que o temor de Deus era tão repentino e tão forte nos tempos de avivamento que comunidades inteiras vieram a Cristo. Homens embrutecidos choravam, milagres ocorriam, viciados eram limpos, lares eram restaurados, e a criminalidade local foi quase toda exterminada. O temor de Deus mudou

tudo. Duewel registra esta citação: “Primeiro, as pessoas eram afetadas com espanto e temor, depois ficavam banhadas em lágrimas, em seguida eram cheias de amor indizível”.¹⁸

É fato triste que algo tão bem consagrado nos livros de história seja tão difícil visualizarmos hoje. Como cultura, não temos temor de Deus. Portanto, é como Dostoiévsky disse: “Todas as coisas são permitidas”. Não vemos milagres. Estamos repletos de vícios, lares desfeitos e crime desenfreado e incontrolável. Há, no entanto, cristãos que afirmam que precisamos de menos “temor de Deus” em nosso ensino, embora todos sejam a favor da conversa do “amor de Deus”. Mas, como vimos, o caminho para o amor passa pelo temor de Deus.

Concluiremos com uma passagem do pastor e escritor John Piper, que imagina um cenário da natureza para ilustrar o que significa temer o poder e a proteção de Deus:

Suponha que você estivesse explorando uma geleira desconhecida no norte da Groelândia na calada do inverno. Assim que você chega a um penhasco com uma vista espetacular de quilômetros e quilômetros de gelo irregular e montanhas de neve, uma terrível tempestade irrompe. O vento é tão forte que o medo de você ser arrastado para o precipício toma conta do seu coração. Mas no meio da tempestade, você descobre uma fenda no gelo, onde pode se esconder. Você se sente seguro. Mas, embora esteja seguro, a força incrível da tempestade aumenta, e você a vê com uma espécie de prazer tremente, uma vez que se agita pelas geleiras distantes.

A princípio, havia o medo de que esta terrível tempestade e terreno impressionante lhe tomasse a vida. Mas você encontrou um refúgio e ganha a esperança de que está seguro. Mas nem tudo no sentimento chamado medo desapareceu do seu coração. Só a parte com risco de morte. Ainda restam o tremor, a admiração, a maravilha, a sensação de que você nunca iria querer se envolver com tamanha tempestade ou ser adversário de tamanho poder.

Assim é com Deus. [...] O temor de Deus é o que resta da tempestade quando você tem um lugar seguro bem no meio dela para observá-la. [...] A esperança muda o medo em uma maravilha aterrorizante e pacífica. O medo retira tudo o que é trivial da esperança e a torna mais sincera e

profunda. Os terrores de Deus intensificam os prazeres do seu povo. As conversas junto à lareira ficam muito mais gostosas quando a tempestade está uivando fora da cabana.¹⁹

Sou grato por meu Deus ser um Deus temível. Meu amor por Ele é muito mais profundo pelo temor que seu amor desperta. A tempestade ruga ao redor, mas eu estou salvo e seguro. Amo o meu Deus. Eu o temo. E eu o amo porque o temo.

⁸ **N. do E.:** A palavra arrependimento, no idioma hebraico, significa “mudar de ideia ou de propósito”. Nessa e em outras passagens bíblicas, como Êxodo 32.14, Deus não se arrepende da mesma forma como o ser humano, pois nEle não há mudança ou pecado algum. O texto em Joel apenas mostra que Deus muda seus propósitos a partir do momento em que vê conversão verdadeira por parte de seu povo. A palavra “mal” na passagem não se refere a algo oposto aos atributos de Deus, como a bondade; refere-se, sim, ao castigo que Ele prometera enviar com justiça perfeita caso não houvesse conversão. Por outro lado, Ele promete mudar de propósito se o povo realmente se entregasse a Ele, ou seja, o Senhor estaria inclinado a “suspender” o castigo justo e perfeito de sua parte e passaria a agir com misericórdia perfeita, dando uma chance a Israel.

⁹ **N. do T.:** Personagem fictício da peça O Mercador de Veneza, do dramaturgo inglês William Shakespeare. Na peça, Shylock é um agiota judeu que empresta dinheiro a seu rival cristão, Antônio, colocando como fiança uma libra da carne de Antônio. Fonte: Wikipédia.

Epílogo

.....

Do que *você* tem medo?

Neste livro, tratei de nove medos humanos mais comuns. Porém, descobri recentemente um medo que, de longe, abarca todos eles. Encontrei-o num *site* da Internet, onde as pessoas eram convidadas a revelar seus medos mais intensos. Aqui está o que um homem escreveu: “A vida. A vida é o meu maior medo. Ela me assusta. [...] Para onde vamos? Se prosseguirmos, odeio pensar onde estaremos no prazo de dez anos!”.¹

Isso resume tudo, não? Quando estamos com medo da vida, estamos com medo de praticamente tudo.

De certa perspectiva, o homem tem razão. Como já disse muitas vezes neste livro: “Neste mundo, não podemos evitar situações de medo. É um mundo caído, o que significa que, em cada canto, o mal tem um ponto de apoio. Da perspectiva humana, isso pode ser assustador. Não só o estado caído do mundo afeta o coração das pessoas, obscurecendo suas motivações e contaminando o seu amor, mas também afeta todo o escopo do mundo — o clima, a flora e a fauna, além de sua sujeição a doenças e à decomposição.

O que queremos dizer quando declaramos que é um mundo caído? Por que Deus criaria um mundo em que a dor, a decomposição, o ódio, a doença e a morte ocorrem desenfreadamente? A resposta é simples: Deus não criou esse mundo. O mundo que Ele criou era perfeito e totalmente livre de coisas más ou temíveis. Eram o homem e a mulher, a quem Deus incrivelmente agraciou com a liberdade, que ocasionou a queda do mundo pela rebelião deles contra

Ele.

Como resultado da desobediência, o mundo foi invadido por todos os males que hoje vemos e experimentamos: doenças, desastres, morte e medo. Esse é o mundo que herdamos de nossos pais primevos. Estamos dormindo na cama que a família humana fez.

Além desses males, a queda infligiu em nós mais uma coisa: a culpa. Algo em nosso coração mantém o conhecimento de como as coisas devem ser, ou seja, o ideal, a perfeição que Deus planejou para nós. Sentimos culpa toda vez que nossas palavras de raiva machucam um amigo, quando deixamos de ajudar alguém em necessidade, quando mentimos, ou enganamos, ou roubamos. Esse incômodo chamado consciência nos fere com as dores mentais da culpa. A consciência não é um guia perfeito. Pode até estar desfigurada e ser mal direcionada, mas ainda aponta suficientemente perto do verdadeiro norte moral para nos dizer que há um padrão de retidão que predomina no universo e que estamos em descompasso com ele.

Gostaríamos de fazer melhor. Gostaríamos de melhorar a nós mesmos para que não façamos coisas ruins. Mas quanto mais tentamos, mais percebemos que não conseguimos sozinhos. Fazer ou até pensar com perfeição está fora do nosso alcance caído. Isso produz culpa, e a culpa produz o maior medo de todos: o medo de estarmos separados do perfeito e santíssimo Deus.

Esse medo explica por que os povos antigos ficavam apavorados com raios, trovões, incêndios, inundações e tempestades. Sentiam instintivamente seu desalinhamento e sentiam que havia poderes acima deles que precisavam ser apaziguados. Até hoje, sentimos essa sensação de desalinhamento. Em algum lugar no fundo do coração, percebemos que nossas ações e pensamentos ofendem o único que se importa — Deus.

Surpreendentemente, o Deus que ofendemos ainda nos ama profundamente. É difícil encontrar palavras para expressar o quanto Ele nos ama. Não há comparação terrena que seja perfeita. Ele nos ama como um pai ama o filho, como um artista ama o que cria, como um amante ama a amada. Sei que essas comparações são inadequadas, mas não são totalmente imperfeitas. A Bíblia usa essas e outras imagens humanas para nos ajudar a conhecer e sentir o quanto Deus nos ama.

A maior prova do amor de Deus é o fato de que, mesmo que tenhamos nos rebelado e mereçamos a morte, Ele não quis nos matar. É difícil imaginar o porquê, mas Ele deseja que passemos a eternidade toda com Ele. Ele

encontrou uma solução para o destino cruel que o pecado trouxe para nós. Ele se ofereceu para tomar sobre si a dor da morte que merecemos. A segunda pessoa da Trindade, Jesus Cristo, veio a terra e nos representou vivendo uma vida humana perfeita. Ele permitiu-se ser brutalmente crucificado numa cruz romana. Mas Deus o ressuscitou, mostrando-nos que o amor e a vida são mais poderosos que o pecado e a morte. É assim que Deus nos ama. Porque Jesus morreu por nós e vive outra vez, Deus pode aceitar a Cristo como nosso substituto e nos oferecer sua vida por toda a eternidade.

Por mais impressionante que o dom da vida eterna seja, Deus não o força em você. Para recebê-lo, você deve se arrepender de sua rebelião, confessar seus pecados (concordar com Deus a respeito) e colocar a confiança na vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. É isso que se chama “aceitar Jesus”.

Aceitar esse dom incrível de Deus é a única maneira de você se livrar do medo. Sim, os mesmos problemas ainda assolarão a terra e ainda tocarão sua vida. Mas você não precisa mais ter medo deles. Pouco importando o que aconteça com você neste planeta, você pode viver com a promessa de que está seguro nas mãos de Deus — a quem conhecer é crer. Você pode abraçar o destemor, como fez o apóstolo Paulo, que disse: “Eu sei em quem tenho crido e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até àquele Dia” (2 Tm 1.12).

Se você estiver vivendo com medo da vida, eu o encorajo a substituir esse medo da vida pela fé na nova vida por meio de Cristo, nosso Senhor.

Notas

.....

INTRODUÇÃO

1. Don Wyrzten, *A Musician Looks at the Psalms* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1991), p. 10.
2. Linda Lyons, “What Frightens America’s Youth?”, Gallup.com, March 29, 2005, www.gallup.com/poll/15439/What-Frightens-American-Youth.aspx.
3. Neil T. Anderson and Rich Miller, *Freedom from Fear: Overcoming Worry and Anxiety* (Eugene, OR: Harvest Home Publishers, 1999), p. 25.

CAPÍTULO 1 — TRAGÉDIAS: O MEDO DOS DESASTRES DA NATUREZA

1. Dinesh D’Souza, *What’s So Great about Christianity* (Washington, DC: Regnery Publishing, 2007), p. 274.
2. George H. Smith, *Atheism: The Case against God* (Nova York: Prometheus Books, 1979), p. 81.
3. Allan Laing, “Wave That Beggared My Belief”, in *The Herald* (Glasgow, Scotland), January 4, 2005.
4. C. S. Lewis, *Mere Christianity* (Nova York: The Macmillan Company, 1952), p. 31. [Edição brasileira: *Cristianismo Puro e Simples* (São Paulo: Martins Fontes, 2005)].
5. Erwin Lutzer, *Where Was God?: Answers to Tough Questions about God and Natural Disasters* (Carol Stream, IL: Tyndale Home Publishers, 2006), p. 100.
6. D’Souza, *What’s So Great about Christianity*, p. 278.
7. James Montgomery Boice, *Romans Volume 2: The Reign of Grace* (Grand Rapids, MI: Baker Book Home, 1992), p. 906.
8. Donald Grey Barnhouse, *God’s Heirs: Romans 8:1-39* (Grand Rapids, MI:

William B. Eerdmans Publishing Company, 1959), p. 153.

9. Annie Johnson Flint, citada em Mrs. Charles Cowman, *Streams in the Desert* (Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing Home, 1966), p. 148, 149. [Edição brasileira: Lettie Cowman, *Mananciais no Deserto* (Belo Horizonte: Betânia, 2010)].

10. “The American Colony in Jerusalem”, in *Library of Congress*, December 1, 2008, www.loc.gov/exhibits/americancolony/amcolony-family.html.

11. Lutzer, *Where Was God?*, p. 104.

12. Mark Mittelberg, *The Questions Christians Hope No One Will Ask* (Carol Stream, IL: Tyndale Home Publishers, 2010), p. 137.

13. Adaptado de Ray Stedman, *Let God Be God: Life-Changing Truths from the Book of Job* (Grand Rapids, MI: Discovery Home Publishing, 2007), p. 69, 70.

14. D’Souza, *What’s So Great about Christianity*, p. 279.

15. Hannah Whitall Smith, *The God of All Comfort* (Londres: James Nisbet and Company, Limited, 1906), p. 252, 253. [Edição brasileira: *O Deus de toda Consolação* (São Paulo: Vida, 1990)].

CAPÍTULO 2 — ENFERMIDADES: O MEDO DE DOENÇAS GRAVES

1. David Jeremiah, *When Your World Falls Apart* (Nashville: Thomas Nelson, 2000), p. 38. [Edição brasileira: *Uma Curva na Estrada* (São Paulo: Vida, 2000)].

2. Isobel Kuhn, *In the Arena* (Singapore: OMF Books, 1960), p. 225-232.

3. “FastStats: Leading Causes of Death”, in *Centers for Disease Control and Prevention*, January 11, 2013, www.cdc.gov/nchs/fastats/lcod.htm.

4. Ezra Klein, “21 Graphs That Show America’s Health-Care Prices Are Ludicrous”, in *The Washington Post*, March 26, 2013, www.washingtonpost.com/blogs/wonkblog/wp/2013/03/26/21-graphs-that-show-americas-health-care-prices-are-ludicrous.

5. “U.S. Health Care Costs”, in *KaiserEDU.org*, www.kaiseredu.org/Issue-Modules/US-Health-Care-Costs/Background-Brief.aupx.

6. C. S. Lewis, “The Efficacy of Prayer”, in *The World’s Last Night and Other Essays* (Nova York: Harcourt, Brace & World, 1960), p. 9.

7. Randy Alcorn, *We Shall See God: Charles Spurgeon's Classic Devotional Thoughts on Heaven* (Carol Stream, IL: Tyndale Home Books, 2011), p. 298 (grifos meus).
8. Kuhn, *In the Arena*, p. 225-232.
9. Amy Carmichael, *Gold by Moonlight: Sensitive Lessons from a Walk with Pain* (Fort Washington, PA: CDC Publications, 2013), capítulo 10.
10. Ed Dobson, *Prayers and Promises When Facing a Life-Threatening Illness* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2007), p. 56.
11. Thomas Watson, *A Divine Cordial: Romans 8:28* (La Vergne, TN: Lightning Source, Incorporated, 2001), p. 20.
12. Kuhn, *In the Arena*, p. 252-232.
13. Ibid.
14. Adaptado de Robert J. Morgan, *From This Verse* (Nashville: Thomas Nelson, 1998), August 13.
15. Robert J. Morgan, *Real Stories for the Soul* (Nashville: Thomas Nelson, 2000), p. 1-3.
16. Ibid.
17. Autor desconhecido, citado por Curtis C. Thomas, *Practical Wisdom for Pastors* (Wheaton, IL: Crossway Books, 2001), p. 102.

CAPÍTULO 3 — DÍVIDAS: O MEDO DO COLAPSO FINANCEIRO

1. www.statisticbrain.com/home-foreclosure-statistics/.
2. Henry David Thoreau, *Walden* (Nova York: Barnes and Noble Books, 2004), p. 74. [Edição brasileira: *Walden ou A Vida nos Bosques* (Porto Alegre: L&PM Pocket, 2010)].
3. John Wesley, *Selections from the Writings of the Rev. John Wesley* (Nova York: Methodist Book Concern, 1929), p. 232. [Edição brasileira: *Sermões Escolhidos de John Wesley* (São Paulo: All Print, 2009)].
4. John Wesley, *Sermons on Several Occasions*, Volume 1 (Londres, 1829), p. 566.
5. Timothy George, “Unseen Footprints”, in *Preaching Today* audio, no. 290.
6. Adaptado de Robert J. Morgan, *On This Day* (Nashville: Thomas Nelson,

1997), March 12.

7. Leonard Griffith, *God in Man's Experience: The Activity of God in the Psalms* (Waco, TX: Word Books, 1968), p. 59, 60.

8. Charles H. Spurgeon, "The Treasury of David: Psalm 37", in *The Spurgeon Archive*, www.spurgeon.org/treasury/ps037.htm.

9. Extraído de Leonard I. Sweet, *Strong in the Broken Places* (Akron, OH: University of Akron, 1995), p. 109.

10. Philip Yancey, *The Jesus I Never Knew* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1995), p. 275. [Edição brasileira: *O Jesus que Nunca Conheci* (São Paulo: Vida, 2001)].

CAPÍTULO 4 — DERROTAS: O MEDO DO FRACASSO

1. Robert A. Caro, *The Passage of Power*, Volume 4 de *The Years of Lyndon Johnson* (Nova York: Alfred A. Knopf, 2012), p. 16.

2. Ibid, p. 21.

3. Extraído do segmento de características especiais do filme *O Fugitivo*, © 1993 Warner Bros. Pictures.

4. J. Oswald Sanders, *Robust in Faith* (Chicago: Moody Press, 1965), p. 72.

5. William Sykes, *The Eternal Vision: The Ultimate Collection of Spiritual Quotations* (Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 2003), p. 70.

6. Paul Laurence Dunbar, "Right's Security", in *Lyrics of Lowly Life* (Nova York: Dodd, Mead and Company, 1898), p. 179.

7. J. I. Packer, *Knowing God* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1973), p. 23. [Edição brasileira: *O Conhecimento de Deus* (São Paulo: Mundo Cristão, 2005)].

CAPÍTULO 5 — SOLIDÃO: O MEDO DE FICAR SOZINHO

1. Hal Niedzviecki, "Facebook in a Crowd", in *New York Times*, October 24, 2008, www.nytimes.com/2008/10/26/magazine/26lives-t.html?r=0.

2. Anne Hathaway, "Anne Hathaway Biography", in *The Biography Channel*, www.thebiographychannel.co.uk/biographies/anne-hathaway/quotes.html;jsession=A18gzsg1CMF68ng6ogfiflg.

3. Citado em Carl L. Adams, *Traveling Lighted Pathways* (Xulon Press,

2010), p. 138.

4. Citado em R. A. Wise, *Wise Quotes of Wisdom* (Bloomington, IN: AuthorHome, 2011), p. 252.

5. Walter Isaacson, *Kissinger: A Biography* (Nova York: Simon & Schuster, 2005), p. 145.

6. *QuotationsBook*, <http://quotationsbook.com/quote/24232>.

7. Citado em Billy Graham, *World Aflame* (Nova York: Pocket Books, 1965), p. 51. [Edição brasileira: *Mundo em Chamas* (Belo Horizonte: Betânia, 1968)].

8. Jib Fowles, *Starstruck* (Smithsonian Institution Press, 1992), p. 205.

9. Citado em Debra Ollivier and Lauren Rosenblum, “Emilio Estevez on ‘The Way’: Actor Discusses New Movie, Life, Love, Faith and Micro-Farms”, in *The Huffington Post*, October 14, 2011, www.huffingtonpost.com/2011/10/14/emilio-estevez-the-way_n_1009852.html.

10. Jerry Adler, “Online and Bummed Out: One Study Says the Internet Can Be Alienating”, in *Newsweek*, September 14, 1998.

11. Nicholas Carr, *The Shallows: What the Internet Is Doing to Our Brains* (Nova York: W. W. Norton, 2010), p. 86. [Edição brasileira: *A Geração Superficial: O que a Internet Está Fazendo com Nossos Cérebros* (Rio de Janeiro: Agir, 2011)].

12. Deborah Netburn, “Nomophobia — Fear of Being without Your Phone — Is on the Rise”, in *Los Angeles Times*, February 17, 2012, <http://articles.latimes.com/2012/feb/17/business/la-fi-tn-nomophobia-on-the-rise-20120216>.

13. Sherry Turkle, *Alone Together: Why We Expect More from Technology and Less from Each Other* (Nova York: Basic Books, 2011), p. 248.

14. Ibid, p. 249.

15. Peter Steiner, *The New Yorker*, July 5, 1993 (vol. LXIX, no. 20), p. 61.

16. Citado em Charles R. Swindoll, *The Tale of the Tardy Oxcart: And 1,501 Other Stories* (Nashville: Word Publishing, 1998), p. 352.

17. Erle Stanley Gardner, *The Case of the Drowsy Mosquito* (Nova York:

William Morrow and Company, 1943), p. 179. [Edição portuguesa: *O Caso do Mosquito Macabro* (Lisboa, Portugal: Livros do Brasil, 1970)].

18. Atul Gawande, “Hellhole”, in *The New Yorker*, March 30, 2009, www.newyorker.com/reporting/2009/03/30/090330fa_fact_gawande.

19. John Phillips, *Exploring the Pastoral Epistles* (Grand Rapids, MI: Kregel Publications, 2004), p. 449, 450.

20. Bobby Allyn, “More Singles Living Alone and Loving It, Despite the Economy”, in *The Tennessean* (April 27, 2012), <http://usatoday30.usatoday.com/news/nation/story/2012-05-02/living-alone/54585114/1>.

21. James Joyner, “Record 28 Percent of American Households One Person Only”, in *Outside the Beltway* (February 1, 2012), www.outsidethebeltway.com/record-28-of-american-households-one-person-only.

22. R. Kent Hughes and Bryan Chapell, *1 and 2 Timothy and Titus, Preaching the Word* (Wheaton, IL: Crossway Books, 2000), p. 259, 260.

23. Citado em J. Oswald Sanders, *Spiritual Leadership* (Chicago: Moody Publishers, 1994), p. 121. [Edição brasileira: *Liderança Espiritual* (São Sebastião do Paraíso: Estação do Livro, 2007)].

24. John R. W. Stott, *Guard the Gospel: The Message of 2 Timothy* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1997), p. 120.

25. Handley C. G. Moule, *The Second Epistle to Timothy* (Londres: Religious Tract Society, 1905), p. 158, 159.

26. Dietrich Bonhoeffer, *Life Together* (Nova York: Harper, 1954), p. 99. [Edição brasileira: *Vida em Comunhão* (São Leopoldo: Sinodal, 2003)].

CAPÍTULO 6 — DESAPROVAÇÃO: O MEDO DA REJEIÇÃO

1. Ed Welch, *When People Are Big and God Is Small* (Phillipsburg, NJ: P&R Publishing, 1997), p. 17. [Edição brasileira: *Quando as Pessoas São Grandes e Deus É Pequeno* (São Paulo: Batista Regular, 2008)].

2. Ibid, p. 14.

3. Andrée Seu, “Fear of Man”, in *World*, April 14, 1999, www.worldmag.com/1999/08/fear_of_man.

4. Charles H. Spurgeon, “In the Garden with Him”, *Sermon No. 2106*, August 8, 1889, www.spurgeongems.org/vols34-36/chs2106.pdf.
5. Matthew Henry, *An Exposition of the New Testament* (Londres: William Mackenzie, 2009), p. 270.
6. Neil T. Anderson and Rich Miller, *Freedom from Fear: Overcoming Worry and Anxiety* (Eugene, OR: Harvest Home Publishers, 1999), p. 25.
7. Ken Walker, “Time to Bow or Bow Out?”, in *Sports Spectrum*, September 1997, p. 22-25.
8. Charles Kuralt, *Charles Kuralt’s America* (Nova York: Anchor Books, 1996), p. 220.

CAPÍTULO 7 — PERIGOS: O MEDO DE PROBLEMAS SÚBITOS

1. Sebastian Junger, *The Perfect Storm: A True Story of Men against the Sea* (Nova York: W. W. Norton & Company, 2009), p. 106. [Edição brasileira: *A Tormenta: A História Real de uma Luta de Homens contra o Mar* (São Paulo: Ediouro, 1997)].
2. William Hughes Meanrs, “Antigonish”, p. 1922.
3. Franklin D. Roosevelt, 37th Inaugural Ceremony, March 4, 1933, www.bartleby.com/124/pres49.html.
4. Gary L. Thomas, “The Freedom of Surrender”, in *Discipleship Journal*, September/October 1996, p. 52.
5. Craig Brian Larson and *Leadership Journal*, 750 Engaging Illustrations for Preachers, Teachers, and Writers (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2007), p. 493.
6. James Paton, *John Gibson Paton, Missionary to the New Hebrides: An Autobiography*, Volume 2 (Londres: Butler & Tanner, 1889), p. 192.
7. Ibid, p. 325.
8. Timothy Keller, *King’s Cross* (Nova York: Dutton, 2011), p. 52. [Edição brasileira: *A Cruz do Rei* (São Paulo: Vida Nova, 2012)].
9. Joni Eareckson Tada, *Hope . . . the Best of Things* (Wheaton, IL: Crossway Books, 2008), p. 16.
10. C. S. Lewis, *The Problem of Pain* (Nova York: Macmillan Publishing

Company, Incorporated, 1973), p. 84. [Edição brasileira: *O Problema do Sofrimento* (São Paulo: Vida, 2006)].

11. Randy Alcorn, *If God Is Good* (Colorado Springs: Multnomah Books, 2009), p. 275.

12. Ibid, p. 275.

13. Lamar Williamson, *Mark: Interpretation, a Bible Commentary for Teaching and Preaching* (Atlanta: John Knox Press, 1983), p. 102.

14. Ruth A. Tucker, *From Jerusalem to Irian Jaya* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1983, 2004), p. 137. [Edição brasileira: *Missões até os Confins da Terra* (São Paulo: Shedd Publicações, 2010)].

15. C. S. Lewis, *A Grief Observed* (Nova York: Seabury Press, 1961), p. 9. [Edição brasileira: *A Anatomia de uma Dor* (São Paulo: Vida, 2007)].

16. Charles Haddon Spurgeon, “Fearing and Trusting—Trusting and Not Fearing”, in *Sermons on the Psalms* (Londres: Marshall, Morgan & Scott, 1963).

CAPÍTULO 8 — DEPRESSÃO: O MEDO DO COLAPSO NERVOSO

1. Barbara Kantrowitz, “The Fugitive”, in *Time*, September 27, 1993, p. 54-60; and Pam Lambert, “Alice Doesn’t Live Here Anymore”, in *People.com*, October 4, 1993,

www.people.com/people/archive/article/0,,20106382.00.html.

2. Kay Redfield Jamison, *An Unquiet Mind: A Memoir of Mood and Madness* (Nova York: Vintage Books, 1996), p. 112. [Edição brasileira: *Uma Mente Inquieta: Memórias de Loucura e Instabilidade de Humor* (São Paulo: Martins Fontes, 1999)].

3. Ed Welch, *Depression: Looking Up from the Stubborn Darkness* (Winston-Salem, NC: Punch Press, 2004), p. 143. [Edição brasileira: Edward T. Welch: *Depressão: A Tenebrosa Noite da Alma* (São Paulo: Cultura Cristã, 2012)].

4. J. B. Phillips, *The Price of Success* (Wheaton, IL: H. Shaw Publishers, 2000), p. 201.

5. William Styron, *Darkness Visible: A Memoir of Madness* (Nova York: Vintage Books, 1992), p. 84.

6. Dante Alighieri, *The Divine Comedy* (Oxford: Benediction Classics, 2001), p. 11. [Edição brasileira: *A Divina Comédia* (São Paulo: LL Library, 2013)].
7. “The Numbers Count: Mental Disorders in America”, in *National Institute of Mental Health*, www.nimh.nih.gov/health/publications/the-numbers-count-mental-disorders-in-america/index.shtml; Janice Lloyd, “CDC: Antidepressant Use Skyrockets 400% in Past 20 Years”, in *USA Today*, October 20, 2011, <http://usatoday30.usatoday.com/news/health/story/health/story/2011-10-19/CDC-Antidepressant-useskyrockets-400-in-past-20-years/50826442/1>.
8. Bret Stephens, “The Great Depression”, in *Wall Street Journal*, March 9, 2007.
9. J. Oswald Sanders, *A Spiritual Clinic* (Chicago: Moody Press, 1958), p. 113.
10. Charles H. Spurgeon, “Fear Not”, in *The Spurgeon Archive*, October 4, 1857, www.spurgeon.org/sermons/0156.htm.
11. Citado em Steven J. Lawson, *Holman Old Testament Commentary: Job* (Nashville: Broadman & Holman Publishers, 2004), p. 39.
12. John Knox, *Writings of the Rev. John Knox* (Filadélfia: Presbyterian Board of Publication, 1842), p. 265.
13. John Bunyan, *The Works: Being Several Discourses upon Various Divine Subjects*, Volume 2 (Londres), p. 299.
14. Ray C. Stedman, *Let God Be God: Life-Changing Truths from the Book of Job* (Grand Rapids, MI: Discovery Home Publishers, 2007), p. 51.
15. David B. Biebel and Harold G. Koenig, *New Light on Depression* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2004), p. 64.
16. William Barclay, *The Letters of James and Peter* (Filadélfia: Westminster Press, 1960), p. 147, 148.
17. D. Martyn Lloyd-Jones, *Spiritual Depression: Its Causes and Cure* (Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Printing Company, 1965), p. 18, 19.
18. Charles H. Spurgeon, “The Minister’s Fainting Fits”, in *Lectures to My Students* (Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing Home, 1970), p. 155, 156.

19. Mike Mason, *The Gospel according to Job* (Wheaton, IL: Crossway Books, 1994), p. 56.
20. Dan Phillips, “Battling Depression”, March 15, 2011, <http://teampyro.blogspot.com/2011/03/battling-depression.html>.
21. John W. Yates, “Overcoming Discouragement”, in *Preaching Today*, no. 42.
22. Mason, *The Gospel According to Job*, p. xii.
23. Welch, *Depression*, p. 249. [Edição brasileira: Edward T. Welch: *Depressão: A Tenebrosa Noite da Alma* (São Paulo: Cultura Cristã, 2012)].

CAPÍTULO 9 — MORTE: O MEDO DE MORRER

1. Wayne Hale, “After Ten Years: Working on the Wrong Problem”, January 13, 2013, <http://waynehale.wordpress.com/2013/01/13/after-ten-years-working-on-the-wrong-problem>.
2. Stephen White, “Revealed: NASA Chiefs Didn’t Tell Columbia Space Shuttle Crew They Were about to Die”, in *Daily Record*, February 2, 2013, www.dailyrecord.co.uk/news/uk-world-news/nasa-knew-space-shuttle-columbia-1569567; Gina Sunseri, “Columbia Shuttle Crew Not Told of Possible Problem with Reentry”, in *ABC News*, January 31, 2012, <http://abcnews.go.com/Technology/columbia-shuttle-crew-told-problem-reentry/story?id=18366185>.
3. Eric Lax, *Woody Allen: A Biography* (Nova York: Da Capo Press, 1991), p. 26. [Edição brasileira: *Woody Allen – Uma Biografia* (São Paulo: Companhia das Letras, 1991)].
4. “Death, Dying and Beyond”, in *Lebanon Valley College*, www.lvc.edu/rel314/euph.aspx.
5. Kevin J. Gardner, *Faith and Doubt of John Betjeman: An Anthology of Betjeman’s Religious Verse* (Nova York: Continuum International Publishing Group, 2006), p. 77.
6. Philippe Aries and Helen Weaver, *The Hour of Our Death: The Classic History of Western Attitudes toward Death over the Last One Thousand Years* (Nova York: Vintage Books, 1982).
7. Joseph Bayly, *The View from a Hearse* (Elgin, IL: David C. Cook

Publishing Company, 1969), p. 11, 12. [Edição brasileira: *Enfrentando a Morte* (São Paulo: Mundo Cristão, 1995)].

8. Eugene O’Kelly, *Chasing Daylight: How My Forthcoming Death Transformed My Life* (Nova York: McGraw-Hill, 2007), p. 17, 18. [Edição brasileira: *Claro como o Dia: Como a Certeza da Morte Mudou a Minha Vida* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006)].

9. Dr. S. I. McMillen and Dr. David B. Stern, *None of These Diseases: The Bible’s Health Secrets for the 21st Century* (Grand Rapids, MI: Fleming H. Revell, 2000), p. 228.

10. Ligon Duncan, *Fear Not!: Death and Afterlife from a Christian Perspective* (Tain, Scotland: Christian Poem, 2008), p. 24, 25.

11. Philo, *Every Good Man Is Free*, 3:22.

12. Ruth Overholtzer, *From Then till Now* (Warrenton, MO: CEF Press, 1990), p. 130.

13. Nino Lo Bello, *The Incredible Book of Vatican Facts and Papal Curiosities* (Nova York: Barnes & Noble Books, 1998), p. 16. [Edição brasileira: *O Incrível Livro do Vaticano e Curiosidades Papais* (Aparecida, SP: Santuário, 2007)].

14. O quinto verso do hino número 122 (sem título) de Watts, conforme encontrado na coletânea de seus hinos.

15. Larry Libby, *Somewhere Angels* (Sisters, OR: Multnomah Books, 1994), p. 41.

16. Rev. Peter J. Marshall, ed., *The Wartime Sermons of Dr. Peter Marshall* (Tulsa, OK: CrossStaff Publishing, 2005).

17. *Perfect Illustrations for Every Topic and Occasion*, compilados pelos editores de PreachingToday.com (Carol Stream, IL: Tyndale Home Publishers, Incorporated, 2002), p. 289.

18. Robert J. Morgan, *The Lord Is My Shepherd* (Nova York: Howard Books, 2013), p. 116, 117.

19. James M. Campbell, D.D., *Heaven Opened* (Nova York: Revell, 1924), p. 178.

20. Michael P. Green, ed., *Illustrations for Biblical Preaching* (Grand

Rapids, MI: Baker Book Home, 1989), p. 91.

21. Corrie ten Boom, *He Cares, He Comforts* (Old Tappan, NJ: Fleming H. Revell Company, 1977), p. 89, 90.

22. Franz Liszt, *Les Preludes: Symphonic Poem No. 3* (Van Nuys, CA: Alfred Music Publishing, 1985), p. 39.

23. C. S. Lewis, *The Last Battle* (Nova York: Macmillan, 1956), p. 210, 211. [Edição brasileira: “A Última Batalha”, in *As Crônicas de Nárnia*, Volume Único (São Paulo: Martins Fontes, 2012)].

24. Charles L. Allen, *You Are Never Alone* (Old Tappan, NJ: Fleming H. Revell Company, 1978), p. 77-79.

CAPÍTULO 10 — DIVINDADE: O TEMOR A DEUS

1. C. S. Lewis, *The Silver Chair* (Nova York: HarperCollins Publishers, 1981), p. 22, 23. [Edição brasileira: “A Cadeira de Prata”, in *As Crônicas de Nárnia*, Volume Único (São Paulo: Martins Fontes, 2012)].

2. Harold S. Kushner, *Conquering Fear: Living Boldly in an Uncertain World* (Nova York: Anchor Books, 2009), p. 166. [Edição portuguesa: *Saber Viver em um Mundo Incerto* (Alfragide, Portugal: Estrela Polar, 2009)].

3. Charles Crismier, *The Secret of the Lord* (Richmond, VA: Elijah Books, 2011), p. 49.

4. A. W. Tozer, *The Knowledge of the Holy* (Nova York: Harper & Row, 1961), p. 78.

5. Dr. Dan B. Allender and Dr. Tremper Longman III, *The Cry of the Soul: How Our Emotions Reveal Our Deepest Questions about God* (Colorado Springs: NavPress, 1994), p. 100.

6. Peter Kreeft, “Perfect Fear Casts Out All “Luv”,
www.peterkreeft.com/topics/fear.htm.

7. Sinclair Bergman, *Grow in Grace* (Colorado Springs: NavPress, 1984), p. 236, 237.

8. A. W. Tozer, *Whatever Happened to Worship?* (Camp Hill, PA: Christian Publications, 1985), p. 36.

9. John Murray, *Principles of Conduct: Aspects of Biblical Ethics* (Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1957), p. 236, 237.

10. Vance Havner, “Have You lost the Wonder?”, in *The Alliance Weekly*, August 21, 1948, p. 532.
11. Ravi Zacharias, *Can Man Live Without God?* (Dallas: Word Publishing, 1994), p. 89. [Edição brasileira: *Pode o Homem Viver sem Deus?* (São Paulo: Mundo Cristão, 1997)].
12. Kreeft, “Perfect Fear Casts Out All “Luv”, www.peterkreeft.com/topics/fear.htm.
13. Paul Thigpen, “Loving God, Fearing God: How Can We Do Both at the Same Time?”, in *Discipleship Journal*, July/August 2000, www.navpress.com/magazines/archives/article.aspx?id=10960.
14. C. S. Lewis, *The Lion, the Witch, and the Wardrobe* (Londres: Penguin Books, 1950), p. 75. [Edição brasileira: “O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa”, in *As Crônicas de Nárnia*, Volume Único (São Paulo: Martins Fontes, 2012)].
15. Martin Wells Knapp, *Revival Tornadoes: or, Life and Labors of Rev. Joseph H. Weber* (Boston: McDonald, Gill & Company, 1890), p. 178.
16. Citado por Edgar H. Lewellen em *Revival: God’s Proven Method of Awakening His Church* (Maitland, FL: Xulon Press, 2005), p. 10.
17. Wesley L. Duewel, *Revival Fire* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1995), p. 139-141. [Edição brasileira: *Fogo do Avivamento* (São Paulo: Hagnos, 2016)].
18. Ibid, p. 139-141.
19. John Piper, *The Pleasures of God* (Sisters, OR: Multnomah Books, 2000), p. 198, 199.

EPÍLOGO

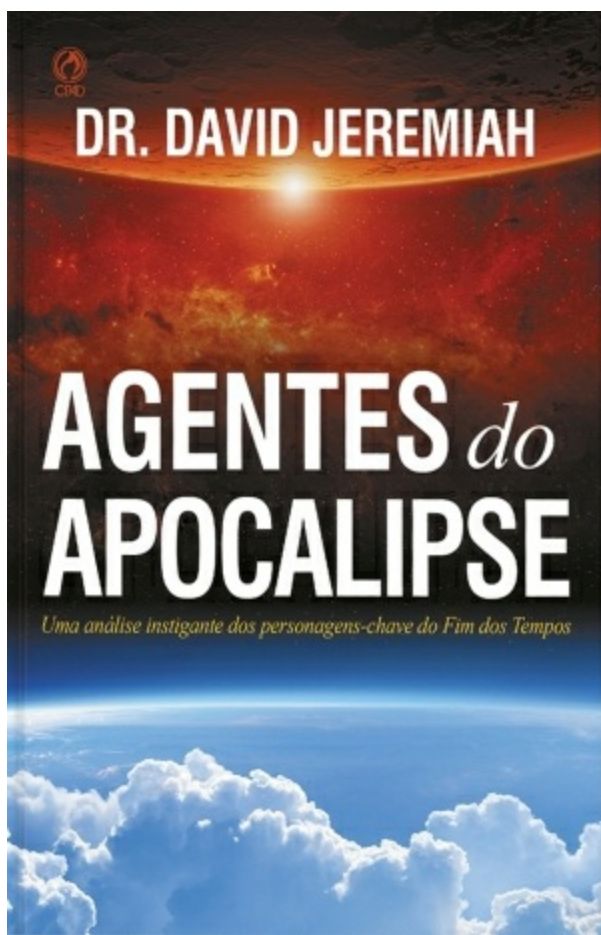
1. cndrewdrvr8, “I Fear: Life”, in *The Experience Project*, August 24, 2011, www.experienceproject.com/stories/Fear/1739001.



DR. DAVID JEREMIAH

AGENTES *do* **APOCALIPSE**

Uma análise instigante dos personagens-chave do Fim dos Tempos



Agentes do Apocalipse

Jeremiah, Dr. David

9788526313798

280 páginas

[Compre agora e leia](#)

Será que estamos vivendo nos últimos dias? E se os atores descritos no livro de Apocalipse já estiverem atuando nos dias de hoje? Caso estejam, você saberia como reconhecê-los? Em Agentes do Apocalipse, o renomado especialista em profecias, Dr. David Jeremiah, faz o que nenhum mestre da Bíblia fez anteriormente. Ele explora o livro de Apocalipse por meio das lentes dos seus personagens mais marcantes: os mártires do exílio, os 144 mil, as duas testemunhas, o dragão, a besta que surge da terra, a besta que surge do mar, o Conquistador, o Rei e o Juiz. Habilmente redigido com o objetivo de envolver tanto a mente como o coração, cada capítulo começa com uma dramatização envolvente e bíblica que liga as profecias à vida cotidiana como nunca se viu antes. À medida que o Dr. Jeremiah apresenta estes agentes no contexto da sua época e lugar únicos no fim dos tempos, ele monta em rico cenário dos temperamentos, motivos e conspirações que, segundo as Sagradas Escrituras, precipitarão os últimos dias deste nosso mundo. A seguir, em cada capítulo, o Dr. Jeremiah apresenta um estudo detalhado chamado "A Base Bíblica por trás desta História", o qual explora algumas das passagens mais ocultas do livro de Apocalipse, explicando como interpretá-

las e — o que é mais importante — como aplicá-las às forças malignas em ação no mundo de hoje. O palco já está montado, e a cortina pronta para ser aberta no último ato deste mundo. Você está preparado? Um Produto CPAD.

[Compre agora e leia](#)



O GOVERNO DIVINO EM MÃOS HUMANAS

*Liderança do Povo de Deus
em 1º e 2º Samuel*



Osiel Gomes

O Governo divino em mãos humanas

Gomes, Osiel

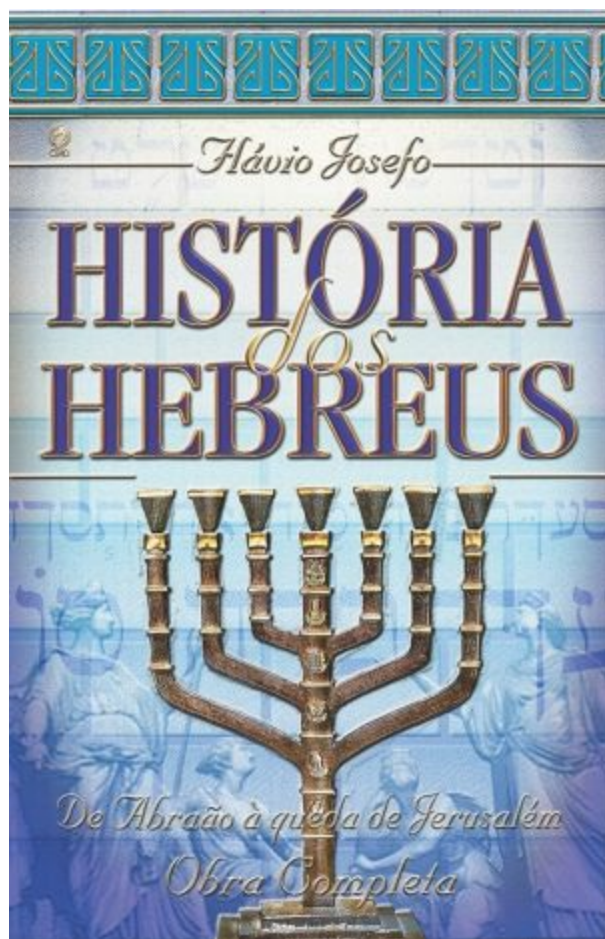
9788526319073

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

A liderança de Davi e de Salomão, como descrito em 1 e 2 Samuel contrasta com a conflituosa e instável vivência no livro de Juízes e ressalta a significância de bons e verdadeiros líderes, que tenham compromisso com Deus e queiram, de fato, fazer a Sua vontade. Nesta obra, faremos um passeio pelos livros de 1 e 2 Samuel que compreendem 130 ou 140 anos, envolvendo os seguintes personagens: Samuel, Saul e Davi, cada um apresentando algo positivo e algo negativo.

[Compre agora e leia](#)



História dos Hebreus

Josefo, Flávio

9788526313491

1568 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em História dos Hebreus o autor escreve com detalhes os grandes movimentos históricos judaicos e romanos. Qualquer estudante da Bíblia terá em Flávio Josefo descrições minuciosas de personagens do Novo Testamento (Evangelhos e Atos), tais como: Pilatos, os Agripas, os Herodes e inúmeros outros pormenores do mundo greco-romano, tornando esta obra, depois da Bíblia, a maior fonte de informação sobre o povo Judeu. Um produto CPAD.

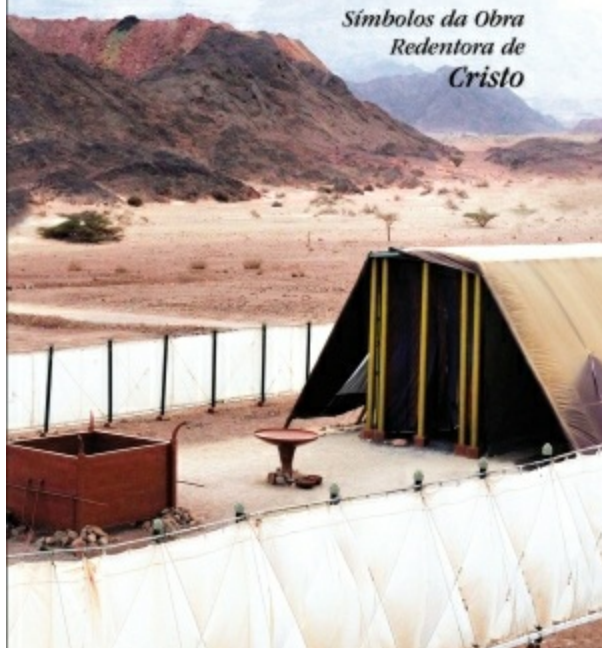
[Compre agora e leia](#)



Elienai Cabral

O TABERNÁCULO

*Símbolos da Obra
Redentora de
Cristo*



O Tabernáculo

Cabral, Elienai

9788526318687

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

Estudar o Tabernáculo leva a um profundo conhecimento bíblico que revela verdades espirituais para a vida e a uma reflexão sobre o tipo de relacionamento que Deus sempre procurou com Seu povo. E ainda hoje Ele busca habitar em nosso meio, rompendo as barreiras do pecado que insistem em nos separar. O Tabernáculo era a presença física de Deus na terra para que os homens pudessem ver a manifestação da presença divina através de objetos que foram cuidadosamente escolhidos por Deus, entre eles a Arca da Aliança. Nesta obra estudaremos sobre o Tabernáculo e entenderemos que ele era um tipo perfeito de Jesus Cristo, pois Ele também foi a manifestação visível de Deus e habitou no meio do povo. Livro escrito como texto de apoio à revista Lições Bíblicas de Adultos do 2º trimestre de 2019 da Escola Dominical, comentadas também pelo autor do livro, pastor Elienai Cabral.

[Compre agora e leia](#)



HERÓIS DA FÉ

VINTE HOMENS
EXTRAORDINÁRIOS
QUE INCENDIARAM
O MUNDO

ORLANDO BOYER

Heróis da fé

Boyer, Orlando

9788526311954

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Mais de 300.000 livros vendidos! Um dos maiores clássicos da literatura evangélica. Homens extraordinários que incendiaram o mundo. A cada capítulo uma história diferente, uma nova biografia. As verdadeiras histórias de alguns dos maiores vultos da Igreja de Cristo. Heróis como: Lutero, Finney, Wesley e Moody, dentre outros que resolveram viver uma vida de plenitude do evangelho. "O soluço de um bilhão de almas na terra me soa aos ouvidos e comove o coração: esforço-me, pelo auxílio de Deus, para avaliar, ao menos em parte, as densas trevas, a extrema miséria e o indescritível desespero desses mil milhões de almas sem Cristo. Medita, irmão, sobre o amor do Mestre, amor profundo como o mar, contempla o horripilante espetáculo do desespero dos povos perdidos, até não poderes censurar, até não poderes descansar, até não poderes dormir." (Carlos Inwood). Esta obra contém as biografias de grandes servos de Jesus. Conheça a vida de pessoas verdadeiramente transformadas por Deus e que, por isso, servem-nos como exemplos de vida. Um estímulo para também buscarmos ser reconhecidos como verdadeiros Heróis da Fé. Um produto CPAD.

[Compre agora e leia](#)